

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOANA CAROLINA SCHOSSLER

**“AS NOSSAS PRAIAS”:
OS PRIMÓDIOS DA
VILEGIATURA MARÍTIMA NO
RIO GRANDE DO SUL (1900 - 1950)**

Prof. Dr. René Ernaini Gertz

Orientador

PORTO ALEGRE
2010

JOANA CAROLINA SCHOSSLER

**“AS NOSSAS PRAIAS”: OS PRIMÓDIOS DA VILEGIATURA MARÍTIMA
NO RIO GRANDE DO SUL (1900- 1950)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: René Ernaini Gertz

Porto Alegre
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
CIP-Brasil. Catalogação na fonte

S374n Schossler, Joana Carolina
“As nossas praias”: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950) [manuscrito] / por Joana Carolina Schossler. – 2010.
222 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2010.

“Orientação: Prof. Dr. René Ernani Gertz”.

1. Vilegiatura marítima. 2. Veraneio 3. Balneários – litoral norte – RS.
4. Sociabilidade. I. Gertz, René Ernani – orientador. II. Título.

CDU: 379.846(816.5)
379.835(816.5)

Bibliotecária Responsável: Patricia B. Moura Santos - CRB 10/1914

NOTA: Devido ao tamanho máximo do arquivo exigido pelas normas da instituição para publicação on-line a qualidade das imagens ficou comprometida. Caso tenha interesse em consultar uma versão de qualidade superior, entre em contato pelo e-mail: mergulhandonolitoral@gmail.com

JOANA CAROLINA SCHOSSLER

**“AS NOSSAS PRAIAS”: OS PRIMÓDIOS DA VILEGIATURA MARÍTIMA
NO RIO GRANDE DO SUL (1900- 1950)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada com louvor em 18 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Dra. Eloisa Capovilla da Luz Ramos – UNISINOS

Professora Dra. Núncia Santoro Constantino – PUCRS

Professor Dr. René Ernaini Gertz – PUCRS (Orientador)

*Ao mar,
Que tudo leva, que tudo traz.*

AGRADECIMENTOS

No verão de 2008, após rascunhar o mapa do Rio Grande do Sul em uma folha de caderno, verificou-se uma lacuna historiográfica em relação ao litoral gaúcho. A partir desde momento, muitos “mergulhos” nas fontes literárias e documentais possibilitaram inúmeras surpresas e descobertas em relação à vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Porém, a realização desta pesquisa também se deve a contribuição de muitas pessoas, que de forma direta ou indireta, se interessaram e colaboraram para a construção desta dissertação. Deste modo, gostaria de agradecer:

A Sílvia Marcus de Souza Correa, pelo incentivo, pela interlocução, pelas sugestões pertinentes e pela leitura crítica aos meus escritos.

Ao professor Dr. René Ernani Gertz, pela orientação e minuciosa leitura da dissertação.

À CAPES, pela bolsa parcial e integral, que possibilitou investimentos e dedicação à pesquisa.

Aos meus pais, que me acompanharam na “saga das praias gaúchas” durante o veraneio.

À Fabrina Camilotti, sempre amiga e companheira, por compartilhar comigo o cotidiano em nossa temporária morada na Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida (CEUACA), mas também por sua escuta e apoio em todos os momentos desta trajetória.

A Airan Milititsky Aguiar, que me recebeu na sua residência secundária em Capão da Canoa, e me mostrou muitos vestígios da vilegiatura marítima deste balneário.

A Caiuá Cardoso Al-Alam, pela leitura e apontamentos sobre o território que não é vazio.

A Rutonio Fernandes, pela atenção com o material na Biblioteca Nacional.

A João Luz, pelo envio de muitas fontes localizadas durante sua pesquisa.

Aos colegas mestrandos e doutorandos do PPGH da PUCRS, pelas horinhas de descuido, conversas, interesse, incentivo, apoio e companheirismo.

Em especial agradeço aos amigos e colegas Danielle Viegas, Júlia Simões, Angela Pomatti, Fernanda Oliveira da Silva, Karina Karpen, Fernanda Nascimento, Elias Graziottin, Denise Salviato, Marina Pedron, Sílvia Dartora, Junior Eckert.(...).

E por fim, a todos aqueles que se interessaram pela pesquisa indicando caminhos, compartilhando fontes e informações; ou que, gentilmente, me receberam em suas residências e arquivos.

*Assim como quatro quintas partes do corpo
humano são água, assim quatro quintas partes
da grande corpulência do globo são mar.
Parecendo separar os homens, o belo destino
eterno do mar é reuni-los.*

Ramalho Ortigão

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar os primórdios e a popularização da vilegiatura marítima, no litoral norte do Rio Grande do Sul. O recorte temporal abrange a primeira metade do século XX, quando a prática dos banhos terapêuticos era realizada por significativa parcela de imigrantes europeus, sobretudo alemães e seus descendentes. Além de pioneiros da vilegiatura marítima, o empreendedorismo de italianos e alemães, entre outros, também se sobressai no desenvolvimento dos balneários de Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa e Torres. Em meados da década de 1930, os investimentos públicos na urbanização e infra-estrutura dos balneários facilitaram o acesso às praias de mar. O direito a férias remuneradas também favoreceu a popularização do veraneio, que passou a fazer parte do imaginário e da vida de muitos trabalhadores. Esta mobilidade espacial e social permitiu o desfrute das férias nas praias de mar, mas também o sonho de uma residência secundária no litoral. Assim, ao longo de um período de cinquenta anos, as formas de apreciação e aproveitamento da beira-mar foram se modificando. Entretanto, desde os seus primórdios, quando o desejo de beira-mar era exclusividade de alguns, até a sua popularização, “as nossas praias” se apresentam como espaço para sociabilidades.

Palavras-chave: Vilegiatura Marítima. Balneários do Litoral Norte. Rio Grande do Sul. Sociabilidades.

ABSTRACT

This dissertation has the objective of analyzing the beginnings and the popularization of the beach holidays, at the northern coast of Rio Grande do Sul. The time frame comprehends the first half of the XX century, when the practice of therapeutic baths was held by a significant part of the European immigrants, especially Germans and their descendants. Besides being the pioneers of the beach holidays, the entrepreneurship of Italians and Germans, among others, also stands up at the development of Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa and Torres beaches. In the middle of the 1930 decade, the public investments in urbanization and infra-structure of the beaches eased the access to the seashores. The right of paid holidays also favored the popularization of the summer holidays, which became part of the imaginary and the life of many workers. This spatial and social mobility permitted the enjoyment of holidays at seashores, but also a dream of a secondary house in the coast. Therefore, for a period of fifty years, the appreciation and use of the seaside were changing. Nevertheless, since its beginnings, when the desire for the seaside was exclusive for few, until its popularization, “our beaches” present themselves as a space for sociability.

Keywords: Beach holiday, Northern. Coast beaches. Rio Grande do Sul. Sociability.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1:.....	24
Praia de Scheveningen, 1900	
Imagem 2:.....	24
“The beach and Kursaal, Scheveningen, Holland”, 1900	
Imagem 3:.....	25
Trouville, Eugén Boudin, 1863	
Imagem 4:.....	25
“Camille on the Beath at Trouville”, Monet, 1870	
Imagem 5:.....	30
Bathing machines, Ostend, década 1910	
Imagem 6:.....	30
Hulton Deutsch Collection.150 Jahre Fotojournalismus. Band 1. Köln: Könemann, 1995, p. 97	
Imagem 7:.....	30
Bathers in rented gowns, Ostend, década de 1910	
Imagem 8:.....	32
Plage à Deauville. Sem Data. Lucien Genin (1894- 1953)	
Imagem 9:.....	44
Carros de banho na praia do Guarujá, Santos/SP, 1897	
Imagem 10:.....	45
Reprodução: Benedito Calixto - Um pintor à beira-mar - A painter by the sea, edição da Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, agosto de 2002, Santos/SP	
Imagem 11:.....	54
Interação étnico-social entre uma família alemã de Blumenau (SC) e pescadores Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau, Santa Catarina	
Imagem 12:.....	75
Verso do cartão- postal do Hotel Descanço, sem data. Acervo: CEDOC/UNISC	

Imagem 15:.....	80
Casa de banhos do Turner Bund. Acervo: CEDOC/UNISC	
Imagem 16:.....	80
Casa de banhos, fundos. Acervo: SOGIPA	
Imagem 17:.....	89
Pedra Redonda, 1920. Acervo: Museu Joaquim José Felizardo	
Imagem 18:.....	89
Detalhe matéria da Revista do Globo, 1945	
Imagem 19:.....	98
Detalhe do panorama pictórico de Torres por Debret. In: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. do. Debret e o Brasil: Obra Completa, 2008	
Imagem 20:.....	98
“Die Felssen von Torres”. Hermann Rudolf Wendroth. Acervo: Arquivo Histórico do Memorial do Rio Grande do Sul	
Imagem 21:.....	101
Publicidade do Hotel da Saúde, Tramandaí. Correio do Povo, 8/1/1925. Acervo: NPH/UFRGS	
Imagem 22:.....	104
Praia de Cidreira, 1913. Coleção Lahoud, São Paulo In: Pedro Weingärter (1853-1929): Um artista entre o velho e o Novo Mundo . São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009, p.253	
Imagem 23:.....	150
Publicidade da Agência de viagens Exprinter. Correio do Povo, 31/12/1939. Acervo: MCSHJC	
Imagem 24:.....	157
“Tramandai reclama sua não beligerância... e protesta contra os bombardeios que varrem a praia”. Foto: Santos Vidarte. Correio do Povo, 20/5/1945. Acervo: MCSJHC	
Imagem 25:.....	181
Refeição no “salão nobre” do Balneário Picoral. Sem data. Acervo: Casa de Cultura de Torres	

Imagem 26:.....	181
Cartão-Postal da “Edição do Balneário Picoral, Torres”, pintados por Cervasio. Sem data. Acervo: Casa de Cultura de Torres	
Imagem 27:	185
“Nas praias de Tramandahy”. Revista Kodak, 14 de fevereiro de 1920. Acervo: MCSHJC	
Imagem 28:.....	185
Torres, 12 de janeiro de 1929. Postal da Família Mentz com inscrição ilegível .Acervo: DELFOS/PUCRS	
Imagem 29:.....	193
“Plástica”. Revista do Globo 23/3/1935. Acervo: CEDOC/UNISC	
Imagem 30:.....	193
Capa da Revista do Globo , 7/2/1942. Acervo: MCSHJC	
Imagem 31:.....	197
Revista do Globo , n° 289, 8/2/1941, p. 31. Acervo: MCSHJC	
Imagem 32:.....	197
A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1943/2. Acervo: Particular.	

LISTA DE SIGLAS

BN- Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

CEDOC- Centro de documentação.

DELFOS- Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

IHGRS- Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

MCSHJC- Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

NPH- Núcleo de Pesquisa em História.

POA- Porto Alegre.

PUCRS- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

RS- Rio Grande do Sul.

SAPT- Sociedade Amigos da Praia de Torres.

SOGIPA- Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

S/D- Sem data.

S/P- Sem página.

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UNISC- Universidade de Santa Cruz do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
------------------	----

PARTE 1 - A Invenção

I. <i>KUR UND VERGNÜGEN</i> : OS PRIMÓRDIOS DA VILEGIATURA MARÍTIMA NA EUROPA DOS SÉCULOS XVIII E XIX	19
II. “SOCIABILIDADE TERAPÊUTICA”: VILEGIATURAS TERMAIS E MARÍTIMAS NO BRASIL	33
III. CURAR, DESCANSAR, VERANEAR: FORMAS DE VILEGIATURAS NO RIO GRANDE DO SUL DOS SÉCULOS XIX E XX.....	57
Água e ar: tratamentos em Sanatórios e veraneios na Serra Gaúcha.....	57
Iraí, cidade saúde	68
Balneários no Guaíba.....	79

PARTE 2 - O Sonho

I. DO BALBUCIAR À REALIZAÇÃO DO DESEJO DE BEIRA-MAR NO RIO GRANDE DO SUL	91
II. A DOMESTICAÇÃO DA NATUREZA MARÍTIMA	93
III. MAR COMO REFÚGIO DA MODERNIDADE	106
IMAGENS DA VILEGIATURA MARÍTIMA.....	123

PARTE 3 - A Realização

I. O DESEJO SE TORNA REALIDADE.....	1349
II. IR ÀS PRAIAS DE MAR	142
III. ESTAR À BEIRA-MAR.....	159
IV. BEIRA-MAR: ESPAÇO DE SOCIABILIDADES	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
FONTES	206

INTRODUÇÃO

O veraneio é um período marcante na vida de muitas pessoas no Rio Grande do Sul. Ele representa um elo temporal e simbólico entre o término de um ano e o início do outro.

Nas últimas décadas, ir à praia compreende todo um ritual próprio a uma cultura regional e a um imaginário social contemporâneo. Durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, veranistas do estado inteiro rumam para as praias do litoral gaúcho por um período curto ou longo da temporada de veraneio. Nestes meses, a economia e os investimentos nas cidades balneares recebem significativos incrementos. Por outro lado, a multiplicação da população durante a estação estival, as dificuldades de atendimento à enorme demanda de veranistas, os impactos ambientais decorrentes e, posteriormente, a desassistência pós-veraneio aos balneários, são questões que, normalmente, ficam dissociadas da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul.

O presente estudo visa a tratar da mudança que se operou no imaginário social dos gaúchos em relação ao litoral. Pois, de uma série de atributos desabonadores (inóspito, árido, desértico), esse “território do vazio” passou a ter uma representação positiva, com a emergência da sociedade urbano-industrial. Assim, no decorrer do século XX, o litoral acabou sendo integrado ao imaginário dos gaúchos com novos significados.

Mas quando a vilegiatura marítima começou a ser praticada pelos gaúchos?

A vasta extensão de areias e as águas gélidas das praias de mar do Rio Grande do Sul se assemelhavam muito com as praias européias do Atlântico Norte e do Mar Báltico. Estas, por sua vez, despertaram, desde o século XVIII, o interesse de curistas para o tratamento de variadas moléstias.

No último quartel do século XIX, os banhos terapêuticos nas águas marinhas do Rio Grande do Sul já eram procurados por alguns curistas. Além do conhecimento dos benefícios da talassoterapia, a recomendação dos banhos era aconselhada por médicos de origem européia, que imigraram para o Brasil meridional ao longo do século XIX, e por alguns médicos brasileiros que estudaram em universidades européias, ou que conheceram os balneários e estações de cura na Europa.

Contudo, não tardou para o curismo adquirir caráter hedonista. A passagem do curismo ao turismo, como demonstrou Haroldo Camargo em seu estudo sobre as

recreações aristocráticas e lazeres burgueses no Brasil Imperial¹, verificou-se no Rio Grande do Sul como uma transição rápida, nas primeiras décadas do século XX.

O aburguesamento de certas práticas aristocráticas também permitiu que imigrantes europeus e seus descendentes pudessem caçar, pescar, galopar e tomar banhos de mar. Assim como outras práticas, os banhos foram assimilados por mímica social, que ocorreu entre diferentes grupos étnicos. Portanto, os teutos, ítalos, lusos e afro-brasileiros no Rio Grande do Sul também acabaram praticando a vilegiatura marítima.

Entre a população urbana do interior do Rio Grande do Sul, a praia de mar passou a ser um espaço de lazer e entretenimento desde as primeiras décadas do século XX. Mas ela também se tornou um espaço social onde, inicialmente, uma elite interiorana renovava ou ampliava seus laços de sociabilidade, seu prestígio e seu poder. Primeiramente burguesa, a nova percepção do litoral do Rio Grande do Sul acabou se popularizando ao longo das décadas, pois entre os códigos da elite e os populares, se opera insidiosa circulação de práticas.²

Assim como a vilegiatura marítima se firmou no imaginário burguês, ela também foi almejada por outros grupos sociais, que a adaptam à sua cultura e aos seus recursos. Deste modo, as praias logo se tornam espaços de distinção social, havendo, inclusive, elitização de alguns balneários marítimos, e estigmatização de outros devido, à origem social dos seus veranistas. Portanto, pode-se inferir que as praias receberam significado no imaginário, de acordo com a sua frequência social, mais ou menos homogênea, como, por exemplo, a praia de Torres, que possuía atributos naturais semelhantes às praias européias, e que se caracterizava por ser a praia mais distante de Porto Alegre, o que dificultava o acesso popular.

Com a popularização dos banhos de mar, podem-se inferir outros significados para o veraneio no litoral gaúcho. Cabe salientar que a industrialização e a urbanização da primeira metade do século XX pautaram um “viver nas cidades”, para o qual o veraneio pode representar uma válvula de escape, um refúgio natural, onde o cheiro do mar, a brisa atlântica, as dunas de areia e a água marinha provocaram prazerosas sensações olfativas, táteis e visuais aos veranistas.

¹ CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma pré-história do turismo no Brasil: Recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)**. São Paulo: Editora Aleph, 2007.

² CORBIN, Alain. **Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 94.

Essa nova percepção sobre o litoral, assim como sua apreciação, foram pautadas pelos novos incrementos nos balneários, como a construção de hotéis para recepcionar os veranistas, restaurantes, cassinos, vigilância de salva-vidas e outros atributos que visavam melhorar as condições de entretenimento e lazer. Para isso, a participação de imigrantes europeus e de seus descendentes foi decisiva. Esses não foram apenas curistas, banhistas, veranistas ou turistas, mas também empreendedores responsáveis pela incipiente estrutura que permitiu a satisfação desse desejo de beira-mar.

A investigação histórica sobre a vilegiatura marítima, suas práticas e representações, justificam-se pela própria importância simbólica do veraneio na cultura contemporânea. Também é necessário destacar a pertinência do estudo pela História Cultural, já que as mudanças no imaginário social se articularam com o desenvolvimento urbano-industrial do Rio Grande do Sul e, por conseguinte, com as novas formas de uso do tempo livre, nos finais de semana, feriados e férias de verão, que permitiram que os banhos de mar fossem incorporados ao imaginário como forma de cultura, lazer e entretenimento.

Sobre a emergência do veraneio no litoral norte do Rio Grande do Sul, a presente pesquisa investigou o período referente às décadas de 1900 a 1950. Deste modo, procurou-se compreender de que maneira e através de quais mecanismos os indivíduos de diferentes grupos sociais interpretaram os esquemas anteriores e os reintegraram a um conjunto de representações e práticas em relação à praia de mar. Para isso, levou-se em consideração a evolução das formações discursivas, dos códigos normativos e dos sistemas perceptivos que estruturaram a história da vilegiatura marítima.³

O trabalho foi dividido em três partes. Na primeira, os capítulos sobre Europa, Brasil e Rio Grande do Sul apontam para a importância do discurso médico na propagação dos banhos como uma prática do curismo, à época. Neste primeiro momento, também se tentou mostrar a transição dos banhos terapêuticos para as práticas de lazer na vilegiatura marítima e em outros lugares de veraneio no Rio Grande do Sul. Na segunda parte, os capítulos abordam precisamente a gênese da vilegiatura marítima no litoral norte do Rio Grande do Sul; e na terceira, a realização do desejo de estar à beira-mar.

³ Idem, p. 301-302.

Em termos teóricos, buscou-se validar algumas ideias apresentadas por Alain Corbain em seu estudo sobre o “território do vazio” para o caso da orla marítima do Rio Grande do Sul, que sofreu várias transformações, tanto físicas quanto simbólicas, ao longo do século XX. Para isso, foi necessário compreender o processo histórico de invenção da vilegiatura marítima no sul do Brasil.

Em termos metodológicos, foi feita uma análise histórica da vilegiatura marítima desde o balbuciar do desejo de beira-mar até a sua concretização e popularização. Para isso, foram coligidas e selecionadas fontes documentais de natureza diversa, e cuja particularidade exigiu diferentes procedimentos e níveis de análise interpretativa. Uma revisão bibliográfica, principalmente de caráter historiográfico, permitiu uma compreensão geral, desde os primórdios até a consolidação da vilegiatura marítima, na cultura ocidental, e uma inserção do objeto de estudo no contexto de modernização da sociedade sulina.

Dentre as fontes utilizadas para a composição do trabalho, constam romances literários, relatórios, anúncios e matérias de jornais e revistas, além de fotografias e cartões-postais. Cabe destacar que muita dessa documentação impressa e dessas imagens foram produzidas pelos próprios veranistas de outrora, como, por exemplo, fotografias e reminiscências que foram publicadas em revistas ou jornais da capital.

No caso das fontes impressas, foi consultado o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, entre os anos de 1906 e 1950. O levantamento do material foi realizado de forma sistemática, nos meses do veraneio: dezembro, janeiro e fevereiro. Cabe mencionar que alguns exemplares do período que esta pesquisa abrange, não puderam ser consultados devido à sua indisponibilidade ou à má conservação. As demais fontes jornalísticas utilizadas neste trabalho foram gentilmente compartilhadas por colegas historiadores, que, na realização de suas pesquisas, encontraram vestígios da vilegiatura marítima.

Algumas revistas que tiveram circulação no estado do Rio Grande do Sul também foram consultadas. Entre elas, as revistas *Kodak* e *Máscara*, que mostram em suas páginas de fotorreportagens os primórdios da vilegiatura marítima, nas décadas de 1910 e 1920. A *Revista do Globo* também foi catalogada, desde seu surgimento, em 1929, até o final da década de 1950. E por último, porém não menos importante, a principal fonte deste estudo, a revista *A Gaivota*, um periódico que começou a circular em 1929 e foi publicado até 1967, nas praias do litoral norte do Rio Grande do Sul. Apesar de localizar alguns números no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande

do Sul, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, na Biblioteca Nacional (RJ) e em mãos de particulares, infelizmente, ainda não foi possível encontrar a coleção completa desta revista.

As fotografias e os cartões-postais sobre os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul são quantitativamente e qualitativamente significativos. Provenientes de arquivos públicos e privados, as imagens, nas páginas das revistas mencionadas, também se integram ao acervo iconográfico, pois, nas páginas de fotorreportagens das revistas, as imagens das “nossas praias” de banhos permitem acompanhar os primórdios dos banhos de mar, a moda balnear, a urbanização dos balneários, entre outros aspectos. Assim, os testemunhos sobre o passado que as imagens oferecem tem valor real, porquanto suplementam ou comprovam outras evidências. Em alguns casos, as imagens oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não dispõem.⁴

O uso da História Oral, proposto no projeto de pesquisa, não foi possível devido ao tempo hábil para execução deste projeto. Mas, como comprovam algumas entrevistas realizadas, a oralidade teria muito a contribuir para a história da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul.

Durante este estudo, a panóplia de documentos coligidos para historiar a respeito dos primórdios dos banhos de mar nas praias do litoral norte do Rio Grande do Sul não facilitou o trabalho, como se poderia pensar num primeiro momento. A diversidade das fontes e sua riqueza exigiram procedimentos minuciosos e constantes reconsiderações teóricas, além do constante aprimoramento no uso de técnicas e métodos de investigação histórica. A descoberta de novas fontes e de documentos de conteúdo inusitado conduziu a pesquisa por caminhos nem sempre fáceis, como aqueles pré-estabelecidos no projeto inicial. Os capítulos a seguir revelam o roteiro final de um esboço que se tornou uma dissertação.

⁴ BURKE, Peter. **Testemunha ocular. História e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 233.

I. *KUR UND VERGNÜGEN*⁵: OS PRIMÓRDIOS DA VILEGIATURA MARÍTIMA NA EUROPA DOS SÉCULOS XVIII E XIX

No século XVIII, o tratado de Hipócrates, pai da medicina, foi redescoberto por especialistas médicos, que passaram a instituir os elementos “ares, lugares e águas” como indispensáveis para o tratamento de determinadas doenças.

Causando pavor e restrição devido às informações acumuladas durante os séculos XVI e XVII, a substância aquosa gerou ao longo da história da higiene cuidados relacionados às fissuras provocadas na pele com banhos quentes ou frios, contágio de doenças através das banheiras, gravidez pelas águas, abertura dos poros e doenças transmitidas pelo ar.⁶ Este arsenal de medidas diante de um corpo vulnerável repercutiu até o final do século XVIII, quando a prática de banhos higiênicos passou, lentamente, a ser adotada pela elite europeia.

Conforme as indicações do período, “o banho fora do uso da medicina numa necessidade imperativa, é não apenas supérfluo como muito prejudicial aos homens”.⁷ Neste sentido, os “estudos teóricos por parte da medicina” e a “publicação das opiniões diversas”⁸ sobre o poder curativo das águas despertou, durante o século XVIII, interesse pelo termalismo, prática desde a antiguidade relacionada à cura e ao prazer, com relevante procura para o tratamento de uma variedade de doenças, como, por exemplo, tuberculose, tosse, gota, reumatismo e saúde da mulher.

A expressão “ir às curas”, derivada do termo alemão *Kur*, deu origem à palavra “curista”, que foi empregada para definir aquele que utilizava tratamentos termais⁹, passíveis de serem praticados em sanatórios, casas de banhos e estâncias termais ou hidrominerais. O primeiro destes estabelecimentos foi inaugurado em meados do século XVIII, na região noroeste da França, pelo britânico Richard Nasch.¹⁰ Conforme revelou Goldsmith, Nash submeteu o divertimento dos ociosos a uma estrita etiqueta; ele foi o

⁵ As respectivas palavras em alemão significam Cura e Lazer/Diversão.

⁶ VIGARELLO, Georges. **Limpo e o Sujo: Uma história da higiene corporal**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 9.

⁷ Idem, p. 14.

⁸ Idem, Ibidem, p. 116-117.

⁹ QUINTELA, M. M. **Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)**. História, Ciências, Saúde- Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1): 239- 60, 2004, p. 247.

¹⁰ O britânico Richard Nasch teria sido o precursor dos estabelecimentos em águas de banhos na região de Cornouaille, noroeste da França. In: BOYER, Marc. **Les Villegiatures du XVIe au XXI siècle**. França: Édition EMS, 2008, p. 48. Tradução nossa.

primeiro a ensinar a familiaridade das relações entre desconhecidos, levando milhares de pessoas a passar algumas semanas em termas, sem se preocupar nem com banhos nem com as águas a tomar, mas somente em se divertir em boa companhia.¹¹

A mudança de ares, a ida ao campo e as próprias viagens deram origem à vilegiatura, prática que consistia na ida até um local previamente determinado durante apazada temporada, que na Europa dividia-se entre “estação mundana (inverno e primavera) e a vilegiatura (verão e parte do outono)”.¹² Desta forma, o hábito de frequentar as águas termais passou a ser incorporado pela aristocracia e pela emergente burguesia, principalmente britânica e francesa, que viram seus hábitos alterados após as grandes revoluções.

No século XVIII, a voga de frequentar as águas estava bem difundida. Os burgueses provincianos procuravam as estações de águas durante o passeio de um dia ou permanecendo para um tratamento mais longo. O que eventualmente também fazia a nobreza, que podia pagar a viagem dispendiosa.¹³

Os banhos possibilitaram uma nova forma de sociabilidade, permitindo encontros imprevistos entre pessoas que procuravam as águas com finalidade medicinal ou apenas para uma simples vilegiatura termal, que permitia uma vida de festas, prazeres, jogos e espetáculos musicais. Conforme destacou Boyer, “Ir às águas” torna-se também uma distração mundana, um tempo de vilegiatura onde muitos prazeres são permitidos, inclusive, os jogos por dinheiro, tão estimados na Inglaterra do século XVIII.¹⁴

Os estabelecimentos termais também tiveram destaque por seus grandes empreendimentos, bela arquitetura e reputação das águas, consideradas milagrosas e curativas. Além disso, esses estabelecimentos foram mencionados por viajantes e escritores do romantismo, que no início do século XIX não deixaram de citar “as famosas águas termais” que se encontravam em cidades ao norte e no centro da Alemanha. Entre elas destacam-se as cidades de *Hombourg*, *Aix-la-Chapelle*, *Kissingen*, *Ems*, *Baden-Baden*, entre outras. Esta última, inclusive, foi um centro de lazer inigualável do “mundo elegante”, onde pequenos príncipes alemães se renderam à

¹¹ BOYER, op.cit., p. 48. Tradução nossa.

¹² FÚGIER, Anne- Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 228.

¹³ WEBER, Eugen. **Fraça fin-de- siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 221

¹⁴ BOYER, op.cit., p. 48. Tradução nossa.

vilegiatura não se deixando levar pela onda revolucionária de 1848. Estes lugares de vilegiatura eram animados não somente por salões de leitura, mas também por salões de jogos. Aqueles jogos ditos de comércio – xadrez, cartas e outros – eram tolerados e diurnos. Já os jogos de azar, típicos dos encontros noturnos, eram submetidos à interdições, que acabaram não sendo respeitadas, pois elas eram sempre reiteradas.¹⁵

Em algumas obras literárias produzidas no período áureo das águas termais, é possível constatar aspectos referentes às práticas curativas, atributos das cidades e do cotidiano nas estações. No romance alemão *Doutor Gräsler, médico das Termas*, o autor, Arthur Schnitzler, narra a trama amorosa em torno do profissional médico Gräsler, ressaltando particularidades da “cidadezinha termal, localizada numa colina e cercada pela floresta, na qual há seis anos o profissional costumava exercer a clínica medicinal durante o verão”.¹⁶ De acordo com os preceitos do período, o médico que havia permanecido um curto tempo em Berlim, “dispunha-se a trabalhar na época balnear que principiava”, aplicando “métodos curativos confiáveis, passíveis de serem controlados a qualquer momento”.¹⁷

Conforme demonstram as passagens citadas, os tratamentos baseados na “triade benfazeja”, – ar, lugar, água – são legitimados pela procura de hóspedes que regressavam a cada ano às águas. Nesse ínterim, *Gräsler* resalta o tratamento baseado “na fome dos pacientes”, forma de cura utilizada em sanatórios europeus, e que, posteriormente, foi incorporada por médicos alemães no Rio Grande do Sul.

Apesar da popularidade das estâncias termais, a atividade de “médico de termas”, abundante principalmente na Alemanha, era considerada como subordinada e indigna de respeito. O próprio *Gräsler, médico das Termas*, manifesta a inferioridade de sua profissão, alcunhada, por vezes, de charlatanice, como revelou o romance de Tolstói, *Ana Kariênina*, quando a menina Kitty Cherbatzky obteve recomendação médica de viajar para curar-se da doença não solvida pela profilaxia dos medicamentos.

Em favor da viagem ao estrangeiro, convém citar a mudança de hábito e o afastamento de lugares, que lhe podem despertar recordações tristes. Nesse caso, que partam, mas que os charlatães alemães não lhe agravem a doença; é preciso que sigam à risca nossas prescrições. Pois sim, que partam!¹⁸

¹⁵ Idem, p. 52.

¹⁶ SCHNITZLER, Arthur. **Doutor Gräsler: médico das termas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 19.

¹⁷ Idem, p. 43.

¹⁸ TOLSTÓI, Leão. **Ana Kariênina**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960, p. 88.

Ao mesmo tempo em que a profissão era colocada sob suspeita, a prática medicinal e a indicação de afastamento às localidades privilegiadas pelos elementos revigorantes foram mencionadas nos romances escritos no período. A exemplo pode-se citar a notória obra de Thomas Mann, *A montanha mágica*, que alude ao ar puro das elevações como benéfico ao tratamento das moléstias.

O conhecimento médico sobre o uso dos banhos, a composição química das águas minerais e o tratamento que cada uma delas oferecia aos diferentes malefícios também foram propagados através dos manuais de medicina popular. Entre eles, pode-se destacar o vade-mécum medicinal do polonês Chernoviz, que imigrou ao Brasil em meados do século XIX.

Chernoviz aponta em seu *Dicionário de medicina popular* as caldas disseminadas na Europa, exaltando a viagem e a distração associadas aos efeitos curativos das “águas minerais termais”.¹⁹ Boyer, em seu capítulo sobre a vilegiatura termal, também salientou que os banhos foram uma revolução turística, não se tratando apenas de uma invenção de novos lugares e práticas, mas, sobretudo, de uma renovação de costumes, que foi se estabelecendo ao longo do século XVIII e XIX, através do discurso científico que instituiu o valor da cura.²⁰

Foi exatamente neste contexto das ciências que os banhos frios em águas oceânicas emergiram, pois dentre os medos que se tinham do mar e outras representações hediondas²¹, a profetização favorável às “brutais imersões em águas salgadas e frias” imperaram no imaginário aristocrático, sobretudo britânico, que mais uma vez mostrou-se pioneiro ao lançar-se brutalmente ao mar²² após a publicação da dissertação do médico inglês Lewes que, convencido dos benefícios da água de mar, passou a recomendar aos pacientes banhos em Brighton.²³

O discurso médico desta época fazia a apologia dos banhos de mar, salientando os seus efeitos benéficos sobre o vigor, a força e a saúde dos pacientes, e recomendando-os no tratamento de vários tipos de doenças, como o linfatismo, a anemia, a depressão e o raquitismo infantil. Mas, enfatizava também que os banhos tinham de ser receitados com alguma cautela e deviam ser tomados segundo indicações precisas, pois, como

¹⁹ QUINTELA, op. cit., p. 248.

²⁰ BOYER, op. cit., p. 79.

²¹ Este aspecto foi abordado por Alain Corbin em seu subcapítulo: “As raízes do medo e da repulsa”. In: CORBIN, Alain. **Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p. 11-29.

²² BOYER, op. cit., p. 79.

²³ FÚSER, Luis Fernández. **História general del turismo de massas**. Madrid: Alianza, 1991, p. 131. Tradução nossa.

qualquer outra medicação complexa e enérgica, a sua ação podia tornar-se perigosa quando mal ministrada. Desta forma desenvolveu-se um conjunto de práticas codificadas, que orientavam a utilização terapêutica da praia, criando padrões de conduta que ficaram indelevelmente associados à frequência do domínio marítimo. (...). Assim, estipulava-se a época mais indicada para tomar banhos de mar, a duração da estadia, o número, a hora e a duração das imersões, o vestuário utilizado, e o que se devia fazer durante e após os mergulhos. Todos estes fatores variavam de acordo com o sexo, a idade, as condições de saúde e a moléstia de que padecia o doente.²⁴

A salutar sufocação provocada pelas águas salinas despertou curiosidade na nobreza, que passou a frequentar a praia com necessidade de verificar a asserção médica. Essa recomendação visava aliviar a luta contra a melancolia e acalmar as novas ansiedades que ao longo do século XVIII se propagavam no interior das classes dominantes.²⁵ Desta forma, conforme o imperativo médico e científico, o litoral penetrou no horizonte dos atrativos por volta de 1750, alçando sucesso pela presença de personalidades ilustres.²⁶ Como sublinhou Corbin, “toda estação balnear tem, inicialmente, necessidade da presença de um membro da família real, se deseja atrair os *destingués*”.²⁷

A vilegiatura marítima como forma de sociabilidade foi rapidamente incorporada como processo de imitação pela burguesia manufatureira ou comerciante, que passou a frequentar as estações balneares em função de ritmos ou hábitos intensificados a partir do século XIX.²⁸ Os valores curativos e as práticas termominerais foram aos poucos sendo substituídas pelos centros litorâneos, que também receberam o nome de balneários. Estas estações foram anunciadas novamente por britânicos, mais precisamente pelo médico Richard Russel, que, baseado nas teorias de Lewes, lançou a sociedade inglesa ao litoral em busca de saúde, oferecendo métodos curativos mais econômicos que os de balneários em terra.²⁹

Após arremessarem-se nas águas geladas do oceano, novos lugares de vilegiatura aparecerem na oitava década do século XVIII. Entre eles estão Scheveningen (Países Baixos), Ostende (Bélgica) e Boulogne (França). Uma demonstração do sucesso

²⁴ FREITAS, Joana Gaspar de. **O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado**. Revista da Gestão Costeira Integrada 7 (2): 105- 115 (2007), p.109-110. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/>. Consultado em 28 de junho de 2009.

²⁵ CORBIN, op.cit., p. 69.

²⁶ DÉSSERT, Gabriel. Banhos de mar por receita médica. In: GOFF, Jaques Le. **As doenças têm história**. Portugal: Terramar editora. 1997, p. 335.

²⁷ CORBIN, op. cit., p. 289.

²⁸ Idem, p. 287.

²⁹ FÚSER, op. cit., p. 131.

que era o balneário de Scheveningen neste período pode ser observada nas imagens a seguir, nas quais é possível verificar a classe dominante naquela praia, a estrutura do balneário para receber os “turistas” e a forma como o espaço se articulava para o exercício da sociabilidade. Cabe ainda ressaltar que, apesar do destaque destes famosos balneários na Europa, a costa normanda foi o local onde os “banhos de mar por receita médica” difundiram-se entre 1820-1830, fazendo “sucesso devido às largas extensões de areia e ao vento quase constante que traz o ar puro e vivo, carregado de sais alcalinos e iodados”.³⁰

O banho de mar, em especial, e sobretudo depois de 1830-1840, que explora as afirmações dos higienistas do século XVIII, torna-se uma prática claramente específica. A água nesse caso é apenas “prova”, meio de choque e solidificação. Ela deve ser “enfrentada”: corpos lançados nas ondas para receber delas impactos reforçadores ou baldes de água salgada despejados diretamente na pele. Um exercício de “banhistas” é aprimorado e especializado para segurar habilmente o corpo dos “curistas” e precipitá-lo brutalmente nas ondas, para depois pegá-lo e fazer tudo de novo. Todo efeito deve-se aos impactos repetidos e ao frio.³¹



Imagem 1: Praia de Scheveningen, 1900.³²

Imagem 2: “The beach and Kursaal, Scheveningen, Holland”, 1900.³³

O banho nas ondas e a exposição do corpo suscitaram novos costumes; códigos que não estavam explícitos em uma sociedade privada de prazeres e que aos poucos foi se despindo. Segundo Alain Corbin, esta composição participa da estética do sublime, que “implica enfrentar a água violenta, mas sem riscos; gozar do simulacro de ser

³⁰ DÉSSERT, op. cit., p. 333.

³¹ VIGARELLO, op. cit., 1996, p. 210.

³² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Netherlands-Scheveningen-beach-1900.jpg>, consultado em 21 de julho de 2009.

³³ Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/resource/ppmsc.05855/>, consultado em 21 de julho de 2009.

engolido; receber a vergastada da onda, mas sem perder o pé. Daí os cuidados com a salvação. A precisão da prescrição médica, os serviços do “banhista auxiliar”, a companhia”.³⁴

Diante de um novo cenário, a praia foi o lugar descoberto por turistas e banhistas, que com seus longos vestidos, véu para proteger a face da areia e sombrinhas para preservar a pele alva, usavam a beira-mar como “lugar de deambulação e conversação”.³⁵ Este cenário marítimo serviu de inspiração aos pincéis impressionistas de Eugén Boudin e seu “seguidor” Eduard Monet, que retrataram a fluidez do mar, aspectos da frequência elitista às praias e práticas de sociabilidade e lazer, como os cassinos em Trouville.



Imagem 3: Trouville, Eugén Boudin, 1863.³⁶

Imagem 4: “Camille on the Beach at Trouville”, Monet, 1870.³⁷

Na “pré-história dos banhos de mar” os códigos de pudor começaram a ser abandonados, deixando-se a privacidade e expondo-se uma intimidade carregada de erotismo através da exibição dos cabelos soltos, os pés descalços e os quadris à mostra em lugares públicos.³⁸ Tal recato em relação à exposição do corpo e a volúpia causada pelas ondas, tiveram maior restrição ao sexo feminino, pois o “homem ao contrário, protagoniza uma cena de coragem”,³⁹ ocasião em que a moda da prescrição médica começa a imiscuir-se ao prazer.

³⁴ CORBIN, op. cit., p. 85.

³⁵ Idem, p. 91.

³⁶ Disponível em http://art.mygalerie.com/lesmaitres/boudin/eb_80010.jpg, consultado em 21 de julho de 2009.

³⁷ Disponível em <http://www.monetalia.com/paintings/large/monet-camille-on-the-beach-at-trouville.jpg>, consultado em 21 de julho de 2009.

³⁸ CORBIN, op.cit., p. 89.

³⁹ Ibid., loc. cit.

Essas condutas espontâneas e esporádicas logo se verão englobadas e, ao mesmo tempo, codificadas; a moda do banho terapêutico, que visa destruir a confusão dos sexos e dos status sociais, fará ceder a anarquia dos comportamentos, relegando ao povo miúdo costumes a partir daí circunscritos.⁴⁰

A “invenção da praia”, como destacou Alain Corbin, está ligada à sensibilidade própria do indivíduo, às modalidades de fruição do lugar e às formas de sociabilidade que se organizaram para se manifestarem à beira-mar. Este novo objetivo permeia a reorganização de uma nova cena social e o desejo de usufruir o local.⁴¹

Na vilegiatura marítima, os balneários de modelo inglês tiveram predominância; foram concebidos em blocos, de acordo com um projeto voluntarista, às vezes, patrocinado pelas autoridades, que polarizaram atividades terapêuticas, lúdicas e festivas do lugar.⁴² A solidificação das estações balneares marcou, para Corbin, três etapas, que vão de 1792 a 1820, abarcando a guerra naval, em 1792, quando alguns balneários tentaram satisfazer, sobretudo, a clientela inglesa. De 1792 a 1815, houve um período de hostilidades, no qual se multiplicaram as estações projetadas por alemães no mar Báltico e Norte, havendo um declínio nos balneários ingleses. Depois de 1815 a paz foi restabelecida e o afluxo de ingleses estimulou o surto das estações, que na década de 1820 revelou-se decisivo com a construção de grandes estabelecimentos de banhos com estrutura inglesa.⁴³

Este modelo inglês de vilegiatura marítima pesou na invenção da praia e revelou-se mais precoce na Alemanha do que na França, pois os cientistas germânicos possuíam vasto conhecimento dos trabalhos relativos aos benefícios da água de mar, edificando, em 1794, a primeira das grandes estações balneares alemãs.⁴⁴

Com as novas características atribuídas à praia, o homem passou a ter outra fruição sobre o mar, a praia tornou-se um lugar de mediação, repouso e, sobretudo, prazer. “Passeia-se pela praia, toma-se banho em grupo, visita-se as ruínas”.⁴⁵ Esta filiação entre profilaxia e hedonismo foi bem sinalizada por Eugen Weber na França do século XIX, onde “um número cada vez maior de pessoas passara a ter lazer, indo para os campos, para as águas ou para as praias”.⁴⁶

⁴⁰ CORBIN, op. cit., p. 90- 91.

⁴¹ Idem, Ibidem, p. 266.

⁴² Idem, Ibidem, p. 275.

⁴³ Idem, Ibidem, p. 273.

⁴⁴ Idem, Ibidem, p. 274.

⁴⁵ Idem, Ibidem, p. 269.

⁴⁶ WEBER, op. cit., p. 217

As estações de férias, por outro lado, eram centros onde as pessoas se reuniam em busca de interesses que tinham pouco ou nada a ver com negócios, voltados antes para o lazer e o prazer: concertos e espetáculos, passeios, excursões, danças, jogos, encontros, especialmente com o sexo oposto.⁴⁷

A literatura do período e, posteriormente, as produções cinematográficas⁴⁸ baseadas na arte literária destacaram bem o cotidiano e as atividades em torno dos balneários. Tchékhov, no conto a *Dama do Cachorrinho* narra esta prática do flerte, quando Dimítri Gúrov, que passava férias na cidade de Ialta⁴⁹, aproxima-se da dama Anna Serguêievna. No decorrer do conto, aspectos do panorama, como o mar, montanhas, nuvens e céu amplo, compõem o cenário do passeio dos amantes, que parecem incomodados com o tempo tedioso que se despende.

- O tempo passa depressa, mas, ao mesmo tempo, isto aqui é um tédio! – disse ela sem olhar para ele.
- Não passa de um hábito dizer que aqui é um tédio!- disse ele. - O burguês leva sua vida em algum lugar (...) e não sente tédio, mas quando chega aqui: “Ai, que tédio! Ai que poeira”.⁵⁰

As práticas de sociabilidade, ou o “teatro social”, eram fomentados pelos diretores das estações balneárias que usaram os mesmos ingredientes das estâncias hidrominerais para estabelecer o “turismo de saúde”. Os rituais de atividades como banhos, refeições, bailes, jogos e outros, eram pautados pela regularidade dos horários, que acabavam permitindo encontros intencionais entre as pessoas.

“O turista ou o curista ficava livre - se não para fazer exatamente o que desejava, pelo menos para agir de modo diferente. Para representar um certo ideal urbano, onde a ordem social era menos rígida, as relações mais fáceis, a mobilidade maior”.⁵¹

A estação alemã de Doberam, por exemplo, dispunha:

(...) de um clube para os banhistas, de um teatro, de um passeio construído nas imediações do castelo. A orquestra do grão-duque dá um concerto, diariamente, das doze às treze horas, no quiosque de música. Uma biblioteca fornece a leitura cotidiana; chás dançantes e grandes bailes são organizados em intenção dos 240 banhistas vindos em julho daquele ano (...).⁵²

⁴⁷ Idem, p. 218

⁴⁸ Entre as películas pode-se citar “Morte em Veneza” (1971), “Olhos Negros” (1987), “As férias do senhor Hulot” (1953), “Pauline a praia” (1983), entre outros.

⁴⁹ Tchékhov habitou Ialta sob prescrição médica afim de amenizar sua tuberculose.

⁵⁰ TCHÉKHOV, Anton. **A dama do cachorrinho e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 143.

⁵¹ WEBER, op. cit., p. 218.

⁵² CORBIN, op. cit., p. 274.

Como é possível perceber, as imersões em águas ocupavam uma pequena parte do dia dos banhistas, que necessitavam distrair-se com outras opções de entretenimento, como os cassinos, que faziam parte das estações de cura, atraindo milhares de banhistas à orla marítima. Uma crítica acentuada sobre a prática dos jogos foi registrada por Ramalho Ortigão, em 1876, em seu livro intitulado *As praias de Portugal*, um guia para banhistas e viajantes, que também serviu de asseveração à frequência às praias, pois descrevia as diferentes regiões litorâneas de Portugal, assim como as vantagens que os banhos de água fria causavam à saúde e à higiene. A censura de Ortigão refere-se à ilegalidade e proibição dos jogos em Portugal, onde a sociedade, segundo o autor, tem perdido sua dignidade.

Enquanto o jogo for uma ilegalidade secreta, ele manterá os atrativos das coisas defesas. É preciso dar-lhe na sociedade o seu verdadeiro lugar e mostrá-lo claramente, não como um fruto proibido, mas como um fruto podre.

Enquanto a Imprensa considerar sob outro ponto de vista a questão do jogo este continuará como até agora fazendo estragos irremediáveis na honra e na fortuna das famílias e constituirá nas praias de Portugal durante a estação dos banhos o mais lamentável flagelo.⁵³

Além dos jogos que atraíram milhares de banhistas à orla marítima, outros incrementos, como a criação das vias férreas, também aproximaram o homem do mar. “O trem reduziu em dois terços o tempo de viagem entre a capital e as praias. Em 1840, levava-se doze horas de Paris a Dieppe; no Segundo Império, por estrada de ferro, não se leva mais do que quatro horas”.⁵⁴ Conforme Désert, a rede ferroviária preparou uma revolução, na qual o objetivo terapêutico vai ao encontro com a busca de distração.⁵⁵ Cabe fazer um adendo em relação às famosas praias francesas de Trouville, Dieppe e Biarritz, pois as mesmas, apesar do seu destaque na história da vilegiatura marítima europeia, tiveram certo atraso em relação ao desenvolvimento e à edificação. No entanto, seu propósito hediondo sempre superou o terapêutico, “laço que a anglomanía da *Belle Époque* ilustrou ao infantar o “franglês”, símbolo de uma civilização na Mancha”.⁵⁶

Após as melhorias do transporte, conseqüentemente, outras instalações para a moda dos banhos foram desenvolvidas em uma etapa que Luis Fernandez Fúster

⁵³ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*. Série: Obras Completas. Lisboa/ Portugal. Editora Livraria Clássica, 1966, p. 94-95.

⁵⁴ FÚGIER, op.cit., p. 231.

⁵⁵ DÉSSERT, op. cit., p. 337.

⁵⁶ JOURDIN, Michel Mollat Du. *A Europa e o mar*. Lisboa: Editora Presença, 1995, p. 256.

chamou de revolução e concepção dos banhos de mar. O autor elencou seis pontos que contribuíram para a demanda dos banhistas interessados nos “prazeres do exercício da beira-mar”. Entre as modificações e melhorias do conjunto, Fúster destacou o edifício principal, que ficava na mesma praia; cordas de segurança para limitar a zona, como uma espécie de piscina, mas que, no entanto, não impedia o perigo das correntes e das ondas; carros de banhos, mais precisamente carretas com quatro rodas de tração animal, onde o banhista homem ou mulher poderia vestir-se e tomar banho sem precisar caminhar até a praia; cabines de vestuário (bangalôs), individuais ou familiares, que ficavam em fileiras ao longo da praia e davam sensação de animação, pois eram brancas ou coloridas e de madeira desarmáveis; serviço de vigilância, com a criação de postos de observação, e, por último, a formação de novos empregos relacionados à praia.⁵⁷

Durante esses primeiros séculos alguns serviços possuíam funções indispensáveis para o ritual dos banhos. Além desses acima citados, os “guias” ou “banheiros”⁵⁸ eram “personagens chaves dos banhos”, a eles “cabia aplicar as prescrições médicas e conduzir ao prazer do banho”, “dar conselhos e garantir a salvaguarda”.⁵⁹

Nos braços de experimentados banheiros, o banhista era mergulhado nas frias águas atlânticas uma, duas, três vezes, para os mais corajosos ou para aqueles cujos pais os queriam ver rijos. Outros por receio ou comodidade preferiam a “gamela” que lhes era despejada pela cabeça ou onde mergulhavam os pés. Havia ainda os banhos de “choque”: os banhistas eram transportados em cadeirinhas por dois banheiros que de forma concertada, quando as “vítimas menos esperavam, os mergulhavam e devolviam ao areal com prontidão.”⁶⁰

⁵⁷ FÚSTER, op. cit., p. 137- 138. Tradução nossa.

⁵⁸ O banheiro, nome da função daquele que auxilia nos banhos marítimos ou cuida da segurança dos banhistas é um regionalismo de Portugal.

⁵⁹ JÉRONIMO, Rita. **Banhistas e banheiros: reconfiguração identitária na praia da Ericeira**. Revista Etnográfica, Vol. VII (1), 2003, pp. 159-169, p. 166. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_159-170.pdf. Consultado em 13 de julho de 2009.

⁶⁰ MARTINS, Luís Paulo Saldanha. **Banhistas de mar no século XIX: um olhar sobre uma época**. Revista da Faculdade de Letras- Geografia, I Série, Vol. V, Porto, 1989, p. 55. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1560.pdf>. Consultado em 28 de junho de 2009.



Imagem 5: Bathing machines, Ostend, década 1910.⁶¹

Imagem 6: Hulton Deutsch Collection. 150 Jahre Fotojournalismus. Band 1. Köln: Könemann, 1995, p. 97.

Imagem 7: Bathers in rented gowns, Ostend, década de 1910.⁶²

Os pontos elencados por Fúster podem ser verificados nas imagens acima. Na imagem de número 6, é possível perceber a diferenciação de gênero das cabines de banhos, pois uma delas anuncia a quem se direcionava o veículo pelo vocábulo *Gentleman*, inscrito em sua lateral. Estes modelos de cabines de banho também aparecem nas imagens 5 e 7; estas mesmas reproduções também apresentam uma mudança na forma de vestimenta dos banhistas, que evidenciam a transformação dos trajes de banho, que vão “progressivamente se desvelar sob o efeito da moda e do turismo balneário”.⁶³

Como vestir-se para entrar no mar? O corpo médico não condena o banho “tomado nu”, mas considera que tal não é recomendável por razões de ordem moral. Outras autoridades locais velam para que a moral e a decência sejam respeitadas e fazem decretos municipais adequados. Pelo seu lado, médicos e higienistas preconizam o uso de roupas de lã, o mais amplas possíveis, para não dificultar os movimentos. No início da moda balnear, os fatos das senhoras “vão até as orelhas” e os calções dos homens “descem até os tornozelos”.⁶⁴

Na segunda metade do século XIX, se instaurou a noção de férias, ocasião em que a massa trabalhadora passou a ter lugar dentro do quadro de atividades normais,

⁶¹ Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/resource/ggbain.13393>, consultado em 05 de julho de 2009.

⁶² Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/resource/ggbain.13394>, consultado em 05 de julho de 2009.

⁶³ SOHN, Anne-Marie. O corpo ordinário. In: COURTINE, Jean- Jacques (dir.). **História do corpo: as mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 110.

⁶⁴ DÉSSERT, op. cit., p. 335.

concentrando no verão o tempo da natureza, viagens e diversões.⁶⁵ O trem e as férias permitiram que um maior número de estratos socioeconômicos frequentasse a beira-mar, situação que causou certo desconforto à aristocracia europeia e aos membros da pequena nobreza inglesa, que se viram obrigados a compartilhar da fruição marítima com um novo corpo social.

Com o passar das décadas, porém, a influência das injunções médicas, o desejo crescente de imitar os nobres, o melhoramento dos meios de transporte que facilitam a organização do lazer nas proximidades dos grandes aglomerados urbanos, concorrem para a aprendizagem e a ampliação social de práticas que se vêem então diversamente reinterpretadas.⁶⁶

Eugen Weber também atentou para esta popularização das praias de mar após a Revolução Industrial, que assegurou a todos o direito ao ócio, democratizando a clientela dos lugares de férias que se orientavam por uma espécie de ludoterapia, isto é, “olhar vistas ou monumentos, vadiar ao redor ou consumir energia em novos esportes como andar de bicicleta, dirigir automóvel ou praticar alpinismo”.⁶⁷ Logo, o hábito do “pequeno burguês da década de 1890, com salsichas, pão e litros de vinho tinto nos seus cestos de piquenique, antecipava os turistas proletários de fim-semana”.⁶⁸ Este movimento de popularidade às praias foi chamado de *salsichificação*, e ganhou força com a formação de agências de turismo, que atraíram aqueles que tinham tempo livre e dinheiro para gastar.

Com a consolidação da praia lúdica, alguns hábitos como o tempo de permanência junto ao mar, o contato físico com a areia, a água e com sol sofreram modificações que se manifestaram na valorização do tom da pele, no aspecto do corpo e no tipo de vestuário.⁶⁹ A pintura de Lucien Genin, da praia de Deauville, demonstra exatamente os novos códigos assimilados pelos banhistas, que se imiscuem entre brancos e bronzeados, usando vestes curtas e coloridas, tomando banho de sol ou de mar sem pudor.⁷⁰

⁶⁵ FÚGIER, op. cit., p. 232.

⁶⁶ CORBIN, op. cit., p. 294.

⁶⁷ WEBER, op. cit., p. 233-234.

⁶⁸ Idem, p. 235.

⁶⁹ FREITAS, op.cit., p. 111.

⁷⁰ Entre outros pintores que destacaram estas características estão: Labasque Henri, Adrion Lucien, Joseph Southall, entre outros.



Imagem 8: Plage à Deauville. Sem Data. Lucien Genin (1894- 1953).⁷¹

A incorporação desses novos códigos e dessas novas condutas também modificou a ocupação territorial da praia. O fenômeno sazonal durante os principais meses do verão europeu passou a ser incorporado pelas diversas classes sociais, que também começaram a frequentar a orla marítima, construindo suas casas ou incrementando o espaço junto à costa, com hotéis, pensões, cafés, restaurantes e outros serviços. Desta forma, a moda dos banhos de mar arraigou-se pelo imaginário ocidental, tornando-se matriz na história da vilegiatura marítima.

⁷¹ Disponível em: <http://catalogue.gazette-drouot.com/ref/lot-ventes-aux-encheres.jsp?id=67357>, consultado em 14 de julho de 2009.

II. “SOCIABILIDADE TERAPÊUTICA”: VILEGIATURAS TERMAIS E MARÍTIMAS NO BRASIL

Na primeira metade do século XIX, período que corresponde ao Pré-Romantismo e ao Romantismo, a ida aos banhos de mar passou a ser uma prática concebida como civilizada entre as elites europeias. Apesar do rápido desenvolvimento dos centros estivais na Alemanha e na França, em Portugal essa transição ocorreu somente após a implantação do liberalismo, em 1820, tornando a prática da vilegiatura marítima intensificada pela burguesia, que introduziu novos padrões de comportamento que os distinguiram dos grupos dominantes.

Conforme as considerações de Haroldo Camargo, foram as recreações reais e aristocráticas que modelaram as práticas dos lazeres burgueses, através da imitação e adaptação a outra visão de mundo. A partir das últimas décadas do século XIX, o que existirá realmente é o lazer burguês. Deste modo, as chamadas recreações aristocráticas são a vilegiatura, a cura por intermédio das águas minerais – sendo também um pretexto para o convívio de celebridades que construíram a reputação do local– e banhos de mar, relacionados ao processo terapêutico.⁷²

Em Portugal, registros históricos por parte da família imperial em águas termais datam de meados de 1484, quando D. João II e D. Leonor passavam pela antiga Caldas de Óbitos e viram pessoas se banhando. Avivada pela curiosidade, D. Leonor, ao descobrir o poder curativo daquelas águas, decidiu também banhar-se para curar uma ferida no peito. Após a confirmação do poder curativo daquelas águas sobre sua moléstia, a rainha mandou construir um hospital naquela localidade, que passou a ser conhecida como Caldas da Rainha. Ao longo dos séculos, o lugar continuou a ser frequentado pelos sucessores do reino, sendo reformulado para oferecer melhores condições para o conforto da corte, mas também para suas diversões em torno da música, do teatro, dos bailes e das touradas.⁷³

Ao chegar ao Brasil em 1808, a família imperial também adaptou alguns costumes na “Corte Tropical”, elegendo determinados lugares para a prática da vilegiatura, utilizando, inclusive, mão-de-obra escrava.⁷⁴ Entre as propriedades reais

⁷² CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma pré-história do turismo no Brasil: Recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)**. São Paulo: Editora Aleph, 2007, p.176 -177.

⁷³ Idem, p. 208.

⁷⁴ Idem, p. 231

para fim de semana, destaca-se a “Bica da Rainha, de águas que se acreditava com propriedades terapêuticas, ou águas férreas, que a falecida D. Maria I frequentava com assiduidade”.⁷⁵

O uso das águas, a divulgação das mazelas e a prescrição das terapias eram responsabilidade dos médicos da Corte, que, além dessas funções, controlavam o ensino da medicina, por meio da Academia, publicando artigos doutrinários e teses científicas, os quais aderiam admiração e prestígio social aos médicos. Esses valores eram compartilhados pelos pacientes particulares que se deixavam submeter aos seus cuidados.⁷⁶ Cabe lembrar que, antes do século XIX, nem uma análise sobre a composição das águas foi realizada, o que em meio a essa vertente terapêutica, se fazia necessário, para legitimar o uso médico, não restringindo seu emprego apenas aos ditos populares.⁷⁷

Neste contexto, os dicionários de medicina popular foram um instrumento essencial para disseminar práticas e saberes aprovados pelas instituições médicas oficiais no cotidiano da população.⁷⁸ O conhecido *Dicionário* de Chernoviz, por exemplo, teve grande repercussão no Brasil, trazendo, entre outras referências, a indicação de termas, sua composição e possível tratamento a ser realizado em diferentes termas europeias, como as de Baden-Baden e Ems, ou nas brasileiras de Araxá, Caxambu e Poço de Caldas.

Em sua *Pré-história do Turismo no Brasil*, Haroldo Camargo atentou para a relação entre curismo e turismo, modalidade esta que não se manifestava de forma evidente nas práticas de lazer da aristocracia no Brasil, mas que, em contrapartida, se exprimia nas viagens para as conhecidas termas na Europa. Evidentemente, as práticas de curas termais não poderiam se restringir à Europa, pois a apreciação da água doce ou de mar no território brasileiro estava sendo descoberta e recebendo investimentos da realeza, como a construção de um hospital junto às fontes de águas sulfurosas em Cubatão, atual Caldas da Imperatriz, em frente à Ilha de Santa Catarina.

A iniciativa da realeza teria sensibilizado a população, que apoiou com donativos a edificação do prédio⁷⁹, batizando Caldas da Imperatriz com o devido nome

⁷⁵ Idem, p. 232.

⁷⁶ Idem, p. 241.

⁷⁷ QUINTELA, op.cit., p. 253.

⁷⁸ Sobre manuais médicos no Brasil ver estudo de GUIMARÃES, M. R. C.: **Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

⁷⁹ CAMARGO, op. cit., p. 256-257

após a visita e doações de D. Pedro II e Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon, em 1845.

A estação termal recebeu posteriores análises químicas em 1876 e 1883, sendo que, conforme esta última, realizada pelo Dr. José Martins da Cruz Jobim, foi constatada a falta de substâncias minerais de atividade terapêutica. Apesar da declaração, Martins Jobim acrescentou que, mesmo sem encontrar princípios preciosos não identificados através dos reagentes químicos, as águas não seriam destituídas de utilidade por aquilo que ouvira contar.⁸⁰

Em suas considerações sobre as águas da Imperatriz, Taunay redigiu relatório sobre a reputação das curas alcançadas naquela localidade, salientando que o movimento de banhistas aparecia anualmente nos Relatórios dos presidentes da província.⁸¹ Dentre as ponderações, o Visconde ressaltou a falta de cuidado no lançamento de frequência do estabelecimento, colocando em dúvida os tratamentos dos curistas, que apenas com um banho se declaravam “bons e melhorados”.⁸²

Em Minas Gerais, região onde estão localizadas três famosas fontes de águas termais no Brasil, a afamada Poço de Caldas também aponta registros de utilização terapêutica durante o século XVIII, quando a administração portuguesa lançou atenção ao “olho d’água”. No entanto, a análise da utilização das águas teria ocorrido em 1823, pelo médico Manoel da Silveira Rodrigues, de formação escocesa, que provavelmente conhecia as fontes portuguesas. Ao recolher notícias sobre Caldas, o médico teria “protestado contra abusos da gente que acorria a banhar e beber das águas sem monitoramento e conselhos médicos”.⁸³

Em 1868, a Princesa Isabel e o Conde d’Eu também procuraram Poço de Caldas, a fim de resolver o problema de esterilidade. Provavelmente, o casal real tinha conhecimento das curas ou milagres de fertilidade alcançados por outras princesas Orléans em águas minerais.⁸⁴

Apesar do conhecimento de algumas estações termais no Brasil, os banhos nas caldas europeias não saíram da rota da família imperial. Dom Pedro II, após consultas no Brasil e em Paris, foi aconselhado pelos médicos a descansar na estação de cura de

⁸⁰ TAUNAY, Visconde de. **Paisagens Brasileiras**. Brasília: Editora do Senado Federal, volume 89, 2009, p. 95.

⁸¹ Os relatórios podem ser acessados em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/santa_catarina, consultado em 15 de janeiro de 2010.

⁸² Idem, p. 97.

⁸³ MARRAS, Stélio. **A propósito das águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 27-29.

⁸⁴ Idem, p. 58.

Baden-Baden.⁸⁵ A ocasião foi matéria do jornal porto-alegrense de língua alemã, *Deutsche Zeitung*, em 23/09/1887, sob o título *O Imperador em Baden-Baden*. A descrição do assunto trazia informações enviadas pelo correspondente do *Jornal do Comércio* (RJ), repassadas em 19 de agosto daquele ano. No entanto, a ênfase do pequeno artigo é política, pois no final do texto se especula sobre a senilidade do Imperador e sobre as perspectivas da sucessão imperial.

A Majestade segue interruptamente com o uso da ducha associada aos exercícios de ginástica e de passeios. As duchas duram 8 a 10 segundos e logo seguem lavagens secas. Pela manhã, o Imperador passa lendo os jornais do Brasil e do “Journal du Debat”, assim como estudando sânscrito, hebreu e árabe, estudo que realiza a Majestade por mais de uma hora com o professor Seybold. À tarde, o Imperador assiste sempre o concerto das 4 as 5 horas na Casa de Cura (Kurhaus) e mostra uma verdadeira paixão pela música. Senhor Marime du Camp tem conversas com ele quase sempre e o imperador se deixa com prazer privar com o famoso escritor. Três vezes por semana vai o Imperador ao Teatro, onde ele utiliza um loge do grão-duque próximo ao palco.⁸⁶

Cabe lembrar que os banhos de Baden já eram famosos no período, sendo frequentados pelo Príncipe von Bismarck, pela rainha Vitória e pelo príncipe de Gales. Essa “visitação” aristocrática aos balneários termais ou marítimos foi, conforme Corbin, necessária para atrair aqueles que pertenciam ao mundo elegante, o que ocasionava, de certa forma, interesse por aqueles que almejavam a distinção.⁸⁷ Após seu tratamento termal, o Imperador, que estava acompanhado pelo político Silveira Martins, teria voltado a Paris para exercer a “civildade”, não restringindo sua viagem à sociedade termal, que vivia para ver e ser vista.

Desta forma, a sociabilidade estava formada em meio às práticas terapêuticas. Viajava-se para as termas ou criavam-se moradias confortáveis em torno das águas, a fim de frequentar com assiduidade a estância termal ou lugares com natureza privilegiada, que engrandeciam o status social ao reunir os que se distinguiam socialmente. Esta prática social acabou por tornar as estações de cura um lugar de sociabilidade, onde aconteciam jantares, bailes, jogos e passeios, atividades que se imiscuíam ao imperativo de cura.

⁸⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 435.

⁸⁶ *Deutsche Zeitung*, 23/9/1887. MCHJC/ POA/RS. Agradeço a Sílvia Marcus de Souza Correa pela referência.

⁸⁷ CORBIN, op. cit., p. 289.

O conhecimento das águas termais europeias estreitou o interesse médico-científico brasileiro, que intencionava explicar física e quimicamente o poder curativo das águas, sobrelevando-se as explicações de caráter místico ou religioso que predominavam sobre o poder curativo de algumas fontes termais no Brasil. Para isso, era preciso administrar terapêuticas adequadas, estabelecer dietas e higiene, horários de repouso, distrações e passeios românticos sob controle higiênico e científico.⁸⁸

Em seu trabalho comparativo entre Caldas da Imperatriz (SC) e Termas de São Pedro (PT), Quintela aponta o saber científico que o corpo médico necessitava obter para assim prescrever as águas minerais àqueles que necessitassem de tratamento hidroterápico. A autora também menciona duas fases na institucionalização do termalismo no Brasil, sendo que a primeira diz respeito ao século XIX, no qual ocorreu a descoberta e implantação do sistema de análise das águas, para legitimar o uso médico, evitando práticas classificadas como charlatanismo. A segunda fase, no início do século XX, diz respeito à legitimidade do saber científico, quando os próprios médicos reivindicaram e defenderam a necessidade de se criar a disciplina de hidrologia médica nas faculdades de medicina como forma de afirmar um novo território médico, que, segundo Correia Netto justificava a pouca frequência às estações de águas brasileiras, pois os próprios médicos não detinham conhecimento para prescrever esse tipo de terapia.⁸⁹

A importância dos médicos e políticos também foi notada por Stélio Marras, no caso de Poço de Caldas. Para o autor, esses foram os maiores empreendedores dos balneários e das edificações, tendo seus ativos interesses manifestados de forma acentuada na segunda fase da estação termal, quando o balneário transformou-se em um “canteiro de obras”, vindo a ser eleito o local de veraneio da melhor sociedade brasileira.⁹⁰ Este novo período, que corresponde a meados dos anos 1920, representou para a estação caldense uma mudança representativa, pois seus governantes pretendiam edificar suntuosos prédios públicos de Termas, Palace Hotel e Casino. Para que isso se concretizasse, o prefeito caldense foi enviado à Europa, em 1927, para admirar Vichy e copiar fielmente aquilo que era preciso.⁹¹

A sociabilidade em Poço de Caldas foi registrada pelo cronista João do Rio, que teria ido à estação, em 1917, sob o pretexto de observar o movimento do balneário. No

⁸⁸ MARRAS, op. cit., p. 58.

⁸⁹ QUINTELA, op. cit., p. 253- 254.

⁹⁰ MARRAS, op. cit., p. 60.

⁹¹ Idem, p. 61.

seu livro *Correspondência de uma estação de cura*, o autor escreveu cartas de banhistas que passavam temporadas nas Caldas. Curiosamente, este período esteve atrelado à Guerra, fator que impediu alguns brasileiros de partirem para a Europa em busca das águas, acabando, assim, por fazerem sua temporada em Poço de Caldas.⁹²

Minha querida amiga

Sinto profundamente que não possa vir aproveitar esta temporada de Caldas. Os motivos são justos. Mas Caldas, com a guerra, tornou-se talvez, pela primeira vez e pela última também, um ponto único de reunião, em que se encontram todos os brasileiros provavelmente da Europa, se não fosse a conflagração. Não há conforto, há a nossa sociedade.⁹³

João do Rio também salienta o aspecto dos jogos na estação termal, pois não muito diferente da Europa, os cassinos nas estações termais brasileiras foram relevantes estabelecimentos da vida mundana, mas também co-agentes no imperativo de cura e distração das mazelas, que nos momentos de prazer eram olvidados pelos curistas, os quais não restringiam o cotidiano da vilegiatura às perturbações da saúde.

Neste ínterim, é possível afirmar que a procura e o uso das águas não estavam associados apenas à prescrição médica, mas também aos prazeres da viagem e, sobretudo, às atividades lúdicas que eram proporcionadas nessas localidades. Desta forma, o período áureo do termalismo brasileiro está delimitado entre as décadas de 1930 e 1950⁹⁴, sendo que seu declínio está atrelado à decisão do Presidente da República Eunício Gaspar Dutra, que, em 1946, abruptamente proibiu os jogos, provocando o fechamento dos cassinos em todo país, e consequentemente o caos na economia das estâncias hidrominerais.⁹⁵

Se as águas termais tiveram destaque de cura, os banhos de rio com horários, tabelas de preços e outras atividades também gozaram de prestígio por parte da aristocracia e nobreza.⁹⁶ Os banhos eram em isolamento, privados e longe da sujeira das praias mais povoadas, assim como a casa onde eram realizados os banhos terapêuticos de D. João VI e da família imperial.⁹⁷

⁹² Idem, p. 142.

⁹³ RIO, João do. **A correspondência de uma estação de cura**. São Paulo: Scipione, 1992, p. 35.

⁹⁴ QUINTELA, op. cit., p. 254.

⁹⁵ SILVA, Ana Lúcia Golçalves da; BARREIRA, Cristiane Antunes. **Turismo de saúde**. São Paulo: SENAC São Paulo, Série Linhas de Pesquisa, 1994, p. 18.

⁹⁶ Sobre a utilização das águas termais e dos banhos em rio, tanto Camargo quanto Marras sublinham que os indígenas e a população local, no caso de Poço de Caldas, já possuíam conhecimento do benefício das águas, exercendo seu uso indiferente do conhecimento dos poderes curativos.

⁹⁷ CAMARGO, op.cit., p. 306.

No Rio de Janeiro, a Floresta da Tijuca foi o lugar de refúgio escolhido pela família imperial para fugir do calor e das epidemias. Conforme anotações do pastor metodista Daniel Kidder, em visita ao Rio de Janeiro entre os anos de 1837 e 1840, “a mata próxima ao rio é muito procurada, principalmente por famílias estrangeiras, para benefício da manutenção da saúde, fuga do calor e eventuais epidemias que ainda não se manifestaram”.⁹⁸

Foi por seu aspecto climático que a Tijuca tornou-se atrativo para lazer e turismo. Conforme Corbin, “foi a nobreza que iniciou a prática de vilegiatura marítima, sendo que posteriormente a burguesia passou a imitar seus desejos”.⁹⁹

A proximidade das praias marítimas e a sociabilidade em torno delas subordinou efetivamente aos banhos de mar à inglesa, como se dizia no início do século XIX. Considerados como parte de um arsenal terapêutico, prática socialmente disseminada entre aristocratas e burgueses, que a implantaram dessa maneira no Rio de Janeiro, depois de 1808.¹⁰⁰

A predileção burguesa também foi mencionada por Gilberto Freyre, que ao considerar as práticas culturais dos ingleses, notou a mudança na paisagem urbana das cidades marítimas, devido à preferência dos estrangeiros por bairros abundantes em mata ou água de rio e mar.

Sob a influência dos hábitos britânicos de conforto e de higiene doméstica, o que alterou-se no Brasil foi principalmente a ecologia das casas burguesas, passando os ingleses a preferir aos sobrados um junto do outro as residências isoladas: entre o arvoredo, como na Tijuca (RJ) ou na Vitória (Bahia); perto dos rios como em Apipucos no Monteiro, no Poço da Panela (Pernambuco) à beira-mar, como em Botafogo e Olinda.¹⁰¹

A implantação de hotéis ou restaurantes de propriedade de alemães, italianos e franceses, na segunda metade do século XIX, também visava valorizar a paisagem e a praia, dando consistência para a oferta de veraneio e lazer.¹⁰²

Desta forma, os hábitos estrangeiros, sobretudo, dos ingleses, foram modificando o cotidiano e o meio social dos brasileiros, que nos costumes dos outros descobriram o prazer dos banhos nas caudalosas águas dos trópicos. Esta prática foi notada pelo viajante holandês Quirijin Maurits Rudolph Ver Huell, que durante sua

⁹⁸ Idem, p. 271.

⁹⁹ CORBIN, op. cit., p. 287.

¹⁰⁰ CAMARGO, op. cit., p. 294.

¹⁰¹ FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2000, p. 187.

¹⁰² CAMARGO, op.cit., p. 270.

estada na cidade de Salvador desfrutou dos prazeres do banho de mar na companhia de ingleses.

Numa praia bastante aprazível, tomamos um refrescante banho de mar e, em seguida, deitamo-nos para descansar até que o almoço ficasse pronto. [...] No final da tarde, embarcamos outra vez e chegamos em São Salvador no início da noite. Eu havia acabado de passar justamente um dos dias mais agradáveis de toda a minha vida e, portanto, logo apresentei os meus agradecimentos [aos ingleses] pelo enorme prazer que me proporcionaram e pela chance de desfrutá-lo.¹⁰³

Entre os valores e comportamentos tidos como civilizados a que os ingleses deram origem no Brasil, os esportes também estiveram no compasso da adesão coletiva. Eles começaram a se esboçar lentamente antes da torrente hedonista da *Belle Époque*, por razões associadas ao desenvolvimento saudável do corpo.¹⁰⁴ Nessa doutrina, esportes como o *cricket* e o remo começam a ser praticados desde as últimas décadas do século XIX, quando a utilização das praias para fins de banho ganhou espaço e adquiriu conotações amplas, sendo cumprida pelo corpo social através das orientações médicas, ou ultrapassando esse conceito, fazendo dos banhos uma prática que os distinguiam socialmente. Ainda conforme Gilberto Freyre “o banho salgado ou banho de mar por exemplo. Um costume, essa espécie de banho ao mesmo tempo higiênico e recreativo, que se desenvolveu entre os brasileiros por influência principalmente dos ingleses”.¹⁰⁵

Com a difusão do banho de mar para fins terapêuticos, inicia-se um processo de apropriação da praia como local de lazer. Em 1896, uma crônica na imprensa alertava para a excitação e alegria de banhistas, que começaram a freqüentar diariamente a praia por prazer. Trata-se de uma mudança comportamental que afetará fortemente (e será também impulsionada) pela atuação do capital imobiliário, imprimindo a cidade um novo padrão de distribuição interna das classes sociais, radicalmente distinto daquele vigente até aproximadamente 1890, pela difusão da ideologia do morar à beira-mar como estilo de vida moderno.¹⁰⁶

Em 1861, Machado de Assis escreveu o conto *A chave*, cujo cenário é a praia do Flamengo. Nesta praia o autor observou a prática social em torno da orla marítima. Intitulado pelo próprio escritor como um “conto marítimo”, Machado descreve o encontro da deslumbrante nadadora Marcelina e do “pretendente a chave de sua

¹⁰³ VER HUELL, Q. M. R. **Minha primeira viagem marítima (1807-1810)**. Salvador: EDUFBA, 2007, p.214.

¹⁰⁴ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Do espaço colonial ao espaço da modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro**. Script Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona, nº 45(7), 1 de agosto de 1999, p. 5. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-45-7.htm>, consultado em 7 de dezembro de 2009.

¹⁰⁵ FREYRE, op.cit., p. 222.

¹⁰⁶ JESUS, op.cit., p. 6.

fechadura”, Luís Bastinhos. Marcelina é quem conduz a muitos detalhes em torno da orla, é através dela que é possível perceber vestígios de uma vilegiatura à moda europeia nas areias brasileiras. Seguem, nas palavras do autor, algumas particularidades: “Marcelina levantou a cortina da barraca”; “usava roupa que só dá elegância a quem já tiver subido em grau”; “não calçava sapatos de banhos, por costume ou vaidade, porque sapato esconderia os pés mais graciosos de todo o Flamengo”; “a cabeça também não leva coifa”, “tem os cabelos úmidos trançados, em parte atados e flanela grudada ao busto”. Como é possível perceber, é nas atitudes e características externas de Marcelina que os códigos de pudor vão sendo desvelados, pois a banhista não se intimida com o corpo que fica exposto após o mergulho no mar, ao contrário, nota-se que a própria renuncia o recato ao abandonar o uso das sapatilhas.

Entre os personagens que nos revelam aspectos interessantes a se observar na historieta, está o moleque José, que acompanhava Marcelina ao mar, e o pai da moça, major Caldas, que lia o *Jornal do Commercio* na orla, enquanto a filha dava seu espetáculo à procura de um amor. Estes dois personagens coadjuvantes também dizem muito sobre a origem social da banhista, já que seu pai é major e ela dispunha de um auxiliar para os banhos, provavelmente escravo, pois o mesmo se referia a ela como sinhá-moça.

No conto, o imperativo médico dos banhos de mar não é mencionado com evidência, porém a orientação medicinal pode ser notada pelo horário dos banhos, caracterizado pelo autor através da luminosidade, como fica claro no encontro de Marcelina com Bastinhos, quando “o sol, que já então aparecera iluminava-a nessa ocasião”, e na conversa de ambos, na qual Marcelina confessa “que o banho do mar seria excelente, se não a obrigassem a acordar cedo”.¹⁰⁷ Conforme Urbain, esta familiaridade de Marcelina com o mar também se caracteriza como uma transgressão, pois o banhista por ele mesmo descobre as agradáveis sensações físicas, se estonteando de prazer, estreando “naturalmente” emoções e excitações aquáticas.¹⁰⁸

Ainda nos aspectos ressaltados por Machado de Assis, também é possível perceber que o teatro social da vida carioca se representava à beira-mar. Estas características do uso do mar, a normalização do banho, a moda marítima e a exibição dos corpos já aparecem na segunda metade do século XIX, porém, a expansão e a

¹⁰⁷ ASSIS, Machado de. **A chave**. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn083.pdf>, consultado em 22 de julho de 2009.

¹⁰⁸ URBAIN, Jean-Didier. **Sur la Plage : mœurs et coutumes balnéaires (XIX–XX siècles)**. Petite Bibliothèque Payot: Paris, 2007, p. 147. Tradução nossa.

ocupação das praias de mar tiveram destaque a partir do século XX, quando nasce outra cultura da praia.¹⁰⁹

Dentro deste contexto, cabe destacar que no final do século XIX o prestigiado escritor português Ramalho Ortigão, autor dos livros *As Praias de Portugal e Banhos de caldas e águas minerais*, foi convidado pelo editor do jornal carioca *Gazeta de Notícias* para publicar suas notas de viagem. As crônicas que foram reproduzidas a partir de 1878 tinham como tema constante a novela da vida mundana, a vilegiatura e a cura e as experiências modernas de viagem. Essas notas concedidas por Ortigão após a visita às cidades e vilas de recreação ou terapia, interessavam ao público brasileiro pela aludida modernidade, pois o escritor português exortava, admirava, desdenhava, deslumbrava, ironizava, detestava e julgava sempre, descrevendo os pormenores das localidades.¹¹⁰

Segundo Ortigão, “fosse do mar, do rio, das fontes ou simplesmente no pano úmido a percorrer toda a superfície da pele, a água reina em toda a sua positividade”. Portanto, as águas deveriam ser usadas fartamente para o bem do corpo orgânico e do progresso da civilização.¹¹¹

Certamente as crônicas de Ramalho Ortigão suscitaram em alguns brasileiros o desejo de viagem aos banhos em águas termais ou marinhas, inspirando, sobretudo, a possibilidade de edificar uma estação balneária de estilo europeu em terras tropicais, atenuando as viagens à Europa.

Se no final do século XIX alguns poucos já procuravam as praias de mar, o despertar do século XX tornou o desejo pela costa mais próximo de uma pequena parcela da população brasileira, que, além da prática medicinal, passou a acompanhar as políticas higiênicas, sanitárias e morais que começaram a ser implantadas no país. Neste período, algumas cidades litorâneas também passaram por remodelações, sendo reestruturadas para facilitar o acesso ao mar. Além disso, com o avançar das décadas aumentou o fluxo de banhistas às praias, modificando constantemente a forma de apreciação do mar.

Uma praia, um grande hotel, um cassino, uma igreja, uma linha férrea e uma cidade balnear. Essas características presentes na literatura marítima, em representações pictóricas ou em cartões-postais, lembram muito as estações localizadas na Europa.

¹⁰⁹ CAMARGO, op.cit., p. 309.

¹¹⁰ MARRAS, op.cit., p. 126.

¹¹¹ Idem, p. 127.

Porém, este balneário não é inglês ou francês, ele existiu no Brasil, mais precisamente no estado de São Paulo.

A praia do Guarujá, em Santos, foi organizada pela Companhia Balneária *da Ilha de Santo Amaro*, e fazia parte de um plano de urbanização na localidade, que estava ligado ao conselheiro Antonio Prado, seu cunhado Elias Chaves, empresários urbanos de sucesso e produtores de café que formavam um grupo econômico ligado à empresa *Prado, Chaves e Cia*, que decidiu construir um empreendimento balnear.

Sob direção de Elias Fausto, engenheiro formado nos Estados Unidos pela Universidade de Cornell, a elaboração do projeto da cidade se assemelhava aos empreendimentos turísticos norte-americanos, mais precisamente da região de Rhode Island. O plano urbanístico incluía grande hotel, linha férrea e 46 casas residenciais, em modelo chalé, de madeira de pinho da Geórgia, cobertas com telha de Marselha, que foram importadas dos Estados Unidos.

O hotel possuía dois andares, cinquenta quartos, salões, barbearia e sala de leitura. Na frente, era cercado por uma grande varanda, tendo em seu segundo andar três torres mirantes. Em 1897, o hotel foi destruído por um incêndio, e, anos mais tarde, em 1911, o conselheiro Antonio Prado vendeu o conjunto Guarujá ao grupo econômico Percival Farquhar, que construiu no mesmo local outro hotel com maiores proporções, e cerca de 220 apartamentos. O *Grand Hôtel de la Plage* oferecia apartamentos com terraços, paisagem com vista para o mar, água quente e fria, aparelhos telefônicos, e toda instalação luxuosa do período.

A organização da cidade balnear também dispunha de um pavilhão para banhos e uma piscina de água doce para os pudorosos ou temerosos ao banho de mar. Já o balneário possuía cabines móveis, igualmente importadas dos Estados Unidos, que ficavam uma ao lado da outra dentro do mar, onde os banhistas poderiam se abrigar e trocar suas vestimentas com privacidade.¹¹²

¹¹² <http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/glendasnm.htm>, consultado em 12 de janeiro de 2010.



Imagem 9: Carros de banho na praia do Guarujá, Santos/SP, 1897.¹¹³

Assim como as praias francesas de Trouville e Deauville, que tiveram seu Eugène Boudin e seu Eduard Monet, o Guarujá também teve seu balneário representado por um pintor. Benedito Calixto retratou a cidade marítima com seu hotel, cassino e exuberante jardim à beira-mar em apreciação de alguns passeantes.¹¹⁴

Sobre as telas de Calixto no Guarujá, poucas informações encontram-se disponíveis, porém é possível deduzir que o pintor certamente era um frequentador daquele balneário. Contudo, não é possível inferir se o mesmo esteve no local por recomendação médica, como era comum no período, ou apenas com outras finalidades. Sobre Calixto no Guarujá, só se sabe que ele foi um “pintor à beira-mar”.¹¹⁵

¹¹³ Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/glendasnm.htm>, consultado em 15 de junho de 2010.

¹¹⁴ Idem, Ibidem.

¹¹⁵ Sobre as telas de Calixto há a seguinte referência: SOUZA, Marli Nunes de. **Benedito Calixto: um pintor à beira mar**. Santos: Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, 2002. Não foi possível consultar esta obra, pois a edição está esgotada e não se encontra disponível em nenhuma biblioteca da região.



Imagem 10: Reprodução: Benedito Calixto - Um pintor à beira-mar - A painter by the sea, edição da Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, agosto de 2002, Santos/SP.

Com o avançar do século XX, o Guarujá continuou movimentando muitos banhistas à cidade, onde eram promovidos bailes carnavalescos e outras festividades. O cassino atraía igualmente um grande número de hóspedes, que deixavam suas somas nas roletas. A cidade balnear que se manteve ativa até meados da década de 1960, teria decaído em função da proibição dos jogos de azar, quando o fluxo de banhistas passou a diminuir constantemente.¹¹⁶

Nas primeiras décadas do século XX, a costa marítima do país passou a ser apreciada gradativamente por banhistas, que realizavam os banhos salubres ou uma “simples” vilegiatura. Entretanto, eram poucas as cidades marítimas que possuíam estruturas balneares como a de Santos. Contudo, este despertar para a orla marítima foi reorganizando o plano urbanístico e social de algumas cidades marítimas. O fenômeno, ocorrido em praticamente toda costa brasileira, vem sendo registrado por alguns estudos, porém a vilegiatura marítima no caso do Brasil, um país costado pelo oceano, ainda carece de maiores investigações.

A relação entre litoral como remédio ou passeio nas primeiras décadas do século XX, foi analisada por Thales de Azevedo em seu capítulo “*As praias, espaço de sociabilidade*”. Os banhos salgados são mencionados pelo autor nas memórias de Gregório de Mattos, que, sem necessariamente ter se banhado, conta sua excursão a

¹¹⁶ <http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/glendasnm.htm>, consultado em 22 de janeiro de 2010.

Salvador no século XVII.¹¹⁷ Azevedo salienta a frequência individual ou de discretos grupos pequenos à praia, relacionando os banhos medicinais, tomados de madrugada ou no nascer do sol, às práticas europeias conhecidas desde a antiguidade. Já no século XIX, o viajante Ver Huell, durante sua viagem a Salvador, destacou os banhos aristocráticos realizados pela Condessa da Ponte.

Em uma destas ocasiões, ficamos sabendo que uma bela chalupa de toldo que, eventualmente, de manhã cedo, víamos passar remando ao lado do nosso brigue, era justamente a chalupa na qual a senhora Condessa da Ponte dirigia-se com algumas damas para o cabo de Santo Antônio, para ali tomar um banho de mar.¹¹⁸

A baronesa Langsdorff, em sua viagem ao Brasil em meados do século XIX, também acusou em seu diário a prática e o prazer da vilegiatura marítima.

Terminamos nossos banhos de mar. Foi uma grande diversão durante algum tempo, mas agora dele não dispomos mais; além disso, dizem que não faz mais tanto calor, no que absolutamente não acreditamos. Conseguíramos que nos dessem permissão para entrar na chácara que fica acima da Glória, e os proprietários tinham até posto à nossa disposição um pequeno cômodo à beira-mar, onde encontramos cabaças cheias de água doce e poltronas de junco confortáveis. Era prazeroso não apenas o banho de mar, mas também o passeio que era preciso fazer para se chegar lá. Levantávamos às cinco horas; o ar era, então, de uma frescura que, depois, não encontrávamos mais. Meu marido ia à frente com seu traje branco, seu chapéu de palha, eu, atrás dele, seguida por Aurélie e minha negra, que levava roupas de banho num cesto. Chegados à porta da chácara, nada era tão lindo como o que se nos descortinava: uma pequena vereda margeava uma praia de areia fina que as ondas vinham acariciar ao morrer. Havia por todos os lados bananeiras muito altas e, de longe em longe, elevavam-se algumas palmeiras. Embora a distância que levava à beira-mar fosse muito pequena, havia vários bancos para repouso, a intervalos, e deles nos aproveitamos, diversas vezes. Víamos de lá o sol sair do mar, o céu se descolorir com os tons mais variados, depois as agulhas da serra dos Órgãos se desenhar contra o céu e recortá-lo com linhas de um azul muito pálido, mas bastante nítido. De repente, todos os navios do porto surgiam de súbito, libertos de uma bruma transparente. Nunca vi aqui nada que se assemelhasse mais às descrições da natureza de Bernardin do que essas manhãs, ao nascer do sol, na beira do mar.¹¹⁹

A imposição terapêutica, segundo Azevedo, valorizou a especulação imobiliária nas imediações dos balneários e das casas de saúde, que anunciavam no *Jornal da Bahia* no final do século XIX, seus métodos de cura através de banhos, vapor e

¹¹⁷ AZEVEDO, Thales. **Italianos na Bahia e outros temas**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989, p. 90. Agradeço à professora Núncia Constantino pela referência do livro.

¹¹⁸ VER HUELL, op. cit., p. 127-128.

¹¹⁹ LANGSDORFF, E. de. **Diário da Baronesa E. de Langsdorff relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S. A. R. o Príncipe de Joinville (1842-1843)**. Santa Cruz do Sul: Edunisc/Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p.153-154.

choques.¹²⁰ Apesar desta ocupação inicial, um editorial de 1917 criticava a vilegiatura baiana, apontando os elementos que as praias de banhos ainda não possuíam.

Não havia sequer barracas de aluguel para mudança das vestes apropriadas, aprovisionamento de aparelhos de natação e salvamento, zonas delimitassem anteparo e resguardo contra pegos traiçoeiros e as iras súbitas do oceano, profissionais banhistas e quanto ainda se faça mister. Aos que vão a banhos para tratamento ou recreio, falta-lhes tudo.¹²¹

As idas iniciais à maré requeriam determinados cuidados com a pele, que era protegida do sol através dos horários de banhos matutinos ou vespertinos. A vestidura à moda europeia, “de lã grossa, pesada, a beata, em geral azul-marinho com dubrums de soutache branco, uma calça fofa ajustada no tornozelo, um amplo casaco descendo até o joelho, mangas compridas ou pelo menos até o cotovelo e gorro na cabeça”¹²² cobria pudicamente e aquecia os corpos nos banhos de águas frias, protegendo as peles brancas dos raios solares.

Com o avançar das décadas, a modernidade ecoou na orla marítima refletindo audazmente: “mostram-se as costas, as axilas, às vezes as coxas, sugerem-se as nádegas”.¹²³ As roupas masculinas também passam por modificações, e o “calção que ia da barrigada a perna”, passa a ser colado no corpo.¹²⁴

A nova forma de apreciação do mar e a mudança dos trajes de banho foi destaque de capa na sexta edição do primeiro ano da revista *O Cruzeiro*, de 1928, na qual a novidade do maiô curto é ilustrada nas vivas cores das banhistas na praia de Copacabana.¹²⁵

Com a chegada da modernidade, cidades grandes ou pequenas, com o discurso substituído pelo da modernização, alteraram seus espaços que, urbanizados, passaram a ser mais frequentados pela população. Essa urbanização também alcançou as cidades litorâneas, onde os banhos de mar, adotados pelos médicos para benefício da saúde, continuaram a ser prescritos na intenção de fortificar e repor a energia, visando corrigir os males da civilização.

¹²⁰ Idem, p. 91.

¹²¹ Idem, Ibidem, p. 95.

¹²² Idem, Ibidem, p. 92.

¹²³ Idem, Ibidem, p. 96.

¹²⁴ Idem, Ibidem, p. 98.

¹²⁵ A Capa pode ser visualizada em: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/>; consultado em 4 de dezembro de 2009.

O uso da praia como novo espaço de sociabilidade começou a aparecer nas revistas ilustradas do Rio de Janeiro, onde suas imagens e reportagens acompanharam as mudanças de uma cidade urbana, que passou a desfrutar dos prazeres da orla marítima.

As praias deixam de ser vistas como local de tratamento de saúde, para serem aproveitadas como espaço de lazer e exposição ao sol e aos olhares insistentes dos iguais: “O termômetro começa a bater 38, 39 e 40 graus. A cidade, alarmada e confrateira, boceja, espreguiça e protesta. É verão, decorativo e insuportável. Claro, alegre, colorido, o verão enfeita a paisagem urbana com as tintas quentes dos trópicos ... O Rio por este tempo tem um divertimento: esquecer o mundo! Exclamou Mille Nageuse, entre duas ondas verdes e envolventes do posto Quatro (O CRUZEIRO, 24/11/1928).¹²⁶

Se, inicialmente, o uso do tempo livre estava referenciando à burguesia, com as reformas urbanas os espaços se popularizaram, implicando em transformações na sociabilidade coletiva. Esta característica foi notada principalmente pelos jornalistas e cronistas, que com a modernização da imprensa, ampliação e circulação dos jornais “tornaram-se prescritores de hábitos, ditadores de novas modas e comportamentos, passando também por condenar as atitudes que destoam do imperativo maior que se constituíra em fator dinâmico por excelência dos novos tempos: o crescente processo de mercantilizarão das relações sociais”.¹²⁷ Logo, a praia tornava-se pauta das colunas impressas, sendo as distinções das classes sociais notadas de uma praia para outra pelos críticos no Rio de Janeiro dos anos 1920.

Ir à Praia das Virtudes para o morador da Lapa, não era o mesmo que um morador de Botafogo freqüentar o Balneário da Urca. Para os primeiros, o importante era a farra; para outros, o que valia era ver o ser visto. Na crônica “Da praia do Flamengo ao Balneário da Urca”, assinada por Leão Padilha, essa distinção fica clara: “PRAIA DO FLAMENGO: Domingo de manhã, os banhistas do Flamengo chegam mais tarde do que os da Lapa e saem mais cedo do que os de Copacabana. Às 10 h, aquele pedacinho de areia fica que nem formigueiro, cheio, muito cheio (...). Uma pequena faz maravilhas acrobáticas nos braços de um sportsman! Bóiam pares abraçados dentro de pneumáticos de automóveis... Na calçada vendem água doce para tirar o sal, o guarda-civil passeia para lá e para cá medindo a moralidade das roupas. PRAIA DE BOTAFOGO: Pouca gente. Criadas e funcionários das quitandas de bairro aficionados do sport. O pessoal chic vai mostrar suas toilettes no Balneário da Urca, e deixa a Enseada tranqüila para a criadagem que não teve tempo para tirar o pó do Flô do Abacate. BALNEÁRIO DA URCA: Supra sumo do chic. Fora ficam os carros esquentando ao sol. Lá dentro aqueles 50 palmos de areia regurgitam... Em cima, dança, flirt e cocktail (...). Uma ‘jazz-band’ comunica tremura coreográficas aos corpos quentes (...). Lá embaixo

¹²⁶ MAUAD, Ana M. Sob o signo da imagem: sociabilidade e cultura urbana nas Ilustradas Cariocas. In: **Cidades: história, mutações, desafios**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007, v. 1, p. 30.

¹²⁷ ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república**. Dissertação de Mestrado defendida na PUC-SP, 1989, p. 118.

há cubículos para trocar de roupa e outros misteres mais íntimos (...) a empresa não fiscaliza nem tampouco a polícia. Na areia senhoras respeitáveis, a julgar pela pintura e pelo volume, conversam coisas graves e fumando cigarros turcos. Rapazes ensinam ginástica a seco e dentro d'água. Mais tarde, o balneário perde esse aspecto familiar da manhã, o jazz-band ataca músicas mais frenéticas, os cocktails ganham ingredientes mais fortes e o 'flirt' é mais íntimo. Dentro da água ensina-se a nadar com menos inocência (...), fala-se alto (...) onde os rr franceses arrastam na gíria da moda, as exclamações das revistas alegres do Carlos Gomes e do Recreio (...) Não se ouve falar em cocaína, morfina ou ópio (...). PRAIA DAS VIRTUDES: No lencinho de areia perdido no mar (...), a promiscuidade é estonteante. A salada tem gosto de tudo – laranja de turco, cebola de português, macarrão de italiano, banana de brasileiro. Frequentam essa praia moradores da Lapa, Sta. Luzia e todas as pensões do Centro. E por fim. A praia do Caju: todos vão à praia e tomam o seu banho de areia, de sol e de água suja..." (RIO ILUSTRADO, Ano I, out - dez, 1928).¹²⁸

Na revista *Careta* de 1928, outra observação de um cronista traduz a beleza da paisagem, as roupas e os corpos, trazendo os ideais da civilização e da vida moderna nos trópicos, utilizando-se mais uma vez de moldes estrangeiros para se sustentar.

Copacabana pela elegância e pela beleza é um encantamento. Naquela harmoniosa paisagem azul, onde o mar quebra na curva graciosa da praia civilizada, as suas ondas mais envolventes é um autêntico espetáculo de elegância o que se vê, de manhã e de tarde, nas barcas, na areia, dentro d'água, no banho e no 'footing'. Roupas de banho que parecem importadas de Aber Crombie e Fitch, capas e kimonos ornamentais que lembram Biarritz e o Lido de Veneza e as sombrinhas que Dameyer assinaria, e caritas contentes e corpos perfeitos – eis o que forma para os olhos de todos, o panorama civilizado do verão carioca. (CARETA, 15/11/1928, p. 27).¹²⁹

Na dualidade habitação e diversão, Copacabana era um bairro populoso, onde a modernidade foi fruto de empreendimento imobiliário de cunho capitalista, que rapidamente foi absorvendo tudo o que havia de novidade, seja nas formas arquitetônicas, nos materiais de construção ou nos hábitos e costumes.¹³⁰ Ainda nas considerações de Ana Maria Mauad, as praias, ao contrário dos espaços privados, não barravam, elas tinham acesso liberado, pois “não havia porteiros que barrassem os pobres que quisessem entrar em praias elegantes, o que interditava era o próprio universo de signos que, não sendo o mesmo para os dois grupos, atuava como uma barreira cultural”.¹³¹

¹²⁸ MAUAD, op.cit., p. 31.

¹²⁹ Idem, p. 32.

¹³⁰ Idem, p. 31-32.

¹³¹ Idem, p. 31.

Nos anos vinte o “footing” da avenida Central transfere-se aos poucos para os mergulhos em Copacabana. Neste espaço, o uso de adornos, objetos de distinção e um vocabulário de expressões importadas produzem um outro sistema de moda que associava espaço urbano, natureza e objeto num novo código de representação social. Pois não exalta somente o panorama arquitetônico, a natureza – o mar, a areia e os morros – passa a ser relacionada ao conceito de civilização, à medida que é vivenciada de uma forma e não de outra.

Um mundo de “kimonos de seda, capas de cores fortes, mantas de arabescos difíceis, chalés espanhóis, echarpes vaporosas, vestidos claros e leves e “maillots de todas as cores e feitios” compunha nas palavras do cronista de O CRUZEIRO (1/12/1928).¹³²

A travessia de uma década exibiu mudanças na orla marítima, e a chegada dos anos 1930 apresentou os ajustes dos banhistas às suas necessidades. A ida à praia transformou-se num fenômeno popular, de convívio entre amigos e conhecidos, de prazeres lúdicos, no qual os corpos estirados na areia buscavam o bronzeado, tom da moda, que juntamente com a exaltação dos formosos corpos curvados e saudáveis buscavam seu espaço, que agora não mais se delimitavam a distinção das classes.¹³³ A praia, com suas adaptações, passou a ser lugar de todos.

Dentro dessa tendência de incorporar o popular à imagem carioca, as praias transformam-se. Havia se tornado impossível manter a antiga hierarquia percebida nos anos vinte. As imagens da praia retomam os tradicionais significados de saúde, higiene e vida ao ar livre, associando-os a um novo padrão de beleza, que visava a incorporar imagens nitidamente populares. O tom bronzeado na pele e a ideologia do “morar à beira-mar”, juntos, compunham uma nova representação social da classe dominante.

Mesmo nas horas caniculares em que o sol queima a praia ainda é boa e é benéfica. Faz bem até mesmo a carícia escaldante dos raios iodo-violeta, que dão a pele esse moreno bronze tão da atualidade e tão do gosto de toda a gente” (O CRUZEIRO, 18/2/1933). Uma imagem que passa a ser perseguida por todos aqueles que queriam ser reconhecidos como cariocas e de se sentir inseridos na cultura burguesa. No espaço da praia convivia o “elegante” e o trabalhador, o “chic” e o suburbano, o “up-to-date” de Copacabana e o “burguês” da Tijuca e criava-se a ilusão de igualdade pelo livre acesso ao mesmo espaço.

O universo de signos que interditavam o convívio na década anterior havia se transformado, na medida em que a própria classe dominante assumiu comportamentos e uma estética, influenciados por imagens reconhecidamente populares. Todos podiam e deviam ir à praia. Não existia mais diferença social, o “banho de mar está ao alcance de todos”, noticia O Cruzeiro em fevereiro de 1933: “O cidadão que mora a dois passos da praia, aquele que tem casa em Botafogo ou em Copacabana, pode facilmente valer-se de todos os recursos que as praias lhe oferecem de casa à borda do mar. Ele não gasta mais do que 5 minutos (...). Mas como fazer o carioca que reside nas partes mais altas, na Tijuca, por exemplo? Tinha um recurso: meter-se num

¹³² Idem, Ibidem, p. 31.

¹³³ As fotografias de Pierre Verger em Copacabana dos anos 1940 mostram as praias do Rio de Janeiro sendo apreciadas por numerosos corpos estirados na areia, disponível em: http://www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_wrapper&Itemid=176, consultado em 15 de março de 2010.

automóvel e rumar para a praia. Acontece, porém, que o automóvel, nesta época de crise, vai ficando uma coisa rara, um verdadeiro objeto de luxo. Quando tem carro o assunto está resolvido, mas quando não tem? Havia um recurso: paramentar-se, enfiar um tenro, descer e mudar de roupa num club, na casa de um conhecido, numa barraca alugada. Mas o quanto isso era incômodo! E o resultado era que, nesta época de calor, quando o mar apetece tanto quanto um sorvete, o burguês da Tijuca ou dos bairros limítrofes não tinha a felicidade de gozar das areias e de um banho de sol. Felizmente veio para resolver o problema o serviço de ônibus para as praias que a viação Excelsior estabeleceu. À hora certa, o cidadão tijuquense, no seu maillot e cercado pela família, espera que passe o ônibus – uma espécie de carro particular a seu dispor” (O CRUZEIRO, 18/2/1933).¹³⁴

Não foi apenas no Rio de Janeiro que mudanças no espaço urbano foram realizadas. Em Florianópolis, a “invenção do litoral” também esteve atrelada às reformas e reajustes sociais durante a Primeira República. Neste período, a cidade sofreu significativas transformações, desde a mudança de seu nome até reformas urbanas e democratização dos espaços, que eram divididos entre pescadores, vistos e tratados como minoria, e elite local, formada por boa parte dos imigrantes açorianos que chegaram à ilha em meados do século XVIII.

Para o caso do Desterro, Araújo estudou em sua dissertação cinco pontos importantes da reestruturação da ilha, mostrando primeiramente a sua remodelação, que envolveu aspectos como a demolição de habitações julgadas insalubres, construção de prédios públicos, abertura e pavimentação de ruas e avenidas, ajardinamento de praças, instalação das primeiras redes de água encanada, energia elétrica e esgotos. Essas medidas estiveram presentes nos discursos das autoridades governamentais, dos médicos e de cronistas que escreveram sobre situações e hábitos que consideraram carentes na sociedade catarinense.¹³⁵

As mudanças e as reformas realizadas no decorrer dos anos 1910 contaram com os serviços da Fundação Rockefeller, e estavam pautadas nos valores de uma modernidade e de uma racionalidade científico-higiênica europeia, acolhidas no Brasil com intensidade na virada do século XIX. Nesse sentido, nos territórios constituídos pelas novas formulações pedagógicas e sanitárias, a medicina social e as políticas higienistas apresentaram-se como elementos de importância estratégica junto às transformações sociais verificadas nos centros urbanos.¹³⁶

Mesmo com as mudanças nas primeiras décadas do século XX, a modernização na cidade de Florianópolis foi assinalada por uma série de práticas e discursos que,

¹³⁴ Idem, p. 37.

¹³⁵ ARAÚJO, op.cit., p. 16.

¹³⁶ Idem, p. 20.

juntamente com as manifestações, produziram a necessidade da modernização da capital do estado. As mesmas implicaram na emergência de problematizações a respeito das condições de vida e dos costumes de seus habitantes.¹³⁷ Estas questões estavam voltadas tanto para a população pobre quanto para os abastados, que, nos marcos da urbanização e dos critérios estéticos, distinguiram socialmente burguesia e massa de proletariados, agricultores e pescadores. Essas atitudes, segundo Araújo, constituíram formas de comportamento e hábitos da elite local, enquanto práticas de vida cotidiana que diziam respeito aos afetos, aos cuidados com o corpo, à moral da família, com as reservas da vida privada, com a aparência, com as relações públicas nas ruas, no teatro, nos clubes, com outras famílias e com os demais grupos sociais, que no seu processo de diferenciação forjava o outro.¹³⁸

Foi através desses códigos morais que se configurou o outro e as diferenças entre trabalhadores e abastados. Os espaços públicos também permitiram delimitar os limites entre a privacidade familiar e afetiva das práticas de sociabilidade entre as elites no espaço urbano. Logo, era nos encontros públicos que se praticavam os rituais de polidez nas falas, nos gestos e nas demais manifestações, como a postura e os códigos assépticos dos preceitos higienistas-reformadores.¹³⁹

As transformações da cidade implicaram em novos hábitos, novas representações e novos comportamentos nos consideráveis segmentos da população que crescia lentamente. Com a chegada desses novos modos registra-se o início dos banhos de mar pela população urbana, “uma prática que em 1916 não era comum a catarinense que não pode se acostumar à higiênica elegância dos banhos de mar”, mas que em 1923 já era um hábito das cidades civilizadas do litoral, fazendo parte da toilette.¹⁴⁰

O banho de mar na ilha de Santa Catarina firmou-se na década de 1930, acompanhando o discurso da civilização, no qual os hábitos higiênicos eram enfatizados no intuito de combater as epidemias e os miasmas. Apesar de tardio, os banhos de mar em Florianópolis tiveram igualmente uma apreciação elitista, que com o tempo se popularizou. Este fenômeno foi atribuído por Sérgio Luiz Ferreira à imprensa jornalística, que teria incutido na sociedade florianopolitana uma nova mentalidade e novos hábitos, importados do Rio de Janeiro e da Europa, que teriam sido assimilados

¹³⁷ Idem, *Ibidem*, p. 30.

¹³⁸ Idem, *Ibidem*, p. 35- 36.

¹³⁹ Idem, *Ibidem*, p. 40.

¹⁴⁰ Idem, *Ibidem*, p. 46.

por aqueles que tinham acesso ao jornal, sendo que onde o jornal não chegava os banhos não teriam se popularizado.¹⁴¹

A constatação de Ferreira apresenta algumas falhas, pois o mesmo não levou em consideração o fato da dimensão da ilha que, segundo ele, só teve determinados lugares urbanizados e viabilizados ao público a partir da década de 1970.¹⁴² O número de alfabetizados residentes nas localidades praias da ilha, notados no estudo de Araújo¹⁴³, também não foi apresentado por Ferreira, que não cogitou a hipótese da imprensa acompanhar as práticas sociais.

Outro fator relevante a destacar nas afirmações de Ferreira são as influências dos banhos de mar, apresentadas como uma importação da Europa e do Rio de Janeiro. Como demonstra o autor, a partir da década de 1930 já existia um desejo por parte dos governantes em criar um balneário de estilo europeu na ilha, pois os mesmos alegavam que no Sul, descendo o Guarujá, não existia uma estação marítima que pudesse agradar os turistas em potencial do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.¹⁴⁴

É importante ressaltar que nestes países os banhos de mar já eram praticados desde o final do século XIX, sendo que as mesmas possuíam balneários de estilo europeu¹⁴⁵, que Florianópolis nunca construiu, deixando de se assimilar tanto as praias européias como as do Rio de Janeiro.¹⁴⁶

Em Florianópolis, as três primeiras décadas que correspondem às transformações na paisagem e a introdução de novos modos de relacionamento social, foram pautadas pelos valores da sociabilidade burguesa, que buscavam superar um passado que, nos mesmos códigos da racionalidade burguesa, eram configurados como uma situação atrasada e colonial, que urgia superar com a instauração do Regime Republicano.¹⁴⁷

¹⁴¹ FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora das Águas, 1998, p. 70.

¹⁴² Idem, p. 95-113.

¹⁴³ ARAÚJO, op.cit., p. 116- 119.

¹⁴⁴ FERREIRA, op.cit., p. 73.

¹⁴⁵ Como o Villa Sequeira, em Rio Grande, Villa Geissel, na Argentina e Pocitos no Uruguai.

¹⁴⁶ Conforme o estudo de Ferreira, as praias na ilha não possuíam hotéis para recepcionar os intencionados em fazer o repouso das fadigas, nem serviço de transporte para muitas localidades e salvavidas, que passou a ocupar algumas praias somente em 1964.

¹⁴⁷ ARAÚJO, op. cit., p. 84-85.



Imagem 11: Interação étnico-social entre uma família alemã de Blumenau (SC) e pescadores. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau, Santa Catarina.

O período republicano fez irradiar no país um crescente desenvolvimento econômico que, conseqüentemente, modificou a paisagem das maiores cidades brasileiras. Porém, em Santa Catarina esta fase inicial da República não se fez acompanhar de grandes inflexões ou de modificações econômicas, pois não existia na cidade um produto básico para exportação.¹⁴⁸ Tal atraso da cidade foi tratado por escritores, jornalistas, críticos, poetas e historiadores, que, portadores de uma “verdadeira consciência” da realidade local, se viram no direito e dever de estabelecer uma reflexão crítica acerca do ambiente sócio-cultural da região. Com esses discursos, os produtores oficiais do saber achavam que poderiam superar o “marasmo” e o “atraso” identificados por eles em toda parte.¹⁴⁹

Neste sentido, o homem do litoral foi constituído como um indivíduo decadente, sendo que nessas imagens negativas da população pobre foram inseridos os pescadores, que na visão de um reconhecido escritor da academia catarinense, “teria no sangue aquele mole fatalismo das raças sem vontade”, elemento que, assim como “essas praias batidas de ventos e de neblinas”, seriam os mais “agudos aspectos que constituem, com inexorável determinismo, o todos-os-dias de um povo triste e sem esperança”.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Idem, p. 88

¹⁴⁹ Idem, Ibidem, p. 110.

¹⁵⁰ Idem, Ibidem, p. 128.

Conforme Ferreira, as praias foram recebendo infra-estrutura para o período de banhos, sendo que as aldeias de pescadores não tinham a menor condição de vida digna, sofrendo com a pobreza e a falta de assistência.¹⁵¹

Nesses discursos pautados pelas práticas reformistas, como as obras públicas, as práticas de moralização dos costumes, higienização e disciplinarização social, o habitante do litoral, especialmente aquele que fazia parte dos segmentos pauperizados da cidade, foi configurado, objetivado –inventado– como um tipo específico, ou uma sub-raça, conforme se dizia na época, que portaria características essencialmente negativas identificadas pelas concepções e pelas práticas científicas de organização social.¹⁵²

A partir do momento em que os banhistas passaram a ocupar com maior frequência a orla marítima, a relação entre pescadores e veranistas tornou-se mais hostil. Os primeiros instalaram-se anteriormente à moda dos banhos de mar, tendo nas águas sua sobrevivência. Com a chegada dos veranistas, algumas praias começaram a ser habitadas e, conseqüentemente, o desenvolvimento do comércio, a construção de hotéis, casas de jogos, cafés, entre outros, subordinou a atividade dos pescadores ao estilo de vida dos novos habitantes. Desta forma, o “nativo” obrigou-se a acatar os novos padrões impostos pelo outro, vendendo sua força de trabalho aos comerciantes e até mesmo aos próprios moradores, que necessitavam de serviços domésticos, jardinagem e afins.¹⁵³

Os banhistas, por seu turno, não se beneficiavam apenas dos banhos de mar, do sol e dos bons ares mas, também, do próprio espetáculo da beira-mar, da deslumbrante paisagem de imensidão e das atividades que nela têm lugar – ou seja, a pesca e tudo o que com esta se relaciona: o bulício característico em redor dos palheiros, os barcos coloridos a galgarem as ondas, a azáfama que rodeia a chegada das redes, o exotismo dos gestos e dos costumes, da linguagem e do trajar daquela gente tão pobre... E mesmo após a implantação da indústria turística moderna, depois do enorme desenvolvimento dos espaços de lazer e da sua diversificação, a pesca e os pescadores – tornando-se parte integrante da paisagem – continuarão ainda a constituir atração, satisfazendo as necessidades escópicas de quem vem de férias à praia, servindo de motivo para bilhetes-postais, fotografias, quadros e azulejos exibidos por toda a parte (...).¹⁵⁴

¹⁵¹ FERREIRA, op.cit., p. 84.

¹⁵² Idem, p. 135.

¹⁵³ Este aspecto ficou mais saliente após a década de 1960, como demonstra o trabalho de DIEGUES, Antonio Carlos. **A Sócio-Antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. Etnográfica, Vol. III (2), 1999, pp. 361-375, disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf, consultado em 13 de janeiro de 2010.

¹⁵⁴ NUNES, Francisco Oneto. **O trabalho faz-se espetáculo: a pesca, os banhos e as modalidades do olhar**. Etnográfica, Vol. VII(1), 2003, PP: 131- 157, p. 137. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_131-158.pdf, consultado em 7 de outubro de 2009.

Além das habitações próximas a algumas praias, a sazonalidade foi outro fator que contribuiu para o desejo da beira-mar. Esses anseios foram modificando a paisagem e o cotidiano dos moradores das cidades litorâneas, que, no período do veraneio ou da chamada alta temporada, obtinham lucros maiores com atividades pesqueiras, artesanais e outros serviços. Esse movimento sazonal foi também acompanhado pela expansão do turismo, que até hoje leva o deslocamento de brasileiros às praias durante o período de férias e nos meses de verão.

Esta descoberta urbana dos benefícios terapêuticos e lúdicos da beira-mar foi incorporada pela população, que após os anos 1930 invadiu a praia popularizando as práticas burguesas. Neste período rompeu-se com a timidez dos códigos de sociabilidade. As roupas curtas e coloridas, juntamente com espetáculo da contemplação dos corpos na orla marítima, passam a provocar certa malícia. Vai-se à praia para passar o dia, para ficar estirado na areia absorvendo a maior quantidade de raios solares.

Com a popularização dos banhos de mar, a praia tornou-se o espaço de sociabilidade onde as emoções e sensações se imiscuem ao divertimento. O calor do verão provoca o desejo de estar à beira-mar, e a fadiga dos que mourejaram justifica o veraneio para quebrar a rotina.¹⁵⁵ Desta forma, a prática de vilegiatura com cunho terapêutico foi substituída pelo veraneio, tornando-se um desejo comum, mas nem sempre popular. Ao longo dessas décadas, porém, outros lugares com o propósito terapêutico atraíram curistas e turistas, que visavam realizar uma estação de cura e lazer.

¹⁵⁵ AZEVEDO, op.cit., p. 107.

III. CURAR, DESCANSAR, VERANEAR: FORMAS DE VILEGIATURAS NO RIO GRANDE DO SUL DOS SÉCULOS XIX E XX

Devido ao processo de industrialização ocorrido no Brasil, a necessidade de práticas sociais e culturais se desenvolveu entre uma elite urbana. Apesar dos tratamentos procurados para amenizar as mazelas acumuladas com a estafa do trabalho e com o ar pestilento dos centros urbanos, a vilegiatura também foi praticada com o intuito de descansar. Logo, os binômios cura e lazer foram incorporados como forma de veraneio, que passou a ser empregado pelas pousadas e hotéis em meados dos 1930, atraindo curistas e banhistas.

Ainda sobre as práticas de lazer, Jean Roche demonstra que “foram teuto-riograndenses que lançaram a moda dos piqueniques, a dos banhos de mar ou a dos fins-de-semana na serra, onde ao redor de seus chalés construíram-se as estações de veraneio de Gramado, Canela e de Nova Petrópolis”.¹⁵⁶

Os pontos a seguir pretendem mostrar como lugares de cura com água e ar tornaram-se igualmente apreciados para práticas de lazer, onde imigrantes e seus descendentes passaram a veranear, construir suas residências ou empreender estabelecimentos hoteleiros, comerciais ou de intermédio para estes locais.

Água e ar: tratamentos em Sanatórios e veraneios na Serra Gaúcha

A chegada de imigrantes europeus ao Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX, introduziu, através da classe médica, o conhecimento científico relacionado às práticas terapêuticas difundidas na Europa.

Com o aumento da imigração e colonização alemã, muitos médicos trataram da adaptação dos seus conterrâneos em áreas tropicais. Os estudos sobre doenças nos trópicos e sua profilaxia (medidas de higiene, atividades físicas, cuidado com a alimentação, vacinação, etc.) se tornaram importantes à época de Bismarck.¹⁵⁷

¹⁵⁶ ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, p. 594.

¹⁵⁷ CORREA, Sílvio M. S.. **Germanismo e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul**. XVIII Simpósio de História da Imigração e Colonização - “Saúde: Corporeidade – Educação”. São Leopoldo: Unisinos, 2008, p.6.

A imigração de uma classe médica alemã especializada em saberes hidroterapêuticos transferiu ao Brasil meridional uma troca de conhecimentos que se disseminou com poder em algumas comunidades de imigração alemã. Além disso, anúncios e matérias sobre tratamentos hidroterápicos nos jornais de língua vernácula prestaram informações aos leitores teuto-brasileiros sobre os tratamentos em voga nos sanatórios europeus e brasileiros, contribuindo para o conhecimento científico e sua prática.

De acordo com Magda Gans, a relevância de uma vida cultural erudita era bastante dinâmica na capital.¹⁵⁸ Este fator concede a ideia da difusão de alguns saberes pela imprensa, já que os jornais eram um dos importantes instrumentos para perpetuar nos imigrantes as lembranças de sua pátria de origem.¹⁵⁹ Conforme Gertz, “a contribuição mais decisiva na perspectiva cultural foi sem dúvida a edição do famoso *Rotermund- Kalender* (Almanaque- Rotermund), cujo nome oficial era *Kalender für die Deutschen in Brasilien*”.¹⁶⁰

Fundado em 1880, como alternativa e concorrente ao almanaque editado por Karl von Koseritz em Porto Alegre, atingiu o número de 6.000 exemplares em 1906, 10.000 exemplares em 1917, para atingir o auge- que manteve durante muitos anos- de 30.000, em 1923. (...) isso significa que tínhamos um “consumo” médio de um almanaque por cada 33 habitantes (...).¹⁶¹

No final do século XIX, um anúncio evidencia a informação e possível procura dos leitores para tratamentos em *Estabelecimentos de Banhos*, como aponta a propaganda na *Koseritz's Deutsche Zeitung*, solicitando atenção do leitor para tratamentos “Hidro-sudo terapêuticos de doenças agudas ou crônicas, com banhos de todas as maneiras, de transpiração e ducha, todos os dias, a qualquer hora, na Rua Andrade Neves, em Porto Alegre”.¹⁶²

A aplicação dos banhos terapêuticos seguida pelos médicos alemães tinha como base a técnica do precursor da hidroterapia na Alemanha, Sebastian Kneipp (1821-1897). O livro de Kneipp, “*Meine Wasserkur* (1886) se tornou um vade-mécum dos

¹⁵⁸ GANS, Magda Roswita. **Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850- 1889)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004, p. 76.

¹⁵⁹ GERTZ, René. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.140.

¹⁶⁰ Idem, p. 35.

¹⁶¹ Idem, Ibidem.

¹⁶² **Koseritz's Deutsche Zeitung**, 31/1/1885. MCSHJC.

banhos terapêuticos” e, no final do século XIX, em *Hamburger Berg* houve um estabelecimento de saúde que seguia a hidroterapia de Kneipp.¹⁶³

Um anúncio do *Instituto Hydro Therapico* de Hamburgo Velho, atual Novo Hamburgo, divulga a aplicação do método medicinal de Kneipp em vários tipos de banhos (Bäder aller Art).¹⁶⁴ A importância deste “hidroterapeuta” também foi matéria no complemento *Illustriertes Unterhaltungs Blatt* do jornal de língua alemã *Kolonie Zeitung*, de Joinville, Santa Catarina. Na matéria sobre Kneipp encontra-se uma imagem do monumento em sua homenagem localizado na Alemanha.¹⁶⁵

No ano de 1908, o médico alemão Ortenberg encontrava-se na cidade de Santa Cruz do Sul. Durante a Primeira Guerra, ele retornou à Alemanha para atuar como médico junto às tropas alemãs. Ortenberg, juntamente com outros médicos, foi enviado em 1916 para a Bulgária, onde passou alguns meses em um balneário no Mar Negro. Neste período, Ortenberg declarou realizar o prazeroso “banho turco” (*hammam*), técnica que passou a aplicar após seu regresso do período bélico nas termas de Iraí.¹⁶⁶

Ainda em Santa Cruz do Sul, o médico naturista Eduard Kämpf, que seguia a técnica de Schroth (banhos de ar, luz e água), teria procurado uma localidade com boa fonte para instalar um sanatório.¹⁶⁷ Conforme Correa, Ortenberg e Kämpf trabalharam juntos na estação de cura em Santa Cruz do Sul, e frequentaram as termas de Iraí. Kämpf também possuía anúncios no Almanaque de língua alemã *Kalender*, anunciando as técnicas de banhos elétricos e dieta natural.¹⁶⁸ Outro anúncio no *Kalender*, da Casa de Saúde Porto Alegre, também destacava as técnicas de eletroterapia, banhos, ginástica e massagem, sob a supervisão dos médicos Protásio Alves e Sebastião Leão.¹⁶⁹

No início do século XX, no jornal *Der Urwaldsbote* de Blumenau é possível visualizar duas imagens sobre um sanatório localizado na Alemanha que, primeiramente, levava o nome do seu proprietário, o médico naturista Stahringer, mas que, posteriormente, mudou de nome, passando a se chamar de Bad Gröna.¹⁷⁰

¹⁶³ CORREA, op.cit., p. 10.

¹⁶⁴ **5 de Abril**, 7/8/1935. Agradeço a João Luz pelas referências do jornal 5 de Abril, de Novo Hamburgo.

¹⁶⁵ **Illustriertes Unterhaltungs Blatt, Beilage zur Kolonie-Zeitung**, (Joinville, SC), n.3, 21/5/1914, p.11. Biblioteca Central da UFSC (Setor Obras Raras).

¹⁶⁶ CORREA, op. cit., p. 6.

¹⁶⁷ Idem, p. 10

¹⁶⁸ **Kalender**, 1915. Acervo Benno Mentz/DELFOF/PUCRS

¹⁶⁹ Idem, Ibidem.

¹⁷⁰ Informações sobre este sanatório estão disponíveis em: http://grünanetz.de/index.php?article_id=128, consultado em 17 de dezembro de 2009.

A variedade de sanatórios localizados nas mais diversas regiões do Brasil e no Rio Grande do Sul aparece em publicidades no jornal *Correio do Povo*. No território nacional destacam-se os sanatórios localizados em Minas Gerais, como o *Sanatório de Palmyra*, que se apresentava como sendo “um dos melhores do mundo e o melhor do Brasil, pelos inúmeros casos de cura de tuberculose ali verificados”. O sanatório “localizado a 900 metros de altitude, com clima admirável, oferece serviço perfeito, sob direção de médicos especialistas e enfermeiras especializadas”.¹⁷¹

O *Sanatório de Palmyra* foi construído no início da década de 1920, por iniciativa do médico Dr. Leite de Carvalho.¹⁷² O estabelecimento, que levava inicialmente o nome de *Hotel de convalescentes*, ficava localizado no topo de um dos morros da cidade, que despontava como uma localidade dotada de clima excelente. O Sanatório também ficou reputado por ter cuidado da saúde do Conselheiro Rui Barbosa, que se refazia da derrota das eleições presidenciais.¹⁷³

Outro sanatório localizado em Minas Gerais é o de *Hugo Wernek*. Este oferecia aos seus clientes os melhores tratamentos de cura, com clima agradável e médicos especialistas com longa prática. O Sanatório Wernek também anunciava os nomes dos médicos, sendo um deles radiologista. As informações poderiam ser adquiridas em Porto Alegre, na Rua General Camara.¹⁷⁴

O fato de alguns sanatórios possuírem escritório na capital do Rio Grande do Sul aponta para uma considerável procura da população para o tratamento de mazelas nesses estabelecimentos. Evidentemente, este estudo não intenciona aprofundar a relevância dos sanatórios neste período. Porém, cabe ressaltar que a importância desses estabelecimentos ainda não recebeu o devido estudo por parte da historiografia, fato que dificulta citar os estabelecimentos e seus índices de tratamento das mais diversas doenças, sobretudo da tuberculose, que a conselho médico e conforme influência europeia, também era tratada na orla marítima. No entanto, a intenção deste tópico, conforme destaca a historiografia, é a de não olvidar a importância desses estabelecimentos, que durante a pesquisa se mostraram salientes, evidenciando a

¹⁷¹ *Correio do Povo*, 16/12/1934.

¹⁷² Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:OrjwXViIPxAJ:quasetudo2000.blogspot.com/2009/01/historico-do-municpio-de-santos-dumont.html+Sanat%C3%B3rio+de+Palmyra&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>, consultado em 6 de abril de 2010.

¹⁷³ Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:z2p-mowDFcgJ:www.sdnnet.com.br/~piox/escola.php+Sanat%C3%B3rio+de+Palmyra&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>, consultado em 6 de abril de 2010.

¹⁷⁴ *Correio do Povo*, 6/2/1941.

atuação dos médicos imigrantes na área da hidroterapia e convergindo com o uso terapêutico dos banhos de mar.

No Rio Grande do Sul, o *Sanatório Belém* foi um estabelecimento de relevante importância. Edificado durante os anos 1930, a instituição contou com o auxílio monetário da comunidade italiana *Mutuo Socorro e Recreativa*, de Santa Maria, que promoveu uma coleta entre os italianos e seus descendentes radicados na cidade para a construção deste “grandioso estabelecimento”. O nome dos contribuintes e suas correspondentes doações foram publicadas na nota, que também divulgou a promoção de um concerto de piano em Caxias do Sul, para benefício do Sanatório.¹⁷⁵

Em uma matéria sobre tratamentos para tuberculose na França, divulgou-se no rodapé da página da *Revista do Globo* uma propaganda do *Sanatório Belém*, como o “mais humanitário dos empreendimentos”.¹⁷⁶ O mesmo lema consta na entrevista do médico carioca Dr. von Doellinger da Graça, radiologista do Hospital para Tuberculosos Nossa Senhora das Dores, no Rio de Janeiro, que em visita à construção do empreendimento, em 1936, declarou que o Sanatório estava “abrigado dos ventos que sempre constituíram o pior inimigo dos tuberculosos”, e que, “houve uma preocupação de igualdade social na distribuição dos seus recantos, visando o pobre e o rico, o homem e a mulher, resguardada a indumentária com que cada um se procura cingir na razão direta de suas possibilidades monetárias”. Graça também destacou outros aspectos que despertam atenção do visitante, como um “solário para finalidades terapêuticas, que ajudava a diminuir o tédio de seguidas horas nos leitos; grande capacidade para abrigar doentes; noção de divisão de doentes, pelo maior ou menor grau de infecção, de destruição e da chamada consumpção tuberculosa”. É importante destacar que o solário está dentro da concepção de cura da helioterapia. Concluindo, Graça salientou que “os médicos e os estudantes de medicina receberão um curso de fisiologia, e que o Sanatório também procurará assumir feições preventórias às crianças”, “tendo a cirurgia condigna e moderna feição, dando campo as intervenções, que suscitadas pela escola alemã, pretendem a cura de muitas das várias formas desta infecção”.¹⁷⁷

Outro estabelecimento que aparece nas páginas da *Revista do Globo* é o *Sanatório Bergold*, localizado em Taquara. Sem maiores informações, a revista

¹⁷⁵ *Correio do Povo*, 15/12/1934.

¹⁷⁶ *Revista do Globo*, n° 22, 11/8/1934, s/p.

¹⁷⁷ *Correio do Povo*, 10/1/1936.

apresenta quatro fotografias: da vista geral do Sanatório, do pavilhão para tuberculosos, dos enfermos em convalescença na varanda, e do pavilhão onde se pratica a assistência hospitalar gratuita.¹⁷⁸

Como é possível perceber, as medidas tecnológicas no *Sanatório Belém* foram importadas da Europa, sendo que as técnicas dos banhos de ar, luz e água continuaram sendo seguidas pelo corpo médico. É importante considerar que, com a chegada de imigrantes europeus ao Brasil, as práticas medicinais difundidas na Europa, como o tratamento baseado nos preceitos de Hipócrates (água, ar, terra), ganharam evidência, sobretudo, na segunda metade do século XIX.

Alguns imigrantes também aportaram no Brasil em função da prescrição médica. O pastor protestante Wilhelm Rotermund, por exemplo, após descobrir uma doença pulmonar, decidiu, segundo opinião médica, vir para o Brasil, onde o clima mais ameno diminuiria seu sofrimento físico.¹⁷⁹

A “tríade benfazeja”, também foi anunciada em outras publicidades de estabelecimentos de cura ou descanso, que após algumas décadas incorporaram o vocábulo veraneio para atrair o público, não deixando, porém, de subscrever os benefícios da água, do ar e da luz oferecidos pela localidade em que se encontravam instalados. Cabe destacar que os médicos orientavam alguns curistas a fazer tratamentos em estações de água e de ar. Com isso, certos estabelecimentos na Serra Gaúcha, privilegiados pelo clima ameno, salientavam esses benefícios, como foi o caso do município de Taquara, que além de possuir um sanatório para cura de tuberculosos, também divulgava a ideia de ser uma cidade “para repouso ou simples veraneio”.¹⁸⁰

A divisão entre estação de cura ou simples lazer tardou a aparecer nas propagandas dos estabelecimentos, chegando, por vezes, a confundir tratamentos terapêuticos com a simples intenção de passar o verão em algum lugar. A reportagem fotográfica sobre o *Sanatório São José* deixa evidente esta junção, ao apresentar a seguinte enunciação: “Dir-se-ia uma estação de vilegiatura e repouso...”; o texto ainda segue afirmando que esta era uma virtude do *Sanatório São José*, “não dar a impressão de ser um hospital, mas uma estação de repouso e vilegiatura”.¹⁸¹

Localizado na parte alta da Glória, em Porto Alegre, o sanatório tratava de doenças nervosas e mentais, toxicomanias e psicopatias, desde 1934, sob direção do

¹⁷⁸ **Revista do Globo**, n° 19, s/d, p. 17.

¹⁷⁹ GERTZ, op.cit., p. 28.

¹⁸⁰ **Revista do Globo**, n° 206, 20/11/1940, s/p.

¹⁸¹ **Revista do Globo**, n° 231, 26/6/1938, p. 18-19.

médico Jacinto Godoy.¹⁸² Este médico psiquiatra formou-se em 1911, no Rio Grande do Sul, e em 1918 estagiou em Salpêtrière, na França. Posteriormente, Godoy foi diretor do *Hospital Psiquiátrico São Pedro*, em Porto Alegre, atuando durante duas gestões, entre os anos de 1926 a 1932 e 1937 a 1951. O médico também foi idealizador e diretor do Manicômio Judiciário e da diretoria de Assistência e Alienados do Rio Grande do Sul.¹⁸³

Em 1955, Godoy publicou o livro *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Atrelado a política do estado e seguidor das teorias organicistas, durante os anos em que dirigiu os estabelecimentos psiquiátricos, Godoy difundiu os ideais da política positivista e das teorias eugênicas, o que transformou o hospital psiquiátrico São Pedro em um depósito de doentes.¹⁸⁴

Entre o período de sua segunda gestão no *Hospital São Pedro*, Jacinto Godoy “dedicou-se à clientela particular e fundou o Sanatório São José”.¹⁸⁵ A edificação do sanatório, atualmente denominada de *Clínica São José*, contou com o apoio de um “grupo de amigos [que] se prontificou a subscrever um pequeno capital inicial, sem finalidade de comércio, e sim de auxiliar a realização de uma obra útil”.¹⁸⁶

Na matéria da *Revista do Globo*, as fotografias da reportagem mostram o *Sanatório São José* como um lugar agradável, bonito e arborizado, ou seja, ideal para se passar uma temporada longe dos centros urbanos, “se não fosse sua designação de cura de moléstias nervosas”.¹⁸⁷ Se a reportagem da revista indica o estabelecimento como um local benéfico, a biografia do médico aponta para o conhecimento do outro lado da moeda, mostrando a influência organicista em suas terapêuticas, e suas alianças políticas, que possibilitaram a difusão de seus ideais psiquiátricos, que, necessariamente, não eram os mais propícios para algumas causas.

Durante este mesmo período, outros lugares de veraneio aparecem na imprensa do Rio Grande do Sul. O *Edifício da Sociedade Concordia*, localizado em Campo Bom, apenas publica que passou por melhoramentos, achando-se “apto a satisfazer os

¹⁸² *Correio do Povo*, 1/1/1945.

¹⁸³ WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádía Maria Weber. **O Doutor Jacintho Godoy e a história da psiquiatria no Rio Grande do Sul /Brasil**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, *Debates*, 2006, [Online], posto online em 31 Janeiro 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1556>. Consultado em 14 de abril de 2010.

¹⁸⁴ Idem, *Ibidem*.

¹⁸⁵ Em 1939 consta na revista **A Gaivota** um anúncio informando os dias que o Dr. Jacinto Godoy atende com hora marcada no Edifício Rio Branco 3º andas, Rua Otávio Rocha, 116, Porto Alegre. Cf. **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1939. Acervo BN/RJ.

¹⁸⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁷ **Revista do Globo**, nº 231, 26/6/1938, p. 18-19.

senhores veranistas”, oferecendo “ótimos quartos com luz, vastos salões de refeições e danças, com grande vitrola ortofônica, banhos a toda hora, serviço sanitário e cozinha de primeira ordem”. Os valores monetários explicitados no anúncio oferecem descontos para famílias, a tratar com o ecônomo Frederico Jacobus.¹⁸⁸

Em Viamão, a apenas “35 minutos de carro” da cidade de Porto Alegre, a *Fonte de D. Diogo*, “afamada por sua ótima água”, também era uma opção para veraneio, com arrendamento a ser feito na Avenida Teresópolis, em Porto Alegre.¹⁸⁹

Com preços módicos, o *Hotel Familiar Oreste Loss*, situado em Anna Reck, avisa que “reabriu a temporada de veraneio”, oferecendo “automóvel próprio para o transporte de passageiros”, informando também que “não aceita portadores de moléstias contagiosas”.¹⁹⁰

Na “boca da Serra”, em São Francisco de Paula, com 922 metros de altura, a *Pensão Hampel* oferece cura de repouso e de ar, no melhor veraneio do estado.¹⁹¹ Dois anos mais tarde, a publicidade do mesmo estabelecimento já aparece somente como *Veraneio Hampel*, enunciando ser um lugar de “clima Suíça brasileira”, “ótimo para convalescença” e “esplêndido para doenças nervosas e neurastênicas”. O *Veraneio Hampel* também oferece cozinhas brasileira, alemã e italiana, atendendo a dietas especiais determinadas pelos médicos, não aceitando doentes com moléstias contagiosas.¹⁹² Cabe destacar que a aplicação de dietas também foi uma terapia utilizada pelos médicos, em conjunto com outros tratamentos, como os banhos em estâncias termais.

Em 1941, outra pequena propaganda do *Veraneio Hampel* aparece informando o valor da diária de 10\$000, e a direção de Vivaldo Souza e Olindo Cazara. Informações e condução para a localidade poderiam ser tratadas com Heitor Lahn, em Porto Alegre.¹⁹³

Lugar de destaque na *Revista do Globo* é o *Veraneio Desvio Blauth*, localizado no município de Farroupilha, a 800 metros de altitude, em local privilegiado, com viação férrea, agência de correio e telégrafo.¹⁹⁴

¹⁸⁸ **Correio do Povo**, 21/1/1933.

¹⁸⁹ **Correio do Povo**, 1/12/1934.

¹⁹⁰ **Correio do Povo**, 23/12/1934.

¹⁹¹ **Correio do Povo**, 16/1/1936.

¹⁹² **Correio do Povo**, 18/1/1937.

¹⁹³ **Correio do Povo**, 23/1/1941. Uma nota no jornal **5 de Abril** de 15/2/1935 informa que Fernando Korndörfer, proprietário da empresa H. & F. Korndörfer iria veraneiar durante algumas semanas em São Francisco de Paula.

¹⁹⁴ **Revista do Globo**, n° 10, 28/1/1939, p. 100.

Outro local de veraneio, em Bento Gonçalves, sob direção de Rodolfo Schwartz, era o *Hotel Vila Planalto Ltda.* Com uma altitude de 632 metros, “suportável mesmo pelas pessoas que sofrem do coração”. O hotel dispunha de água encanada, luz elétrica, boa cozinha, frutas em abundância e excelente fonte de água.¹⁹⁵

A cidade de colonização italiana Antônio Prado, banhada pelo Rio das Antas e pelas montanhas, é um “aprazível recanto de turismo e veraneio”. “Situada a 770 metros de altitude, tem um clima amenicíssimo, lindas paisagens, recanto pitoresco, que provoca no visitante uma agradável sensação de repouso e bem-estar”, afirma a publicidade.¹⁹⁶

Ainda na Serra gaúcha, aparecem veraneios em Canela, como o *Palace Hotel*, localizado a 880 metros acima do nível do mar.¹⁹⁷ O hotel, dirigido pelo “*maître d’hôtel* Sr. Franco Frasconi, procedente do *Glória Hotel*, das *Termas de Lindoya* e do *Restaurante Diana*, de São Paulo, mantém vitrola Wurlitzer e “diárias a preços especiais nos meses de janeiro a março, com descontos para famílias”. Contatos podem ser feitos em Porto Alegre com o agente W. Ricardo Dieterich & Cia. Ltda.¹⁹⁸

Como é possível perceber nessas propagandas, o discurso terapêutico continua sendo divulgado mesmo que os estabelecimentos de cura já tenham se modernizado, procurando atender às necessidades de sua clientela, proporcionando conforto e diversão durante a estada. O fato de a hotelaria oferecer outros tipos de culinária, como a alemã e a italiana, também acusa a procura por parte desses descendentes aos estabelecimentos. Um fator a destacar são os agentes dependentes ou autônomos, que em Porto Alegre cuidavam dos interessados em fazer uma estação, contribuindo para o fluxo de curistas e veranistas aos locais. Outro elemento saliente é a descendência alemã dos que faziam o intermédio para os lugares de veraneio.

A prática do veraneio na Serra Gaúcha também preencheu as páginas de fotorreportagem na *Revista do Globo*. Em uma espécie de coluna social que mostra uma elite urbana porto-alegrense veraneando em suas “residências de veraneio”, aparecem nas fotografias a “linda casa do Dr. Hernani Fleck, em Canela”¹⁹⁹, ou os “diversos

¹⁹⁵ **Correio do Povo**, 15/12/1942. Em 7/2/1943 aparece outro anúncio do mesmo estabelecimento.

¹⁹⁶ **Revista do Globo**, n° 285, 30/11/1940, p. 71.

¹⁹⁷ **Correio do Povo**, 10/1/1946.

¹⁹⁸ **Correio do Povo**, 1/1/1946.

¹⁹⁹ **Revista do Globo**, n° 20, s/d, p. 25.

aspectos da aprazível e linda estação de repouso da serra”, onde vilegiaturavam as famílias de Alberto Silveira e Francisco Suzinni.²⁰⁰

No livro de memórias de Olga Nedel Schlatter, a autora conta que após a morte de sua mãe, seus familiares passaram a veranear com a família Gaston Englert, na fazenda em São Francisco de Paula. Olga lembra que o veraneio na Serra misturava “divertimento, afeto, descoberta e aventura”, começando pelas viagens onde “seguiram com dois veículos, uma caminhonete e um ônibus aberto dos lados. A tripulação era numerosa: as famílias Gaston Englert e Rodolfo Bins somavam mais de vinte pessoas, mais bagagens”. “A estrada era rudimentar e atravessava fazendas e riachos”. A autora ainda rememora aspectos da “simples casa de madeira, sem luz elétrica, com grande avarandado, colchões de palha e banheiro sem água corrente”. Durante o período na Serra, seu pai também fazia visitas ao “Rincão dos Kroeff, em São Francisco de Paula”, de onde lhe trazia presentes.²⁰¹

Depois dos veraneios em São Francisco de Paula, eles passaram a veranear no *Desvio Blauth*, em Farroupilha. Nesta estação, conta Olga, “havia um hotel muito frequentado por famílias porto-alegrenses. Costumávamos veranear durante o mês de janeiro na praia e em fevereiro, na Serra. Então nos tocávamos de trem para Desvio Blauth, única condução possível naquela época, pois as estradas eram muito precárias”.²⁰²

Em uma fotorreportagem do *Desvio Blauth*, a *Revista do Globo* mostra um baile a fantasia, concurso de tamborim, “pic-nic” e outros festejos realizados naquela estação.²⁰³ Sobre este apreciado local de veraneio e seu cotidiano, Schlatter ressalta outros aspectos.

O hotel estava localizado ao lado de um lago muito pitoresco, que fornecia água para caixa d'água da qual o trem se abastecia em sua parada no Desvio. As refeições, com horário marcado, congregavam todos os veranistas. O café da manhã era farto, à base de frutas, Paes e cucas caseiras, manteiga, salames, queijos, geléias. Ao meio-dia, era a vez da fumegante sopa seguida de vários pratos de carne, cereais, verduras e das esperadas sobremesas: compotas, cremes, sagu de uva, doce de leite ou ovos. Muito aguardado era o café da tarde, cuja principal atração era o pãozinho fresco e quentinho que vinha de Farroupilha, trazido em grandes cestas pelo trem. Posso sentir até hoje o cheiro que se sentia em todo o refeitório nessa hora! Pelas 18 h, chegava a hora do banho. Para garantir água sempre quentinha, os chuveiros eram instalados em um lugar especial, perto da cozinha, para aproveitarem a serpentina do fogão. (...) Em seguida, era a hora do jantar,

²⁰⁰ *Revista do Globo*, s/nº, 6/4/1935, s/p.

²⁰¹ SCHLATTER, Olga Nedel; MENDONÇA, Renato. *Rua Garibaldi, 1085: vivências de Olga Nedel Schlatter*. Porto Alegre: Renato Mendonça Edição, 2009, p. 31-35.

²⁰² Idem, p. 36.

²⁰³ *Revista do Globo*, s/nº, s/d, p. 27.

também muito gostoso e farto. A refeição era seguida por um passeio batizado de “A volta do Ó”, por ser um caminho ao redor do lago, muito pitoresco e agradável.²⁰⁴

Como é possível inferir, o veraneio na Serra gaúcha passou a ser muito prestigiado por algumas famílias que, posteriormente, passaram também a ter residência neste território. Esta ocupação deu-se por influência médica, que orientava o ar puro da Serra para o tratamento de algumas doenças, intercalando terapias de água e ar, como fica claro na declaração de Olga Schlatter, que passava um mês na praia e outro na serra. Aliás, um texto da *Revista do Globo*, com um interrogador título “Mar ou Serra?” mostra que “os dois lugares são aprazíveis à população por suas qualidades e belezas naturais, que revigoram durante o período de veraneio as energias esgotadas durante os meses da labuta”. O texto não deixa de mencionar novamente os cuidados com a saúde, que “nem sempre correspondem ao objetivo visado”. “Serra ou mar têm, para cada indivíduo, as suas indicações e contra-indicações”.²⁰⁵

Outro fator relevante na procura pela Serra gaúcha foram as matérias e propagandas na *Revista do Globo*, as quais mostravam os veraneios de influentes famílias do estado, os hotéis e seus cômodos, as belezas naturais, como a “Cascata do Caracol” e a vista parcial de Gramado. Em duas fotorreportagens da revista, intituladas “Os nossos hotéis de veraneio” e “Pontos de Veraneio”, aparecem hotéis com seus chalés, salas de jantar dos hotéis, cascatas e natureza característica do local.²⁰⁶

Como é possível perceber, muitos descendentes de imigrantes alemães e italianos compõem o ramo de agenciamento de viagens e empreendimentos de cura e lazer, tanto nos sanatórios, como nos lugares de veraneio, que também não excluíram os preceitos da terapia. As técnicas e tecnologias utilizadas nos estabelecimentos também se baseiam nos moldes europeus, os quais são anunciados aos leitores e possíveis interessados pelos locais como uma espécie de garantia e qualidade. Logo, os lugares de repouso e veraneio começaram a despertar interesse de uma pequena parcela de habitantes, que passou a habitar o lugar, dividindo seu período de repouso, parte na serra e outra nas águas marinhas.

Os próximos itens deste capítulo visam mostrar outros lugares que durante o mesmo período dos banhos de mar foram procurados com finalidades terapêuticas, mas acabaram se tornando locais de lazer.

²⁰⁴ SCHLATTER, op. cit., p. 37.

²⁰⁵ *Revista do Globo*, n° 24, s/d, p. 26.

²⁰⁶ *Revista do Globo*, n° 2, s/d, p. 20. p. 23.

Iraí, cidade saúde

Partir para uma estação de cura em busca de tratamentos para os mais diversos males é prática comum desde os tempos remotos. Charles Nordmann escreveu, em 1934, uma crônica à *Revista do Globo*, falando sobre o mistério das águas termais, justamente porque as terapêuticas de cura desde a época de Hipócrates e Galeano passaram por frequentes mudanças que o tratamento em águas termais manteve por sua estabelecida consistência histórica, que não fez explicar seus benefícios, mas que também nunca os negou.²⁰⁷

No intuito de cura ou milagre, o tratamento em águas termais era indicado na maioria das vezes por médicos ou especialistas em hidrologia, para atenuar reumatismos, tosses, gota ou tratar a saúde da mulher. Voltaire, que tratou uma pós-varíola nas águas de Forges, dizia que as curas em águas foram inventadas pelas mulheres que se aborreciam em casa. As repetidas visitas de Mme. Sevigné a Vichy renunciaram a voga mundial desta fonte. Em 1850, Montaigne e uma grande comitiva viajaram para beber as águas de Lucca, na Itália, tomando, em Plombières, banhos contra seu mal de pedra hereditário. Inúmeros também foram os reis assíduos nas fontes termais francesas. O próprio Luis XIII chegou a ser pai em seu regresso de uma temporada em Forges, para onde enviou a rainha com tal finalidade.²⁰⁸

O Rio Grande do Sul também viveu a era das águas termais, e apesar do conhecimento do corpo científico sobre a hidroterapia, os banhos, no século XIX, não tiveram a mesma evidência que no início do século XX, quando as análises das águas começaram a ser realizadas.

Localizadas na cidade de Iraí, região noroeste do Estado, as *Águas de Mel*, como eram chamadas, datam de 1894. No entanto, sua procura e seu usufruto deram-se somente após fevereiro de 1917, quando a comissão técnica do estado estudou seu aproveitamento para a utilização terapêutica.²⁰⁹ Antes disso, porém, os indígenas locais já conheciam as fontes e faziam uso das águas.²¹⁰

²⁰⁷ *Revista do Globo*, n°47, 17/11/1934, s/p.

²⁰⁸ Idem, *Ibidem*.

²⁰⁹ *Revista do Globo*, n° 14, 1931, s/p.

²¹⁰ ROSSINI, Sirlei. *Cassino Guarani: histórias, memórias e personagens- Iraí (1940- 1994)*. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 22.

Assim como as poderosas águas do limite do território de Habsbourg, na Alemanha, muito procuradas por suas correntes benéficas e que atraíram pessoas sem, necessariamente, possuir alguma prescrição médica, os militares empregaram, igualmente, as águas para curar ou aliviar ferimentos, cicatrizes, disenteria e artrose.²¹¹ As Águas do Mel, em Iraí, tiveram semelhante uso por parte de um grupo de pessoas que cruzavam as terras de Palmeira das Missões rumo ao Rio Uruguai, que encontraram as fontes de águas termais, instalando-se no local. Durante a Revolução Federalista (1893-1895), muitos dos “maragatos” também teriam utilizado as águas, alguns permanecendo na localidade após o término da guerra, e outros voltando a suas regiões, onde divulgaram o poder curativo das fontes.²¹²

O parecer para a frequência das águas termais no Rio Grande do Sul tardou a ser consentido, fato que não representou um empecilho para aqueles que se interessavam pela ida às águas e pelo tratamento em voga na época. Como indício da popularidade da prática para fins terapêuticos, pode-se citar o tratamento hidrotermal do Tenente Coronel Comandante do 2º batalhão da Guarda de São Leopoldo, Julio Henrique Knorr, que recebeu em 1860, licença de três meses para usar as águas termais da província de Santa Catarina, a fim de tratar seu reumatismo crônico, considerado pelo presidente da sua província útil.²¹³

Após a “descoberta” de Iraí e dos estudos técnicos da água, a frequência ao local teria se intensificado, porém, o balneário, nessas primeiras décadas, ainda não possuía a estrutura desejada pelos médicos, pois carecia de uma série de elementos considerados indispensáveis para total sucesso dos tratamentos.

Heitor Silveira, em sua tese defendida na faculdade de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1927, estudou os componentes das águas de Iraí e seus usos. Em suas descrições, o médico apresenta as águas locais, que ficaram conhecidas como sulfurosas pelo odor do ácido sulfídrico. Porém, conforme salienta o especialista, esta denominação de “água sulfurosa” deveria ser abandonada, pois os

²¹¹ BOYER, op.cit., p. 47. Tradução nossa.

²¹² ROSSONI, op.cit., p. 22.

²¹³ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRG), Fundo Guarda Nacional, Série Comando Superior, Maço 23, 15/10/1849. Ofício enviado pelo Comandante da Legião da Guarda Nacional do Município de São Leopoldo, João Daniel Hillebrand, ao Comandante Interino da Guarda Nacional na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Agradeço a Miquéias Mugge pela referência.

efeitos terapêuticos observados não dependiam do ácido, que existia em pequeníssima quantidade.²¹⁴

Sobre a análise da utilidade das águas, Silveira demonstrou a importância histórica da cura termal para crianças e adultos, ressaltando que “a medicação hidromineral estimula a nutrição, regulariza as trocas, ativa os processos de desintoxicação, transforma os terrenos e melhora as constituições orgânicas”.²¹⁵

Outro fator relevante para o médico era o regime alimentar, que segundo suas observações, era um adjuvante nas estações minerais. Sobre o presente aspecto, o médico faz comparações com as famosas estações européias de Vichy e Royat, demonstrando seu conhecimento sobre o método dietético aplicado conjuntamente aos banhos, e que, em sua opinião, Iraí deixava a desejar.²¹⁶

Muito pouco se fez até hoje em Irahy, a respeito de dietética. Deixemos por isso de bordar comentários sobre este assunto por nos faltarem observações. Não obstante isso, insistimos sobre a necessidade do estabelecimento dos regimes.

Esta falha, contudo, realça as propriedades terapêuticas das águas do mel e faz-nos prever resultados muito mais satisfatórios do que os obtidos até hoje, uma vez que ela seja saneada.²¹⁷

Heitor Silveira também fez considerações em torno do clima, que reputava ideal pela oscilação das temperaturas, definindo a estação de verão adequada para banhistas que viviam ordinariamente em cidades, onde o ar é sempre viciado, cheio de pó e de germes. Desta forma, as idas para a vida em pleno ar, excitante por sua pureza e por sua carga de oxigênio, água excelente, e pitoresca natureza exuberante, forneciam condições necessárias para a cura e o repouso.²¹⁸

O destaque dado à “cidade saúde” aumentou durante a década de 1930. Um dos fatores que provavelmente teriam despertado o interesse da população pelas águas foi a edição impressa e ilustrada da tese do Doutor Silveira, publicada em meados de 1933, pela Editora do Globo.²¹⁹ Outro agente determinante foi a melhoria da rodovia para Iraí, em 1928, e a estrada de ferro, cinco anos mais tarde.

Diante destes aspectos, a popularidade das águas “milagrosas” também pode ser conferida nos anúncios publicados no jornal da capital gaúcha *Correio do Povo*, que

²¹⁴ SILVEIRA, Heitor. **A estância de águas minerais de Irahy (fontes do mel) e suas indicações e contra-indicações terapêuticas**. Tese de Doutorado: UFRGS, 1927, p. 41

²¹⁵ Idem, p. 52-53.

²¹⁶ Idem, p. 56.

²¹⁷ Idem, p. 57.

²¹⁸ Idem, p. 44-50.

²¹⁹ **Revista do Globo**, n° 21, 1933, s/p.

divulgava excursões para Iraí, hotéis para hospedagem durante a temporada e benefícios que as águas proporcionavam aos reumatismos. O próprio autor da tese sobre as águas, Heitor Silveira, possuía publicidade no jornal, indicando a cidade termal para o tratamento de injeções de água mineral nas doenças alérgicas, da pele, asma, reumatismo, entre outros.²²⁰

Conforme salienta Quintela, o uso da água quente como agente terapêutico para o tratamento do reumatismo adquire um sentido atribuído por “doentes” e médicos em função das suas representações, causas e formas de tratamento sobre a doença. Neste processo, semelhante ao ocorrido com os medicamentos, a água termal é “coisificada”, transformada em um bem que se consome.²²¹ Sendo, portanto, a água considerada um medicamento, justifica-se a organização termal dirigida pelo sistema médico, formando, conseqüentemente, um balneário baseado em um modelo de organização hospitalar, em que a água termal não pode e não deve ser administrada sem prescrição devido as suas substâncias químicas que podem ter contra-indicações.²²²

Na dissertação sobre a composição das águas de Iraí, Heitor Silveira preocupou-se com as indicações e contra-indicações daquelas águas. O médico, que esteve à frente da direção do balneário, concedeu entrevista ao jornalista Paulo Gouvêa, destacando os aspectos arquitetônicos, o conforto das instalações e assistência para cura crenoterápica.²²³

Nas “notas de um jornalista em viagem”, Paulo Gouvêa tece elogios desmedidos à estação de Iraí, que, segundo sua opinião, é única, “não existindo no mundo, nem nos grandes centros áqueos da Europa, similar instalação”. Ainda na matéria, o jornalista fornece informações relevantes sobre o balneário que foi projetado pelos engenheiros Antonio Garcia de Miranda Netto e João Protasio Pereira da Costa, com execução da empresa especialista Weiss e Freitag S. A., cuja matriz possuía sede em Berlim.

O projeto das novas instalações no balneário contaria com um posto médico de “anotherapia, physiotherapia, massagens, pavilhão para banhos de sol, galerias de passeios e apartamentos com aplicação de duchas”. Dessas informações, é possível perceber a similaridade da estrutura termal com as grandes estações europeias. Essa apreensão não é mera coincidência, pois o médico Heitor Silveira, estudioso da

²²⁰ **Correio do Povo**, 25/1/1939.

²²¹ QUINTELA, Maria Manuel. **Turismo e reumatismo: etnografia de uma prática terapêutica nas termas de S. Pedro do Sul**. Revista Etnográfica, Vol. V (2), 2001, PP. 359 -374, p. 360.

²²² Idem, p. 361.

²²³ **Correio do Povo**, 28/1/1934.

crenoterapia, conhecia os tratamentos em voga na Europa. Além disso, ele também foi designado, no ano da reestruturação do balneário de Iraí, a visitar as estações termais europeias, onde ouviu as maiores autoridades sobre o assunto, o que, segundo Gouvêa, “beneficiaria aqueles que buscam remédio nas águas encantadas de Iraí”.²²⁴

Ainda conforme as informações contidas no texto jornalístico, os banhos gratuitos e obrigatórios passam pelo exame clínico, que visa isolar doentes afetados na pele e enfermidades contagiantes para o uso de banheiras especiais, sob prescrição, com o objetivo de melhorar a condição dos doentes e o aproveitamento do regime balnear. O tratamento ministrado por Heitor Silveira estava baseado no modo de aplicação das águas, duração e número de banhos, e regime alimentar, técnica apreciada pelo médico desde início de sua formação.

Em outra crônica da coluna, “Na estância das águas maravilhosas”, informações pitorescas sobre o cotidiano na estação termal salientam que Iraí “não é uma terra monótona e que não se morre de tédio lá”, pois “a vida social nas Águas do Mel é intensa e profundamente atrativa”. O cronista ainda salienta que durante seus quase vinte dias de permanência no local, assistiu a uma série de bailes animadíssimos e encantadoras reuniões familiares.

Rara é a noite que não se improvisa um “tico-tico”, pitoresca designação que os acquiristas (doentes) e locais emprestam às festas mundanas que tão prodigamente se repetem com entusiasmo e alegria. Em Irahya não faltam divertimentos. No Grande Hotel das termas, no Hotel Irahya, no Hotel Venturella já tomamos parte de uma dezena de lindos bailes. E, com a proximidade do Carnaval iniciam-se os ensaios dos diferentes “cordões” que irão animar as duas centenas de banhistas que aqui se encontram consolidando a saúde alterada. Nem os reumáticos escapam o contágio da alegria! (...). Depois temos o cinema. De quando em vez estoura o foguetório na cidade balnear: É que, à noite, a Greta Garbo e o John Gilbert vão levar para a tela o delírio cinematográfico dos seus beijos delirantes.²²⁵

A procura pelas águas termais dava-se pelas mais diversas finalidades, sendo que a maioria dos discursos mantinha a finalidade terapêutica. Essa denominação social em torno das águas foi constituída pelo imaginário social, que precisando de um balneário e de um mediador para consumirem as águas, conferiu a elas um estatuto de medicamento raro, deixando de se chamar água, para se chamar tratamento ou banho.²²⁶

²²⁴ Idem, *Ibidem*.

²²⁵ **Correio do Povo**, 6/2/1934.

²²⁶ QUINTELA, *op.cit.*, 2001, p. 362.

Se o reumatismo era a principal causa da busca dos “doentes” pelas águas, os bailes e o círculo social em torno das termas de Iraí também atraíam muitas pessoas. Destacado pelos cronistas ou pelas notas publicadas via postal, as festividades ocorridas em Iraí eram noticiadas aos leitores, que se inteiravam dos acontecimentos, podendo, inclusive, sentir interesse em fazer uma estação, a fim de experimentar os prazeres oferecidos naquele balneário.

Em seis dias de registro no *Correio do Povo*, foram relatados aos leitores os banhistas que chegaram à estação, o aniversário do médico Heitor Silveira, com direito a festa aos banhistas e pessoas de suas relações; baile do dia dos Reis Magos, presença de ilustres personalidades do estado nas termas e inauguração do *Café Guarany*, de propriedade do casal Stuffer.²²⁷

Segundo Sirlei Rossoni, no início do século XX, em virtude das águas, a cidade atraía visitantes e novos moradores. Neste período, havia viação férrea até *Blau Nunes*, nome do município de Santa Bárbara, e o restante do percurso se dava com carroças ou diligências. Por volta da década de 1930, já era possível fazer o percurso de ônibus ou caminhão, que circulavam pelas estradas gradativamente abertas.²²⁸

No que se refere às viagens, um anúncio de 1936, da empresa *D. Mello & Cia*, oferecia deslocamento em confortáveis ônibus. Os bilhetes tinham validade de 45 dias e poderiam ser adquiridos na famosa “agência de viagens Exprinter”.²²⁹

Outro anúncio garantindo prazo de 45 dias para volta era o da própria empresa *Exprinter*, que anunciava orçamento para pacotes de 7, 14 ou 21 dias para as principais estações termais do Brasil, inclusive, Iraí.²³⁰ A *Exprinter* também fornecia informações sobre os hotéis, vendendo bilhetes de excursão com prazo de 45 dias para estação de cura.²³¹

Os anúncios de transporte evidenciam a frequência das águas ao descrever que “as maravilhosas curas obtidas em Iraí estavam atraindo às termas grande número de pessoas”, como salienta a publicidade da *Empresa Mello*, que também informa sobre o *Hotel Irahya*, um “magnífico edifício de alvenaria” com “ótima cozinha”.²³² A *Empresa*

²²⁷ *Correio do Povo*, 12/1/1934.

²²⁸ ROSSONI, op.cit., p. 29.

²²⁹ *Correio do Povo*, 7/1/1936.

²³⁰ *Correio do Povo*, 3/1/1937. Este anúncio traz o valor da passagem de ida e volta até as termas, isto é: 174\$900.

²³¹ *Revista do Globo*, n° 243, 14/1/1941, p. 11.

²³² *Correio do Povo*, 16/1/1938.

Mello fazia combinações oferecendo 35% de abatimento para aqueles que continuavam a seguir de trem até Santa Bárbara.²³³

A partir da década de 1940, a Varig passou a operar uma linha aérea para Iraí, numa “combinação de avião e caminhonete, expressa em 7 horas via Carasinho”, como informa a publicidade que oferece voos todas as quintas e domingos.²³⁴

Em concomitância com os meios de transporte, os hotéis também divulgavam o conforto e o prazer de se hospedar nas termas de Iraí, contribuindo para a divulgação e o turismo na cidade termal.

A diversidade de hotéis na “cidade-saúde” era variada. Durante os anos de auge da estação, a cidade termal contava com cerca de oito hotéis, sendo eles, o *Hotel Iraí*, de propriedade de J. Beltrane Filho, *Hotel Internacional*, de Cornelio Magnabosco, *Balneário Hotel*, de Angelo Teston, *Hotel São Luís*, das famílias Bastiam e Cerutti, *Planalto Hotel*, da família Meneguzzi, *Hotel Avenida*, igualmente de Angelo Teston, e *Hotel Descanso*, de Bernardo Maahs. Conforme Rossoni, a grande maioria que se deslocava às termas era composta de imigrantes descendentes de italianos e alemães, que se valiam do espírito empreendedor para construir novas povoações em zonas geográficas desabitadas.²³⁵

Nas publicidades dos hotéis divulgados na *Revista do Globo*, a imagem do grande número de hóspedes é sempre ressaltada no anúncio, juntamente com o texto atrativo. A divulgação do *Balneário Hotel* sempre vinha acompanhada da fotografia de um grupo de veranistas, como o da diocese de Santa Maria veraneando na estação.²³⁶ Em outro reclame, de página inteira, o *Balneário Hotel*, que se dizia o “Hotel da Elite”, apresenta a imagem da sua estrutura e de mais um grupo de veranistas, explanando o conforto de suas instalações e os benefícios de uma boa cozinha exigida pelo paladar dos hóspedes. O visitante do hotel ainda poderia desfrutar de uma arejada sala de jantar, salão de passeios, auto-ônibus para levar os banhistas ao balneário, câmera escura com instalação para fotografia, barbearia e engraxataria. O anúncio ainda ressalta que o Hotel fornece vista exuberante da vegetação, oferecendo preços módicos. Por último, ainda convida, enfaticamente, os senhores veranistas a não deixarem de visitar Iraí.²³⁷

²³³ *Correio do Povo*, 14/1/1940.

²³⁴ *Correio do Povo*, 21/12/1944.

²³⁵ ROSSONI, op.cit., p. 29.

²³⁶ *Revista do Globo*, n° 47, 9/6/1936, s/p.

²³⁷ *Revista do Globo*, n° 225, 31/3/1938, p. 1.

O “Hotel Descanço” em uma pequena propaganda também ressalta que é o “melhor situado, possui bons quartos, boa cozinha e diária módica”. Uma fotografia da estrutura do Hotel junto à comunicação salienta em uma espécie de legenda o “aspecto pitoresco do Hotel Descanço”.²³⁸ Em 1940, melhorias no Hotel Descanso²³⁹ foram informadas aos leitores, pois os jornalistas da imprensa do Rio Grande do Sul foram convidados pelo proprietário Bernardo Maahs para um almoço no estabelecimento²⁴⁰, fato que acabava acumulando propaganda ao hotel.



Imagem 12: Verso do cartão-postal do Hotel Descanço, sem data. Acervo: CEDOC/UNISC

As publicidades dos hotéis divulgados no *Correio do Povo* eram mais simples, contendo apenas um texto informativo, porém as informações não eram menos interessantes.

O *Hotel Iraí* aproveitou a junção de cura e conforto, destacando que “as maravilhosas curas obtidas em Iraí estão atraindo a cidade milhares de pessoas”. “Faça a vossa estação de águas, mas não vos esqueça que para um bom resultado da cura, vos é indispensável o máximo conforto no estabelecimento onde vos hospedares”. Estes requisitos só poderiam ser encontrados no “Moderno Hotel Iraí”, “um suntuoso edifício de alvenaria, com moderna instalação sanitária, situado no ponto mais alto e aprazível da cidade”. O Hotel também dispunha de ônibus do hotel ao balneário, de meia em meia

²³⁸ *Revista do Globo*, n° 245, 11/2/1939, p. 6.

²³⁹ A grafia no nome do Hotel foi mantida conforme aparece publicado, por isso a variação.

²⁴⁰ *Correio do Povo*, 9/2/1940.

hora, conduzindo gratuitamente os hóspedes.²⁴¹ Cinco anos depois, o Hotel divulgou um anúncio com a imagem do seu moderno edifício, destacando suas três qualidades: “distinção, conforto e higiene”. O *Hotel Iraí* ainda destaca que é o “maior e o melhor nas mais afamadas águas minerais do Brasil”, oferecendo instalações sanitárias e água corrente em todos os quartos, cozinha de primeira ordem e regimes alimentícios.²⁴²

Como é possível perceber, os regimes alimentícios, baseados nas técnicas alemãs, incorporadas no Brasil com a imigração de médicos, ou daqueles que tiveram sua formação nas universidades europeias, continuaram presentes nos centros de cura.

Além dos anúncios, das crônicas e dos noticiários que pareciam enfatizar a cidadezinha termal, eles também acusam um aumento significativo no recebimento de banhistas, que a cada ano representava uma escala maior, sendo que em 1936, 1.606 pessoas teriam “ido às curas”, e dois anos mais tarde, em 1938, 3.026 banhistas frequentaram a estação.²⁴³

Um cartão-postal enviado por Henrique Alberto Steigleder e demais acompanhantes da cidade de Novo Hamburgo, que se encontravam hospedados no *Hotel Descanso*, destaca as impressões sobre a famosa estância termal.

Achamo-nos rodeados de mato virgem, bem na divisa do Estado. A vila aqui esta em franco progresso, tem todas as instalações modernas, diversos hotéis em construção, até 3 andares. O banho é uma maravilha, o balneário por dentro dá a impressão de uma cidade grande.²⁴⁴

Cinco anos mais tarde, uma matéria na *Revista do Globo* destaca a cidade de Iraí e o saneamento que foi realizado antes do povoamento, a natureza exuberante que liga a cidade termal à colônia, as diversões possíveis aos banhistas, como cinema sonoro, teatro, caça, pesca, bailes, natação, tênis e outras atividades. O estabelecimento termal também ressalta suas instalações fisioterápicas, quarto para desporto ao ar livre e banhos de sol. É importante enfatizar que nesta matéria aparece a imagem do “ilustre prefeito” Álvaro Leitão, que salienta que com a nova captação realizada pelo ministério da agricultura, a fonte poderia oferecer até 1.200 banhos diários. Finalizando, a reportagem evidencia a frequência dos maiores interessados nos banhos termais, os

²⁴¹ **Correio do Povo**, 22/1/1939.

²⁴² **Correio do Povo**, 7/12/1944.

²⁴³ **Correio do Povo**, 25/2/1939.

²⁴⁴ **5 de Abril**, 29/3/1935.

idosos, pois “eles sabem que bebendo suas águas e banhando-se nelas, garantem uma velhice tranqüila e feliz”.²⁴⁵

Em outra matéria sobre o balneário, é destacado novamente o clima, a propriedade terapêutica das águas, o desenvolvimento da cidade devido ao prefeito Álvaro Leitão, e um grupo de pessoas da alta sociedade de Porto Alegre.²⁴⁶ Durante a gestão de Álvaro Leitão, a prefeitura também publicava anúncios comunicando aos veranistas que a temporada banhar se encontrava aberta desde 15 de outubro, dispoendo de ônibus quatro vezes por semana, em tráfico mútuo com a viação férrea.²⁴⁷ Algumas fotorreportagens também salientam os aspectos da natureza, os indígenas da região, o *Hotel Balneário*, o rio e vários grupos de veranistas.²⁴⁸ A estrutura da cidade-saúde também era sempre ressaltada e exaltada, deslumbrando o leitor.²⁴⁹

Neste período, os nomes dos banhistas que chegavam para hospedar-se em Iraí eram anunciados no *Correio do Povo*. Esta tática era muito comum e, de certa forma, causava boa visibilidade ao local, pois nomes ilustres sempre apareciam nas listas, inclusive, o de médicos como Raul Pilla e Mem de Sá.²⁵⁰

Outro fator curioso referente à listagem dos nomes é a diferença étnica de hospedes que ficavam instalados no *Hotel Irahya* e no *Hotel Descanso*. É possível inferir que a predominância dos nomes listados no *Hotel Descanso* é de hospedes de descendência alemã.²⁵¹ Cabe destacar que o proprietário do *Hotel Descanso*, Bernardo Maahs, foi acusado de ser um espião nazista em 1943, sendo preso e confinado com demais suspeitos em “um campo de concentração modelo”, onde teria plantado batatas até conseguir retornar, pois o presidente da república já teria decretado sua expulsão do confinamento.²⁵²

Como toda estação termal, Iraí também possuía cassinos que faziam parte do processo de “cura” durante a estadia. A inauguração do *Casino Irahya*, em 1939, sob direção de Alfredo Scheren oferecia diversas atrações em um prédio de três andares, que funcionava sob a fiscalização da prefeitura.²⁵³ Em 1940, outra casa de jogos foi

²⁴⁵ *Revista do Globo*, n°285, 30/11/1940, p. 221.

²⁴⁶ *Revista do Globo*, n° 367, 22/7/1944, p.58.

²⁴⁷ *Correio do Povo*, 2/12/1942.

²⁴⁸ *Revista do Globo*, n° 16, 5/1/1935, s/p; n° 3, 1929, p. 24.

²⁴⁹ *Revista do Globo*, n° 267,13/1/1940, p. 50-51.

²⁵⁰ *Correio do Povo*, 12/2/1940.

²⁵¹ *Correio do Povo*, 1/2/1936.

²⁵² *Revista do Globo*, n° 317, 18/4/1942, p.25-27.

²⁵³ *Correio do Povo*, 24/2/1939.

inaugurada, tratava-se do famoso *Casino Guarany*, que teve em sua estréia um jazz, que ficaria, segundo o proprietário Eurico Nunes, em caráter permanente.²⁵⁴

Conforme destaca Sirlei Rossoni, o movimento turístico na cidade após a inauguração do *Cassino Guarany* teria alavancado o rendimento do comércio, dos bares, hotéis e demais estabelecimentos. Apesar de aberto durante o ano todo, era no verão que o cassino possuía maior número de frequentadores, tendo suas trinta mesas lotadas à procura das roletas. O Cassino também destacava-se pelo “seu corpo de funcionários, habilmente treinados para atender com distinção a elite da sociedade regional”. Ainda conforme a autora, Eurico Nunes da Silva proibia o acesso de funcionários públicos, bancários e comerciários ao salão de roleta e carteados na tentativa de salvaguardar-lhes os recursos financeiros, evitando que deles dispusessem na incerteza do jogo.²⁵⁵

Convém salientar que em seu estudo sobre o Cassino Guarani, a autora não apresenta dados consistentes da movimentação de curistas, arrecadação monetária dos hotéis, perdas nas roletas e outros dados relativos à hotelaria e ao *Cassino Guarany*. Rossoni também ignora a existência do *Cassino Iraí*, que já se encontrava em atividade antes da abertura daquele que foi seu objeto de estudo.

Como decorrência da decisão tomada pelo presidente da república Eurico Gaspar Dutra, em 1946, o declínio do *Cassino Guarany* também esteve atrelado à proibição dos jogos de azar, que diminuiu o fluxo de banhistas ao local, causando uma decadência em sua economia.

A onda da jogatina, partindo das estações termais, também atingiu as estações balneárias no litoral do Rio Grande do Sul, onde os hotéis com cassinos ou somente os cassinos anunciavam a abertura de suas temporadas na imprensa gaúcha. Estes estabelecimentos teriam desviado a atenção de banhistas de Iraí, aumentando o fluxo de banhistas nas areias das praias gaúchas. Porém, o desejo da beira-mar possui outros aspectos que serão abordados no próximo capítulo.

²⁵⁴ **Correio do Povo**, 20/2/1941.

²⁵⁵ ROSSONI, op.cit., p. 26-27.

Balneários no Guaíba

Apesar de a cidade ter dado as costas ao Guaíba, às águas do lago já foram muito prestigiadas pela população porto-alegrense. Destaque no périplo de alguns viajantes que passaram pela província nos séculos XIX e XX, o Guaíba constou no diário de Robert Avé-Lallemant, Nicolau Dreys, Saint Hilaire, Princesa Isabel, entre outros.

No final do século XIX, a Sociedade de Ginástica Porto Alegre, SOGIPA, fundada em 1867, por um grupo de alemães, deu início ao *Deutscher Turnverein*, onde eram praticados esportes como a ginástica e o tiro. Dois anos mais tarde, o grupo de ginástica decidiu se separar, formando, em 1876, uma nova sociedade. Esta entidade construiu em 1885, à beira do rio Guaíba, no final da Conceição, uma piscina para banhos.²⁵⁶

A edificação da *Badeanstalt*, considerada a primeira piscina do Rio Grande do Sul, surgiu dos empréstimos e das doações dos associados. Uma carta expedida pelo prefeito José Montauray, em 1899, destaca a importância da casa de banhos situada à Rua Voluntários da Pátria, como um importante estabelecimento para banhos naquele bairro, já que no mesmo período os banhos na margem do rio eram proibidos.²⁵⁷

Os banhos aconteciam sob cuidados de um guarda, e as *Eintrittskarte* poderiam ser compradas no estabelecimento, entre os valores de 100 e 200 réis. A casa de banhos da SOGIPA também possuía compartimentos para guardar as roupas dos banhistas, e oferecia aulas de natação nas horas determinadas, mediante pagamento módico, com desconto para grupos com mais de cinco pessoas.²⁵⁸

Um regulamento estabelecendo a diferenciação dos trajes de banho, sendo para os iniciantes um calção de cor branca, para os menos experientes um branco com faixa vermelha e para os experientes um calção vermelho, era utilizado para controlar os nadadores. Estas vestimentas eram cedidas pela administração da piscina no pagamento do ingresso.²⁵⁹ Outro aspecto interessante da *Badeanstalt* eram os horários de banhos diferenciados para homens, mulheres e crianças.

²⁵⁶ SILVA, Haike Rosalene Kleber da. **Sogipa: uma trajetória de 130 anos (publicação comemorativa)**. Porto Alegre: Editores associados Ltda, 1997, p. 20.

²⁵⁷ Idem, p. 22.

²⁵⁸ Idem, Ibidem.

²⁵⁹ Idem, Ibidem.

Em 1917, a casa de banhos da SOGIPA foi destruída, por ocasião de um incêndio nos armazéns da estrada de ferro.²⁶⁰ A possibilidade de um incêndio criminoso de conotação xenófoba, também foi levantada devido ao contexto de Guerra contra os alemães.

Um episódio curioso foi o ocorrido com a casa de banhos (*Badeanstalt*) que o *Turnerbund* mantinha na beira do rio Guaíba. Na memória construída através das publicações comemorativas, esta casa de banhos foi destruída por um incêndio em 1917. Na busca por informações mais precisas, encontram-se as últimas referências ao *Badeanstalt* em livro-caixa no mês de outubro daquele ano. Na imprensa, nada foi comentado. É de se desconfiar do fato, sugerindo que este tenha sido mais um dos atentados sofridos pelo clube, então no mês de outubro.

Alguns membros da diretoria do *Turnerbund* chegaram a discutir a possibilidade de pedido de indenização pelos prejuízos causados pelos atentados, proposta que foi recusada a fim de não chamar a atenção para a sociedade. Usando de sua influência, Friedrichs foi até Borges de Medeiros para saber se o *Turnerbund* estava ameaçado de nacionalização, para o que parece ter sido assegurado que não.²⁶¹



Imagem 15: Casa de banhos do Turner Bund. Acervo: CEDOC/UNISC.

Imagem 16: Casa de banhos, fundos. Acervo: SOGIPA.

A vilegiatura nas margens do Guaíba possui registros fotográficos desde o início do século XX. O local escolhido para deambulação era a Pedra Redonda, localizada na zona sul da cidade. Uma fotografia do ano de 1900 mostra uma família coberta com longas vestimentas para se proteger do sol. A única mulher presente na imagem usa sombrinha, chapéu e lenço para preservar o rosto.²⁶² Outras fotografias das primeiras décadas do século na Pedra Redonda mostram a bela paisagem, o rio, as pedras, a natureza e alguns grupos de vilegiaturistas. Em duas ocasiões um grupo de

²⁶⁰ Idem, Ibidem.

²⁶¹ SILVA, Haike R. K. da. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**. A história de uma liderança étnica (1868-1950). São Leopoldo: Oikos, 2006, p.183-184.

²⁶² “Lago do Guaíba, Bairro pedra Redonda, próximo a Av. Cel. Marcos”. Acervo: MCHJC.

homens e um trio feminino aparecem vestidos com roupas esportivas, pois provavelmente desenvolviam alguma modalidade desportiva nos clubes náuticos do período.²⁶³

Outros aspectos da praia na Pedra Redonda foram publicados na *Revista Máscara*, desde 1918. As fotografias mostram os primeiros registros da paisagem, banhistas bem protegidas do sol, usando sombrinhas e longos vestidos, piqueniques e grupos de veranistas.²⁶⁴ Uma crônica de Gaston Hasslocher Mazon, publicada décadas mais tarde na revista *A Gaiivota*, rememora os banhos no Guaíba desde seus primórdios, aludindo o desejo de habitar sua orla.

Ainda existem nas margens do Guaíba, tanto no Caminho Novo como na Praia de Belas, vestígios de casinhas de banho, que ali existiram em grande número e algumas obedeciam a estilos bem originais e eram construídas com material tendo uma pontezinha de pedra e portão de ferro.

Esses lugares naqueles tempos eram considerados muito distantes do centro da cidade e os que possuíam recursos, mandavam ali edificar suas confortáveis residências de verão.

Grandes casas, que existem com suas datas mostram a sua velhice e no Caminho Novo ainda vemos vestígios do Solar de D. Diogo.

Rezam velhas crônicas da cidade, que também ali no Riacho, perto da Ponte de Pedra, era o lugar escolhido pelos elegantes para os seus veraneios e a praia de banhos “mais fina” da cidade.

Os sócios do Club de Regatas Porto Alegre, tomavam banho ali na Praça da Alfândega, pois a garagem ficava situada junto ao Palácio do Banco do Commercio. (...). Ainda estou vendo aquela casa de banhos que existiu ali nos fundos da rua Conceição, entre a Viação Férrea e o Edifício Ely.

Era um chalé muito bonitinho e para os que não sabiam nadar, havia uma parte com um tablado e “dava água na barriga”... (...).

Hoje, o Guaíba parece que esta se dando uns ares de oceano, pois a cada passo se houve: “estou fazendo minha temporada de veraneio na Tristeza, em Ipanema, no Espírito Santo, em Belém, na Alegria...”²⁶⁵

Em 24 de fevereiro de 1919, um grupo de rapazes formado por José Paiva, Ariovaldo Machado, Armando Barcellos, Leonardo Carlucci, Rui Santiago e Mario Lopes veraneavam em uma casinha de madeira nos arrabaldes da Tristeza, numa vila que eles denominaram *Jocotó*. Durante o veraneio, à noite, os mocinhos se divertiam promovendo espetáculos humorísticos ao ar livre, juntando-se com outros veranistas, que igualmente decidiram chamar-se *Jocotó*. Devido ao avolumado número de adeptos ao grupo, os *jocotós* decidiram dar a esse conjunto a organização de um clube.

²⁶³ As imagens referidas não possuem datação e, se encontram no Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre/RS.

²⁶⁴ *Revista Máscara*, Junho de 1918, Junho de 1918 a 1919, Fevereiro e Junho de 1919

²⁶⁵ *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1939. Acervo: AHGRGS.

Na noite do dia 30 de agosto de 1920, na Rua Riachuelo, o mesmo grupo de rapazes fundou o *Clube Jocotó*, constituindo sua organização com os seguintes participantes: Dr. Mario Totta, como presidente, Alvaro de Lima Santos, vice-presidente, Carlos Noll Sobrinho, secretário, Monoelito Teixeira, segundo secretário, Attila Soares e Armando Teixeira, tesoureiros, Ariovaldo Machado, diretor geral, José Paiva, diretor de Orquestra, Leonardo Carlucci, diretor cênico, Onofre de Lima e Silva, diretor redator, Pery Vale Soares, orador, Pedro Paulo da Rocha, diretor de esporte, e Armando Castro, Felipe Paula Soares, Raul Tota, Jorge Carvalho, Leonel Faro e Augusto Koeh, como suplentes. A diretoria foi empossada no dia 11 de setembro do mesmo ano, quando decidiu chamar a agremiação de *Clube Veranista Jocotó*.²⁶⁶

Em 1921, o Clube adquiriu um salão localizado na rua Dr. Montanry, esquina da Central, onde foi instalada sua sede. Ainda no mesmo ano, sob direção de Pery Vale Soares, foi publicado o primeiro número do jornal *O Veranista*, um informativo de quatro páginas sobre o clube.

No único exemplar acessível há informações sobre o histórico do clube, festas, bailes, poesias, cordões carnavalescos, trocadilhos das festividades, imagem dos representantes da diretoria e da “pedra do porco”, um calhau no balneário que se assemelhava a um suíno, aparecem como destaques nesta edição. Quanto ao *Clube Jocotó*, o que fica evidente no jornal é que por muito tempo ele foi dirigido somente por homens, o que despertava interesse em uma série de pretendentes, que recebiam pelo jornal “flertes” com as iniciais dos seus nomes.²⁶⁷

As “deslumbrantes festas no clube Jocotó” também estiveram presentes nas fotorreportagens da *Revista do Globo*, onde um grande grupo de pessoas aparece presente no “baile da vitória”, inclusive, o diretor Dr. Mario Totta, co-fundador do jornal *Correio do Povo* e médico da Santa Casa, e o ilustre Getúlio Vargas.²⁶⁸

Cabe ainda ressaltar que, muitas famílias porto-alegrenses se deslocavam até o município de Canoas, que era uma zona de veraneio. Muitos vilegiaturistas, inclusive, possuíam residências de verão em Canoas, que tinha o acesso facilitado da capital por uma estrada de ferro. No entanto, devido à distância e ausência de atrativos populares,

²⁶⁶ **O Veranista, orgam do clube veranista Jocotó.** 24/2/1923. Acervo: MCHJC.

²⁶⁷ “Srta. O. F. – Não seja tão mázinha e dê um pouco de atenção ao nosso amigo que, actualmente navega no mar do desespero. “Srta. M. P.- Desta vez sim, parece que há paixão”.

²⁶⁸ **Revista do Globo**, nº7/8, 1929, p. 22- 30.

os veranistas da capital começaram a frequentar a zona sul de Porto Alegre, que ficava fora do centro urbano, mas dentro da cidade.²⁶⁹

Para chegar até os balneários da Tristeza e Pedra Redonda, havia um trenzinho municipal que partia da *Estação Riacho* junto à Ponte de Pedra. Alguns anos mais tarde esta linha foi prolongada até o centro da cidade, na estação Ildfonso Pinto, atual Av. Borges de Medeiros com Av. Mauá. A locomotiva durou até a década de 1932, quando foi suspensa para ser incorporada à *Viação Férrea do Rio Grande do Sul*.²⁷⁰

Aos domingos e feriados esse trenzinho com sua locomotiva minúscula arrastando uma fila uniforme de vagões, circulava superlotado de passageiros e amigos da Tristeza e da Pedra Redonda, onde tomavam seus banhos divertidos, outros realizando convescotes esfuziantes que se movimentavam até o declinar do dia. A mesma articulação congestionada se observava nos dias festivos. O movimento maior era no período da estação calma, em que os moradores da cidade faziam da Tristeza seu ponto de recreação, voltando todas as noites à temperada frescura dos lares e ao convívio social noturno permanente.²⁷¹

No despertar dos anos 1930, com a urbanização da cidade muitos balneários começaram a aparecer nas propagandas de loteamentos localizados na zona sul de Porto Alegre. Era o início do desejo de habitar uma região balnear, onde o prazer dos banhos e o contato com a natureza se aproximavam do conforto do lar em uma cidade metropolitana.

Como uma miragem e dentro dos preceitos que hoje são caracterizados como qualidade de vida, a empresa *Ferrary & Faillace*, constituía o anúncio da “Villa Balnear Nova Belém, em Belém Novo”, com imagens ilustrativas de banhos nas águas do Guaíba, vista deslumbrante do balneário e da natureza, condições de “lazer, esporte, beleza, paisagem e conforto, na melhor praia dos arredores da capital”.²⁷² O interessante nas três ilustrações da propaganda mencionada é o modelo de uma vila balnear na forma dos balneários europeus, com carros de banho e casas para troca de roupas. Os banhistas também se mostram esportivos e familiarizados com o meio, como parte integrante daquela paisagem.

²⁶⁹ SANMARTIN, Olynto. *Um ciclo de cultura social*. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 63.

²⁷⁰ Idem, p. 64.

²⁷¹ Idem, Ibidem.

²⁷² *Correio do Povo*, 14/2/1932.

Em outra publicidade da mesma vila balnear, os corretores visam o futuro das próximas gerações, ilustrando crianças brincando na orla e destacando através do chamariz que a vila seria “um valor para os vossos filhos”.²⁷³

No reclame da “praia balneária Elsa”, localizada em Pedras Brancas, crianças brincando e banhistas modernas com touca e sapatilhas para banho ganham evidência na ilustração, juntamente com uma “moradora veranista”, de roupas leves e chapéu de abas largas, que desfruta o ambiente com elegância. A praia de “Elsa” também dispunha de vapores diários e “hotel de primeira ordem, a cargo do Sr. Krant”.²⁷⁴ Outra publicidade da “Villa Elsa”, igualmente com uma bela ilustração mostrando banhistas protegidas com sombrinhas, crianças brincando na margem das águas, casas de banho para troca de roupas, “lindas árvores de sombra” e “trapiche onde traçarão vapores” que permitiriam deslocamento para o balneário de Pedras Brancas, são os benefícios oferecidos pelos loteadores aos interessados, que poderiam residir de um lado da margem e vilegiaturar na outra.²⁷⁵

A “Villa Elsa” foi igualmente apresentada na coluna “Nossas Praias” da *Revista do Globo*, como uma “vista bonita da praia balneária”. A fotografia destaca os banhistas caminhando na beira do lago e os chalés com vista para a “praia”.²⁷⁶

Outro balneário em Belém Novo fornecia “brisas suaves em dias de calor...”. Como alertava o anúncio, “não é necessário ficar escravizado na cidade durante os calores do verão. A praia do Leblon, a 30 minutos de Porto Alegre, é o refugio ideal pela sua beleza e salubridade”.²⁷⁷

A capital dos gaúchos pode não lembrar em nada o Rio de Janeiro, mas teve, igualmente, uma localidade de banhos chamada Leblon, e, posteriormente, não ficou sem Ipanema, que juntamente com o balneário intitulado Espírito Santo, oferecia, aos futuros moradores, ruas calçadas, água encanada, linha de ônibus e restaurante de primeira ordem. Os terrenos na localidade eram oferecidos em prestações sem juros a longo prazo.²⁷⁸

No ano de 1939, estes três bairros balneares anunciaram a venda de loteamentos na revista das praias gaúchas *A Gaivota*, na qual fotos ilustram aspectos da natureza, banhos no Guaíba, os chalés, ruas calçadas e disponibilidade de meio transporte. As

²⁷³ *Correio do Povo*, 16/2/1932.

²⁷⁴ *Revista do Globo*, n° 3, 11/4/1934, s/p.

²⁷⁵ *Correio do Povo*, 21/1/1933.

²⁷⁶ *Revista do Globo*, n° 209, 28/9/1935, s/p.

²⁷⁷ *Correio do Povo*, 2/12/1934, p. 11.

²⁷⁸ *Correio do Povo*, 26/1/1936, p. 6; 9/1/1938, p. 7.

propagandas ainda sugerem a visita ao local para conhecer as vantagens de habitar o terreno na “maravilhosa praia” de Ipanema.

Porto Alegre a cidade sorriso perola do mais alto valor, orgulho dos Pampas, engastada no coração do Rio Grande possui atualmente esses lindos recantos onde os Porto Alegrenses acorrem nas lindas manhãs claras e nas tardes ensolaradas, a fim de recuperarem energias perdidas na labuta diária.²⁷⁹

Conforme destaca Schlatter, muitas famílias de Porto Alegre, como Luce, Linck, Pabst, Ely, Bier, Barata, Siegmann, Bercht, Bromberg possuíam chácaras entre Ipanema e Conceição, onde passavam o verão. “A maioria dessas residências ficava à beira do rio, com jardim arborizado e confortáveis casas que acomodavam muita gente. Na chácara dos Pabst e dos Ely, concentravam-se as famílias Nedel, Englert e Bins”.²⁸⁰

Dos balneários localizados na Pedra Redonda, poucas informações existem além dos registros encontrados na imprensa do Rio Grande do Sul. Do *Clube Jocotó*, por exemplo, não se têm registros de sua duração, porém, poucos anos mais tarde, já aparecem referências a outros balneários na Pedra Redonda. Estes locais de banhos dividiram cenário com as praias do litoral do Rio Grande Sul, atraindo porto-alegrenses pela proximidade da capital.

O *Balneário Fuster*, que levava o nome do proprietário espanhol Gaspar Fuster, surpreende com sua estrutura encontrada nos registros fotográficos, onde aparecem casas de banhos à beira do rio, disponíveis para os banhistas trocarem suas vestimentas.²⁸¹ O empresário Fuster, que conhecia os balneários de Santos, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideú, se espelhava neles para estruturar seu balneário, e inventar atrativos para o público que procurava o local, destacado pelo jornalista [sic] *Th. F.* como “ponto obrigatório dos que querem ou não podem pelos seus afazeres, gozar as delícias das nossas praias”.²⁸²

No balneário do espanhol aconteciam “banhos a fantasia”, festividade carnavalesca com “banda de música, serpentina, confeito, lança perfume e aluguel de fantasias de papel, que poderiam ser usadas em cima do maiô”.²⁸³ Outra celebração oferecida anualmente no balneário era a “Festa do Jornalista”, que ocorria em ocasião

²⁷⁹ **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1939.

²⁸⁰ SCHLATTER, op.cit., p. 39-40.

²⁸¹ **Revista do Globo**, n° 25, 1930, p. 18.

²⁸² **Correio do Povo**, 29/1/1933.

²⁸³ Idem, ibidem.

da abertura da temporada balneária.²⁸⁴ O grande grupo de funcionários dos diversos jornais da capital seguiam com suas famílias ao arrabalde, com ônibus fornecidos pela *Companhia Carris*, onde eram servidos com “gordo churrasco e ótima sobremesa, composta de doces e frutas”. Após o churrasco, eram realizadas provas desportivas, como corridas, natação e saltos ornamentais.²⁸⁵

Obviamente que a tática do senhor Fuster em fornecer festividades à imprensa do Rio Grande do Sul dava visibilidade e destaque ao seu balneário, o que resultava no maior fluxo de banhistas ao seu estabelecimento. Afinal, os elogios quanto aos “esforços desmedidos em bem servir os rapazes da imprensa, que ficaram cativos por todas as gentilezas despendidas”, eram registrados nas matérias sobre a festividade oferecida pelo “simpático e esforçado proprietário”.²⁸⁶

Alguns anos mais tarde, outro balneário na orla do Guaíba também prometia uma ótima temporada de verão, após reformulações e novo gerenciamento. A festa de inauguração do *Balneário Guarujá*, dirigido pelo “sócio-gerente” Jorge Schilling, reuniu um grande número de pessoas, que com automóveis especiais foram conduzidos até a praia, onde, após o banho, foram servidos com “suculento churrasco, regado a chopp”. Na festividade da abertura da temporada, estiveram presentes jornalistas do *Correio do Povo*, representantes militares e, principalmente, o sócio do novo balneário Alfredo Renner, que na ocasião discursou. Após os atos solenes, a cerimônia seguiu ao som de um “excelente jazz”.²⁸⁷

Em Belém Novo, curiosamente existia um *Hotel Casino*, que se apresentava como o “preferido da sociedade, mais próximo da capital e da praia, com serviço excelente de cozinha italiana e brasileira”. O Hotel ainda apresenta em seu anúncio o cardápio para o dia, o valor do almoço, das diárias e o serviço de ônibus de meia em meia hora para aquele bairro.²⁸⁸

Além dos balneários localizados na parte urbana da cidade, outros dois locais de banho ficavam na margem oposta do rio. O balneário *Florida*, de direção de Aloys Fiala, foi inaugurado em 1934. Para a cerimônia foram convidados representantes da imprensa e outras celebridades comerciais e políticas. Após o jantar, o prefeito de Guaíba, Dr. Hermínio Silveira fez uso da palavra, ressaltando a “operosidade do

²⁸⁴ *Correio do Povo*, 15/12/1933.

²⁸⁵ *Correio do Povo*, 16/12/1933.

²⁸⁶ Idem, *Ibidem*.

²⁸⁷ *Correio do Povo*, 26/1/1937.

²⁸⁸ *Correio do Povo*, 30/12/1939.

elemento germânico em todos os empreendimentos industriais e comerciais do nosso Estado”.²⁸⁹ Sobre os balneários da parte oposta do Guaíba, poucas informações constam até então, porém nos registros jornalísticos ainda aparecem anúncios do *Hotel Gaúcho*, que ficava junto ao *Balneário Alegria*.²⁹⁰

Já as recordações de Olga Nedel Schlatter, que passou a veraneiar no *Florida* em 1945, revelam aspectos do local e do cotidiano durante o veraneio, que reunia as famílias Gaston Englert, Bins, Adams, Nedel, Miller, Peixoto de Oliveira, Ruas e os Veit. O terreno da Florida era amplo, se estendo por meia quadra, com um gramado muito bem cuidado, onde eram realizados jogos de futebol e críquete.²⁹¹

Na casa da Florida havia programação intensa para todo o dia. Pela manhã, o ponto de encontro era a beira do Guaíba, que servia para banhos prolongados entremeados por brincadeiras e por diversões aquáticas. A tarde era reservada para atividades esportivas. No clube, eram organizados torneios de vôlei, tênis, pingue-pongue, todos muito concorridos e competitivos. Quem não jogava ficava acompanhando e torcendo. (...). No campinho disputavam-se partidas de críquete, um jogo muito em voga naquela época que usava bolas com tacos e arcos. Os jogos eram disputadíssimos, chegando a se estender por uma tarde inteira, com muitas discussões e comentários noite adentro. (...). Ao anoitecer, era chegada a hora de empreender uma caminhada pelas ruas de chão batido, ladeadas de eucaliptos, cujas folhas eram movidas pelo vento da tarde, exalando perfume e bem-estar. Íamos então até o trapiche onde atracava o vaporzinho que vinha diariamente de Porto Alegre, trazendo pessoas e encomendas.²⁹²

De acordo com aos registros apresentados, é possível perceber que famílias abastadas da cidade veraneavam e se estabeleciam em lugares privilegiados, mantendo práticas em voga no período e de influência inglesa, como jogos de críquete. Uma matéria da *Revista do Globo*, de 1944, sobre as “praias do Guaíba”, informa que o número de habitantes que frequentavam os balneários na outra margem do rio durante o período de veraneio era de 15% da população porto-alegrense.²⁹³

A porcentagem da classe dominante habitando e frequentando os balneários do Guaíba era representativa, porém a popularização dos banhos de rio após a década de 1940 aumentou o fluxo de trabalhadores urbanos nos balneários do Guaíba, chegando a 30% da população se banhando em suas águas nos finais de semana. Mas, a distinção entre o burguês e o trabalhador que encontrava nas águas o refúgio para o “calor

²⁸⁹ *Correio do Povo*, 9/1/1934.

²⁹⁰ *Correio do Povo*, 16/1/1938.

²⁹¹ SCHLATTER, op.cit., p. 43.

²⁹² Idem, op.cit., p. 44-45.

²⁹³ *Revista do Globo*, n°355, 22/1/1944, p. 41-43.

infernal” das ruas da capital, era delimitado entre as praias particulares e as praias populares, onde a organização do balneário se diferenciava pela estrutura, que não apresentava casa para troca de roupas, falta de sombra e de serviços gastronômicos.

Tentando uma ida ao Guaíba a esses recantos do Guaíba é que a gente sente sede de veraneio e de ar livre e fresco e martiriza o porto-alegrense nos meses de verão. Ele se utiliza de todos os meios para chegar à beira do rio. Vai de carroça, a cavalo, a pé, em veículos improvisados as pressas. Mas vai...

Chegando à praia, porém, crescem os problemas à frente do banhista. Desde o local para trocar a roupa até a deficiência do serviço de bar. E novas improvisações têm de ser feitas. Para as vilas residenciais, há praias particulares, com tabuletas advertindo que são proibidas ao público. E nas praias populares, continuam as proibições, pôr sobre as necessidades. Não se deve pisar na grama, mesmo onde não existe grama. Não se deve sentar no bar em traje de banho. Não se pode... O guarda está sempre atento. E a moral da indumentária tem ali um espaço vital rigorosamente observado.

Dentro do rio, porém, a humanidade navega livre e satisfeita, esquecida do asfalto, do bonde, de todas as torturas da cidade. Mulheres, homens e crianças. Principalmente homens, e de todos os tipos, desde os tarzans que se exibem em acrobacias na areia, até os raquíticos, de óculos, com ares professorais, e os carecas de peito cabeludo. Quanto a elas, predominam as gordas. Carnes balofas, pernas encaroçadas. Porque as bonitas não entram no rio. Ficam passeando na areia, fazendo o footing como na Rua da Praia, o andar estudado, o maquillage perfeito, o maillot de sêda extravagantemente reduzido.

E, de súbito, reúne-se uma família inteira, à sombra do minúsculo cinamomo de beira-rio. (...). O sol queimando. As peles rebentando...

Como não há refugio, o remédio é ficar por ali, rondando e suportando o sol, até que chegue a hora do último banho do dia...²⁹⁴

A humorada reportagem de Juliano Palha permite observar a diferença entre as classes sociais nos balneários no Guaíba. Ao relatar o cotidiano de um trabalhador que almeja atenuar o calor de seu dia de trabalho, o jornalista acaba delatando as dificuldades de chegada ao local pelos meios de transporte e a falta de infra-estrutura nos balneários públicos. Porém, as imagens e a descrição da matéria também demonstram aspectos sobre o divertido dia dos veranistas na orla de um rio onde ainda era possível se banhar.

²⁹⁴ Idem, Ibidem.



Imagem 17: Pedra Redonda, 1920. Acervo: Museu Joaquim José Felizardo.

Imagem 18: Detalhe matéria da *Revista do Globo*, 1945.

O Guaíba também ganhou as páginas da *Revista do Globo* em uma coluna chamada “Arte fotográfica”. Ali aparecem imagens de colaboradores que enviavam fotografias das “belezas naturais” da margem, das pedreiras em meio ao rio, da apreciação da água e do pôr do sol, das ondas batendo nas pedreiras, dos animais e dos banhistas na Pedra Redonda.²⁹⁵

A Pedra Redonda e outros balneários criados na orla do Guaíba tornaram-se o refúgio de muitos porto-alegrenses durante os dias de verão. Afinal, se o rio não tinha praia, criaram-se as “praias”, justificando a ocupação do local e os banhos. Assim sendo, a vontade de se atirar na água que a Princesa Isabel teve em 1885 ao observar os banhos do Visconde de Pelotas²⁹⁶ tornou-se seis décadas mais tarde uma prática comum ao habitante, “que se entrega de alma e corpo ao Espírito Santo, Ipanema, Pedra Redonda, Vila Assunção e outros tantos recantos ao longo do rio”.²⁹⁷

Apesar de atrair banhistas por sua beleza natural e proximidade do centro urbano de Porto Alegre, o Guaíba carecia dos atributos que somente a orla marítima poderia oferecer.

Pôrto Alegre tem o Guaíba, é verdade. Mas o Guaíba é estuário pardacento e manso que os ventos mal encrespam às vezes. É largo, sem dúvida; mas falta-lhe a salinidade do ar vivificante, como lhe falta a majestade do poder latente. Não há rio, por pujante e caudalosa que seja, capaz de produzir em alma sensível o efeito causado pelo mar.²⁹⁸

²⁹⁵ *Revista do Globo*, nº10, 1929, p. 8-9; nº 6, 1929, p. 26; nº3, 1932, p. 3/capa.

²⁹⁶ FILHO, Noal; FRANCO, Sérgio da Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890**. Santa Maria: Anatterra, 2004, p. 212.

²⁹⁷ *Revista do Globo*, nº379, 27/1/1945, p. 19- 21.

²⁹⁸ COARACY, Vivaldo. **Encontros com a vida (memórias)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962, p. 110. Agradeço a Julia Simões e Luís Augusto Fischer pela referência.

Desta forma, é possível concluir que, apesar do rio ter sido uma alternativa para atenuar o calor e vilegiaturar nos finais de semana, o desejo pela beira-mar não se extinguiu do imaginário social, pois semelhante à observação feita por Coaracy em 1911, a matéria da *Revista do Globo*, em 1945, também ressalta que na margem do Guaíba “não há uma areia como a de Copacabana ou de Tramandaí”.²⁹⁹

No capítulo a seguir, ver-se-á como o desejo da beira-mar tornou-se uma prática de veraneio comum entre os gaúchos.

²⁹⁹ **Revista do Globo**, n° 379, 27/1/1945, p. 19- 21.

I. DO BALBUCIAR À REALIZAÇÃO DO DESEJO DE BEIRA-MAR NO RIO GRANDE DO SUL

No capítulo anterior, o curismo em estações hidrominerais e na serra gaúcha foi tratado na perspectiva histórica e com objetivo de esboçar o prenúncio da vilegiatura marítima desde o último quartel do século XIX. Entre as formas de vilegiatura com finalidade terapêutica ou de lazer, percebe-se que os imigrantes europeus e descendentes foram protagonistas dessa mobilidade e das incipientes práticas de veraneio, que antecederam as férias coletivas na emergente sociedade industrial no sul do Brasil.

A realização do desejo da beira-mar ocorreu, inicialmente, sob o medo do mar tenebroso. Foi preciso vencer esse obstáculo do imaginário coletivo da sociedade sulina, cuja estrutura agrária, mais telúrica que talássica, impeliu os imigrantes europeus para os vales e serras florestais do interior.

Com a interiorização dos imigrantes, renovou-se o abismo entre o homem e o mar. O arquétipo diluviano, que se agravou pela experiência traumática da travessia oceânica de milhares de imigrantes, os enjôos, a promiscuidade, as doenças e mesmo a morte de alguns, eram situações incontornáveis a bordo dos navios. Por isso, durante o século XIX predominou aquela visão negativa em que o pavor e o horror se sobrepuseram ao encantamento com o mar.³⁰⁰

A repulsa ao mar, já representada na literatura bíblica e nos relatos de viagens, ganhou outra configuração quando os poetas barrocos, na aurora do século XVII, apresentaram uma nova leitura da paisagem, suscitando a alegria e o prazer de estar junto ao mar. Esta contemplação da natureza, a sedução do repouso provocada pelo retiro, a prática da meditação, da conversação e os prazeres do local ganharam espaço no imaginário ocidental durante o século XVIII.³⁰¹

Permeada pelo romantismo, a relação entre homem e natureza implicou em uma reeducação no modo de olhar a paisagem, tornando-a uma obra ligada divino. Por outro lado, no universo sensorial dos primeiros banhos de mar, a fobia misturava-se aos pesadelos da engolição, tornando o encontro da brisa com o corpo um enfrentamento insuportável fisicamente e moralmente.³⁰²

³⁰⁰ CORBIN, op. cit., p. 11-29.

³⁰¹ Idem, p. 30-33.

³⁰² URBAIN, op.cit., p. 124. Tradução nossa.

O medo e o prazer experimentados nos banhos de mar estavam presentes nas imersões preventivas ou curativas, que o corpo médico edificou por meio das teorias e regras. Historicamente, a prescrição médica da hidroterapia marinha foi uma prática decisiva para a divulgação e ritualização da moda dos banhos de mar. Ela chamou um grande número de vilegiaturistas a dominar sua fobia, em nome da ciência e da saúde, perpassando a repulsão inicial para aceitar o contato salutar.³⁰³

A seguir, ver-se-á como a realização do desejo da beira-mar implicou na ocupação do litoral, ao mesmo tempo, num controle de si e num autoconhecimento típico à modernidade da *belle époque*.

³⁰³ Idem, p. 133.

II. A DOMESTICAÇÃO DA NATUREZA MARÍTIMA

Em meados do século XIX, alguns curistas passaram a procurar as águas marinhas do Rio Grande do Sul com finalidades terapêuticas. No entanto, para que os banhos de mar se realizassem dentro dos preceitos estipulados pela medicina, os banhistas tiveram que vencer o medo das águas. Isso significa que a domesticação da natureza marítima foi acompanhada pela domesticação da natureza humana, de um domínio de si, do controle de temores e receios diante da paisagem desértica do litoral.

O caos marinho, representado nas atordoantes representações bíblicas, estava presente entre os primeiros banhistas do Rio Grande do Sul. Esta evidência aparece na segunda metade do século XIX, em um romance histórico, que ficou pouco conhecido em nível nacional e regional.

Escrito em 1847 e publicado em 1851, o romance *O Corsário*, de Caldre e Fião, alude à relação entre ambiente marítimo e poder divino. O cenário para esta história é a “tormentosa praia de Tramandaí”.

O arquétipo do mar devorador é aduzido no “primeiro quadro” do livro, quando o litoral é apresentado como lugar habitado por uma população nativa, de praieiros, que “viviam dos despojos do naufrágio”. A paisagem litorânea é descrita neste contexto, ambientando o momento em que a personagem central do romance, Maria, depara-se com o naufrago Vanzini.

Era que uma tempestade horrível sibilava na cumiada dos céus, e lambia com suas enormes línguas a superfície dos mares e montuosidades da terra, produzindo o estrépido tenebroso do inferno, e o pavor que faz convulsar o homem entre o amor e temor de Deus.³⁰⁴

Nesta passagem inicial, as referências entre o céu e o inferno mostram o medo humano diante dos fenômenos da natureza. Prosseguindo, o texto menciona o forte imaginário do medo da engolição pelas revoltosas águas do oceano.

Um eco surdo, semelhante ao ribombo do canhão repercutido, de ângulo em ângulo na vasta planície de um campo de batalha, se ouvia ao longe: eram as vagas do mar que, gemendo, vinham deitar-se na praia, e aí expiravam toda a força que lhe imprimira o anjo das tormentas com seu bafejar potente.³⁰⁵

³⁰⁴ CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **O corsário: romance rio-grandense**. Porto Alegre: Movimento, 1979, p. 35.

³⁰⁵ Idem, p. 36.

Diante do desespero do naufrágio que levava “milhares de famílias, perdidas no seio das ondas”, mais uma vez a exaltação divina é reportada na sobrevivência do corsário Vanzini, que pela sua vida teria “lutado com as ondas”, rogando socorro aos céus.

O amanhecer veio tarde: desconheciam talvez as nossas costas, e foi por isso que os bancos os surpreenderam e os fizeram naufragar. Havia de lutar tanto tempo!... (...) nada nele anuncia a expressão do temerário, do audaz, do homem que nada teme: ele havia temer; seus votos foram sem dúvida ter ao céu; Deus, que é piedoso, o ouviu e salvou-o...³⁰⁶

Neste primeiro momento, o oceano “surge como o instrumento da punição, como lembrança da catástrofe”.³⁰⁷ Em um segundo momento, a mesma costa que mantém vestígios dos horrores, também é o pano de fundo para as dores do amor de Maria. Essa evocação do sentimento diante da contemplação do mar anuncia uma nova forma de apreciação da orla marítima. O limite entre a costa arenosa e as ondas salgadas, imiscuiu-se entre criação divina e o lugar de contemplação.

Na literatura gaúcha, a contemplação do mar entrelaçada às angústias e dúvidas do amor não são tão frequentes como na literatura européia. Na obra de Rilke, por exemplo, a Princesa Branca questiona suas angústias amorosas e o medo da morte, diante das ondas do mar.³⁰⁸ Na mais famosa obra de Goethe, as falésias marítimas também são o cenário das inquietações de Fausto.³⁰⁹ Mas as falésias da praia de Torres também foram o cenário das questões amorosas do roteiro cinematográfico do gaúcho Salomão Scliar.

Filmado em 1951, *O vento norte* se passa em uma comunidade pesqueira da praia de Torres, que cotidianamente enfrenta as ondas do mar em busca do alimento para sua sobrevivência. A ideia para o roteiro de *Vento Norte* surgiu pelo contato que Scliar teve com pescadores de Capão da Canoa, em 1944, quando filmou o curto documentário, chamado *Homens do Mar*.³¹⁰

O movimento atmosférico, caracterizado como o desolador vento norte, é o que atinge essa comunidade pesqueira do litoral de Torres, que mesmo sabendo das causas que a tormenta poderia provocar ao pescador, enfrenta as ondas, deixando seus

³⁰⁶ Idem, Ibidem, p. 39.

³⁰⁷ CORBIN, op. cit., 12.

³⁰⁸ RILKE, Rainer Maria. **A princesa Branca: cena à beira-mar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

³⁰⁹ GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. São Paulo: Editora 34, 2004.

³¹⁰ PÓVOAS, Glênio. Encantamento do filme *Vento Norte* atravessa meio século. In: **Sessões do Imaginário**, FAMACOS/ PUCRS. Porto Alegre número 6, julho 2001, p. 1.

familiares diante da contemplação do mar, esperando que das águas eles ressurgam. Uma belíssima cena do filme mostra este momento da espera pela volta dos barcos, onde os que ficaram aguardam esperançosos, com suplicas aos céus, que o mar os devolva.³¹¹

Curiosamente, o filme de Scliar e o livro de Caldre e Fião possuem um aspecto em comum, uma mulher trabalhadora e valente que se apaixona por um forasteiro que surge do além-mar. Outros fatores em comum são os questionamentos da personagem Luísa de *Vento Norte*, que, após encontrar João, também passa a ver o litoral como um “território do vazio”. Um lugar, que assim como a paixão, é indômito. Mas que sem tardar será domesticado pela prática do veraneio.

No romance, a representação do litoral como um “território do vazio” ocorre através da mudança do olhar de Maria, que “embebida em um deleite de amor”, refaz suas considerações sobre o “mundo que tinha vivido até então”.

Seus companheiros começaram a parecer-lhe rudes e selvagens, sua vida antiga tornou-se-lhe fastidiosa, e pareceu-lhe indigna de uma moça ainda tão jovem e tão adornada como ela era de graças e de encantos; a sua cabana, até então tão cômoda às suas necessidades, pareceu-lhe pequena e imprópria à morada de uma família; a nudez de seus desertos lhe pareceu horrível; aquelas praias em que outrora nada ambicionada, em que via limitar-se o horizonte de sua pátria, tornaram-se-lhe medonhas e lhe abriam o desejo de afastar-se delas; [...].³¹²

A presença do poder divino também estava ligada ao sexto dia da Criação, quando Deus ordenou ao homem o domínio dos peixes e do mar, prevendo a “alimentação das pobres populações costeiras”.³¹³ Essa população de habitantes da costa marítima é representada no romance *O Corsário* como um povo batalhador e benevolente.

[...] nós somos benfeitores; a nossa profissão é salvar os naufragados e socorrê-los: enfim prestar-lhes tudo quanto nos é possível, a nós, pobres habitantes destas costas, cuja riqueza, é o nosso valor, a nossa bondade, e talvez a nossa virtude; nunca assassinamos alguém; nunca perseguimos miserável algum oprimido da fome e da fadiga; é o nosso lar, em derredor de nossa fogueira, que mais vezes o estrangeiro se assenta cheio de satisfação, talvez esquecido dos prazeres de sua pátria, e é em derredor da nossa fogueira que mais vezes a hospitalidade vem animar os corações, e que lágrimas derramadas se secam e se convertem em rios de alegria. Não, nós não somos inimigos; esta mão, belo estrangeiro, há de guiar-vos por estas veredas a um lugar aprazível, a uma casa que em vós produzirá memórias eternas.³¹⁴

³¹¹ SCLIAR, Salomão. **Vento Norte**, 1951, Brasil.

³¹² CALDRE E FIÃO, op. cit., p. 42.

³¹³ CORBIN, op. cit., p. 40.

³¹⁴ CALDRE E FIÃO, op. cit., p. 41.

O mesmo sentimento de hospitalidade e saudosismo narrado por um “dos companheiros de Maria”, foi descrito no relato do alemão Carl Seidler, que ao avistar a “intérmina superfície do oceano”, em Torres, comoveu-se.³¹⁵ Já o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, ao avistar a mesma paisagem, escreveu em seu périplo a mudança do panorama marítimo, “já que nos dias anteriores só avistávamos uma praia esbranquiçada que se confundia com o céu na linha do horizonte”.³¹⁶ Saint-Hilaire, ainda descreveu o encantador sentimento desfrutado diante da bela paisagem natural, que provavelmente estava ligado ao sentimento de nostalgia: “gozei de um panorama que se me afigurou mais encantador do que efetivamente era”.³¹⁷

A passagem do romance de Caldre e Fião faz jus ao cenário arcaico que antecedeu os balneários da vilegiatura marítima, ou seja, conforme análise histórica de Alain Corbin, da praia como um “território do vazio”. Um território, que mesmo habitado, ainda não era contemplado como lugar de deambulação e deleite pela população do Rio Grande do Sul.

Ainda que, durante este período inicial no século XIX, o litoral tenha sido percorrido por muitos viajantes, marinheiros e corsários, a distinção entre o homem da praia e o outro já era notada. Essa simples diferença entre o outro está caracterizada no romance de Caldre e Fião, logo que Maria encontra o corsário Vanzini.

Sua mão delicada e sua roupa molhada não deixavam de mostrar que ele era homem de hierarquia superior na sociedade; um fino colar de ouro lhe pendia do pescoço, prendendo um rico relógio de ouro engravado de diamantes.³¹⁸

No romance histórico, essa percepção do outro, do estrangeiro diante do nativo, é realizada pelo próprio nativo. Porém, no relato do viajante Saint-Hilaire, o nativo é descrito pelo estrangeiro que, igualmente, relata a simplicidade do povo e da localidade.

Terminado meu trabalho, pedi licença ao dono da choupana para pernoitar em sua casa, sendo atendido. Esta é construída em madeira encruzada, revestida de folhas de palmeiras, que também entram na sua cobertura. Compõe-se de um celeiro sem porta e um quarto desprovido de janela e mobiliário, onde a roupa branca e o vestuário de toda a família são estendidos sobre traves.

Apesar da indigência que revela essa triste morada, a dona da casa se veste muito melhor que nossas camponesas francesas.³¹⁹

³¹⁵ SEIDLER, Carl. **Dez anos no Brasil**. São Paulo: Martins Editora, 1951, p. 218.

³¹⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Erus, 1987, p. 11.

³¹⁷ Idem, p. 12.

³¹⁸ CALDRE E FIÃO, op. cit., p. 37.

Além deste primeiro romance “gaúcho”, a literatura de viagem contribuiu para uma narrativa negativa do litoral do Rio Grande do Sul. Ela consagrou a imagem de um mar indômito, de fortes correntezas e bancos de areia insidiosos, como características do litoral sulino.

Em meados do século XVIII, há registro da imagem sinistra da barra de Rio Grande. O relato de viagem dos naufragos ingleses John Bulkeley e John Cummins menciona o quanto era perigoso a entrada daquele porto.³²⁰ Durante sua estada na vila de São Pedro, em 1820, Auguste Saint-Hilaire comentou sobre a banalização dos naufrágios.

Fala-se aqui da desgraça alheia com o mais inalterável sangue-frio. Conta-se o naufrágio de uma embarcação e o afogamento da tripulação como se contassem fatos os mais desinteressantes...³²¹

Os relatos de viagem contribuíram para uma imagem do litoral nos moldes daquela literatura romântica “obcecada pelo naufrágio”.³²² Mas a fama da “terrível barra do Rio-Grande” também foi tema das letras rio-grandenses. Membro da Sociedade Partenon Literário, José Bernardino dos Santos (1845-1892) contribuiu para essa imagem em *Os Lobos do Mar*.

No entanto, esta terra hospitaleira é guardada por um fantasma sinistro, que apavora os mais ousados navegantes – a barra do Rio-Grande!.³²³

A mudança da percepção sobre o território arenoso, vasto e desguarnecido do Rio Grande do Sul, acusa uma alteração do olhar sobre o litoral. No caso europeu, por exemplo, esta mudança ocorreu através da pintura holandesa do século XVIII, que passou a retratar as paisagens campestres e posteriormente marítimas.³²⁴

Apesar da existência de um vasto território aquoso no Rio Grande do Sul, a representação pictórica do litoral é um tanto escassa. Porém, durante o século XIX, duas aquarelas, uma do pintor e desenhista francês Jean-Baptiste Debret, que esteve no Brasil meridional entre os anos de 1827 e 1828, e, posteriormente, a do alemão Hermann

³¹⁹ SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 14.

³²⁰ CESAR, Guilhermino. **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2ª. Edição, 1981, p. 133-139.

³²¹ SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 58.

³²² CORBIN, op. cit., p. 259.

³²³ KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly. **Letras Rio-Grandenses**. Porto Alegre: Edições da Livraria do Globo, 1935, p. 304.

³²⁴ CORBIN, op. cit., p. 46.

Rudolf Wendroth, em 1851, retratam “aquela praia com três elevações, três outeiros ou altas colinas, que elevando-se rente ao mar dominam a paisagem”.³²⁵

Se os relatos de viagens abriram caminho para a descoberta da paisagem Torrense, a pintura vai no enlaço, “ela abre pela segunda vez o caminho e leva a partilhar a visão da imagem descrita pela língua. Uma vez representada em desenho e cor, a paisagem que suscitava a emoção dos escritores adquire certa realidade. Ela existe”.³²⁶

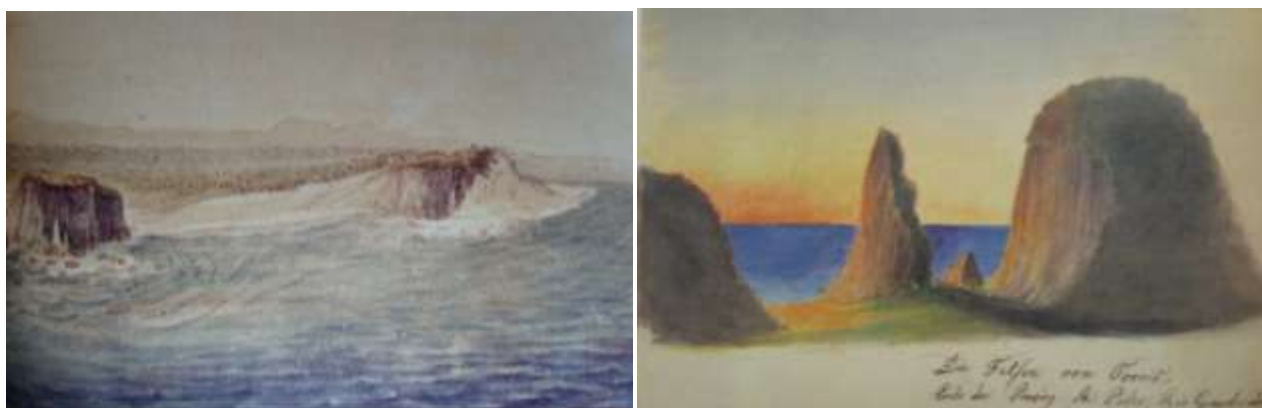


Imagem 19: Detalhe do panorama pictórico de Torres por Debret. In: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. do. **Debret e o Brasil: Obra Completa**, 2008.

Imagem 20: “Die Felsen von Torres”. Hermann Rudolf Wendroth. Acervo: Arquivo Histórico do Memorial do Rio Grande do Sul.

A vilegiatura marítima favoreceu o olhar contemplativo sobre a natureza do litoral. O viajante passou a contemplar a paisagem observando o espetáculo da natureza.³²⁷ A contemplação do percurso já era uma experiência estética para aqueles que procuravam as termas, como revela Nísia Floresta ao contemplar a paisagem do itinerário de Liège a Spa.

De Liège para cá, desenrolou-se perante meus olhos o mais belo campo que vi até aqui na Europa, o de aspecto mais variado e deslumbrante. Risonhos vales, colinas, castelos, lindas e pitorescas casas espalhadas aqui e ali, gargantas, montanhas, os graciosos desvios do encantador Vesdre, que a estrada de ferro ladeia quase sempre, tudo apresenta ao olhar do viajante um arrebatador quadro que prossegue até este outro, mais animado e atraente, que se chama Spa.³²⁸

³²⁵ JACQUES, Alfredo. **Mar Perdido e outras histórias**. Porto Alegre: Editora Globo, 1959, p. 4.

³²⁶ CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 93.

³²⁷ Idem, p. 47.

³²⁸ FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 64.

Aos poucos, a fruição da paisagem levou os visitantes a desfrutarem a beira-mar.³²⁹ Conseqüentemente, essa mudança na sensibilidade do olhar também modificou as pinturas marítimas, que passaram a traduzir a orla marítima e suas sociabilidades.³³⁰

Ao mesmo tempo, modifica-se a significação social do quadro. A praia permanece, certamente, o lugar de trabalho dos pescadores, o prolongamento do espaço público da aldeia, mas passa a representar também a culminação do ritual do passeio urbano.³³¹

A relação entre comunidades nativas e adventícias se intensificou com a invenção do veraneio. Os curistas e os primeiros veranistas dependeram das comunidades locais para o provimento de comida, água, entre outros. Também eram necessárias informações sobre eventuais perigos no ambiente talássico, principalmente sobre os ventos, as correntes marítimas, a fauna lacustre e marinha, e mesmo sobre as doenças endêmicas.

Em relação aos “monstros marinhos”, que povoaram o imaginário durante muito tempo, pouco a pouco houve o seu desaparecimento. Nas praias, os mosquitos também eram incômodos para muitos vilegiatistas.³³² A ressaca do mar impedia, às vezes, a ida aos banhos. Os fortes ventos da costa machucavam a pele dos banhistas e o sal marinho ressecava a pele.

Apesar da helioterapia ganhar adeptos, a exposição exagerada aos raios do sol podia prejudicar a saúde. As medusas também incomodavam os banhistas em determinadas épocas. Em alguns locais, as areias poderiam “engolir” os carros ou caminhões que circulavam inadvertidamente pela praia, pois conforme Roquette-Pinto, “o litoral do Rio Grande do Sul é, nessa região, tomado por cômoros de areia movediça que forma, em certos pontos, verdadeiras dunas”.³³³ Ainda segundo suas observações, as areias em pleno movimento vivem em continuo assalto às casas dos pescadores, pois lhe mostraram algumas que foram soterradas em pouco tempo.³³⁴

³²⁹ CORBIN, op. it., p. 49.

³³⁰ Irineu Lippert, João Batista da Rosa, Nathaniel Guimarães, De Curtis, Cervasio, Francis Pelicheck. Cf. RUSCHEL, op.cit., p. 27-28.

³³¹ Idem, p. 50.

³³² Roquette-Pinto em sua excursão ao litoral registrou ao chegar próximo a Torres: “Pela primeira vez fomos incomodados pelos mosquitos”. In: ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Relatório da excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1962, p. 31.

³³³ ROQUETTE-PINTO, op. cit., p. 18.

³³⁴ Idem, p. 30.

Segundo o registro do professor Antônio Coruja, a absoluta precedência de porto-alegrenses a Cidreira na primeira metade do século XIX, esclarece a afeição que eles tinham pelo balneário.³³⁵

Continuando o passeio pela Caridade fora, atravessou os cercados do defunto Amarelo (Chácara de Mariante), e estava já a chegar aos Moinhos-velhos, quando se viu embaraçado por umas carretas pertencentes ao Jardim Pago e ao Nicolauzinho que conduziam da Cidreira umas famílias que tinham ido aos banhos de mar grosso.³³⁶

No último quartel do século XIX, caravanas seguiam para o litoral durante os meses de verão, como evidenciam alguns anúncios nos jornais da época.

As pessoas que quiserem ir aos higiênicos banhos da Cidreira, encontrarão boas conduções em espaçosas carretas que se acharão na Várzea desta cidade, em princípios de janeiro entrante e por cômodos preços; acrescentando-se que lá também encontrarão boas acomodações. Pode-se desde já tratar com João de Deus Gomes, na casa de negócio do mesmo, no Campo do Bonfim, esquina da rua da Azenha.³³⁷

Outra evidência remota dos primeiros banhos de mar no litoral norte aparece em meados da segunda metade do século XIX. Esta referência reporta-se ao necrológio divulgado na revista *A Gaivota*, que lastima a perda da mais antiga veranista da praia da Cidreira, Cristina Schneider, que faleceu aos 92 anos de idade.³³⁸ Desta estimativa, é possível deduzir que a banhista alemã frequentava o balneário desde 1866.

Neste mesmo período, já havia na praia de Tramandaí um hotel, cujo nome estava relacionado às práticas medicinais dos banhos de mar. Trata-se do *Hotel da Saúde*, de propriedade de Leonel Pereira de Souza, fundado em 1888.³³⁹

Algumas décadas mais tarde, anúncios do *Hotel da Saúde* ainda são encontrados no jornal *Correio do Povo*, oferecendo conforto aos banhistas. Cabe salientar que a evidência das práticas de banho durante o período de verão, dezembro a março, é implícita no anúncio do estabelecimento, que se declara apto a funcionar, conforme destacam as propagandas vinculadas durante estes meses.³⁴⁰

³³⁵ CORUJA, Antônio Álvares Pereira. **Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre**. Porto Alegre: Erus Editora, 2ª edição, 1983, p. 51.

³³⁶ Idem, p. 32- 34.

³³⁷ **O Mercantil**, 8/1/1884. MCSHJC.

³³⁸ **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1942. IHGRS.

³³⁹ FORTINI, Archymedes. **Revivendo o passado**. Porto Alegre: Sulina, 1953, p. 71.

³⁴⁰ **Correio do Povo**, 4/1/1925. NPH/UFRGS.



Imagem 21: Publicidade do *Hotel da Saúde*, Tramandaí. *Correio do Povo*, 8/1/1925. Acervo: NPH/UFRGS.

Importante destacar neste anúncio do *Hotel da Saúde* o fato de que seu escritório se localizava em Porto Alegre. Outro fator recorrente são os imigrantes como agenciadores da vilegiatura, pois o público migrante, sobretudo alemão e italiano, é notório.

Dez anos após a abertura do *Hotel da Saúde*, o imigrante Jorge Eneas Sperb, procedente de São Leopoldo, construiu em Cidreira o *Hotel Sperb*.³⁴¹ Curiosamente, a mesma família Sperb, residente na antiga Rua Beco do Rosário, em Porto Alegre, foi localizada no trabalho de Magda Gans como fabricante de carretas³⁴², o que mostra uma ligação familiar, já que estas mesmas carretas conduziam às praias banhistas e diversos artigos alimentícios.

De Porto Alegre a Tramandaí, as carretas de carga traçadas por bois, levavam oito dias de viagem. Cinco dias antes de Jorge Sperb sair para Tramandaí com sua família de São Leopoldo, onde moravam, ia a Porto Alegre para despachar as carretas de bois, de sua propriedade, carregadas de bebida, alimentos e outros artigos que se faziam necessários para a manutenção e funcionamento do Hotel Sperb. (...). As carretas de bois carregadas com mantimentos, que saíam cinco dias antes de Porto Alegre, seriam alcançadas pela carreta de cavalos da família de Jorge E. Sperb. Era tudo muito bem calculado. Chegavam mais ou menos juntas.³⁴³

Importante lembrar que no Rio Grande do Sul do século XIX, as regiões do litoral e do interior representavam duas fronteiras para a expansão colonial. As

³⁴¹ SOARES, Leda Saraiva. *A saga das praias gaúchas: de Quintão a Torres*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000, p. 21.

³⁴² GANS, op. cit., p. 64.

³⁴³ Depoimento de Flávia Sperb Zinck (neta de Jorge E. Sperb) *apud* SOARES, L. op. cit., p. 35.

fracassadas experiências da colonização alemã no litoral norte, próximo de Torres, pareciam selar o destino do litoral como “território do vazio”.

Roquette-Pinto, ao passar pela comunidade de *Pôrto da Colônia*, vizinha do mais antigo núcleo de colonização alemã, observou “uma praia limpa; nem uma cabana, nenhum sinal de gente”.³⁴⁴ Prosseguindo a viagem, ao chegar à *Colônia de São Pedro*, ele constatou uma comunidade em meio à solidão.

O aspecto das casas era decadente. Apesar do clima, ideal, da uberdade do solo, a colônia declinou porque foi estabelecida no meio da solidão, longe de qualquer centro consumidor ou exportador, sem poder transportar os produtos da terra. O arraial de São Pedro, perdido naquela serra, entre vales belíssimos, tinha o ar de uma vila abandonada. (...). No entanto, as construções que havíamos achado nesse arraial contrastavam, pelo adiantamento industrial que pressupõe, com aquela solidão. Tínhamos visto uma pequena igreja, uma olaria e mesmo uma *distilação* arruinadas.³⁴⁵

Sobre o aspecto desolador daquela comunidade, o pesquisador ainda comenta que muitos colonos arruinados migraram para as comunidades de Três Forquilhas ou Barra do Ouro. A dificuldade de comunicação e produção de alimentos também foi ressaltada por Roquette-Pinto, que ao voltar de Torres para Tramandaí, foi interpelado por um morador que supôs que eles fossem pescadores de Tramandaí, querendo trocar ½ saco de feijão por alguns bagres secos.

O raro comércio dessa gente isolada é assim feito, à primitiva. Mesmo os produtos da indústria fabril que algum mascate leva, com mil dificuldades, eles adquirem por troca, dando, em cereais, três ou quatro vezes mais do que teriam feito se por lá houvesse dinheiro.³⁴⁶

A colonização alemã acabou se espalhando pelos vales, onde o ar puro das colinas verdejantes, os rios sinuosos e a terra fértil sob a mata a derrubar, contrastavam com a paisagem deserta, inculta e inóspita do litoral marítimo.³⁴⁷ Essa ao menos foi a impressão registrada por Roquette-Pinto, que ao chegar à comunidade italiana da Barra do Ouro, viu “surgir uma casinha, toda de madeira, coberta por tabuinhas, no meio de uma roça que respirava prosperidade”.³⁴⁸ Aliviado, o viajante diz que a

³⁴⁴ ROQUETTE-PINTO, op.cit., p. 31.

³⁴⁵ Idem, Ibidem.

³⁴⁶ Idem, Ibidem.

³⁴⁷ CORREA, op. cit., p. 5.

³⁴⁸ ROQUETTE-PINTO, op. cit., p. 35.

impressão que esta colônia deixa é muito melhor que aquela recebida na alemã de São Pedro, pois na Barra do Ouro, mau grado o isolamento, tudo floresce.³⁴⁹

Deste modo, a faixa litorânea ficou relegada às comunidades que viviam da pesca e das sobras de naufrágios, que, velhos, ficavam encravados na areia.³⁵⁰ Porém, sem tardar o afluxo de curistas adeptos das terapêuticas talássicas cresceu na orla marítima, necessitando interagir com os nativos para conhecer melhor o ambiente.

Segundo o relatório da assembléia legislativa sobre o município de Cidreira, foi somente após 1860 que as carretas puxadas por bois começaram a ir para Cidreira.³⁵¹ Alguns dos primeiros veranistas que vinham para esta praia como os primos Leopoldo e Edmundo Bastian, Carlos Dauth, Ernesto Scheneider, Alberto Bins e as famílias Bopp e Cristoffel, solicitaram aos nativos a construção de choupanas de palha iguais às dos pescadores, para passarem o verão.³⁵² Essas habitações foram mencionadas por Roquette-Pinto, que esteve na localidade em 1906.

Diante do mar, aí sempre muito batido, no imenso areal, erguem-se umas 20 choupanas de madeira, cobertas de palha, onde, nos meses de verão, algumas pessoas de Porto Alegre vêm habitar, trazendo consigo o indispensável à vida. Quando por lá passamos, em nenhuma dessas casinhas havia gente. A cobertura dos tetos meio levantada pelo vento, as portas desconjuntadas, batendo livremente, davam ao lugarejo, onde nem água potável existe, o mais desolador aspecto.³⁵³

Em 1913, Pedro Weingärtner registrou, através da pintura, as palhoças entre os cômoros e a beira-mar de Cidreira. No entanto, não é possível identificar se as choupanas eram de nativos ou de veranistas.

³⁴⁹ Idem, p. 36.

³⁵⁰ Idem, Ibidem, p. 20

³⁵¹ **Os novos municípios do rio Grande do Sul: Cidreira.** Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1988, p. 17.

³⁵² GONZALES, Myrthes T. **Cidreira. Anos 20.** Cidreira: EDESUL/SEC, s/data; apud: CORREA, op. cit.; p. 3.

³⁵³ ROQUETTE-PINTO, op.cit., p. 18.



Imagem 22: Praia de Cidreira, 1913. Coleção Lahoud, São Paulo.

In: **Pedro Weingärtner (1853-1929): Um artista entre o velho e o Novo Mundo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009, p.253.

Algumas décadas mais tarde, Roquette-Pinto enviou uma carta ao filho do proprietário do *Hotel da Saúde*, Abraão Pereira de Souza, que acompanhou o pesquisador ao longo de sua excursão lacustre. Na carta, o viajante diz ter ficado comovido ao ouvir no rádio que o fogo destruiu as casas de palha da estação balneária de Cidreira.³⁵⁴

O pesquisador, que também chamou a atenção para as casinhas de Tramandaí, que se ocultavam atrás dos montículos da praia, ficou surpreso ao chegar perto da curiosa povoação. Na localidade, Roquette-Pinto encontrou uma aldeota com 100 casas, todas de madeira de tiririca-do-brejo, baixas e originais, onde se alojava uma pequena população de pescadores. Para os veranistas, que chegavam lá em pleno verão, havia dois hotéis, construídos ambos segundo a norma das outras casas: paredes de tábuas e tetos de palha.³⁵⁵ Os dois hotéis referidos por Roquette-Pinto eram os mencionados *Hotel da Saúde* e *Hotel Sperb*. O viajante, inclusive, ficou hospedado no *Hotel da Saúde* durante sua excursão.³⁵⁶

A praia de Tramandaí chamou a atenção de Roquette-Pinto, por sua intensa atividade pesqueira e por servir de estação balneária para a Capital do Estado. A pesca

³⁵⁴ Idem, *Ibidem*, p. 53.

³⁵⁵ Idem, *Ibidem*, p. 20.

³⁵⁶ Idem, *Ibidem*.

do bagre e seu preparo para exportação constituíam, segundo ele, na única ocupação da massa de habitantes, que tinham nos lagos vizinhos um farto viveiro.³⁵⁷

Outro aspecto importante notado pelo pesquisador é sobre a indústria da pesca do bagre no Rio Grande do Sul. O principal estabelecimento que preparava o peixe em Tramandaí pertencia a Leonel Pereira Sousa, proprietário do *Hotel da Saúde*. O peixe, que secado e salgado em grandes varais de um depósito, era vendido muitas vezes como bacalhau. O empreendimento contava com 15 pescadores, e era dirigido por “um capataz, homem prático em conhecer os cardumes pelas ondulações da superfície da água”.³⁵⁸

É raro encontrar um bom capataz. Em geral estes homens ganham Cr\$ 200,00 por mês, ordenando fabuloso naquele lugar, e cada auxiliar recebe Cr\$ 40,00.

No serviço do sr. Leonel havia 80 peças de rede, cada uma com quatro braços de largura por outras tantas de comprimento.

Na pescaria as canoas vão silenciosamente; quando o capataz faz o sinal de cardume, abrindo os braços, as portadoras da rede, abrem-na também, cada uma indo para seu lado, estendendo-a, assim, em círculo.

As outras canoas começam então, a enxotar o peixe, batendo os homens com remos de encontro aos boros, nem grande arruído.

Recolhida a rede são os bagres decapitados pelos pescadores e levados ao tendal, onde bandos de raparigas o escalam e salgam, entre risadas e cantigas. (...). Posto a secar o bagre fica lembrando o bacalhau, que o Brasil tanto importa.

Vi um lance de 4.000 peixes; informaram-me, porém, que já se tem um, ou outro, de 60.000 e mais.³⁵⁹

É importante salientar que, neste caso, o empreendimento do hoteleiro não relegou os pescadores de Tramandaí apenas ao próprio sustento, permitindo que a comunidade local, ao contrário da colônia litorânea de alemães, tivesse alternativa econômica. Entretanto, o número de veranistas aumentava a cada ano mesclando-se em meio aos pescadores. Em outras palavras, o pecador não desapareceu da costa, mas o banhista passou a existir.³⁶⁰ Porém, resta saber se este processo de ocupação da costa marítima foi pacífico entre nativos e adventícios?

Devido à ênfase medicinal sobre os benefícios dos banhos de mar, iniciava-se o espetáculo social de exhibir-se à beira-mar. Este processo foi alcançando maiores proporções ao adentrar do século XX.

³⁵⁷ Idem, Ibidem, p. 22.

³⁵⁸ Idem, Ibidem, p. 23.

³⁵⁹ Idem, Ibidem.

³⁶⁰ URBIN, op. cit., p. 122.

III. MAR COMO REFÚGIO DA MODERNIDADE

As praias do Guaíba, a vilegiatura campestre pelos arrabaldes de Porto Alegre e o ar fresco da serra foram passatempos citadinos da *belle époque*. Porém, com o intenso processo de industrialização e urbanização nas primeiras décadas do século XX, o desejo de sair da rotina aumentou a pretensão metropolitana da burguesia mercantil e industrial de Porto Alegre, notadamente composta por teuto-brasileiros.

O local gravado na memória dos moradores da capital como “rua dos alemães” e citado (especialmente pelas casas de ferragens e de importação ali existentes), nesse sentido, pela historiografia sobre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX é o Caminho Novo ou a Rua Voluntários da Pátria. A presença teuta em Porto Alegre, no entanto, foi muito mais abrangente.

No referido Caminho Novo foi possível localizar 120 teutos instalados profissionalmente. Lá estabeleceram-se teutos de nível socioeconômico alto: aparecem 40 casas de grande porte, principalmente importadoras de ferros e ferragens, mas também muitos atacadistas de secos e molhados. Foi a partir de 1880 que a presença teuta nesta rua foi mais marcante.³⁶¹

O “elemento germânico” do ambiente porto-alegrense, no início do século XX, também foi relatado por Vivaldo Coaracy, que, inclusive, escreveu o romance *Frida Meyer* (1924), que se passa no cerne da sociedade alemã de Porto Alegre.³⁶²

Ora, a quem vinha de meio diferente, habituado a outra paisagem humana, não podia deixar de impressionar com estranheza a existência de um grupo social encerrado em si mesmo, com vida própria e distinta, diverso na língua, na cultura, nos costumes, a isolar-se propositadamente, enquistado e arredo. (...). Entra a gente no Rio Grande do Sul e sente e sabe que continua dentro do Brasil. Penetrava-se, porém, nos círculos teutônicos ilhados dentro da sociedade gaúcha e logo se experimentava a sensação de entrar em um território estrangeiro, transpondo uma fronteira. (...).

Havia em Pôrto Alegre, mantendo-se à parte, uma sociedade alemã, estruturada em categorias, completa em si mesma, com suas classes, seus órgãos, suas atividades, sua cultura, seus costumes, sua língua. A imagem do quisto, tantas vezes empregada a ponto de tornar lugar-comum, é exata e mais adequada.³⁶³

Entre os primeiros banhistas nas praias do litoral norte, percebe-se uma significativa parcela de imigrantes alemães e seus descendentes. Este fator está associado ao conhecimento científico que os médicos, sobretudo alemães, possuíam em relação

³⁶¹ GANS, op. cit., p. 39.

³⁶² Vivaldo Coaracy permaneceu no Rio Grande do Sul entre anos de 1905 e 1919.

³⁶³ COARACY, op. cit., p. 63-64.

aos benefícios dos banhos de mar e também ao nível socioeconômico da comunidade alemã em Porto Alegre.

Segundo os dados apresentados por Magda Gans, é possível conceber alguns elementos sobre a comunidade germânica em Porto Alegre do final do século XIX. De um total de 2.093 teutos na capital, a autora registrou em seu estudo 1.203, que foram classificados como populares, médios e afortunados.³⁶⁴ Destes 1.203, 77 indivíduos são de nível socioeconômico baixo ou popular, 902 de nível médio e 223 de nível médio ou afortunado.³⁶⁵ Sobre esta comunidade, também é importante levar em consideração os apontamentos sobre as sociabilidades e atividades realizadas pelos imigrantes.

Ao se buscar entender a identidade teuto-brasileira, tem de se levar em conta a sua originalidade, suas criações e adaptações no novo contexto vivido na província, mas também deve-se reconhecer o passado inescapável, ou seja, o universo cultural de referência do qual tomou significados de empréstimo, mesmo que para transformá-los.³⁶⁶

É importante lembrar que, de um expressivo número de imigrantes que provinha da hinterlândia germânica, para muitos a travessia atlântica foi à primeira experiência com o mar. No entanto, entre os profissionais liberais que imigravam por várias razões, a vilegiatura marítima, especialmente ao Báltico, fazia parte de suas experiências, assim como a temporada em estações termais.³⁶⁷

Portanto, é possível inferir que o pioneirismo dos alemães na vilegiatura marítima era, para muitos, um “hábito comum”, que foi adaptado ao novo contexto, pois as águas geladas do litoral gaúcho se assemelhavam muito com as do Báltico, sendo propícias ao objetivo terapêutico, que preferia o mar frio ao mar quente e os banhos breves aos banhos longos.³⁶⁸

O apogeu do comércio e da indústria teutos no Rio Grande do Sul ocorreu na virada do século, mais precisamente no decorrer das primeiras décadas do século XX.³⁶⁹ Do nervosismo da vida urbana, fazia parte a pretensão de sair do cotidiano eletrizante da cidade. Refúgios começaram a ser cada vez mais necessários para mostrar também a distinção dos retirantes temporários, ainda mais numa época em que não havia férias

³⁶⁴ GANS, op. cit., p. 27.

³⁶⁵ Idem, p. 29.

³⁶⁶ Idem, Ibidem, p. 19.

³⁶⁷ CORREA, op. cit., p. 6.

³⁶⁸ URBIN, op. cit., p. 137.

³⁶⁹ Idem, p. 73.

remuneradas. Assim, as praias de Cidreira, Tramandaí e Torres foram os primeiros destinos da incipiente vilegiatura marítima no litoral norte.

É importante salientar que no final do século XIX, a parte sul do litoral gaúcho, também ganhou investimentos significativos de imigrantes que almejavam promover hábitos europeus.³⁷⁰ Reunidos sob o projeto da empresa *Carris Urbanos*, a estação balnear de *Villa Sequeira*, em Rio Grande, envolvia imigrantes ingleses, comerciantes portugueses e industriais alemães.³⁷¹

Sem tardar, a companhia *Carris* divulgou na imprensa que faria um balneário nos moldes de *Pocitos*, em Montevideu. Interessante notar que houve uma especulação de locais para edificação do balneário, chegando a ser levantando o nome das primeiras praias balneares do litoral norte, Cidreira e Tramandaí. Porém, devido à condição econômica favorável de Rio Grande, a praia da Mangueira foi a eleita.³⁷² Importante destacar que, ao contrário das praias do litoral norte, Rio Grande possuía linhas férreas, um benefício, que assim como nas praias francesas de Dieppe e Biarritz, facilitava a viagem e aumentava o número de vilegiaturistas às praias.³⁷³

Segundo Ycarim Barbosa, a invenção da estrada de ferro foi muito importante na história das viagens, sendo um marco na criação de uma das mais importantes atividades da era moderna, o turismo.

Na metade do século XIX, a construção de ferrovias diminuiu consideravelmente o tempo e os custos de viagem. Houve um considerável desenvolvimento econômico na tecnologia de transportes e de comunicações. A ferrovia e a travessia de distâncias tornaram possível para um grande número de pessoas fazer excursões à noite, nos fins de semana e mesmo excursões mais longas.³⁷⁴

Além disso, Antônio Cândido Siqueira, sócio-fundador da empresa *Carris Urbanos*, obtinha conhecimento do sucesso dos balneários europeus Dieppe, Trouville

³⁷⁰ PINHEIRO, Maria Terezinha Gama. **A fundação do balneário Cassino ao final do século XIX e sua expansão e transformação no decorrer do século XX**. Dissertação de Mestrado (Departamento de Geociências, Mestrado em Geografia), UFSC, Florianópolis, 1999; ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História), UNISINOS, 2005, p. 50.

³⁷¹ PINHEIRO, op.cit., p. 24; ENKE, op.cit., p.55.

³⁷² PINHEIRO, op. cit., 48-49; ENKE, op.cit., p. 53-54.

³⁷³ DÉSSERT, op.cit., 337.

³⁷⁴ BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002, p. 50. (Coleção ABC do Turismo). Apud: MÜLLER, Dalila; HALLAL, Dalila. **Viagens de Recreio: as excursões em Pelotas no século XIX**, 2008, p. 5. In: V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, Universidade de Caxias do Sul-UCS: Caxias do Sul, 2008.

e Biarritz, o que o incentivou a prolongar a linha férrea até o oceano.³⁷⁵ O *Informativo de Rio Grande* também “esclareceu que a elite intelectual e social do município tinha conhecimento do que ocorria na Europa, através de revistas francesas, trazidas regularmente pelos navios transatlânticos”.³⁷⁶

O *Balneário Villa Sequeira* foi inaugurado em 26 de janeiro de 1890, e logo foi sendo habitado com a construção de chalés luxuosos, hotel que oferecia concertos, jogos e restaurante. O balneário possuía casas de banho para troca de roupas, semelhante a das praias européias ou de Buenos Aires e Montevideú. A companhia *Carris* também importou dos Estados Unidos um “cata-vento” que aproveitava a energia eólica para captação de água do lençol freático.³⁷⁷

A construção de um balneário com estrutura nos moldes europeus aproximou a vilegiatura marítima em Rio Grande de uma vilegiatura aristocrática européia. Pois no litoral norte, por mais que se possuíssem alguns aspectos naturais e o desejo de se assemelhar a um balneário de estilo europeu, não há referências de que se tenha planejado um balneário com a mesma amplitude que foi *Villa Sequeira*. Esses fatores permitem afirmar que o modelo de vilegiatura marítima no litoral norte foi mais burguês, mais democrático e urbano, pois seus empreendedores, em sua maioria, foram famílias imigrantes com um pequeno capital investidor. Já em Rio Grande, o investimento para a criação do balneário partiu de uma empresa, a *Companhia Carris*. Esta, ao se dar conta do crescimento do fluxo de passageiros, investiu, com auspícios de imigrantes, na criação do balneário que atendia diretamente a uma “aristocracia” luso-brasileira da região tradicional da campanha e a uma burguesia provinda de uma variada imigração, principalmente de Pelotas e Rio Grande.

Conforme Rebecca Enke, o poder aquisitivo da elite se fazia distinguir nos hábitos, que se diferenciam nos trajes importados utilizados nas atividades a beira-mar.³⁷⁸ O luxo da vestimenta foi notado pelas colunas jornalísticas da época, e os registros fotográficos também representam a ostentação da época.³⁷⁹

Em Pelotas, os charqueadores, juntamente com os europeus residentes na cidade, passaram a cultivar uma incipiente vida social e cultural. Essa elite fez com que Pelotas se destacasse pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava das outras cidades gaúchas do interior; nesta sociedade se

³⁷⁵ PINHEIRO, op.cit., p. 43.

³⁷⁶ ENKE, op. cit., p. 57.

³⁷⁷ PINHEIRO, op. cit., p. 66; ENKE, op.cit., p. 64-69.

³⁷⁸ ENKE, op.cit., p. 88.

³⁷⁹ As fotografias podem ser visualizadas na dissertação de Rebecca Enke.

valorizavam as qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, como o cavalheirismo, a cultura e o desprendimento do dinheiro. Era uma sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitisse aos cidadãos usufruírem os entretenimentos e bens culturais disponíveis.³⁸⁰

Ainda é pertinente observar que a companhia empreendedora de *Villa Sequeira* criou um guia para banhistas, semelhante ao do escritor português Ramalho Ortigão. Já no litoral norte, ao que consta até então, não existiu um informativo neste modelo até as primeiras duas décadas do século XX.

Também conforme Maria Terezinha Pinheiro, em 1900 a *Cia. Viação Riograndense* encontrava-se em dificuldades financeiras na administração do transporte coletivo da cidade. A condição levou a empresa a leiloar em 1909, o estabelecimento balnear com hotel, quadra de casas, hidráulica, bondes puxados por burros e uma fração de campo com uma área de 665 ha. 260m e 272½ quadras de terrenos dentro do perímetro da “Vila Siqueira”, com exclusão, apenas dos lotes e casas já vendidos a terceiros.³⁸¹ Em 1913, o comprador Cel. Augusto Cezar de Leivas, que adquiriu o balneário por 80 contos de réis, vendeu o mesmo ao uruguaio, Francisco Fontiriella, por 160 contos de réis. Mas, como o Fontiriella conseguiu pagar apenas a primeira parcela, o balneário passou, em 1915, a pertencer novamente ao Cel. Leivas.³⁸²

Tanto na parte sul quanto na parte norte do litoral gaúcho, a frequência da costa balneária foi emoldurada, inicialmente, pela prática dos banhos medicinais. No entanto, ao longo da primeira metade do século XX, as praias do litoral norte passaram por modificações materiais, adequando sua infra-estrutura às necessidades dos banhistas, como almejava a modernidade.

A mudança da sociedade gaúcha seguiu o ritmo das transformações sociais que vinham ocorrendo no Brasil. Com o advento da república, tentativas de acompanhar o modelo estrangeiro visavam não só à modernização das cidades, mas os preceitos higienistas muito em voga no período.³⁸³

Em Porto Alegre, as questões da modernidade, ligadas à higiene, “acompanhavam o debate científico europeu frente às novas e acaloradas discussões

³⁸⁰ MÜLLER, op. cit., p. 3.

³⁸¹ PINHEIRO, op.cit., p. 67.

³⁸² Idem, p. 68.

³⁸³ ENKE, op.cit., p. 27.

sobre a antropologia criminal, as doenças e as técnicas de saneamento urbano”.³⁸⁴ Neste sentido, as marcas do “atraso colonial”, como os becos, cortiços, tavernas, prostíbulos, habitações em porões e velhos sobrados, foram substituídas pelas construções de “estilo” ou do gosto eclético da elite que foi instruída em Paris, São Paulo e Rio de Janeiro; grandes centros, que, assim como Buenos Aires, serviram de inspiração para edificar uma cidade que se queria bela, saudável e ordenada.³⁸⁵

Segundo Sandra Pesavento, estes fatores foram muito bem representados pela esfera pública através de médicos, higienistas, arquitetos, engenheiros e administradores filiados ao Partido Republicano Riograndense. Mas, das ações e valores do circuito privado, deve-se destacar a contribuição alemã.³⁸⁶

O binômio modernização-modernidade é eminentemente urbano, tendo na cidade o seu espaço preferencial de realização. É nesse contexto que se inserem os alemães e seus descendentes, como agentes de um processo de transformação econômico-social capitalista, expresso no desenvolvimento do grande comércio, da indústria, dos bancos, da renovação urbana. Executores de um processo de modernização, os alemães, propiciaram as condições para que a experiência histórica da modernidade se generalizasse e se difundisse entre os consumidores dos efeitos da modernização.³⁸⁷

Um dos aspectos marcantes da modernidade foi o domínio sobre a natureza, sobretudo pelo viés científico.³⁸⁸ Este fator contribuiu para o discurso dos médicos e higienistas, que passaram a difundir a prática dos banhos de mar como novos padrões de civilidade, que faziam parte do asseio e dos benefícios à saúde.

Uma palavra que, no início do século XIX, ocupa um lugar inédito: higiene. Os manuais que tratam de saúde mudam de título. Todos, até então, concentravam-se no “cuidado” ou na “conservação” da saúde. Todos tornam-se agora tratados ou manuais de “higiene”. Todos definem seu terreno através dessa denominação antes pouco usual. Higiene já não é o adjetivo que qualifica saúde (hygeinos, em grego significa “o que é são”), mas o conjunto de dispositivos e saberes que favorecem sua manutenção. É uma disciplina específica dentro da medicina. É um corpo de conhecimentos e não mais um qualificativo físico. Com esse título, subitamente um campo se especializou. Trata-se de sublinhar seus “vínculos com a fisiologia, a química, a história natural”, insistindo com suas pertinências científicas. Impossível evocar uma

³⁸⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999, p. 263.

³⁸⁵ Idem, p. 277.

³⁸⁶ PESAVENTO, Sandra. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. Ulbra, 1994, pp. 199-207, p. 200.

³⁸⁷ Idem, Ibidem.

³⁸⁸ TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 15-50.

tal disciplina sem lembrar uma certa exigência de rigor. Impossível pensá-la sem fazer dela um “ramo” específico do conhecimento médico.³⁸⁹

A forma profilática dos banhos de mar, prescritas pelos médicos, buscava o vigor físico necessário para lidar com as mudanças que vinham ocorrendo na sociedade.³⁹⁰ Esta significativa contribuição das práticas terapêuticas deu-se devido à presença de imigrantes e, principalmente, aos médicos adeptos das técnicas hidroterapêuticas realizadas na Europa. No entanto, algumas décadas mais tarde, alguns especialistas encontraram problemas referentes à liberdade profissional.³⁹¹

Surgido em 1926, o tema prolongou-se por alguns anos. Entre as discussões acaloradas nos congressos médicos e na imprensa gaúcha, estava o fato da validação do diploma médico por parte de especialistas estrangeiros, que sem tardar, passaram a ser alcunhados de charlatães, conforme afirmou o Dr. Heitor Annes Dias, dizendo que o “charlatanismo estava aumentando assustadoramente, e que os charlatães, em geral, vinham de fora”.³⁹²

Como demonstrado nos romances *Dr. Gressler, o médico de termas* e *Anna Kariênina*, o charlatanismo era uma questão presente, sendo que na Europa, entre os anos de 1830 e 1850, a medicina vienense tomou uma posição contrária a essa exploração, na qual a contribuição de pesquisadores sobre a necessidade de uma análise atenta, e de uma descrição rigorosa da doença fosse realizada antes de empreender qualquer terapêutica.³⁹³

No Rio Grande do Sul, o exercício de práticos, curandeiros e charlatães, em contraste com o escasso número de médicos diplomados em outras faculdades brasileiras e estrangeiras, foi sendo detalhadamente registrado por Protasio Alves nos Relatórios da Diretoria da Higiene Pública, entre 1896 e 1903, período este, que antecedeu a primeira formação de médicos em Porto Alegre.³⁹⁴

Apesar dos ruídos a respeito da veracidade das terapêuticas aplicadas pelos médicos imigrantes e por aqueles que tiveram formação em outras faculdades, os banhos de mar no Rio Grande do Sul não suscitaram dúvidas pelo saber médico que se institucionalizava. O ar atmosférico elevado, a maior quantidade de ozônio e a grande

³⁸⁹ VIGARELLO, op.cit., p. 186.

³⁹⁰ ENKE, op.cit., p. 32.

³⁹¹ GERTZ, op. cit., p. 132.

³⁹² Idem, p. 139.

³⁹³ CAMPOS, Maria do Carmo Alvez de. **Protasio Alvez e seu tempo**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2005, p. 60

³⁹⁴ Idem, p. 81.

intensidade de luz solar, eram os fatores para recomendação da praia de mar como, tratamento de bronquite, problemas circulatórios, doenças metabólicas e reumatismo crônico.³⁹⁵

Neste sentido, a prática do banho e sua sociabilidade estavam organizadas em torno da doença. O banho não era uma aventura marginal ou uma cerimônia de ostentação. Ele entreviu um método curativo ou preventivo, definindo uma linguagem comum às múltiplas prescrições. Ainda assim, a medicina dos banhos de mar estabeleceu regras e teorias, formando um órgão decisivo na vigilância e ritualização de algo que se tornou moda.³⁹⁶

A normalização dos banhos de mar previa a segurança do banhista, canalizando e homogeneizando, de modo dogmático, o prazer dos curistas. Para isso, a medicina codificou tudo, os corpos, os gestos, as ações, os costumes, a convivência, o espaço e o tempo dos banhos de mar.³⁹⁷

Não muito diferente da Europa, as imersões no Rio Grande do Sul tiveram horários regrados, com o primeiro banho pela manhã, antes do nascer do sol, e o segundo à tarde, antes do sol se por.³⁹⁸ O horário para a realização dos banhos, que durava cerca de 15 minutos³⁹⁹, também estava condicionado à prevenção da cútis alva da maioria dos banhistas, que se protegiam dos raios solares com longas vestimentas, como evidenciam as primeiras imagens de banhistas à beira-mar, registradas na revista *Kodak* de 1914.

Uma orientação sobre os banhos de mar no *Almanaque de Pelotas*, no início do século XX, mostra a semelhança dos banhos praticados na Europa, com a orientação medicinal e os cuidados com a saúde.

O banho de mar.

Durante o banho de mar não se deve estar quieto. Aqueles que souberem nadar praticarão esse exercício, e os que não souberem farão movimentos idênticos aos dos nadadores, agarrando-se a um cabo ou munindo-se de uma bóia. O momento de saída do banho é anunciado pelo primeiro calafrio. Nunca se despreze este sinal dado pela natureza.

Os banhos devem ser mais ou menos demorados, conforme a compleição do banhista, e nos dias de agitação do mar ou do ar atmosférico devem ser também curtíssimos para todos que o tomarem. Embora geralmente se aconselhe o contrário, é conveniente friccionar o corpo com um lençol de pano grosso, para apressar a reação.

³⁹⁵ SILVA, op. cit., p. 29.

³⁹⁶ URBIN, op. cit., p. 133.

³⁹⁷ Idem, Ibidem.

³⁹⁸ SOARES, Leda Saraiva. **Imbé: histórico/turístico**. Porto Alegre: Editora da Autora, 2002, p. 122.

³⁹⁹ RUSCHEL, Ruy Ruben. **Torres tem história**. Porto Alegre: EST, 2004, p. 164-166.

Aqueles nos quais dificilmente se produz a reação, deve-se dar uma bebida generosa e fortificante. Convém que ao terminar o banho, os banhistas se entreguem a um movimento corporal moderado, um passeio, por exemplo, não excedente a meia hora, evitando nesse tempo toda a umidade e variações de temperatura. Nunca se deve tomar mais do que um banho por dia.⁴⁰⁰

Mesmo que a medicina e a saúde tenham dominado o medo e a fobia, a razão higienista ainda remetia aos preceitos cristãos das águas, pois ela tinha a ver com a penitência, abstinência, purificação e o sacrifício de si, que a imersão na água fria causava, a fim de “reprimir a carne” ou de restituir as fraquezas.⁴⁰¹

O banho de mar, em especial, e sobretudo depois de 1830-1840, que explora as afirmações dos higienistas do século XVIII, torna-se uma prática claramente específica. A água nesse caso é apenas “prova”, meio de choque e de solidificação. Ela deve ser “enfrentada”: corpos lançados nas ondas para receber delas os impactos reforçadores ou baldes de água salgada despejados diretamente na pele. Um exercício de “banhistas” é aprimorado e especializado para segurar habilmente o corpo dos “curistas” e precipitá-lo brutalmente nas ondas, para depois pegá-lo e fazer tudo de novo. Todo o efeito deve-se aos impactos repetidos e ao frio. (...). A hidroterapia envereda por um caminho autônomo, depois de se ter aproximado da higiene, chegando à ambigüidade. As funções da água cindiram-se definitivamente, sem que as virtudes do frio tenham se apagado totalmente. Ora, os mais ricos são exatamente os que podem recorrer a essas diversas “qualidades”. Seus costumes se diversificam, especializando-se. Os mais desfavorecidos, ao contrário, são aqueles cuja higiene logo é feita por outros.⁴⁰²

Diante do discurso higienista da modernidade, o receio dos miasmas por parte da burguesia urbana foi reconhecido, tornando os banhos de mar uma prática saudável. Essa medicalização preparou, paradoxalmente, como obstáculo ideológico ao prazer, as libertações frágeis da infância, a sexualidade dos adolescentes, o nudismo e a sexualidade de todos. Ou seja, ao fixar uma norma e delimitar a proibição, esta moralização científica dos banhos de mar, primeiro onipotente e depois progressivamente objeto de contestação, foi um efeito a origem dos transgressores naturistas e outras emancipações que tem feito a história da praia balneária até os dias atuais.⁴⁰³

Presente no discurso dos médicos, a talassoterapia foi praticada e indicada por importantes especialistas do Rio Grande do Sul. O próprio Caldre e Fião, escritor do primeiro romance que se passa no litoral gaúcho, era médico. Contudo, apesar de não

⁴⁰⁰ **Almanach de Pelotas.** Off. Typ. do Diário Popular - Pelotas, 1915, p. 37. Arquivo Histórico de Rio Grande, caixa ap-007, volume ap- 150. Agradeço a Caiuá Al-Allam pela referência.

⁴⁰¹ URBIN, op.cit., p. 138.

⁴⁰² VIGARELLO, op.cit., p. 210.

⁴⁰³ URBIN, op.cit., p. 134.

haver registros, pode-se inferir que o mesmo tomava banho de mar nas águas do litoral gaúcho, ou até mesmo no Rio de Janeiro, onde se formou em medicina, no ano de 1845, publicando seu primeiro livro sobre *Elementos de farmácia homeopática*. Após regressar ao Rio Grande do Sul, devido aos problemas políticos relativos à sua posição abolicionista, Caldre e Fião atuou como médico em Porto Alegre e depois em São Leopoldo.⁴⁰⁴

Protasio Alves, que se formou em medicina no Rio de Janeiro, e após realizou estágio na Europa, aperfeiçoando-se em Urologia, Ginecologia e Obstetrícia, ao voltar à capital foi encarregado pelo governador Júlio de Castilhos de responder pela Diretoria da Higiene do estado, entre os anos de 1891 e 1896.⁴⁰⁵

No início do século XX, durante uma viagem a cavalo, descendo a serra do Mampituba, a fim de mapear a fronteira do estado, o Dr. Protasio Alves descobriu as belezas de Torres, das quais se apaixonou, construindo lá uma casa para veranear com a família.⁴⁰⁶ O médico teria sido um dos primeiros moradores da capital a edificar patrimônio naquela praia.⁴⁰⁷

Protasio Alves, como divulgador da ciência, igualmente recomendava a talassoterapia, e um regime alimentar para alcançar um bom estado de saúde. Para ele, as crianças não deveriam ser forçadas a entrar no mar, pois a viagem e o ar marítimo já eram benéficos.⁴⁰⁸

Outro especialista médico favorável aos benefícios terapêuticos foi o Dr. Raul Pilla. Professor da faculdade de Medicina e membro do Partido Libertador, Pilla posicionou-se durante os debates referentes à liberdade profissional em defesa do acusado estrangeiro Bassewitz.⁴⁰⁹ Raul Pilla também foi colaborador da revista das praias gaúchas *A Gaiyota*, na qual destacou a importância das praias de mar “modestas, que se destinam unicamente ao repouso e ao tratamento climático”.⁴¹⁰

No início da década 1920, em uma coluna de comentários no jornal *Correio do Povo*, o Dr. Raul Pilla, além de lembrar os benefícios salutareos que o cidadão urbano

⁴⁰⁴ MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1978, p. 116.

⁴⁰⁵ CAMPOS, op. cit., p. 89.

⁴⁰⁶ Idem, p. 100.

⁴⁰⁷ Intendência da Vila de Torres. Livro da Porta. Requerimentos. 18 de fevereiro de 1918 a 20 de Março de 1920, apud: CARDOSO, Eduardo Mattos. **A invenção de Torres: do balneário Picoral à criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres- SAPT (1910- 1950)**. Dissertação de Mestrado, UNISINOS, 2008, p. 68.

⁴⁰⁸ CARDOSO, op. cit., p. 94.

⁴⁰⁹ GERTZ, op. cit., p. 136.

⁴¹⁰ **A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943. Acervo particular.

poderia usufruir ao frequentar a orla marítima, lembrou que o hábito de ir à praia era um privilégio de poucos, pois, diferentemente de outros países, a falta de férias estivais no Brasil impossibilitava que os trabalhadores pudessem obter dos benefícios proporcionados pela orla marítima.

Com o início da estação calmosa, vão começar a emigrar os habitantes da cidade, que tal luxo se podem permitir.

É sem dúvida um hábito salutar e pena não se haja ainda suficientemente difundido, como em certos países, onde o mais modesto empregado tem direito à sua fêria estival.

Nada há, com efeito, mais útil e necessário ao habitante das grandes aglomerações humanas, do que retemperar-se por algum tempo no seio da natureza, fugindo ao ambiente viciado e dispersivo de todo ano.

A serra, a praia e o campo oferecem durante a quadra mais exaustiva, recomendáveis refúgios, onde o organismo consegue refazer-se convenientemente. O repouso, a temperatura e a pureza do ar constituem ali os principais fatores de tão benéfica influencia.

Mas, por isso mesmo que representa uma necessidade geral, criada por condições peculiares da vida urbana, assume o veraneio a importância de um verdadeiro fator higiênico, que é preciso facilitar a população das cidades, do mesmo modo que se oferece água, luz, ar, esgotos e outros agentes de salubridade. (...).

Ao lado, porém, de sua importância propriamente higiênica, podem tais estações representar um verdadeiro papel terapêutico, de indicações precisas e determinadas. O clima, bem manejado é um agente curativo de primeira ordem. Justo se torna, pois, pô-lo ao alcance dos necessitados, nem seria licito desprezar os benéficos agentes que a natureza pôs liberalmente à nossa disposição. (...).

Assim sendo, convém aos habitantes das cidades o fácil acesso às praias de mar. É uma questão até de interesse social. (...).

Infelizmente, porém, estamos ainda longe de poder gozar os benefícios, que a proximidade do Oceano nos poderia assegurar.⁴¹¹

O discurso médico e o higienista estimulavam os banhos de mar. Também pleiteavam a melhoria dos balneários para o usufruto de uma população cada vez maior, que seria beneficiada pela “ação terapêutica do clima marítimo”. Esse argumento na matéria supracitada se encontra no discurso de Raul Pilla; assim como na seguinte matéria.

É uma verdadeira necessidade social popularizar as praias de mar. Não se trata, apenas, de oferecer lugares onde passar férias regulamentares. Para isso, qualquer recanto serve. Os banhos, as pulverizações salinas do ar, a limpidez e a forte luminosidade da sua atmosfera fazem das praias marítimas grandes e insubstituíveis fatores higiênicos e terapêuticos. Relegá-las, equivaleria a abandonar as fontes minerais, cujas virtudes não há quem desconheça. Desenvolvê-las, é concorrer para o fortalecimento da raça, pois não existe melhor tônico para o organismo infantil.⁴¹²

⁴¹¹ **Correio do Povo**, 29/11/1921.

⁴¹² *Idem*, *Ibidem*.

A revitalização do metabolismo infantil nas águas de mar também possuía um local específico. O centro de recuperação de crianças asmáticas na *Colônia de férias beneficente Júlio de Castilhos*, localizada na praia de Camboim, um dos balneários que compõem a orla de Arroio do Sal, era “um exemplo a serviço de crianças descalcificadas e asmáticas, oferecendo também auxílio físico e educação moral”, como informa o filme *As praias do município de Torres*, mostrando crianças fazendo uma espécie de “polichinelos” à beira-mar.⁴¹³

Apesar do litoral norte não possuir um guia para banhistas, o surgimento de uma revista sobre as praias balneárias parece ter aparecido em 1929, com um intuito de suprir esta lacuna. O planejamento da revista *A Gaivota* começou a ser esboçado em 1928, na praia de Cidreira, sob direção de João Moreira Castello e colaboradores diversos.⁴¹⁴ Em 1929, com a publicação do primeiro número, consagrou-se o desejo da criação de uma “revista literária e ilustrada que fosse o reflexo vivo das lindas horas suaves e harmoniosas que passamos neste recanto do Atlântico”.⁴¹⁵

Nos anos seguintes, os números de *A Gaivota* passaram a cobrir o veraneio em todas as praias do litoral norte. Além disso, as edições da revista permitem acompanhar os melhoramentos na infra-estrutura e o afluxo de banhistas as praias, até o ano de 1967.

Desde o primeiro número da revista *A Gaivota*, o destaque aos benefícios das curas marítimas foi frisado. As matérias salientam que os efeitos dos banhos de mar e principalmente o ar marítimo, revigoram o organismo de todos aqueles que desejam passar os meses de verão em vilegiatura marítima. Mas adverte para os cuidados que os banhistas deveriam tomar ao realizar os banhos higiênicos.

Há alguns anos, no balneário de Cidreira, assistimos a aspectos impressionantes da ignorância nos mais simples preceitos de higiene e de cura marítima.

Lá o mar constantemente agitado, pela oscilação periódica dos ventos dá lugar aos altos mares, que vêm quebrar na praia com relativa intensidade.

Um respeitável ancião, dispéptico, visivelmente infiltrado, a custo conseguia transpor a pequena distancia do hotel à praia, para banhar-se e receber em cheio, muitas vezes sobre o coração, o choque violento das ondas.

Era de ver-se como ficava ansioso pela hora do banho matutino.

A tarde não podia usá-lo mais e explicava, então, aborrecido, aos companheiros de praia que, apesar do prazer que sentia, notava que os banhos

⁴¹³ **As praias do município de Torres.** Tomazoni Films. Acervo: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre/RS. Agradeço a Carlinda Fischer Mattos pela referência.

⁴¹⁴ De propriedade de João Moreira Castello, circulou durante mais de trinta anos, na Cidreira, a revista **A Gaivota**. Ardozo cidreirense, Castello foi diretor da prefeitura de Porto Alegre ao tempo de Otávio Rocha, Alberto Bins e Loureiro da Silva.

⁴¹⁵ **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1929.** IHGRGS.

lhe estavam fazendo mal às pernas reumáticas, não lhe deixando mesmo o coração repousar durante a noite.

Até então nunca sentira palpitações, cansaço ou insônia e agora na praia, onde se alimentava tanto, uma certa [sic] *athenia* acentuava-se dia a dia sem explicações para ele, tirando-lhe o sono.

Queixava-se deste modo, mas se sentia esperançoso, porque passaria a tomar um só banho por dia.

E não somente esta a única vítima da ignorância ou imprevidência, falecida poucos meses depois de regressar da praia, onde confirmou o último grão de uma insuficiência cardíaca, até então caracterizada apenas, sem exame clínico, por ligeiros hidropisias.

Havia outros que se precipitavam ao mar com o efeito evidente de recuperar a saúde periclitante.

Muitos não tinham expressão de solidez física e era motivo que não ouviram a opinião indispensável de um clínico consciencioso antes de partirem para o mar.

Quantos não o teriam feito e quantos males prevenidos se ouvissem o médico antes de iniciarem uma estação marítima.

Para as crianças é quase que geral a indicação dos banhos de mar, mas sempre é indispensável em casos suspeitos ouvir a opinião analisada de um médico, não só sobre a convivência do tratamento, alimentação, como principalmente pela escolha da praia.

Todo o êxito depende muitas vezes desses judiciosos conselhos que previnem males às vezes bem graves.

Principalmente em se tratando de doenças crônicas não é de se desprezar nunca a opinião de um facultativo. (...) Os tuberculosos abreviam facilmente seus dias com uma curta temporada na praia mesmo sem usarem banhos.⁴¹⁶

As curas marítimas também foram o tema da palestra realizada durante o veraneio de 1929, no *Balneário Lagomarsino*, em Tramandaí. O médico Dr. Renato Barbosa proferiu algumas palavras sobre talassoterapia, praticada pelos banhistas exclusivamente no verão, pois, segundo ele, “nos faltam estabelecimentos criados com este objetivo”. Além de sublinhar a ação salutar e agradável dos banhos, Barbosa ressalta os “elementos preciosos” sol e ar, que estão condicionados em um mesmo lugar.⁴¹⁷

Sobre a “tríade benfazeja”, Barbosa tece argumentações que podem estimular os leitores a praticar os banhos medicinais. Para ele, os raios ultravioletas no céu limpo do litoral têm uma ação benéfica, pois não refletem nos muros da cidade, atuando de forma livre na pele no curista. O ar do mar se caracteriza pela pureza dos elementos de sua constituição, pois é incomparavelmente mais rico em oxigênio, agindo de modo salutar sobre a superfície respiratória do pulmão e da pele; ele causa uma sensação de bem-estar que se experimenta no sono profundo e reparador, reativando as funções da vida vegetativa. O banho possui características particulares, suas temperaturas entre ar e água

⁴¹⁶ A *Gaiivota*, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1929. IHGRS. O português foi adaptado para leitura.

⁴¹⁷ A *Gaiivota*, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1930. IHGRS.

causam uma vasoconstrição imediata e enérgica, sendo assim contraindicado aos cardíacos, renais e hipertensos.⁴¹⁸

A conquista da medicina e da higiene prosperou ao longo dos séculos, ecoando até os dias atuais. Desde o seu início, no final do século XIX, até o tardar das décadas do século XX, matérias sobre o benefício terapêutico desses elementos continuaram sendo enfatizadas.

Como fonte de saúde, o sol foi tema de uma matéria, na qual se destacou suas propriedades como estimulante e fortificante ao indivíduo, aumentando, assim, suas defesas orgânicas contra as doenças.⁴¹⁹

De acordo com Corbin, quando superado o terror da fobia, o mar é capaz de proporcionar a energia vital. Nas praias é que o homem encontrará o apetite, o sono, o esquecimento de suas preocupações. O frio das águas, o sal, o choque provocado pela imersão brutal, o espetáculo de uma gente saudável, vigorosa, fértil até idade avançada, a variedade da paisagem, tudo isso ajudará a curar o doente. Além disso, o curista terá a possibilidade de distrair-se em meio à sociedade elegante que frequenta os balneários.⁴²⁰

Estas sensações desfrutadas pelos banhistas durante a vilegiatura no atlântico encontram-se registradas na mensagem descritiva do cartão-postal enviado por Érika Mentz, em um veraneio de fevereiro de 1922, em Tramandaí. Ao seu pai, Frederico Mentz, Érika enviou um postal contendo no seu anverso uma fotografia de um grupo heterogêneo de banhistas desfrutando as ondas do mar. Já no seu reverso, Érika escreveu:

Querido Pai!
Muito obrigado pela cartinha.
Como está? Aqui está ainda tudo como antigamente, são e salvos. Agora já faz uma semana que nós estamos aqui e imagino como se fosse um mês, pois a gente está tão apartada do mundo. Poucas novidades por aqui e a gente pensa somente em comer, banhar-se, beber e dormir. Seja cordialmente saudado e beijado pela tua filha leal. [parte manuscrita pouco legível]
Tua Érika⁴²¹

Como é possível inferir a partir deste postal, os benefícios salutareos são experimentados pelos vilegiaturistas, que expressam uma sensibilidade diferente do cotidiano de sua vida urbana. Ela também denota uma familiaridade com o local ao

⁴¹⁸ Idem, Ibidem.

⁴¹⁹ **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1955. MCSHJC.

⁴²⁰ CORBIN, op. cit., p. 74.

⁴²¹ Cartão- postal frente e verso. Tramandahy, 26/2/1922. Acervo Benno Mentz/PUCRS.

expressar singularmente a expressão “antigamente”, evidenciando que já esteve naquele local em veraneios anteriores, como confirmam as fotografias da família Mentz.

A circulação de cartas, cartões-postais e fotografias com impressões das praias aumentou o desejo da beira-mar dos destinatários que sonhavam em ser remetentes no próximo verão. As imagens do mar, os banhos, o espetáculo da natureza e os relatos dos prazeres de sair da rotina, certamente foram para muitos um primeiro contato com a paisagem marítima, que se constituiu para outros em uma única experiência da beira-mar.

Inicialmente, ir à praia nada mais era que um recurso de poucos, ou seja, um sinal de distinção social. Como na sociedade sulina praticamente não houve uma nobreza aristocrática, foi necessário formar uma elite burguesa para ser protagonista da vilegiatura marítima. Deste modo, as águas geladas das praias gaúchas tiveram como cenário da vilegiatura marítima uma elite ligada ao setor comercial e industrial, assim como profissionais liberais da área médica e intelectuais.

Neste sentido, a elite gaúcha desempenhou o papel de condutor do desejo da beira-mar. Os médicos, por sua vez, com a propagação do discurso terapêutico e da prática dos banhos de mar, possuem o poder político e social de colocar a natureza ao seu favor, civilizando, através do discurso higienista da modernidade, aquilo que era considerado atrasado.⁴²²

Além disso, a medicalização e a presença de especialistas na estação balnear suscitou a aceitação, resignando a necessidade de uma adesão racional aos banhos, que eram praticados cheios de angústia e inquietação.⁴²³ Aos poucos, a adesão passional dos banhos se sobrepôs a este sentimento de agitação, supondo uma distração lúdica, que era encontrada nas viagens, nos hotéis, nos jantares, nas festividades e nos jogos, condições estas criadas, sobretudo, para promover a sociabilidade.

A sociabilidade no litoral norte, sobretudo entre uma “elite urbana” e alemã de Porto Alegre, já aparece no final do século XIX, em uma matéria da *Koseritz' Deutsche Zeitung (KDZ)*, que informa sobre a festa de aniversário do diretor-chefe do jornal KDZ, Karl von Koseritz, que costumava passar seu aniversário, em 3 de fevereiro, na praia de Cidreira. Aliás, Koseritz publicou um artigo de arqueologia sobre um crânio de Cidreira.⁴²⁴ Porém, infelizmente, a sua coleção etnográfica foi perdida com o incêndio

⁴²² CARDOSO, op. cit., p. 70.

⁴²³ URBIN, op. cit., p. 146.

⁴²⁴ GERTZ, René. **Carlos von Koseritz: seleção de textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 99-101.

ocorrido durante a Exposição Brasileira-Alemã de 1881, cuja idealização foi do próprio Koseritz, mas que teve fortes críticas, inclusive de membros da comunidade teuto-brasileira e de colegas do jornalismo e da política, como ter Brüggem.⁴²⁵

A matéria sobre o aniversário de Koseritz saiu na primeira página da KDZ, mencionando alguns membros da comunidade teuto-brasileira, ou melhor, da sociedade de banhistas, *Badegesellschaft*, como João e Fritz Diehl, Friedrich e Jacob Christoffel, A. Wallau, Adolf Nabinger, que estavam em Cidreira e que participaram da organização da festa surpresa de aniversário em homenagem ao comendador Koseritz, além de vizinhos e numerosos amigos. Cabe salientar que João Diehl foi apresentado por essa matéria jornalística como o infatigável chefe do estabelecimento de banhos, *Badeetablissement*, de Cidreira. Houve música de Conceição do Arroio (Osório), e os instrumentos eram violão, flautas, violino e gaita de boca, além de discursos, inclusive, do aniversariante, que agradeceu a festa surpresa. Este foi o penúltimo aniversário de Koseritz que morreu em 30 de maio de 1890.⁴²⁶

Essa matéria acusa a presença de uma comunidade de veranistas, ou melhor, da sociedade de banhistas, *Badegesellschaft* – para usar a expressão do jornal –, que era composta em sua maioria por imigrantes e descendentes alemães.

Se as vias medicinais justificam os banhos, a conquista sanitária da costa sobrepõe-se à conquista estética, dando início à massificação da prática. Para isso, um grande número de vilegiaturistas foi chamado a dominar sua fobia em nome da ciência e da saúde, passando da repulsão inicial à aceitação salutar do contato com as ondas.⁴²⁷

Por conseguinte, o banhista acabou descobrindo por ele mesmo as agradáveis sensações físicas dos banhos de mar, aprendendo o prazer de se estontear, e, livremente, “naturalmente”, estrear as emoções e excitações procuradas na experiência da austeridade aquática.⁴²⁸

A modernidade urbana criou os seus refúgios. Entre eles, destacou-se o litoral, aquele “território do vazio” para onde muitos cidadãos se dirigiam durante o veraneio. Aos poucos, a orla marítima foi se urbanizando. Os balneários marítimos foram sendo criados para atender a uma demanda urbana por cura e, conjuntamente, por repouso, lazer e diversão.

⁴²⁵ Koseritz’ *Deutsche Zeitung*, 23/2/1889. Acervo MCHJC/POA.

⁴²⁶ Idem, *Ibidem*.

⁴²⁷ URBIN, op. cit., 133.

⁴²⁸ Idem, p. 147.

Os próximos tópicos visam mostrar as transformações progressivas nos códigos de comportamento dos banhistas, as mudanças na apreciação da orla marítima, o desenvolvimento urbanístico e a melhoria da infra-estrutura das cidades balneárias.

IMAGENS DA VILEGIATURA MARÍTIMA

1



BALNEÁRIOS MARÍTIMOS NA EUROPA E AMÉRICA LATINA

Os primeiros balneários marítimos na Europa tiveram uma orientação aristocrática. Desde o século XVIII, o discurso médico recomendava a vilegiatura marítima para a cura de certas enfermidades. Mas as mudanças econômicas, sociais e políticas no velho continente favoreceram o aburguesamento de certas práticas como, por exemplo, a ida aos banhos de mar.

2



3



4

Os balneários de Bath, na Inglaterra, Trouville, na França, Scheveningen, na Holanda, e Ostende, na Bélgica, eram alguns destinos da vilegiatura marítima e que serviram de cenário ao recreio aristocrático e ao lazer burguês durante a *Belle Époque*. Na América Latina, algumas praias de mar, como Pocitos e Ramirez, localidades próximas de Montevideú (Uruguai), atraíam os cidadãos para refrigério e momentos de lazer.



SENSUALIDADE FEMININA

Durante as primeiras décadas do século XX, quando os balneários marítimos passaram a ser cenários privilegiados ou temas de matérias em revistas europeias, predominaram imagens mais intimistas, individuais e, sobretudo, femininas. A mulher não aparece mais em torno de várias pessoas ou na companhia do marido, mas se torna a figura central e sua companhia passa a ser um cão fiel, uma amiga ou apenas uma criança. As imagens de curistas ou banhistas em grupos numerosos se tornaram cada vez mais raras. Na revista alemã *Simplicissimus* algumas ilustrações ressaltavam o hedonismo e a sensualidade feminina à beira-mar.



2



3



4



5



PRIMEIROS BANHISTAS

Nas primeiras fotografias de banhistas na orla marítima do Rio Grande do Sul são raros os clichês individuais. Essas imagens revelam também a presença majoritária de imigrantes europeus e seus descendentes. Apesar das roupas de tecido pesado e cores escuras, os corpos brancos experimentavam novas sensações, proporcionadas pela água marinha, pelo vento, pela luminosidade e pela areia da praia de mar.

1



2



3



4



5



HOTÉIS

Nos primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul, os curistas passavam a temporada em toldos ou em choupanas construídas rusticamente. A partir das últimas décadas do século XIX, alguns hotéis foram construídos para atender uma demanda sazonal. Os hoteleiros desempenharam várias atividades para uma clientela que crescia a cada verão. Levavam os banhistas até o local dos banhos, organizavam saraus, bailes e outras formas de entretenimento, além de oferecer salão de jogos em suas dependências. Mas os hotéis não eram apenas importantes para os veranistas. Muitas famílias do local passaram a orbitar em torno deles. Alguns hotéis revitalizaram a economia local e se tornaram centro econômico e cultural de muitos balneários marítimos.

1



2



3



4



5

Hotel Bassani
CAPÃO DA CANOÃ

O conhecido Balneário, visto de mar

Este conhecido Balneário, com acomodações confortáveis e cozinha de 1.^a ordem, à Italiana, arbu-se aberto desde Dezembro. — Aos veranistas que pretendam hospedar-se neste hotel, pedo-se a fineza de reservarem antecipadamente, indicando a data em que seguirão, afim de evitar a falta de acomodações verificadas nos anos anteriores.

SALÃO DE REFEIÇÕES E NOVOS CHALES PARA FAMILIAS

O Proprietário:
LUIZ BASSANI

6

GRANDE HOTEL

Atlantico

PRAIA DA CIDREIRA

Proprietario: JOSÉ BERGER

Este conhecido balneário, tendo passado por grandes reformas, oferece aos senhores veranistas um passadio de primeira ordem.

D 50425

TRANSPORTES

O deslocamento até as praias de mar foi feito, inicialmente, por carretas. Posteriormente, houve o “tráfego mútuo” que combinava ferrovia e navegação a vapor. As diligências marcaram época. Excursões de ônibus para o litoral começam a se tornar frequentes durante o veraneio. A construção de estradas favoreceu o transporte por veículos automotores. Assim como na Europa, os primeiros automóveis não foram feitos para uso cotidiano, para ir ao trabalho, ou a outros lugares. Os automóveis não eram populares e se destinavam a uma elite e aos seus lazeres de final de semana ou de veraneio. A vilegiatura marítima ou campestre orientou os passeios de automóveis. No Rio Grande do Sul, os balneários marítimos também foram destinos preferidos para os automobilistas. No litoral, hotéis tinham seus carros para levar os banhistas até a praia de mar ou para buscá-los no porto ou na estação mais próxima do balneário. Na capital, empresas de carros ofereciam seus serviços aos veranistas. No final da década de 1920, a VARIG inaugurou uma linha aérea para o litoral marítimo do Rio Grande do Sul.

1

RUMO AO MAR



EMPRESA PIEDADE
VIAGENS RÁPIDAS E SEGURAS EM CONFORTÁVEIS ÔNIBUS
AS PRAIAS DE:
**TRAMANDAÍ
CIDREIRA E
CAPÃO DA CANÓIA**

SAIDAS DE PORTO ALEGRE:
TERÇAS, QUINTAS, SÁBADOS E DOMINGOS
AS 8 HORAS DA MANHÃ

PARADA DOS ÔNIBUS E VENDA DE PASSAGENS
EM PORTO ALEGRE

CAFÉ GLOBO — PRAÇA DOS BOMBEIROS N.º 173
TELEFONE: 8300

2



3



4



5



BALNEÁRIOS MARÍTIMOS DO RIO GRANDE DO SUL

1



O início dos balneários marítimos do litoral norte do Rio Grande do Sul se confunde com a história de alguns hotéis como aqueles da família Picoral, em Torres, Sperb, em Tramandaí, e Berger, em Cidreira. Com o loteamento dos terrenos e o aumento do número de veranistas, os balneários marítimos passaram a demandar uma série de serviços. O melhoramento da infra-estrutura balneária foi um imperativo para a consolidação do veraneio nas praias de mar do Rio Grande do Sul. Com a urbanização dos balneários marítimos, uma nova paisagem surge nas areias do litoral.

2



3



4



1



2



3



TRAJES DE BANHO

A evolução dos trajes de banho revela uma mudança em relação ao corpo e à sua exposição em espaços públicos. Também acusa uma valorização do corpo bronzeado a partir da década de 1930, quando se procura expor cada vez mais partes do corpo. O surgimento de vestimentas com fibras sintéticas e dos acessórios de borracha (toucas e sapatilhas) também estimulou a moda de verão que fez do velho roupão, de cor escura e tecido pesado, uma peça de museu. Os trajes de banho evoluíram para a moda masculina, feminina e infantil.

4



5



6



7



VILEGIATURA MARÍTIMA (1930-1950)

A partir da década de 1930, o bronzeamento passa a ser um componente do prazer à beira-mar. Os banhistas se expõem mais aos raios solares e também mudam seus horários de frequência da praia, onde banho de mar e o banho de sol se confundem. Protetores solares, óculos de sol, sombrinhas e outros acessórios passam a fazer parte do “kit” dos banhistas.



3

MAILLOTS
Deliciosos modelos

TOUCAS
de borracha, novidades

SAPATOS
De borracha —
Ultimas creações

4

AGUA, AR LIVRE e SOL...

que lhe poderá fazer mais?
Nada, realmente, se não um protetor
contra os fortes raios do sol tropical. En-
contra-o aqui no banheiro.

Creme e Oleo Nivea

se utilizas regularmente que ocreme e o-
leo, evitarás sentir o ardor, evitando-
se por isso substanciais gastos. Aplicar-se
sempre antes do banho!

CARLOS KERN & CIA.

5

Aproveite o banho de sol...

Para assegurar a sua pele uma verdadeira
bronzagem, leve o seguinte... de modo
vigoroso e constante... use o seguinte de que
o **OLEO PARA BRONZEAR DAGELLE**
Perfumeado e certo de manter perfeito,
o **OLEO PARA BRONZEAR DAGELLE**
é aplicado em água vegetal. Grande
proteção eficiente, porque filtra as ondas
do calor ultra-violeta, permitindo-lhe
gozar, em segurança, os prazeres de
seu lar. Experimente o **OLEO PARA
BRONZEAR DAGELLE**... e apre-
zente o banho de sol!

**OLEO PARA BRONZEAR
DAGELLE**

6

AS
Sereias
das praias po-
dem ter olhos
babylonicos usan-
do o cosmetico
Monla que re-
siste á agua
e não arde.

COSMETICO

Monla

7

JALMERIA
ANABILL
RUA STAVIO BOCHA, 65
FONE: 7.321

OCULOS
PROTETORES CONTRA
O
SOL

Willsch
Crookes

8

PARA
ASPRAIAS

Requisitos para escolher, beleza e creações

Getas e sapatos de borracha, Capas, Chubres,
faixas, Biquini de Borracha, Cintos, Sombrietas, etc.

Esquemas, madeiras e novo sortido
acaba de receber

A BRASILEIRA

Rua Urzuley, 710
Fones: 615
e 616

1



O VERANEIO NA REVISTA DO GLOBO

A Revista do Globo foi a revista de maior circulação no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1930 e 1940. Em suas capas é possível visualizar o desejo da beira-mar, mas também a representação da mulher moderna (jovem, esportiva e bronzeada). As capas, criadas pelo departamento de desenho da editora, também demonstram a evolução dos trajes de banho, da exposição do corpo ao sol e do usufruto do tempo livre.

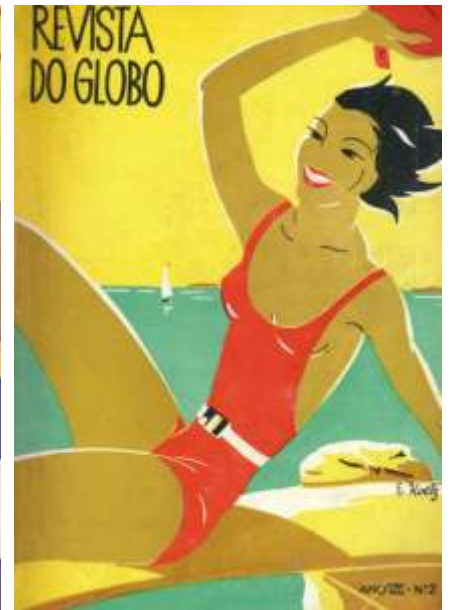
2



3



4



5



6



SOCIABILIDADES NA ORLA MARÍTIMA

Durante o veraneio, o prazer de viver em companhia dos outros durava alguns dias ou semanas. Nos hotéis, os hóspedes exercitavam o "ser sociável" durante as refeições, banhos de mar, passeios, bailes e cassinos. Mas os balneários marítimos não eram apenas espaços mundanos. Procissões religiosas também eram organizadas pela comunidade balneária.

Além de concursos de beleza, bailes e jantares beneficentes, uma gama de atividades sociais foi realizada durante os meses de verão. Mas o grande palco da sociabilidade dos balneários foi a beira-mar, onde certas regras de convívio social eram reproduzidas. Nas areias da praia, os banhistas interagiam em novo cenário e avaliavam o quanto as pessoas eram sociáveis ou tinham aptidão para viver em sociedade e se divertir.

1



2



3



4



5



6



Referências das Imagens da Vilegiatura Marítima

Página 125: Balneários Marítimos na Europa e na América Latina

Imagem 1: A praia de Ostende (Bélgica) com o Kurhaus ao fundo, entre 1890 e 1900. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/resource/ppmsc.05701/>, consultado em 5 de julho de 2010.

Imagem 2: Cartão- postal Scheveningen, Holanda, 1900. Acervo: CEDOC/UNISC.

Imagem 3: **Eugène Boudin (1824 - 1898). *Beach Scene*, 1862.** Disponível em: <http://www.nga.gov/press/exh/253/assets/253-010-lrg.jpg>, consultado em 5 de julho de 2010.

Imagem 4: Praia de Ramirez, Montevideú, s/d. Acervo: Particular.

Página 126: Sensualidade Feminina

Imagem 1: Revista *Simplicissimus* 6 de Julho de 1925. Disponível em: <http://swk-web1.weimar-klassik.de/simplicissimus/30/30%2014.pdf>, consultado em 12 de julho de 2010.

Imagem 2: Revista *Simplicissimus* 3 de agosto de 1925. Disponível em <http://swk-web1.weimar-klassik.de/simplicissimus/30/30%2018.pdf>, consultado em 12 de julho de 2010.

Imagem 3: Revista *Simplicissimus* 12 julho de 1922. Disponível em: <http://swk-web1.weimar-klassik.de/simplicissimus/27/27%2015.pdf>, consultado em 12 de julho de 2010.

Imagem 4: Revista *Simplicissimus* 18 de maio de 1925. Disponível em: <http://swk-web1.weimar-klassik.de/simplicissimus/30/30%2007.pdf>, consultado em 12 de julho de 2010.

Imagem 5: Revista *Simplicissimus* 12 de julho de 1922. Disponível em: <http://swk-web1.weimar-klassik.de/simplicissimus/27/27%2015.pdf>, acessado em 12 de julho de 2010.

Página 127: Primeiros banhistas

Imagem 1: Cartão-postal Alberto Müller, João Mathias Rocknenbach, Carlos Spohr. Acervo: Arquivo Histórico de Lajeado/ Biblioteca Pública Municipal João Frederico Schaan/ Lajeado.

Imagem 2: Grupo de alemães e descendentes do Vale do Rio Pardo, 1920. Acervo: Museu do Colégio Mauá de Santa Cruz do Sul.

Imagem 3: Banhistas em Tramandaí, S/d. Acervo: Museu Municipal de Tramandaí Prof^a. Abrilina Hoffmeister.

Imagem 4: Banhistas na praia de Tramandaí, s/d. Acervo: Museu Municipal de Tramandaí Prof^a. Abrilina Hoffmeister.

Imagem 5: “A hora do banho”. Revista **Kodak**, década de 1920. Acervo: MCSHJC.

Página 128: Hotéis

Imagem 1: Balneário Picoral, Edição do balneário Picoral, Cervasio, s/d. Acervo: Casa de Cultura de Torres.

Imagem 2: Cartão-postal Tramandaí, s/d, Foto de Leopoldo Preus, com carimbo de Otto Schönwald. Acervo: CEDOC/ UNISC

Imagem 3: Grande Hotel Atlântico. Acervo: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2, particular.

Imagem 4: Hotel Bela Vista. Acervo: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2, particular.

Imagem 5: Hotel Bassani . Acervo: Acervo: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2, particular.

Imagem 6: Publicidade do Hotel Atlântico. **Correio do Povo**, 11/1/1942.

Página 129: Transportes

Imagem 1: “Vista parcial de Torres”, foto Feltes, s/d. Acervo: Casa de Cultura de Torres.

Imagem 2: Tramandaí, Avenida Emancipação, 1925. Acervo: Museu Municipal de Tramandaí Prof^a. Abrilina Hoffmeister.

Imagem 3: “Praia balneária de Torres”, foto Feltes, década de 1950. Acervo: Casa de Cultura de Torres.

Imagem 4: “Vista futura de Capão de Canoa”. Acervo: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2, particular.

Página 130: Trajes de banho

Imagem 1: “Senhorita Dóra Aydos, destaque da sociedade porto-alegrense”. Acervo: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2, particular.

Imagem 2: Detalhe das fotos de “Tramandaí no verão”. **Revista do Globo**: 20/4/1935. Acervo: MCSHJC.

Imagem 3: Detalhe das fotos “Ecos na praia: veranistas das praias da Cidreira”. **Revista do Globo**: 30/5/1934. Acervo: MCSHJC.

Imagem 4: Tramandaí, 1948. Acervo: Particular de Nair Oliveira.

Imagem 5: Detalhe das fotos de Tramandaí. **Revista do Globo**: 11/4/1936. Acervo: MCSHJC.

Imagem 6: Torres. **Revista do Globo**: 22/2/1941. Acervo: MCSHJC.

Imagem 7: Banhista Helen Nedel, “eleita a mais bela portoalegrense”, em Capão da Canoa. **Revista do Globo**: 8/2/1941. Acervo: MCSHJC.

Página 131: Vilegiatura marítima (1930-1950)

Imagem 1: Arte gráfica na revista **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande**, 1939. Acervo: BN/RJ.

Imagem 2: Detalhe das imagens “Ecos da Praia”. **Revista do Globo**: 28/3/1934. Acervo: CEDOC/UNISC.

Imagem 3: Publicidade da loja *A Brasileira*. **Correio do Povo**: 3/1/1937. Acervo: MCSHJC.

Imagem 4: Publicidade do *Creme e Óleo Nívea*. **Revista do Globo**: 7/4/1945. Acervo: CEDOC/UNISC.

Imagem 5: Publicidade do *Óleo bronzeador Dagelle*. **Revista do Globo**: 9/3/1946. Acervo: MCSHJC

Imagem 6: Publicidade do cosmético *Monta*. **Revista do Globo**: 28/3/1934. Acervo: MCSHJC.

Imagem 7: Publicidade de óculos de sol da *Joalheria Amabile*. **Correio do Povo**: 7/12/1941. Acervo: MCSHJC.

Imagem 8: Publicidade da loja *A Brasileira*. **Correio do Povo**: 4/1/1932. Acervo: MCSHJC.

Página 132: O veraneio na Revista do Globo

Imagem 1: Capa da **Revista do Globo**, nº 2, 1929. Acervo: MCSHJC.

Imagem 2: Capa da **Revista do Globo**, nº 5, 1933. Acervo: MCSHJC.

Imagem 3: Capa da **Revista do Globo**, nº 176, 1936. Acervo: MCSHJC.

Imagem 4: Capa da **Revista do Globo**, nº 2, 1935. Acervo: MCSHJC.

Imagem 5: Capa da **Revista do Globo**, nº 225, 1938. Acervo: MCSHJC.

Imagem 6: Capa da **Revista do Globo**, nº 23, 1933. Acervo: MCSHJC.

Página 134: Sociabilidades na orla marítima

Imagem 1: Publicidade do *Hotel Cassino Picoral*. Acervo: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2, particular.

Imagem 2: Banhistas em Cidreira. **Revista do Globo**, nº 6, s/d. Acervo: MCSHJC.

Imagem 3: Grupo de veranistas no *Hotel da Saúde*. Revista **Kodak**, 1917. Acervo: MCSHJC.

Imagem 4: Festa de N. Senhora da Saúde, realizada em Cidreira em 1931. Acervo: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2, particular.

Imagem 5: Fotorreportagem da **Revista do Globo**, 23/3/1935. Acervo: MCSHJC.

I. O DESEJO SE TORNA REALIDADE

Para compreender a revolução que supõe o nascimento do banhista contemporâneo e a liberdade dos dogmas terapêuticos, é necessário entender o poder medicinal, em detrimento da prática dos banhos de mar no século XIX. Da sensação terapêutica, houve certa emulação transcendente sobre a fobia de cada um, sendo este um momento decisivo para a descoberta do prazer.⁴²⁹

O desejo balbuciante das últimas décadas do século XIX começou a se tornar realidade na medida em que alguns incrementos na infra-estrutura das praias do Rio Grande do Sul foram sendo realizados. Neste sentido, a melhoria de estradas e transportes, bem como a hotelaria e os serviços básicos dos balneários, possibilitaram a proximidade dos banhistas às praias gaúchas.

As propagandas dos hotéis no litoral acusam um rápido melhoramento dos serviços nas primeiras décadas do século XX. Mas os poderes públicos locais não tinham recursos para uma série de investimentos que, num primeiro momento, dependiam do capital privado de alguns empresários pioneiros no ramo.

Transporte, hotelaria, diversão e entretenimento ficaram a cargo da iniciativa privada. Nessas atividades, a presença de imigrantes e descendentes foi marcante, como denotam os anúncios de diversos serviços oferecidos a uma clientela cada vez maior.

Pelos jornais e pelas revistas que circulavam no Rio Grande do Sul, é possível acompanhar a evolução dos balneários e a popularização da vilegiatura marítima durante o veraneio. A imprensa também foi a principal fonte para demonstrar a presença cada vez mais efetiva do poder público na modernização dos balneários marítimos. O engenheiro Ubatuba de Farias foi, inclusive, designado pelo governo estadual para realizar uma série de projetos de urbanização dos balneários do litoral norte.

A circulação de informações sobre as praias por materiais impressos, iconográficos ou pela oralidade, despertava cada vez mais o desejo da beira-mar. Ir às praias de mar sempre foi uma forma de distinção social, e a população urbana de trabalhadores passou a sonhar com esse ideal burguês.

Os balneários marítimos se tornaram postos avançados da civilização na areia. Foi através deles que iniciou a “colonização” do litoral norte do Rio Grande do Sul. Sua urbanização a partir das primeiras décadas do século XX deu condições materiais para a

⁴²⁹ URBAIN, op. cit., p. 144.

concentração populacional na orla marítima durante os três meses de veraneio. Esse processo abrupto no decorrer da primeira metade do século XX permite mapear os protagonistas e a modelagem gradual da paisagem litorânea.

A drenagem das dunas, dos pântanos e das restingas, o encanamento da água e do esgoto, o loteamento de terrenos, a abertura de ruas, a eletrificação dos balneários e o policiamento sazonal foram algumas medidas adotadas para a urbanidade do veraneio, que passou a dominar a natureza praieira.

O duplo processo de domesticação da natureza marítima e de “colonização” do litoral do Rio Grande do Sul deve ser entendido como um dos aspectos da modernização em curso no início do século XX. Paradoxalmente, essa mesma modernidade estava grávida de novos problemas, dos quais os balneários marítimos não ficaram longe.

O medo do que vem do mar, por exemplo, ressurgiu com a possibilidade de um eventual ataque de submarinos alemães durante a guerra.⁴³⁰ Burgueses e proletários também tiveram de redefinir seus espaços naquele extenso litoral. Algumas praias se tornaram mais populares, sobretudo aquelas mais próximas da capital. Como a atração e concentração de capital dependiam, em certa medida, da origem social dos frequentadores, os balneários começaram a apresentar desigualdades em termos de infra-estrutura e serviços. A vilegiatura marítima deixava de ser apanágio dos ricos.

Uma praia para todos era algo lógico para muitos que defendiam cientificamente os benefícios do mar à saúde. Não faltaram discursos como o do médico Raul Pilla ou do engenheiro Ubatuba de Farias, que pensavam o planejamento dos balneários em moldes utópicos. Aliás, o surgimento das colônias de férias tinha por princípio uma igualdade fictícia. Para muitos veranistas, a praia poderia oferecer certa “re-socialização”, tão sonhada por uma sociedade fraturada socialmente entre ricos e pobres, brancos e negros. Neste sentido, cabe ressaltar que mesmo as camadas populares eram responsáveis pela reprodução simbólica de alguns balneários marítimos. No caso de Torres, por exemplo, algumas lembranças fotográficas de veranistas negros no final da década de 1950, podem ser interpretadas como marcas distintivas de um acesso privilegiado a “praia de ricos e brancos”.⁴³¹

⁴³⁰ SCHOSSLER, Joana C. "O outro dos outros": olhares cruzados numa praia gaúcha durante o veraneio em tempos de guerra (1942- 1945). In: **Anais VII Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos**, 2008, Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

⁴³¹ LIMA, Aline M. “Ofereço minha foto como recordação”. **Representações negras em álbuns familiares (Pelotas 1930-1960)**. Porto Alegre: PPGH/PUCRS - Dissertação de Mestrado, 2009, p. 97

Independentemente das projeções sociais de alguns, os balneários marítimos surgiram já com uma estrutura de regras de condutas que se tornaram mais complexas com o passar dos anos.

O controle social se fazia especialmente à beira-mar, onde corpos desajeitados deviam se comportar sob o olhar alheio. As roupas foram diminuindo, o corpo se exibindo mais e mais. Enfim, todo um pudor foi sendo ajustado às modas, à promiscuidade de um convívio intenso, mas por um curto período de veraneio.

Os cuidados com o corpo à beira-mar também foram uma novidade. Para isso, uma emergente indústria de cosméticos contribuiu para uma nova estética e para um novo estilo de mulher. Na areia, como uma sereia, surgia a mulher moderna.⁴³² A flexibilidade do controle social durante o veraneio também favoreceu a mulher moderna, fazendo do balneário marítimo o seu casulo. Muitas moças tinham o verão na praia como um verdadeiro marco de sua puberdade, de seu primeiro beijo, primeiro namorado... Para os rapazes, a praia era, igualmente, um lugar mais favorável ao flerte. Enfim, para a saúde dos idosos, para o repouso dos adultos, para o agito dos jovens e para o mundo lúdico das crianças, a praia se tornou um desejo social com distintos significados.

⁴³² SCHOSSLER, Joana; CORREA, Sílvio M.S. Representações do feminino na Revista do Globo nas décadas de 1930 e 1940. **Revista de história comparada** (UFRJ), v. 6, p. 7-184, 2009. Disponível em: http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume006_artigo003.pdf, consultado em 25 de maio de 2010.

II. IR ÀS PRAIAS DE MAR

O desenvolvimento de muitos balneários marítimos em países como Inglaterra, Bélgica, França e Alemanha deu-se devido à expansão da rede ferroviária. No Brasil do final do século XIX, poucos eram os trilhos de trem que chegavam aos balneários marítimos; sendo o Guarujá em São Paulo e o Villa Sequeira no Rio Grande do Sul raras exceções.

Durante a *belle époque*, o desejo de beira-mar implicava em um deslocamento até a orla marítima. Essa pré-condição foi explorada pela principiante indústria automobilística.⁴³³ Mas antes do automóvel se popularizar, os carros que circulavam nos balneários eram apenas de alguns aristocratas ou burgueses, ou mesmo, de proprietários de hotéis, que disponibilizavam o veículo para levar seus hóspedes até a praia de banhos. Portanto, incitar o desejo pela beira-mar implicava em criar meios de transporte para a prática da vilegiatura.

Entre o final do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX, a principal justificativa para o deslocamento de banhistas às praias do litoral norte do Rio Grande do Sul, eram os banhos de mar com finalidades terapêuticas.

Devido à proximidade com Porto Alegre, as praias mais procuradas eram Cidreira e Tramandaí. Nesta fase “heróica” da vilegiatura marítima, os curistas realizavam longas e dificultosas viagens. Seguindo com caravanas, que levavam todos os utensílios e mantimentos necessários para a longa temporada, os vilegiaturistas se hospedavam ao longo do caminho em fazendas, e acampavam nas praias ainda desprovidas de serviços comerciais, com barracas de lona ou cabanas improvisadas.

Com o surgimento de hotéis no final do século XIX, as viagens tornaram-se dispendiosas, pois além de diárias, eram contratados guias e carroças, para viagens que levavam até oito dias até a beira-mar.

Em suas reminiscências sobre a vilegiatura marítima para Tramandaí, Paulino Barcellos Gonçalves registrou que a primeira empresa a transportar passageiros para aquela praia foi a de Pedro Martins, em 1897. Depois das diligências, vieram os

⁴³³ BOYER, op. cit. p. 1.

automóveis. Segundo o mesmo cronista, o italiano Luiz Vitalli foi o responsável pela primeira linha posta em tráfego para a praia de Tramandaí.⁴³⁴

No início do século XX, Roquette-Pinto, ao chegar a Porto Alegre, comenta as dificuldades em ir para o litoral, acusando, ao mesmo tempo, a frequência da orla marítima por veranistas da capital.

Para ir da Capital do Estado às costas do Atlântico achei, em comêço, grandes dificuldades. Durante o verão a condução para Tramandaí, ponto inicial de minha verdadeira excursão, não é difícil. Tramandaí é mesmo uma das praias de banho da população de Porto Alegre. Na ocasião a estação balneária não havia ainda começado nem um trânsito era, então, feito seguidamente entre esses dois pontos. Não havia, na Capital, quem me quisesse alugar os cavalos necessários; e o preço que me pediam por alguns, de que precisava, era quantia que eu não dispunha.⁴³⁵

As viagens com carretas no início do século XX também podem ser visualizadas nas revistas ilustradas da capital. Nas páginas de fotorreportagens da revista *Kodak*, é possível tomar conhecimento desses momentos heróicos das primeiras idas às praias.⁴³⁶ Já na rubrica *As nossas praias de banho*, da revista *Máscara*, a condução por carretas também aparece em várias ocasiões. Além dos excursionistas da capital, alguns clichês fotográficos acusam a presença de nativos, figuras imprescindíveis para conduzir as caravanas pelas restingas e dunas de areias, para guiar os veranistas, localizar pousadas e preparar comida.

Se as praias próximas de Porto Alegre eram procuradas pelos habitantes da capital, a praia de Torres era frequentada pelos habitantes da Serra. Segundo Sinval Saldanha:

Da serra, por estreitos caminhos mal trilhados, desciam caravanas, buscando o refrigério do mar. Cargueiros de muares conduziam a bagagem dos viajeros, que só montavam em animais ferrados, para não escorregarem na forte descida que margeia grandes precipícios. Homens, mulheres e crianças em barracas acampavam na zona sul, junto às areias. Era gente de Vacaria, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, que por atalhos vertiginosos da serraria, hoje mais facilmente vencidos, vinha em busca dos ares frescos do mar.⁴³⁷

Os serranos, como eram chamados, viajavam cerca de 170 quilômetros com carretas de tração animal. Para o veraneio levavam pão de forma, carnes defumadas,

⁴³⁴ Luiz Vitalli era sobrevivente do naufrágio do vapor italiano Sarita, cujos restos ainda eram visíveis na costa marítima do Estado quando ele começou a transportar passageiros em automóvel. **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1962. MCSHJC.

⁴³⁵ ROQUETTE-PINTO, op. cit., p. 14.

⁴³⁶ A revista **Kodak** utilizava fotografias enviadas pelos próprios veranistas, destacando que não devolveria as imagens encaminhadas.

⁴³⁷ RUSCHEL, op.cit., p. 166.

açúcar, sal, café, marmelada, biscoito, arroz, farinha de milho e vários outros mantimentos.⁴³⁸ Para Ruy Ruschel, “parece não haver dúvida que foram os *serranos* os primeiros a descobrir o mar como alternativa de férias e saúde”.⁴³⁹

Partindo da serra gaúcha, os veranistas serranos que passavam pela Serra do Pinto também podiam chegar a Capão da Canoa. Caso fossem pela Serra do Faxinal, chegavam com mais facilidade a Torres. Mesmo assim, a viagem poderia durar até oito horas.⁴⁴⁰

No intuito de acelerar o tempo de viagem, o serviço de diligências foi aprimorado com tração a cavalo, diminuindo o tempo da viagem em até dois dias. Esse transporte foi aperfeiçoado com o surgimento dos hotéis, que certamente contratavam o serviço para obter maior movimento de banhistas na época balnear.

Diligencia de Conceição à Tramandahy
De Laurindo Isaias
De acordo com as chegadas e saídas de trens e uma viagem às terças-feiras.
Acompanha carro bagagem.
Agencia Tramandahy
Hotel Correa⁴⁴¹

Pela ausência de estradas, o caminho era feito com a orientação de guias. Com chuva, os animais mal se moviam.⁴⁴² As diligências e, posteriormente, os automóveis ficavam atolados. Sem tardar, surgiu o carro *Ford*. Mas as diligências não foram abandonadas, pois a precária condição das estradas não permitia que todo percurso fosse concluído com o automóvel, sendo a diligência o recurso utilizado para completar o percurso.⁴⁴³

Em 1918, já aparece na revista *Kodak* um *Ford*, junto aos banhistas à beira-mar.⁴⁴⁴ Aos poucos, os serviços de “condução em automóvel a preço sem competência” foram atraindo os veranistas.⁴⁴⁵

Entre as décadas de 1920 e 1930, outros projetos de deslocamento às praias foram planejados, entre eles estava o lacustre e o ferroviário.⁴⁴⁶ A ferrovia Osório-

⁴³⁸ FESTUGATO, Eduardo. **Torres de Antigamente: crônicas e memórias**. Caxias do Sul, 1994, p. 11.

⁴³⁹ RUSCHEL, op. cit., p. 547.

⁴⁴⁰ Idem, p. 15.

⁴⁴¹ **Correio do Povo**, 11/1/1925. NPH/UFRGS.

⁴⁴² ROQUETTE-PINTO, p. 16.

⁴⁴³ THERRA, Ivan. **Cidreira, história, cotidiano, cultura e sentimento**. Cidreira: Casa de Cultura do Litoral, 2007, p. 43.

⁴⁴⁴ Revista **Kodak**, 23/3/1918. MCSHJC.

⁴⁴⁵ **Correio do Povo**, 20/1/1925. NPH/UFRGS.

⁴⁴⁶ SOARES, op. cit., p. 65.

Palmares foi inaugurada em 1922.⁴⁴⁷ Este serviço era conhecido como tráfego mútuo, pois de Porto Alegre a Palmares o trajeto era realizado com um vapor. Ao chegar em Palmares, o trajeto continuava de trem até Osório, ou era realizado com diligências, que partiam tanto de Palmares ou de Osório para Cidreira. O pesquisador Roquette-Pinto, que seguiu para Cidreira em companhia do oficial da Marinha Comandante Ramos Flores, que veraneava no balneário, foi até Palmares com um vapor, seguindo de lá com um cavalo.⁴⁴⁸ Neste período, o expressivo número de diligências partindo de Porto Alegre já é significativo nas páginas do jornal *Correio do Povo*, mas a oferta do tráfego mútuo também pode ser visualizada, como informa a seguinte propaganda.

Trafego mútuo entre Porto Alegre e Torres
Vapor, MONTENEGRO
Durante os meses de janeiro e fevereiro o embarque dos srs. passageiros, desta capital, se efetuará no Cais do Porto.
A lotação máxima do referido vapor foi fixada pelo sr. Capitão do Porto em 85 passageiros, número que absolutamente não poderá ser excedido.
Partidas: todas as quintas-feiras, às 6 horas em ponto.
O Agente.⁴⁴⁹

Por via lacustre, também se alcançava a distante praia de Torres. O transporte lacustre naquela região já servia para a circulação de pessoas e de mercadorias (farinha de mandioca, rapaduras, cachaça, entre outros.) dos núcleos coloniais alemães de São Pedro de Alcântara e Três Forquilhas, e da colônia italiana de Morro Azul.⁴⁵⁰ Entre os pioneiros do transporte lacustre, destacou-se o imigrante alemão Carlos Leopoldo Voges, pastor e líder comunitário de Três Forquilhas.⁴⁵¹ Seu neto, Adolfo Diehl, explorou a navegação lacustre das lagoas Itapeva e Pinguela. Já a linha lacustre Palmares – Porto Alegre (através das lagoas do Casamento e dos Patos) e a fluvial até o rio dos Sinos estava a cargo da empresa de navegação de Edmund Dreher.⁴⁵² Houve, igualmente, um incremento significativo no setor dos transportes com o tráfego mútuo. Somente em meados do século XX, o transporte lacustre naquela região foi suplantado pelo rodoviário.⁴⁵³

⁴⁴⁷ RUSCHEL, op. cit., p. 504.

⁴⁴⁸ ROQUETTE-PINTO, op. cit., p. 14.

⁴⁴⁹ *Correio do Povo*, 9/1/1923. NPH/UFRGS.

⁴⁵⁰ SILVA, Marina Raymundo. *Navegação Lacustre Osório-Torres*. Porto Alegre: Luzzatto Editores, 1985.

⁴⁵¹ RUSCHEL, op. cit., 70.

⁴⁵² Idem, p. 504.

⁴⁵³ Idem, p. 69.

Em 1927, foi criada a primeira companhia aérea do Brasil. A VARIG, Viação Aérea Rio-grandense, de propriedade do imigrante alemão Otto Ernst Meyer, oficial-aviador alemão que chegou ao Brasil em 1921, começou a operar linhas para as praias do Cassino, Cidreira, Tramandaí e Torres. As viagens com duração máxima de uma hora, já eram anunciadas no ano seguinte de sua inauguração no *Correio do Povo*, com uma pequena ilustração, que fazia alusão ao prazer de gozar da beira-mar.⁴⁵⁴ Para a linha aérea Porto Alegre – Torres, a VARIG contou com a experiência do aviador Werner von Klausbruch, que era veterano da I Guerra Mundial.⁴⁵⁵

Apesar de rápido, o transporte aéreo também tinha seus perigos. Em 1930, a revista *A Gaivota* noticiou em suas páginas o acidente ocorrido em 3 de fevereiro de 1929, com um avião da VARIG, que ao tentar fazer a aterrissagem no rio Mampituba, foi de encontro aos fios telegráficos, o que ocasionou capotagem do aparelho. Os passageiros foram salvos, e o aparelho desarmado foi levado mais tarde para Porto Alegre.⁴⁵⁶ Mas antes da remoção do avião, um fotógrafo de Torres, Guilherme Clezar, fez a primeira fotorreportagem do primeiro acidente aéreo daquele balneário.⁴⁵⁷

Independentemente do meio de transporte (carroças, diligências, vapor, automóveis), o desenvolvimento da conexão até a orla marítima dependeu de muitos pioneiros de origem alemã. As carroças dos Sperb, os barcos a vapor de Diehl ou Dreher, os automóveis dos irmãos Max e mesmo os aviões de Meyer foram imprescindíveis para dar vazão ao desejo de beira-mar.

Devido à melhoria e variedade nos transportes, a virada para a década de 1930 favoreceu a ida de banhistas às praias de mar. No entanto, nem todos poderiam usufruir dos serviços aéreos, permanecendo o transporte com veículos automotores o mais acessível. Mesmo assim, as estradas careciam muito de condições para a realização das viagens, necessitando uma série de melhoramentos e acessibilidade às praias de mar.

Os primeiros ajustes foram referentes aos cômodos de areia, que dificultavam a entrada ao balneário de Cidreira. Para facilitar a passagem por este “obstáculo”, foram construídas, em 1929, esteiras de madeira que facilitavam a chegada à praia, reduzindo a viagem de oito horas para no máximo cinco horas. Segundo uma reportagem sobre as

⁴⁵⁴ *Correio do Povo*, 18/2/1928. NPH/UFRGS.

⁴⁵⁵ RUSCHEL, op. cit., p. 518.

⁴⁵⁶ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1930. IHGRS.

⁴⁵⁷ RUSCHEL, op. cit., p. 85-86.

esteiras, esta construção era “um grande proveito não só para Cidreira, como para todas as outras praias balneárias ao longo da costa do Atlântico”.⁴⁵⁸

No ano seguinte, as melhorias e a evolução das viagens realizadas de carroções e as realizadas com automóveis foram comentadas na matéria intitulada “As viagens as nossas praias: outrora e hoje”. A reportagem ainda ilustra com duas imagens o antes e o depois, enfatizando que pelos trilhos de madeira o automóvel gastou de Porto Alegre a Cidreira apenas três horas e meia.⁴⁵⁹

Ainda em meados da década de 1920, surgiram variadas empresas com linhas de automóveis que ofereciam viagens “para as praias de banho”, com os carros *Dodge*, *Adler*, *Studebaker* e *Oacklande*, de 4 e 7 lugares.⁴⁶⁰ O caminho trilhado para os que partiam da capital passava pela estrada de Viamão seguindo por Capivari. Nas proximidades de Águas Claras, o viajante era interceptado pelo pedágio de um sírio libanês. Antonio Chemale, mais conhecido por Arabatche, era proprietário de uma imensa área de terras que ficava em meio à passagem rumo ao litoral.⁴⁶¹ Neste trecho, o proprietário construiu, à sua custa, uma estrada firme e um pontilhão para facilitar o trânsito dos automóveis, que assim venciam as dificuldades para atravessar à areia.⁴⁶²

Pouco depois, vencíamos galhardamente a distância que separa Viamão do ARABATACHE, posto forçado das caravanas que desfilam, sem o auxílio de Allah, diante do homem que nos cobra a insignificância de um mil de réis para evitar os areais traiçoeiros...

Descansa-se uns poucos minutos. Os companheiros que dormiam acordam ligeiramente. O carro exige água. São necessários dois baldes para mitigar a sede da máquina. Em seguida, ligamos de novo o motor e, sob as aléluias do “Arabatche” o possante rola pela estrada devorando as distancias.⁴⁶³

A criação de esteiras e a modernização dos meios de condução trouxeram aos veranistas e empresários do ramo hoteleiro e industrial uma satisfação temporária. No entanto, as reclamações sobre as estradas, que cansavam os veranistas, era a principal causa das lamentações. Neste sentido, a imprensa foi um órgão importante na divulgação da precariedade dos serviços públicos e privados, pois ela acompanhou, literalmente, o desejo da beira-mar, que crescia anualmente.

⁴⁵⁸ A *Gaiivota*, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1929. IHGRS.

⁴⁵⁹ A *Gaiivota*, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1930. IHGRS.

⁴⁶⁰ A *Gaiivota*, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1929. IHGRS.

⁴⁶¹ CRUZ, Jairo. *Cidreira: da carreta ao carro a álcool*. Porto Alegre: Gráficaplub, 1980?, p. 2.

⁴⁶² A *Gaiivota*, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1934. IHGRS.

⁴⁶³ *Correio do Povo*, 2/2/1936.

Em duas ocasiões no início da década de 1930, jornalistas do *Correio do Povo* acompanharam os veranistas até as praias do Atlântico mostrando particularidades do trajeto, como os buracos traiçoeiros chamados de “tatus”, e a falta de reparos que tornavam o trecho incômodo aos veranistas.

O veraneio nas praias oferece um sério inconveniente: as estradas, que fazem com que os veranistas cheguem verdadeiramente “móidos” aos lugares a que se destinam.

A distância que separa Porto Alegre das praias oferece trechos muito bons e também, trechos péssimos, em que as vísceras dos viajantes são postas a uma dura prova. (...). Depois do Canquerini, os carros que vão às praias tomam o “aterro”, o qual, entretanto, só é aproveitável na época de seca, como a atual, pois nas épocas chuvosas torna-se intransitável. E isso, apenas, por um motivo: não ser o aterro “amassado”. A falta de um compressor há muito que se faz sentir e seria de excelente de excelentes resultados se as obras públicas mandassem lá uma máquina compressora. Depois de atravessada a várzea das Palomas, o acesso das praias torna-se fácil devido ao serviço de esteiras existente antes de chegar a Cidreira.⁴⁶⁴

As esteiras pareciam ser uma solução imediata para sanar o problema da entrada e saída das praias que ainda não possuíam este serviço. Para isso, por volta de 1932, foi contratada uma empresa para construir um perímetro de 27.000 metros de esteiras a partir de Osório. Segundo comentário no *Correio do Povo* de 1933, o concessionário parecia não estar muito preocupado com o serviço das esteiras em Tramandaí, pois o acesso à praia tinha mais de dois obstáculos que encalhavam os automóveis, como ilustra a imagem chamada pelo jornalista de “clichê”.⁴⁶⁵ Realmente a empresa concessionária para o serviço não cumpriu com o trabalho. Em 1934, a obra foi assumida pelo hoteleiro de Cidreira Primorio José de Souza, que no período havia construído somente 423 metros.⁴⁶⁶

Durante o percurso da viagem, os vilegiaturistas tinham um ponto de parada que ficava à margem da estrada. Apesar de não aparecer nas recordações dos antigos veranistas que, normalmente lembram-se de Santo Antônio da Patrulha por seu famoso sonho, o *Canquerino* era o lugar em que o viajante encontrava um bom café, espichava as pernas, abastecia seu estoque alimentício e iniciava a sociabilidade com outros viajantes que se dirigiam às praias.

O Caquerino “hotel” aguarda os hospedes com o café suculento. É um avanço geral... O fumo crioulo do Canquerino se esgota. O pessoal fareja tudo. A marmelada em lata e as compotas somem-se em poucos momentos...

⁴⁶⁴ *Correio do Povo*, 26/12/1933.

⁴⁶⁵ Idem, *Ibidem*.

⁴⁶⁶ *A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1934. IHGRS.

O “possante” buzina. É hora. Chegam novos carros. Há abraços. Trocam-se as primeiras impressões. Contam-se “vantagens”. Todo mundo acredita, Há quem tenha corrido 150 quilômetros. (...).⁴⁶⁷

Mesmo com a variedade de diligências em meados da década 1920, foi no início da década de 1930 que as agências de viagem, com condução coletiva, começaram a aparecer com ênfase nos jornais. Entre elas destaca-se a *Expresso Internacional*, mais conhecida pela abreviatura *Exprinter*, de propriedade do banco argentino *Superville*.

A *Exprinter* realizava viagens para os principais pontos de veraneio do Rio Grande Sul, como, as praias do litoral norte, a serra gaúcha e as águas termais. Segundo Dr. Ubatuba de Farias, a agência atendia um “público mais ou menos selecionado”. “Isso não é pelo fato dessa agência de viagem diferenciar seus clientes, mas é que no geral, só as pessoas acostumadas a viajar procuram adquirir passagens e estadia por intermédio dela”.⁴⁶⁸

Entre os diversos anúncios publicados no jornal *Correio do Povo* ao longo da década de 1930, destaca-se uma publicidade de meia página do jornal, apresentando programas para o veraneio de 1940. Entretanto, é possível inferir que a agência *Exprinter* foi uma grande fomentora do turismo no Brasil, pois além de oferecer pacotes de viagens em parcerias com hotéis, ela também proporcionava aos turistas viagens internacionais para os Estados Unidos, Buenos Aires e Montevidéu.

⁴⁶⁷ *Correio do Povo*, 2/2/1936.

⁴⁶⁸ FARIA, L.A Ubatuba de; MOACYR, Pedro Gabriel. Atlantida, cidade balnear. **Boletim da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Outubro 1939, número 30, pp. 271- 301, p. 285.

PARA SEU VERANEIO ANNUAL

VERÃO NA SERRA

VERÃO NAS PRAIAS

VERÃO NAS THERMAS

SERRA

THERMAS

EXPRINTER

PASSAGENS

BILHETERIA OFFICIAL

PASSAGENS Maritimas e Aéreas

GRANDE EXCURSÃO AOS ESTADOS UNIDOS

EXCURSÃO para a sua família

AGENTES OFFICIAES

CAMBIO DE MOEDAS
41
MELHORES TAXAS

PÔRTO ALEGRE

RUA DOS ANDRADAS 1079
TELEFONES 7330 E 4328
CAIXA POSTAL 375

Imagem 23: Publicidade da Agência de viagens Exprinter. *Correio do Povo*, 31/12/1939. Acervo: MCSHJC.

Conforme Catherine Bertho Lavenir, as mudanças técnicas de viagem são uma evolução marcada por três momentos distintos. A primeira época foi o tempo das diligências e do caminho de ferro, que tinham como público alvo a burguesia. Pouco antes da mudança de século XIX, a bicicleta e o automóvel modificaram as condições de viagem, permitindo uma maior mobilidade aos viajantes que deixaram de estar condicionados a recursos pré-definidos em função do caminho de ferro. Em meados do século XX, o turismo conheceu novas formas que se estenderam a camadas cada vez mais largas da população.⁴⁶⁹

A cronologia trifásica das mudanças técnicas de viagem apontadas por Lavenir para o caso Europeu, também podem ser validadas para os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. A primeira fase tem seu melhor exemplo com o *Balneário Villa Sequeira*, no litoral sul, pois o trem chegava até o balneário. Para o

⁴⁶⁹ LAVENIR, Catherine Bertho. **La roue et le stylo: comment nous sommes devenus touristes**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1999, p. 9. In: MATOS, Ana Cardoso de; SANTOS, Maria Luísa F. N. dos. **Os guias de turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal (dos finais de século XIX às primeiras décadas do século XX)**. Scripta nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociales universidad de barcelona. issn: 1138-9788. depósito legal: b. 21.741-98 vol. VIII, núm. 167, 15 de junio de 2004. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-167.htm>, consultado em 15 de novembro de 2009.

litoral norte, apesar de não existir linha férrea até a praia, havia o transporte mútuo, no qual a navegação a vapor por via lacustre e via ferroviária eram combinados até Osório, partindo de lá com diligências até as praias. A segunda fase foi marcada pelo transporte rodoviário, que pelas agências prestavam serviços de transportes com carros e, posteriormente, ônibus coletivos. Já a terceira fase foi marcada pela linha aérea da VARIG, em 1927, que mesmo sendo um transporte elitizado, representava agilidade.

Sobre a agência de viagens *Exprinter* é importante mencionar que a mesma publicava anúncios com os pacotes turísticos no jornal de língua alemã *Kolonie*, de Santa Cruz do Sul.⁴⁷⁰ A *Exprinter* também era a representante das “Empresas Reunidas de Transportes Balneários”, *Nunes e Internacional*,⁴⁷¹ que oferecia, igualmente, viagens para as praias de Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa e Torres, pois “dispunha de oito automóveis completamente equipados para viagem”.⁴⁷² Um ano depois, uma matéria na revista *A Gaivota* mostrando a foto do gerente da agência instalada em Cidreira, Sr. Elisio Nunes, ressalta a importância da “Empresas reunidas de transportes balneários”, que servia com cerca de 20 autos possantes as praias.⁴⁷³

Outras empresas de condução coletiva às praias também apareciam em publicidades do jornal. Muitas delas já anunciavam pacotes com hospedagens em hotéis e passagem de ida e volta para Porto Alegre, como a empresa *F. Silvilli & Cia*, que oferecia pacotes de 15 e 30 dias.⁴⁷⁴ A empresa *Carris*, também operava linhas para a praia de Tramandaí, e em parceria com os hotéis da cidade balnear, levava, de bondes, os banhistas do hotel ao banho. Segundo o anúncio, por norma instituída pelos hotéis, o cupom para o banho já estava incluso na passagem para a praia. A propaganda ainda aliava o serviço aos benefícios terapêuticos da praia, pois como destaca o anúncio, Tramandaí era “a mais alegre e saudável praia do nosso Estado”.⁴⁷⁵

Além destas empresas, também se encontravam disponíveis para condução às praias, ônibus e automóveis da *Expresso Nordeste*.⁴⁷⁶ Uma imagem no início dos anos 1940 mostra uma espécie de ônibus caminhão da *Expresso Nordeste* atolado nas estradas de chão batido.⁴⁷⁷

⁴⁷⁰ MEYER, Maximiliano. O pioneirismo teuto-brasileiro no turismo local gaúcho. in: WITT, Marcos A. *et al. Imigração: do particular ao geral*. Porto Alegre: CORAG, 2009, p. 228.

⁴⁷¹ *Correio do Povo*, 10/12/1933.

⁴⁷² *Correio do Povo*, 8/1/1933.

⁴⁷³ *A Gaivota, revistas das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1934. IHGRS.

⁴⁷⁴ *Correio do Povo*, 18/1/1933.

⁴⁷⁵ *Correio do Povo*, 16/1/1934.

⁴⁷⁶ *Correio do Povo*, 16/1/1938.

⁴⁷⁷ Imagem do acervo da SAPT/ Torres.

A melhoria das estradas era uma reivindicação dos veranistas e moradores das cidades balneares. Com elas, o desenvolvimento, o saneamento e a civilidade chegariam com mais facilidade. Para isso, foi contratada, em 1934, pelo governo do estado, a empresa *Dahne Conceição e Cia*, responsável pela construção da rodovia Gravataí-Osório-Tramandaí. A obra que teve duração de 5 anos, foi inaugurada em 1939, pelo secretário de Obras Públicas, Dr. Walter Jobim, que discursou afirmando que as rodovias eram decisivas ao surto civilizador, sendo necessárias ao desenvolvimento dos diferentes núcleos humanos.⁴⁷⁸

Como é possível perceber no discurso do secretário, as rodovias eram as vias de tráfego que o governo estava disposto a investir. Para isso, foi criado em 1938, o D.A.E.R, que visava a desenvolver e ampliar trechos rodoviários, que na opinião do mesmo, renovariam a economia e os meios de transporte, que, eram o instrumento civilizador por excelência. Ou seja, nas palavras do próprio Jobim, “onde falta o transporte pode inexistir a miséria, porém, não se encontra a riqueza”.⁴⁷⁹

Com a inauguração da rodovia, o tempo de viagem até a praia diminuiu para duas horas. As mudanças em relação às viagens foram recordadas por Nilo Ruschel. Na sua crônica, o autor rememora com saudosismo a história das viagens ao litoral, afirmando que a proximidade reduziu o encantamento das viagens de outrora e, conseqüentemente, a apreciação da beira-mar.

Apenas duas horas e pouco de passeio por uma estrada lisa, nos separam da faixa comprida de mar, [sic] que debrua, de ponta a ponta, o nosso Estado. Este foi o refúgio presente que o governo entregou à nossa população, no natal de 38.

E a gente viaja a Tramandahy, mal acreditando na facilidade com que se conquista uma distancia, ontem, quase intransponível. Mas a máquina avança sempre, sem obstáculos, e entrega aos nossos olhos panorama sem fim do Atlântico.

Há alguns anos atrás, repetimos aqui essas cenas batidas dos filmes americanos, mostrando as longas caravanas que se atiravam na conquista do oeste. Si que era ao contrário: fazia-se a marcha para leste, em busca das delicias praiieras. Os automóveis mais velhos que a cidade tinha, eram os veículos escolhidos para o sacrificio dos maus caminhos. Mas não se notava sua velhice, pois ficavam disfarçados sob um montão de malas, de sacos de viagem e de “preguiçosas”. Lá se iam nessa aventura que começara às três horas da madrugada, para terminar ao anoitecer.

Mas Tramandahy aparecia enfim. Seus ranchos de madeira, cobertos de palha, eram uma promessa de repouso, na simplicidade de uma vida quase primitiva.

⁴⁷⁸ Inauguração da rodovia Gravataí-Osório-Tramandaí. **Boletim da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, números 28/29, abril a julho de 1939, p. 217- 221. Biblioteca de Engenharia da UFRGS.

⁴⁷⁹ Idem, Ibidem.

De manhã cedo, muito antes do sol, os veranistas rumavam a praia, numa longa caravana de carretas, puxadas por quatro ou seis juntas de bois. Carretas de toldos recurvados, feitos com a palha do junco, formando um espetáculo pitoresco, naquela longa marcha móvel, esticando-se entre a brancura dos cômodos de areia. Depois a multidão espalhava-se pela praia e ia adorar o sol nascendo.

Domingo, depois de muitos anos, fui encontrar uma Tramandaí bem diferente. Nada daquela antiga feição primitiva, que era um manto de repouso estendido sobre as areias. Parecia o bairro mais intenso de uma cidade grande. Não encontrei mais velhas carretas, que eram o detalhe mais bonito que o balneário oferecia.

Em seu lugar vê um trilho fazendo uma grande curva dentro da vila e esticando-se entre os cômodos, até a beira do mar. Sobre ele, um carro-motor barulhento e enferrujado, pioneiro da mecanização do balneário. As ruas multiplicam-se e por elas, cruzam os automóveis [sic] “granfinos” da capital. Hoje, em duas horas apenas, chega-se até á beira mar. Mas não se encontra mais aquela velha Tramandaí, com sua longa procissão de carretas entre os cômodos, e com a multidão madrugadora, adorando o nascer do sol na praia. Quanto mais perto, mais longe fica essa Tramandaí.⁴⁸⁰

A partir da década 1940, surgem novas empresas oferecendo condução às praias. Entre elas a *Empresa Arroioense*, que passava justamente pelo trecho Gravataí-Glorinha-Santo Antonio-Osório.⁴⁸¹ Algumas conduções antigas, como a *Flexa de Ouro*, de propriedade dos irmãos *Max, Carlitos e Cia.*, também voltaram a operar neste período, em combinação com as empresas *Exprinter e Expresso da Serra*.⁴⁸² Neste período, também surgem novas empresas do ramo, como a *Empresa Piedade*, que com anúncio ilustrativo na revista *A Gaiyota*, oferece viagens para Cidreira, Tramandaí e Capão da Canoa.⁴⁸³ A presença de imigrantes alemães e seus descendentes é, igualmente, notável no ramo de transportes, como os *Transportes Jaeger*, de Jaeger e Irmão, que conduzia passageiros e encomendas até Torres.⁴⁸⁴ Também os irmãos Max ofereciam seus serviços de transporte em automóveis para todo Brasil.⁴⁸⁵

Os melhoramentos rodoviários trouxeram cada vez mais veranistas as praias. Para a praia de Torres, o novo acesso rodoviário favoreceu o fluxo de veranistas. No entanto, houve um efeito inusitado. Os serviços públicos daquela praia balneária teriam se tornado mais precários com o “considerável aumento dos veranistas em consequência da melhoria das estradas para aquela localidade”.⁴⁸⁶

⁴⁸⁰ *A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1939. IHGRS.

⁴⁸¹ *Correio do Povo*, 4/12/1940.

⁴⁸² *A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941. IHGRS.

⁴⁸³ *A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1943/2. Acervo particular.

⁴⁸⁴ *Correio do Povo*, 16/1/1946.

⁴⁸⁵ *A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1943/2.

⁴⁸⁶ *A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1939.

Uma nota na revista *A Gaivota*, de 1941, destaca o grande movimento de banhista na temporada e o grande movimento de empresas de auto-ônibus nas praias.⁴⁸⁷ Neste período, também já aparecem anúncios, como o da empresa *Distribuidora Rio-Grandense*, oferecendo o serviço de mudanças para as praias de Cidreira, Tramandaí e Capão da Canoa.⁴⁸⁸ Em 1942, há registro para uma excursão de natal em Capão da Canoa, partindo em ônibus especial.⁴⁸⁹

Como é possível perceber, o crescente acesso à praia intensificou-se a partir dos anos 1940. A rodovia aproximou os moradores da capital ao desejo de veranejar ou de construir uma propriedade na praia. Para isso, o acesso precisava ser melhorado. Por isso, em 1941, os veranistas proprietários de chalés na praia da Cidreira, reivindicaram ao poder público urgente melhoramento na estrada Porto Alegre-Viamão-Cidreira. Segundo eles, com o aparelhamento que o D.A.E.R dispunha, seria fácil consolidar o trecho, agilizando o acesso a mais antiga praia, Cidreira, em 1 hora e meia.⁴⁹⁰

Em 1942, fazendeiros, granjeiros, pequenos proprietários e veranistas dirigiram-se ao General Cordeiro de Farias levando um memorial, com mais de 400 assinaturas, tratando sobre a relevância da ligação do planalto viamonense com as férteis várzeas contíguas e o litoral. Ainda, segundo as cláusulas expressas pelos solicitantes, a estrada não apenas melhoraria o comércio dos agricultores, como também beneficiaria a população do usufruto as praias de mar.⁴⁹¹

Parece-nos que poderíamos ter, sem grande ônus para o Estado, UMA EXCELENTE RODOVIA, quase totalmente plana e reta, o que não acontece com a estrada Porto-Alegre-Osório.

Poderia ser atingida a orla litorânea, em Cidreira, em um percurso de menos de 100 kms...

Hoje, como é sabido, para atingir Tramandaí devemos percorrer 140 kms, de uma estrada perigosa e cheia de aclives.

Encurtando-se esse acesso ao oceano com os reparos de que necessita a estrada Viamão-Cidreira, por certo que se faria grande melhoramento de caráter geral que traria benefícios de toda ordem: saúde pública, instrução, circulação da riqueza ou da produção às zonas marginais e até mesmo sob o ponto de vista militar. (...).

Sendo preocupação primordial e grandemente meritória do nosso atual Governo executar eficiente campanha em prol da higiene e da saúde pública, natural é que se colabore na consecução dos meios que concorram para esse fim, como serão a facilidade de acesso e permanência das famílias nas estações de tratamento e cura pelos métodos naturais baseados nos elementos SOL E MAR.

⁴⁸⁷ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941. IHGRS.

⁴⁸⁸ *Correio do Povo*, 14/1/1941.

⁴⁸⁹ *Correio do Povo*, 24/12/1942.

⁴⁹⁰ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941.

⁴⁹¹ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1942. IHGRS.

Por certo, tudo tem feito e fará vossa excelência para rasgar estradas, encurtar distâncias, higienizar praias, de tal modo que desses benefícios possam gozar NÃO SOMENTE OS ABASTADOS mas, ainda OS MENOS FAVORECIDOS DA FORTUNA que são, por certo, os mais necessitados. (...).

Ao lado de tudo isso, virá o barateamento do custo do transporte e virá ainda todo gosto pelo repouso à beira-mar, que tanto necessita ser incentivado e até mesmo despertado entre o nosso povo, em geral, principalmente o gaúcho.⁴⁹²

No ano de 1943, ainda se tem notícia dos melhoramentos da estrada Viamão-Cidreira.⁴⁹³ Mas não era somente a estrada um problema aos vilegiaturistas. Com o início da II Guerra Mundial, a falta de gasolina impediu muitos veranistas de migrarem às praias. Neste ano, *A Gaivota* chegou a fazer um convite às populações citadinas para se deslocarem à praia, advertindo, sem alarme, que todos estavam trabalhando arduamente para oferecer um ótimo veraneio, e que os automóveis e ônibus já estavam sendo adaptados com aparelhos de gasogênio, substituindo a gasolina, que fazia falta naquele momento.⁴⁹⁴

Mesmo com o período de guerra, agências como a *Exprinter* continuaram a publicar seus pacotes para as praias do litoral gaúcho. Em 1943, a VARIG comentou o movimento de suas viagens de 1942, declarando que não obteve com a guerra as mesmas dificuldades que outras empresas de transportes. Sem alarde, ainda manifestou que teve, em 1942, o maior movimento dos seus últimos 15 anos de existência, demonstrando uma tabela com a estatística dos vôos executados e o número de passageiros.⁴⁹⁵

Durante o período de guerra, alguns balneários, como Cidreira, adotaram medidas preventivas como, por exemplo, apagar seus geradores de eletricidade à noite, para não facilitar ataques da marinha de guerra inimiga.⁴⁹⁶ Com o decorrer da guerra, no ano de 1945, Tramandaí chegou a declarar sua não beligerância, após bombardeiros que “ocasionaram um princípio de êxodo”.⁴⁹⁷

Veranistas e moradores desta aprazível praia do Atlântico estão descontentes. Mais do que isso: estão amedrontados. E a culpa não é da seca, nem dos mosquitos, nem dos preços altos, nem de coisa alguma que o leitor possa imaginar. O motivo é invulgar e, de certo modo, intensamente paradoxal. Longe da guerra, distantes do burburinho da cidade, toda essa gente,

⁴⁹² Idem, Ibidem.

⁴⁹³ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1943/2. Acervo particular.

⁴⁹⁴ Idem, Ibidem.

⁴⁹⁵ *Correio do Povo*, 8/1/1943.

⁴⁹⁶ SOARES, op. cit., p. 164.

⁴⁹⁷ *Correio do Povo*, 20/1/1945.

numerosa e variada, teme os aviões... E aviões de guerra, o que ainda é mais expressivo.

O caso é simples, falando por si mesmo, com eloquência. E, mais do que um amontoado de palavras, diz do que está aqui acontecendo a magnífica foto de Santos Vidarte, tomada num dos instantes precisos em que três aviões de guerra, verde escuros, com uma estrela na cauda voavam a meia dúzia de metros da areia branca onde centenas, se não milhares de banhistas gozavam as delícias de um sol, amenizado pela frescura de um mar muito verde e muito manso. É isso, exatamente isso que está acontecendo desde alguns dias. Aviões com as características acima, legítimos bombardeiros, intranquilizam os banhistas, ameaçam suas vidas e pondo perigo também as vidas dos pilotos. Em certos momentos, inesperadamente, assustadoramente, eles surgem em “piques”, dando impressão de que vão se projetar contra a praia ou que estão sendo forçados a uma aterrissagem imprevista. E os banhistas correm apavorados, jogam-se ao chão, cheios de susto, como quem está na guerra sujeito a bombardeios aéreos.

Mas não se limitam a atemorizar apenas os banhistas os tais aviões, os tais pilotos. Assim procedem, também, com o que se encontram em suas casas, tranquilamente. Voam baixo, muito baixo, barulhentos, ameaçadamente. E as famílias saem para a rua, cheias de susto e indignação. Tudo isso que é verdadeiro, que não pode ser negado, deu motivo a um começo de êxodo. Porque os sustos são grandes. Principalmente entre as mulheres e crianças. (Tramandaí nunca viu tanta criança como este ano).

O perigo destes vôos de guerra em zona de paz, de muita paz, realizados exatamente nos momentos em que a praia está repleta, deu lugar a que um grupo de veranistas de Porto Alegre, enviassem um telegrama urgente ao general Salvador Cesar Obino, comandante da Terceira Região Militar, pedindo que sejam tomadas as providências necessárias à cessão de tais abusos. Os vôos tão semelhantes aos que são feitos na guerra que até mesmo o depósito de bombas dos bombardeiros, ao passarem por sobre os veranistas, são abertos dando a impressão de que vai acontecer, de fato, um ataque aéreo com todas suas características... Resumindo: Tramandaí, pelos signatários do telegrama enviado ao comandante da Terceira Região mandou pedir a s. excelência que reconheça o seu estado de não beligerância com as Nações Unidas... Porque das Nações Unidas são os aparelhos que andam fazendo “coisas no ar” por aqui...⁴⁹⁸

⁴⁹⁸ **Correio do Povo**, 20/5/1945.



Imagem 24: “Tramandai reclama sua não beligerância... e protesta contra os bombardeios que varrem a praia”. Foto: Santos Vidarte. **Correio do Povo**, 20/5/1945. Acervo: MCSJHC.

Ao findar a guerra, o veraneio voltou a sua normalidade. A melhoria sanitária das praias, das estradas e dos meios de transportes, a infra-estrutura dos hotéis e balneários, oferecia aos veranistas, recursos razoáveis para desfrutar os prazeres da beira-mar. No entanto, assim como a evolução de ir à praia, o prazer de nela estar também teve seu desenvolvimento histórico. A partir da década de 1940, especialmente com o dispositivo legal das férias remuneradas, a popularização das praias balneárias seria um processo irreversível. A fase pioneira dos empresários “sonhadores” e da iniciativa isolada do capital privado é suplantada pela fase de incrementos na infra-estrutura com intervenção do poder público. Assim, por exemplo, tem-se a liberação de milhões de cruzeiros pelo governo do Estado para a construção de “paradouros populares” para “criar condições de conforto e bem-estar para a grande massa popular que demanda às praias do Atlântico, na temporada de veraneio”.⁴⁹⁹

O incremento da indústria automobilística no Rio Grande do Sul contribuiu com o desejo de beira-mar dos veranistas. Em 1939, uma prova de velocidade promovida pela *Folha da Tarde* uniu os apaixonados por carros e os fascinados pelo mar, na competição de 122 km entre Porto Alegre e Tramandaí. Na praia, caravanas de

⁴⁹⁹ A *Gaiota*, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1955. MCSHJC.

veranistas esperavam com entusiasmo o vencedor da prova, que completou o percurso com seu “possante La-Salle” em 1 hora e 10 minutos.⁵⁰⁰

No mesmo tempo em que os transportes tiveram seu desenvolvimento histórico em relação à beira-mar, o serviço hoteleiro também prosperou, atendendo ao longo dos séculos as necessidades dos vilegiaturistas. O próximo item visa mostrar a variedade de serviços hoteleiros, que, pertencente à grande parcela de imigrantes, incrementou a estrutura e o desenvolvimento do litoral gaúcho.

⁵⁰⁰ **A Gaiota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1939. BN.**

III. ESTAR À BEIRA-MAR

Ao percorrer um longo e dificultoso trajeto até o litoral norte do Rio Grande do Sul, os curistas, ao chegarem às praias, tinham à sua frente a imensidão do mar e um território pouco habitado. O crescente interesse desses curistas, que se deslocavam ao litoral em busca dos benéficos banhos e do ar salino, incrementou o surgimento de uma série de atividades comerciais associadas às viagens e à sua permanência. Neste sentido, os hotéis e o desenvolvimento da publicidade, são alguns destes aspectos.⁵⁰¹

Na última metade do século XIX, os curistas e banhistas não contavam com o apoio logístico de hotéis, acampando em toldos improvisados, como evidencia a passagem de um trecho literário de Aquiles Porto Alegre.

Em março e abril os banhistas, aos primeiros arrepios do frio, como as andorinhas, levantam as tendas que povoavam a extensão da praia e as caravanas partem com direção a Porto Alegre.⁵⁰²

Apesar da falta de serviços específicos para permanecer na praia, os primeiros veranistas fixaram provisoriamente habitações ou providenciaram choupanas semelhantes às dos pescadores. No final do século XIX, em Tramandaí, surgiram os primeiros estabelecimentos hoteleiros do litoral norte do Rio Grande do Sul.

Pertencente a Leonel Pereira de Souza, o primeiro empreendimento hoteleiro surgiu em 1888, na praia de Tramandaí. O *Hotel da Saúde* perdurou por cerca de quatro décadas, e foi comprado em 1928 por Francisco Sivelli, passando a se chamar *Parque Balnear*.⁵⁰³

Em 1881 surgiu em Porto Alegre o empreendimento de carroças pertencente à família Sperb. Ao longo da década de 1880, três eram os membros desta família que fabricavam carroças para condução de cargas ou pessoas, inclusive, para as praias.

Neste ínterim, provavelmente Jorge Eneas Sperb percebeu a procura das carroças para levar um avolumado número de pessoas ao litoral, notando a necessidade de fundar um estabelecimento hoteleiro para hospedagem dos veranistas.⁵⁰⁴

⁵⁰¹ MATOS, op. cit., p. 3.

⁵⁰² PORTO ALEGRE, Aquiles. Queda e redenção. In: Moreira, Maria Eunice (Org.). **Narradores do Partenon literário**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002, p.126.

⁵⁰³ **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1929. IHGRS.

⁵⁰⁴ MEYER, op.cit., p. 228.

Por conseguinte, em 1898 foi fundado em Tramandaí o *Hotel Sperb*. Cinco décadas mais tarde, a comemoração de cinquentenário do estabelecimento foi matéria na *A Gaivota*, que destacou o empreendimento como um dos mais antigos em Tramandaí.⁵⁰⁵

No início do século XX, a praia de Torres também foi contemplada com um empreendimento hoteleiro, do filho de imigrantes José Antônio Picoral. Proveniente da colônia germânica de São Pedro de Alcântara, Picoral migrou ainda quando menino para Porto Alegre, onde por volta de 1905 iniciou atividades comerciais no *Caminho Novo*. Após constituir família, Picoral, que já conhecia Torres, passou uma temporada de veraneio em Tramandaí, onde intencionava estabelecer um empreendimento hoteleiro.⁵⁰⁶

Ao findar seu período de vilegiatura, Picoral declarou-se insatisfeito com o balneário de Tramandaí, observando que lá passou muito calor.⁵⁰⁷ Logo após o desagrado com a localidade, que já possuía dois hotéis, Picoral telegrafou para o Intendente João Pacheco de Farias, em Torres, dizendo-se convencido da necessidade de desenvolver a estação balnear naqueles altos.⁵⁰⁸ Contudo, pode-se deduzir que Picoral recebeu incentivos do poder público local para estabelecer seu empreendimento em Torres, pois em seu veraneio de 1914 na localidade, o mesmo já esboçava com o Intendente Pacheco de Farias e seu sogro José de Matos Filho, um loteamento para formação do empreendimento balnear.⁵⁰⁹

Em dezembro de 1915, o *Balneário Picoral* foi inaugurado. Para o acesso a Torres foram providenciadas diligências que partiam de Tramandaí.⁵¹⁰ Em suas primeiras publicidades na imprensa gaúcha, o hotel informava sobre o serviço de diligências, abertura da temporada de veraneio e serviço de cama e mesa.

Deve-se salientar ainda que os hoteleiros dos primeiros balneários marítimos exerceram múltiplas atividades, inclusive políticas. As estratégias políticas de certas lideranças da comunidade alemã do litoral norte do Rio Grande do Sul já foram objeto de uma tese de doutorado.⁵¹¹ Nessa tese, também publicada em livro, o autor privilegia as

⁵⁰⁵ **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1948-1949. IHGRS.

⁵⁰⁶ RUSCHEL, op. cit., p. 534-535.

⁵⁰⁷ Idem, p. 524-525.

⁵⁰⁸ Idem, Ibidem.

⁵⁰⁹ Idem, Ibidem.

⁵¹⁰ Idem, Ibidem.

⁵¹¹ WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – Século XIX)**. Porto Alegre, 2008. Tese [Doutorado].

trajetórias de colonos “exponenciais” do litoral norte do Rio Grande do Sul e seus vínculos tanto com a comunidade alemã do litoral norte quanto com a comunidade alemã de São Leopoldo. Alguns casamentos de famílias, como Diefenthäler e Voges, tiveram desdobramentos econômicos e políticos, pois certas alianças entre as parentelas estruturavam o cenário econômico e político da região do Vale de Três Forquilhas no litoral norte do Rio Grande do Sul até o século XX.⁵¹²

Com base nas relações históricas entre as comunidades teuto-brasileiras de São Leopoldo e do Vale de Três Forquilhas, Witt demonstra o quanto era relativo o isolamento dessas colônias alemãs. Além dos seus vínculos comerciais por meio do estabelecimento de pontos de vendas das parentelas, como Diefenthäler-Voges, a religião também (re)ligava essas comunidades.⁵¹³

Sobre as relações econômicas, sociais, religiosas e políticas entre as comunidades, pode-se inferir que elas serviram também de estofos para o empreendimento balneário do início do século XX, no qual José Picoral foi um elemento “exponencial”.

De acordo com dois anúncios veiculados no jornal *Correio do Povo*, José Picoral, reconhecido na historiografia litorânea como o fundador do veraneio em Torres, teria comprado as instalações que mais tarde dariam origem ao Hotel Picoral de um membro da família Voges. O primeiro anúncio é de janeiro de 1917, informa ao leitor que o estabelecimento havia “passado por grandes reformas” e que o “transporte àquela praia é rápido, pois o Sr. Pedro Martins dispõe de um serviço de diligências e autos, que fazem o trajeto em um dia, de sol a sol”. Contudo, os dados mais significativos aparecem no final do texto: “De Conceição do Arroio, às terças feiras, parte para Torres a gasolina Conceição, assim também outros meios de transporte de Tramandaí àquela praia”. Para buscar maiores esclarecimentos, o futuro veranista deveria entrar em contato com o próprio José Picoral, em Porto Alegre, ou em Torres, “no Hotel Voges”. O segundo informativo, datado de 11 de novembro de 1918, não deixa dúvidas de que o hotel mudou de proprietário. José Picoral foi explícito, ao publicar que “tendo o conhecido HOTEL VOGES naquela praia passado para a **minha exclusiva propriedade...** o referido estabelecimento... sofreu importantes reformas e aumentos”. Depreende-se que Voges e Picoral eram sócios e que, a partir daquela data, José Picoral tornara-se o único proprietário do hotel. Os dois anúncios provocam a curiosidade do pesquisador, uma vez que até agora desconhecia-se que os Voges tivessem investido na hotelaria.⁵¹⁴

Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2008.

⁵¹² Idem, p. 84.

⁵¹³ DREHER, Martin N. São Leopoldo e Três Forquilhas – relações humanas. In: ELY, Nilza Huyer e BARROSO, Vera Lucia Maciel (Orgs.). **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: EST, 1999, p. 235-242.

⁵¹⁴ WITT, op. cit., p. 310-311.

Vale ainda lembrar que, antes do empreendimento hoteleiro de Picoral, um sistema de transporte já existia ligando essas colônias alemãs e cujo monopólio era da parentela Voges-Diehl-Dreher. O casamento de Jacob Diehl com a filha de Voges, por exemplo, constituiu-se numa dupla aliança: a do casal, que passou a compor uma nova família, e a da empresa de navegação lacustre.⁵¹⁵ Esse meio de transporte seria incrementado, posteriormente, com a ida aos banhos de mar de veranistas das comunidades teuto-brasileiras de Porto Alegre e São Leopoldo.

Em consonância com Witt, o domínio da navegação pelas lagoas do litoral permite inferir que atividades paralelas, como a hotelaria, poderiam ser desenvolvidas como forma de potencializar a economia da própria família Voges e da região.⁵¹⁶

Já as relações comerciais dos vendeiros José Raupp e Carlos Jacoby, dois “exponenciais” da comunidade alemã do litoral norte, acusam uma rede com a região serrana. Aliás, o próprio Carlos Jacoby tinha comprado terras nos Campos de Cima da Serra.⁵¹⁷ Por seu turno, José Raupp tinha terras na província vizinha de Santa Catarina.⁵¹⁸

Esses caminhos que ligavam a região serrana, especialmente aquela de colonização italiana, com a região costeira e dos vales, onde havia colonização alemã, foram abertos por tropeiros. Posteriormente, os caminhos terrestres foram ampliados pela navegação lacustre e fluvial.

No entanto, tanto tropeiros quanto empresários da navegação fluvial tiveram como característica o transporte de mercadorias, em maior ou menor volume, e a possibilidade de circular por um espaço significativamente mais amplo do que a circunscrição imposta pela Colônia ou Picada. No que tange aos vendeiros que associaram comércio e transporte, essa iniciativa provou que o domínio sobre essas duas atividades proporcionou crescimento invejável para os que a elas se dedicaram. Relevante também é a constatação de que não houve diferença entre os negócios que envolveram navegação pelo rio dos Sinos ou pelas lagoas do LNRS, até porque, em muitos momentos, os agentes e sócios foram os mesmos, como as famílias Diehl, Dreher e Voges.⁵¹⁹

Essa rede comercial entre a comunidade alemã do litoral norte com a região dos Campos de Cima da Serra e com os Vales do Taquari e Sinos, além do Guaíba, abriu, provavelmente, o caminho da vilegiatura marítima dos serranos para a praia das Torres. Afinal, na historiografia já foi demonstrado o quanto “a Colônia de Três Forquilhas

⁵¹⁵ Disponível em:

www.eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1210858392_ARQUIVO_textoanpuh2008MarcosWitt.pdf, consultado em 9 de junho de 2010.

⁵¹⁶ WITT, op. cit., p. 311.

⁵¹⁷ Idem, p. 270.

⁵¹⁸ Idem, p. 275-276.

⁵¹⁹ Idem, p. 318.

serviu de espaço intermediário entre o litoral norte do Rio Grande do Sul e os Campos de Cima da Serra”.⁵²⁰

Devido à distância em relação às demais praias, Torres era frequentada por um público distinto, com elevado poder aquisitivo. Neste sentido, o aperfeiçoamento do balneário harmonizou-se com o propósito dessa elite, que elegeu o *Hotel Picoral* como um ponto de fuga durante o veraneio. Logo, o hotel passou a intitular-se como o preferido e mais frequentado pela elite porto-alegrense.⁵²¹

Para melhorar e incrementar seu hotel, Picoral viajou para Europa, Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro.⁵²² Os conhecimentos adquiridos em suas viagens foram, aos poucos, aplicados em seu empreendimento. Logo, as publicidades criadas para divulgação mostravam o diferencial que os banhistas poderiam usufruir na “mais bela das praias gaúcha”.

O ambiente do *Hotel Picoral* não era apenas um lugar de veraneio, mas um lugar de sociabilidade onde os hábitos “civilizados” da elite urbana eram representados através das atividades culturais como, saraus, concertos, bailes noturnos, salões de jogos e piqueniques.⁵²³

Assim sendo, a cidade de Torres, que até então vivia de atividades haliêuticas, foi invadida pelos hábitos da elite urbana, que respirava os ares advindos com a modernidade. Este fator resultou em uma reorganização social dos habitantes locais, gerando novas formas de sociabilidade, que devido à estação balnear, mudou, inclusive, as relações de trabalho e sustendo da comunidade, pois o verão tornou-se um período rentável de trabalho, gerando novas atividades, como a prestação de serviços domésticos aos veranistas.⁵²⁴ No entanto, resta saber de que maneira se desenrolou este hibridismo cultural, que além de modificar a estrutura social e cultural, também transformou fisicamente a paisagem litorânea.

As atividades culturais desenvolvidas no hotel também foram uma forma do litoral conquistar seu espaço regional. Conforme Ruschel, no começo da década de 1920, Torres possuía um clube de teatro conhecido como *Sociedade Dramática União de Torres*, banda municipal com sede própria e associação política sabida por *Clube*

⁵²⁰ Idem, Ibidem, p. 313.

⁵²¹ **Correio do Povo**, 18/1/1925.

⁵²² RUSCHEL, op. cit., p. 534-535.

⁵²³ Idem, p. 50.

⁵²⁴ CARDOSO, op. cit., p. 98-99.

Republicano.⁵²⁵ Ainda neste mesmo ano, o “patricio” Oscar Nunes apresentou os versos de “O Cégo de Torres”. Segundo a crítica, “os versos de agradável fluência” acusam “predisposição para literatura dramática”, merecendo o autor prosseguir com seu talento em busca de uma representação, pois este era um período de intenso interesse pelo soerguimento do teatro nacional.⁵²⁶

Na década de 1920, Torres tornou-se palco para o cinema. O filho do empresário hoteleiro Picoral, José Ignácio Picoral, conhecido como *Zequinha*, acompanhou o pai em sua viagem à Europa, permanecendo em Hamburgo durante três anos. Na Alemanha, *Zequinha* descobriu o encantamento pela arte cinematográfica, que pôs em prática ao regressar ao Brasil. Sua primeira produção, “Castigo de Orgulho”, foi realizada em parceria com o cineasta pelotense Eduardo Abelin.⁵²⁷

Em 1927, *Zequinha* iniciou o longa-metragem “Torres”, que apresentava aspectos como a chegada à cidade por via lacustre, as paisagens, a maior ressaca vista até então, os banhos de veranistas e os festejos carnavalescos na *Praia Grande*. Em outra parte do filme, também foi retratado o cotidiano dos pescadores que viviam na beira do Mampituba, seus ranchos, seus artesanato de cestas, suas esteiras, seus chapéus de palha, redes, fios de pesca e métodos de pescar.⁵²⁸ Neste mesmo ano, o filme foi exibido em Porto Alegre, nos cinemas Guarani, Central e Carlos Gomes.⁵²⁹ O filme foi destruído por ocasião de um incêndio em São Paulo, onde se encontrava para receber melhorias técnicas.⁵³⁰ O único resquício de uma passagem do filme que mostra uma carroça de bois na praia foi encontrado em uma matéria televisiva, de 1985, sobre o Cinema Gaúcho.⁵³¹

Em 1930, *Zequinha* retornou à Alemanha exibindo o filme em Berlim e Hamburgo.⁵³² A repercussão internacional sobre a bela cidade balnear gerou duas produções musicais, uma de um berlinense chamado Richard Schönián, que produziu um tango intitulado “Serenata de Torres”, transmitido pela *Rádio Gaúcha* em 1933, e

⁵²⁵ RUSCHEL, op. cit., p. 518-519.

⁵²⁶ **A Federação**, 26/11/1920. Agradeço a Julia Simões pela referência.

⁵²⁷ RUSCHEL, op. cit., p. 657.

⁵²⁸ Idem, p. 115-116.

⁵²⁹ Idem, Ibidem.

⁵³⁰ Idem, Ibidem.

⁵³¹ Reportagem televisiva: **Cinema Gaúcho, 1985**. O vídeo pode ser visualizado em <http://www.youtube.com/watch?v=wZOEZFyJiUw>, consultado em: 15 de julho de 2010. Agradeço a Ricardo de Lorenzo pela referência.

⁵³² RUSCHEL, op. cit., p. 657.

outro foi de Álvatro Raupp, autor do tango “Torres”, cuja partitura foi editada pelo *Hotel Picoral*, tornando-se um grande sucesso.⁵³³

O aspecto social do filme de Picoral Filho chama a atenção para essa dualidade entre o cotidiano dos nativos e o cotidiano daqueles que vinham habitar temporariamente o litoral. Neste sentido, o trabalho e os costumes entre “nós” e “eles” (pescadores e veranistas) se distinguem na utilização do mesmo local. Para os pescadores, um lugar de sobrevivência, para os banhistas, um lugar de repouso e lazer, que era oferecido pelo distintivo empreendimento hoteleiro.

No intuito de atrair os banhistas, a mídia impressa do *Hotel Picoral* era variada. Um folheto do início da década de 1930 traz informações sobre os serviços que o hotel oferecia, como chalés independentes para as famílias ficarem mais a vontade. Estes chalés, construídos ao lado do hotel, ficaram conhecidos como “Quadrado”, pois ocupavam uma área correspondente a uma quadra.⁵³⁴ Ainda nestes folhetos o veranista era informado sobre os vastos salões de refeições, bailes, festas e bar.⁵³⁵ Além destes, as atividades oferecidas pelo hotel também atraíam os banhistas, pois lá eles poderiam praticar a sociabilidade em passeios a cavalo, nos barcos para folguedos, na “praça de sports”, nos “capões para pic-nics” e nos concursos de natação.⁵³⁶

O folheto publicitário dobrado duas vezes traz na parte externa informações sobre as “belezas naturais” de Torres, ilustrando com imagem e texto os rochedos “que empolga o veranista, isolando-o por completo das preocupações mundanas”.⁵³⁷ Por outro lado, este isolamento era relativo, pois os serviços de correio, telégrafo, transportes (de automóvel, ônibus, vapor, estrada de ferro e avião) e farmácia incrementavam o refúgio sem afastá-lo da modernidade.⁵³⁸ O serviço aéreo levava, inclusive, o jornal *Folha da Tarde* aos veranistas.⁵³⁹

Ainda para divulgação do balneário, Picoral utilizou os cartões-postais, editando uma série colorida que reproduz os quadros do pintor Cervasio.⁵⁴⁰ O empreendimento hoteleiro do imigrante Picoral também contava com diversos serviços que empregavam os habitantes da cidade balnear e da capital. Entre esses estavam músicos de Porto

⁵³³ Idem, *Ibidem*.

⁵³⁴ Idem, *Ibidem*, p. 190-191.

⁵³⁵ Folder de divulgação do Hotel Picoral, sem data. Banco de Imagens Ulbra/Torres.

⁵³⁶ Idem.

⁵³⁷ Idem.

⁵³⁸ Idem.

⁵³⁹ **As praias do município de Torres**. Gênero: documentário, PB, 35 mm, 300m, 24 q. Produção: Tomazoni Filmes, 1957. O documentário foi censurado em 1957. Acervo: MCSHJC.

⁵⁴⁰ RUSCHEL, *op.cit.*, 450.

Alegre, que compunham uma orquestra dirigida pelo violinista Wolf, para ambientar os almoços e os jantares servidos no salão do hotel.⁵⁴¹ Especialistas em serviços culinários também foram recrutados. O mestre que dirigia a “grande cozinha”, responsável pelo preparo das refeições, foi trazido de Porto Alegre. Para a “cozinha menor”, onde se preparava pães e doces, foi contratada uma doceira proveniente de São Leopoldo.⁵⁴² Além destes serviços, o hotel empregava mão-de-obra local em sua lavanderia, marcenaria, carpintaria, serraria, torrefação de café, matadouro e fábrica de colchões.⁵⁴³

Outro aspecto pioneiro do hotel era o fornecimento de água e luz que abastecia com sua própria usina e caixa da água o *Picoral* e as casas em torno de seu estabelecimento.⁵⁴⁴ Este fator demonstra novamente que o capital privado do empreendimento imigrante supriu necessidades que não eram executadas pelo poder público.

Ao longo das décadas, os anúncios do hotel comprovam o melhoramento da infra-estrutura e dos serviços oferecidos. Uma publicidade da própria empresa na revista *A Gaivota* anuncia a abertura da temporada de 1930-1931, asseverando ser “o maior e mais bem montado Hotel das Praias de banho situado na incomparável praia de Torres”, oferecendo acomodações para 500 pessoas, instalações próprias de água, luz, esgoto, câmara frigorífica, lavanderia e vapor, padaria e açougue.⁵⁴⁵

Além da mídia impressa, o *Balneário Picoral* também publicitava, a partir dos anos 1930, através de radiodifusão.⁵⁴⁶ Este meio de comunicação, provavelmente, suscitou o desejo de beira-mar em ouvintes de todo estado. No entanto, ao contrário da iconografia, aquilo que circulava pelas ondas do rádio escapa à análise historiográfica, restando a hipótese plausível de que o desejo da beira-mar foi estimulado por meios visuais.

Neste sentido, os registros coligidos em arquivos públicos e privados comprovam que o *Balneário Picoral* obteve bom proveito da incipiente mídia turística do período “entre guerras”, pois as técnicas publicitárias, adquiridas com o intercâmbio balnear, foram bem empregadas, repercutindo, inclusive, em nível internacional.

⁵⁴¹ RUSCHEL, op.cit., p. 49-50.

⁵⁴² Idem, Ibidem.

⁵⁴³ Idem, Ibidem.

⁵⁴⁴ Idem, Ibidem.

⁵⁴⁵ **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1931. IHGRS.

⁵⁴⁶ Idem, p. 450.

Com o passar dos anos, a praia de Torres se tornou uma referência chique às elites do Rio Grande do Sul. Conforme Érico Veríssimo, era lá que espécimes da elegante fauna do *Café Society* costumavam passar o verão.⁵⁴⁷

A “esquina Picoral” também era um espaço social, em que veranistas interagiam com nativos através de um mercado de necessidades e consumo. Além disso, não eram somente os produtos exóticos que chamavam a atenção dos vilegiaturistas, os nativos, de certa forma, também causavam interesse, se tornando, inclusive, uma atração turística. Segundo *A Gaivota*, os “passeios à povoação dos pescadores fazem parte integrante das predileções dos veranistas”, que poderiam fazer fotografias em frente aos ranchos de pescadores, ver mulheres e crianças trabalhando na confecção manual de esteiras de junco, chapéus de palha e tecelagem de fio de pesca; atividades, que eram traduzidas pela visão do “urbano” como “assaz de sistema primitivo e pouco rentoso”.

548

Nesse largo e esquina, a movimentação de gente constituía a regra durante todo o veraneio. Aí se costumava agrupar os vendedores ambulantes improvisados. Todos os dias apareciam, com carros de bois, ou muares, ou a pé, trazendo as mais variadas mercadorias. Pescadores com suas fiadas de peixes ou cestos de siris; por vezes, alguma tartaruga gigante do mar. Gente oferecendo parasitas dos matos (lélias), flores de diversos tipos, animais nativos (macacos, bugios, sagüis, quatis, papagaios, pássaros engaiolados...). Às vezes, moendas aí se instalavam para fornecer garapa de cana. Apareciam os que tinham lenha, os que carregavam latas de água (não havia água encanada senão no próprio Picoral), cachaça, pamonha, birorós, beijus, bananas em pencas, potes de geléia (sobretudo schmier de banana), esteiras, balaios, chapéus de palha, bengalas com empunhadeiras artisticamente talhadas a canivete, rendas de bilro e ainda outros objetos artesanais. Enfim, o lugar representava um espontâneo “mercado persa” que tinha de quase tudo.⁵⁴⁹

O trecho referido demonstra o quanto a clientela de veranistas fomentou uma série de atividades econômicas. Algumas delas devem ter tido um impacto ambiental significativo, pois a fauna e a flora local foram alvo do consumo dos veranistas, em uma época em que não havia controle ambiental. Mas, o trecho acima ainda possibilita uma ideia dos cheiros, das cores e dos sabores dos primórdios do veraneio.

Para uma história das sensibilidades, o cheiro das frutas, dos peixes, assim como da palha dos colchões ou dos chapéus, provavelmente, marcou a memória olfativa daquele balneário, bem como a experiência vivida como veranista. Os diferentes sotaques das pessoas que frequentavam o balneário também devem ter marcado a

⁵⁴⁷ RUSCHEL, op. cit., p. 407.

⁵⁴⁸ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1934. IHGRS.

⁵⁴⁹ RUSCHEL, op.cit., p.410.

paisagem sonora. Afinal, a língua portuguesa mudava de uma boca à outra: de pescadores e rendeiras de bilro com seu sotaque açoriano, de vendedores de produtos coloniais com forte acento alemão (de São Pedro ou Três Forquilhas) ou italiano (de Morro Azul), além da pronúncia “civilizada” dos veranistas de Porto Alegre. Além da língua portuguesa, o alemão e o italiano eram falados por muitos veranistas e mesmo moradores locais. A paisagem sonora era ainda marcada pelo marulhar das ondas e pelo som das gaiivotas. Outra particularidade sonora era o ranger das rodas de carroças de bois, cujo tom variava de acordo com a pressa do carroceiro ou a carga da carroça.⁵⁵⁰

Conforme Ruschel, a “Era Picoral” chegou ao final em 1941, quando o Estado Novo encampou, por meio do Interventor estadual, a parte do hotel conhecida como “Quadrado”.⁵⁵¹ Portanto, ao contrário daquilo que afirma Eduardo Mattos Cardoso, a criação da *Sociedade Amigos da Praia de Torres - SAPT*, em 1936, não deu fim ao *Balneário Picoral*⁵⁵², pois o mesmo continuou anunciando suas atividades até 1941.⁵⁵³

Com base na historiografia regional, sabe-se que a campanha da nacionalização favoreceu uma série de “acertos de contas”. Naquela conjuntura, é plausível que uma desavença pessoal fosse etnizada e politizada. Sobre esta, pode-se levantar a hipótese de que uma desarmonia entre Picoral e algum membro da SAPT ou da elite política do Estado Novo tenha propiciado uma manobra para encampar o “Quadrado”. A relação entre Picoral e Dr. Antônio Vieira Pires, primeiro presidente da SAPT (1936-1941), poderia, talvez, esclarecer alguma questão de ordem pessoal. Contudo, sabe-se que o presidente da SAPT requeria uma intervenção estatal naquele balneário.⁵⁵⁴

Sobre o período transitório dessas instituições em Torres, a interpretação equivocada de Cardoso, baseada nos princípios científicos de saúde e higiene, defendidos pelas lideranças da SAPT, não poderiam sozinhos justificar o confisco da propriedade de Picoral. Pois se este era o caso, por que outros estabelecimentos hoteleiros que não seguiam os preceitos de saúde e higiene não foram encampados?

Ainda em seu trabalho, Cardoso utiliza o testemunho de Renato Costa cuja racionalização *a posteriori* faz um juízo anacrônico sobre noções de conforto, comodidade e higiene.⁵⁵⁵ Com base nesse testemunho, Cardoso induz que o *Balneário Picoral* não atendia mais às necessidades dos veranistas elegantes do período “entre

⁵⁵⁰ Idem, p. 236.

⁵⁵¹ Idem, p. 535.

⁵⁵² CARDOSO, op. cit., p. 112.

⁵⁵³ *Correio do Povo*, 6/2/1941.

⁵⁵⁴ CARDOSO, op. cit., p. 73.

⁵⁵⁵ Idem, p. 114.

guerras”. Cardoso não atentou para o fato de que o *Balneário Picoral* tinha uma das melhores infra-estruturas da hotelaria do litoral norte do Rio Grande do Sul. Ele não percebeu que Renato Costa menciona uma série de problemas (falta de água corrente, esgoto, eletricidade, calçamento...) de que nenhum hotel da orla marítima do estado estava livre naquela época.

Cabe lembrar ainda que no período de guerra havia o boato de submarinos alemães atacarem pela costa. Este fator levou autoridades municipais do litoral a adotar medidas preventivas, como o desligamento do gerador elétrico. Como o *Balneário Picoral* possuía gerador próprio, abastecendo por muito tempo parte da Vila, é possível que houvesse suspeitas de que a família Picoral fosse colaborar com uma eventual invasão nazista, já que a mesma viajava para a Alemanha desde 1920.

Em termos historiográficos, pouco se pode afirmar sobre a correlação entre o advento da SAPT e o declínio do *Balneário Picoral*. A dissertação de Cardoso para este caso oferece uma interpretação reducionista para o vínculo desses acontecimentos, pois se restringe à relação de causa e efeito. Assim, afirma o autor que o *salão nobre* do *Hotel Picoral* foi o “palco de uma reunião que traçaria o fim do próprio Balneário Picoral. Foi a reunião que criou a Sociedade Amigos da Praia de Torres – SAPT”.⁵⁵⁶

No ano de 1942, Picoral anunciou no *Correio do Povo* a venda do terreno e do prédio, exceto os dormitórios, onde funcionou seu balneário. Conforme anúncio com imagem, o empresário descreveu com ampla visão profissional que “as edificações, com ligeiras adaptações, prestam-se para diversos fins. Com a nova estrada em construção ligando Osório a Torres, é um ótimo emprego de capital por tratar-se de um lugar de grande futuro”.⁵⁵⁷ Alguns anos mais tarde, em 1948, a revista *A Gaivota* anunciou, para aquele ano, a previsão de inauguração do “majestoso edifício” da SAPT.⁵⁵⁸

Na fase pioneira dos hotéis-balneários, destaca-se um pequeno número de famílias de origem européia, na maioria, alemães e italianos. Provavelmente essas famílias se valeram da ideia ou da experiência balneária conhecida na Europa. Mas não se pode desconsiderar a experiência hoteleira em Porto Alegre, onde a comunidade alemã era expressiva no ramo.⁵⁵⁹ Além disso, deve-se levar em conta a contingência e a inovação para o caso de certos empreendimentos hoteleiros que fizeram a história da vilegiatura marítima neste período áureo.

⁵⁵⁶ Idem, p. 112.

⁵⁵⁷ *Correio do Povo*, 23/12/1942.

⁵⁵⁸ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1948. IHGRS.

⁵⁵⁹ MEYER, op.cit., p.227.

O italiano Guerino Sartori, proprietário de um empreendimento em Caxias do Sul, veraneava com sua família em Torres, desde o final da década de 1910. No início da década de 1920, em sua segunda viagem de carreta a Torres, Sartori comprou um terreno e construiu uma casa para veraneio. Durante a temporada, em um piquenique com seus conterrâneos, surgiu o incentivo de Sartori construir um hotel na cidade, que se concretizou assim que o mesmo desfez-se da propriedade na serra gaúcha.⁵⁶⁰

No começo da década de 1920, em Tramandaí, surgiu o *Hotel Corrêa*, de propriedade de Germano Corrêa. Em suas primeiras publicidades, o destaque para “praia de banhos” denuncia o interesse do público pela prática da vilegiatura marítima; logo abaixo do enunciado, o hoteleiro informa a abertura da temporada, aspectos da instalação, “cozinha de primeira ordem” e serviço de viagem “rápida e confortável” pelo conhecido tráfego mútuo.⁵⁶¹ Duas décadas mais tarde, propagandas do *Hotel Corrêa* noticiando melhorias “capazes de oferecer conforto, higiene e distinção” ainda eram encontradas na imprensa do Rio Grande do Sul.⁵⁶²

Em 1925, na praia de Cidreira, inaugurou o *Hotel do Commercio*, conhecido como antiga *Pensão Cidreira*. O hotel de propriedade de Francisco Corrêa oferecia cômodos para famílias, cozinha sob direção do proprietário e esposa, fornecimento de comida “para fora”, em viandas, barbeiro e padeiro.⁵⁶³ É importante mencionar que muitos desses serviços de hotelaria foram aperfeiçoados na medida em que o interesse de uma clientela específica foi crescendo, pois muitos destes lugares de hospedagem em pequenas localidades existiam anteriormente para abrigo de caixeiros-viajantes.

No mesmo ano, em Cidreira, “o antigo e competente hoteleiro” Seraphim Braz anuncia a reabertura de seu estabelecimento *Novo Hotel*, “completamente reformado, dispondo de grandes comodidades, padaria, leite e verduras em grande quantidade”, além de bebidas estrangeiras e nacionais, por preços ao alcance de todos.⁵⁶⁴ Braz ainda destacava que o estabelecimento era exclusivo para famílias, e que uma “excelente orquestra se fará ouvir nas horas de refeições”. As informações sobre o hotel poderiam ser encontradas no *Caminho Novo*, em Porto Alegre, onde o hoteleiro também indicava

⁵⁶⁰ FESTUGATO, op. cit., p. 16.

⁵⁶¹ *Correio do Povo*, 7/1/1923. NPH/UFRGS.

⁵⁶² *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1943/2. Acervo Particular.

⁵⁶³ *Correio do Povo*, 1/1/1925.

⁵⁶⁴ *Correio do Povo*, 8/1/1925.

uma loja, certamente de sua propriedade, que possuía flanelas próprias para os banhos.⁵⁶⁵

A variedade de produtos e serviços, mesmo em uma época em que as estradas e os meios de transportes para as praias eram precários, foram, na medida do possível, supridas pelos esforços destes empreendimentos privados, que mostravam a distinção dos seus serviços e benefícios, através das publicidades, que a cada ano eram incrementadas com melhorias para atrair antigos e novos banhistas.

Em benefício à saúde das crianças, o *Balneário Infantil A. Menegatti*, em Cidreira, dizia-se o “único estabelecimento no Brasil, na melhor praia para meninos devido ao ar puríssimo e a água fortemente salso-iodica”. As terapias poderiam ser procuradas no *Instituto Médico Ítalo-Brasileiro* de Porto Alegre, onde o proprietário A. Menegatti encaminhava os meninos entre 8 e 14 anos para o balneário que oferecia “alimentação abundante, sã e variada como exigem os preceitos para uma cura perfeita de banho de mar”.⁵⁶⁶ Em 1934, o balneário continuava tratando principalmente de crianças e convalescentes, sob direção da sra. Menegatti, porém o estabelecimento mudou de nome, passando a se chamar *Balneário Cidreira Ltda*, oferecendo “cozinha de primeira ordem, italiana e brasileira” e, ampla garagem.⁵⁶⁷

Um dos hoteleiros mais sobrestantes de Cidreira era Arnaldo José Berger, proprietário do *Hotel Atlântico*, fundado em 1928. No início da década 1930, apesar de sua recente fundação, o hotel contava com “seleta e escolhida clientela”, que tinha à disposição luz elétrica, água filtrada de poço próprio, adega, gelo para gelar as bebidas e vitrola no salão de refeições.⁵⁶⁸ Em meados do século XX, Berger fez uma proposta em concorrência pública para abrir uma estação rodoviária em Cidreira, que acabou sendo construída próxima de seu hotel.⁵⁶⁹

Ainda no final da década de 1920, surgiram em Capão da Canoa dois importantes empreendimentos hoteleiros, sendo eles o *Hotel Rio Grandense* de propriedade de Alberto Mury, e o *Hotel Bassani*, do imigrante italiano Luiz Bassani.⁵⁷⁰

Até então, as publicidades de divulgação dos hotéis eram veiculadas na imprensa jornalística do Rio Grande do Sul ou através de iniciativas próprias, como cartões-

⁵⁶⁵ Idem, *Ibidem*.

⁵⁶⁶ *Correio do Povo*, 7/12/1927.

⁵⁶⁷ *Correio do Povo*, 5/1/1934.

⁵⁶⁸ *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1930. IHGRS.

⁵⁶⁹ *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1955. MCSHJC.

⁵⁷⁰ SANTOS, Maria Simon dos. *Origens de Capão da Canoa 1920-1950*. Porto Alegre: EST Edições, 2005, p. 67-68.

postais ou folders. Com o surgimento da revista *A Gaiivota*, em 1929, os hotéis, além de publicarem suas vantagens e seus melhoramentos no periódico que era especializado nas praias gaúchas, também tinham a divulgação, por parte da própria revista, dos acontecimentos, melhoramentos, e movimento de banhistas em seus hotéis.

A imprensa gaúcha também contribuiu na divulgação das praias balneárias, comunicando o nome dos banhistas que se dirigiam ao mar, acompanhando as viagens dos veranistas, denunciando a precariedade das estradas, relatando o prazer do contato com a beira-mar, as melhorias nos hotéis, os bailes carnavalescos, atividades sociais e culturais, assim como as lembranças fotográficas do privilégio de passar o verão em folga. Portanto, é possível afirmar que a imprensa acompanhou o desejo de beira-mar dos gaúchos, ocasionando em outros a aspiração pelo local. Além disso, a opinião pública em relação à precariedade dos serviços como transporte, estradas, hotéis e outros, fomentou cada vez mais a intervenção dos poderes públicos, causando um declínio nessa fase pioneira da hotelaria na orla marítima.

No início da década de 1930, o diretor de higiene do Estado, Fernandes de Freitas Castro, realizou uma excursão para os principais balneários, a fim de realizar uma inspeção sobre as condições sanitárias das praias. Em sua entrevista, o secretário declarou que aguardava certa afluência de veranistas para observar as falhas que precisavam ser corrigidas, pois “sem condições perfeitas de higiene, torna-se muito fácil o aparecimento de epidemias, que geram um efeito lastimável”.⁵⁷¹ Interessante notar que estas políticas estavam pautadas no modelo de administração balnear da América do Norte, citadas pelo próprio diretor, que também intencionava supervisionar a serra gaúcha, pelo afluxo de veranistas ao local.

Durante a visita de Freitas Castro às praias, ocorreu a inauguração de uma delegacia de saúde em Torres. Ainda sobre sua impressão, o diretor afirmou que seu estado sanitário era muito bom, pois não encontrou ninguém doente, mesmo com uma população com mais de 2.000 veranistas. Porém, isso não significava que as condições de higiene das praias eram boas, pois “criadas sem orientação e feitas aos pedacinhos, estavam cheias de defeitos, alguns dos quais precisam ser corrigidos, para evitar graves conseqüências futuras”.⁵⁷²

⁵⁷¹ **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1930. IGHRIS.

⁵⁷² Idem, *Ibidem*.

Dentre os problemas sanitários a serem resolvidos estão o abastecimento de água potável e o da remoção de matérias imundas, não sendo fácil encontrar solução para os mesmos.

Após o exame das condições locais encontrei um meio de resolver o problema da água em cada uma das praias.

Em Torres, por exemplo, se terá que recorrer a captação da água das areias, empregando para isso os abissínios e o ar comprimido o lugar mais adequado é sem dúvida o dos cômodos do sul, com recalque para a parte elevada, que fica nas proximidades e que permite o declive suficiente para a distribuição de água. (...).

Em Capão da Canoa, na Cidreira e no Quintão, a água devera ser capturada em lugares que se encontram situados a distâncias relativamente curtas e que não tem habitação nas margens.

Em Tramandaí também se encontra do outro lado do rio excelente água.

Quanto aos esgotos, a única solução é a adoção de “fossas biológicas” individuais, com desinfecção dos efluentes, cavados na areia.

Na minha visita, dei ordens para retirar das proximidades dos hotéis os chiqueiros, galinheiros, cocheiras e estábulos, que são focos de produção de moscas, e fiz com que o lixo proveniente da cozinha, fosse removido, em latas fechadas, para lugares distantes e aí aterrado.

Os proprietários dos hotéis já foram notificados das modificações que deverão introduzir em seus estabelecimentos logo que termine a estação de veraneio. No ano vindouro, a diretoria pretende mandar para cada praia um fiscal, encarregado de zelar pelo asseio, fiscalizar a qualidade dos gêneros alimentícios, a matança, o comércio de frutas, peixes, e os médicos percorrerão continuamente, para tomarem as providências que se tornem precisas. A diretoria de higiene mandará, ainda, em todas as praias, storks regulares de soros anti-diftéricos, anti-disentéricos, anti-ofídico e outros.⁵⁷³

No ano seguinte à visita do diretor de higiene às praias, a revista *A Gaivota* publicou em várias páginas de seu número matérias sobre os principais hotéis da orla marítima, ressaltando seu histórico, serviços oferecidos e melhorias realizadas para atender os banhistas.⁵⁷⁴ Com isso, pode-se supor que em decorrência das medidas tomadas pelo secretário houve uma preocupação com a possível diminuição de veranistas aos balneários e, sobretudo, nos hotéis, que movimentavam a economia das cidades marítimas. Por outro lado, o assunto parecia ter credibilidade e continuou sendo pauta nos números seguintes da revista, sobretudo durante o período de veraneio, momento em que os problemas tornavam-se visíveis.

Realmente, era uma cousa necessária que se começasse a cuidar da higiene das nossas praias balneárias.

As nossas estações de veraneio da costa atlântica constituem preciosos fatores de restauração orgânica e como tais interessam à higiene pública. Mas, provocações transitórias, algumas delas, só habitadas três ou quatro meses cada ano, anexas outras a povoações pobres, deixam geralmente muito a desejar as suas condições sanitárias, perdendo-se, desta arte até certo ponto, os maravilhosos benefícios do clima marítimo. Reúnem-se durante alguns meses muitas centenas de pessoas nessas praias, sem que haja nenhum

⁵⁷³ Idem, *Ibidem*.

⁵⁷⁴ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1931. IHGRS.

serviço de higiene coletiva. Essa lacuna vai desaparecer. O seu diretor de higiene vai percorrer nossas praias a fim de examinar e tomar medidas convenientes. (...).⁵⁷⁵

Em sua visita às cidades balneares, o secretário Freitas Castro atentou somente para a saúde dos veranistas, esquecendo de notar a situação endêmica que, posteriormente, acabou preocupando autoridades médicas. O caso refere-se ao problema de impaludismo e anofelinas na cidade de Torres. Apresentadas pelo Dr. R. di Primo, em 1938, o artigo médico ainda descreve a geografia física da região (banhados, rios, lagoas), as condições sanitárias, os problemas com a prostituição que aumentava "durante a estação balneária, constituindo foco de contaminação venérea", e de alcoolismo, devido à produção de cachaça.⁵⁷⁶

A partir da década de 1930, o número das publicidades dos hotéis na orla marítima aumentava consideravelmente. Também surgem novos estabelecimentos como o *Hotel Primavera*, de Miguel Caruso, em Cidreira, *Hotel Familiar*, de Leopoldo Menger, *Hotel Atlântico* de Henrique Roenau, ambos em Capão da Canoa, *Hotel Strassburger*, de J. Henrique Strassburger, em Tramandaí, e *Balneário Hotel Torres*, de Theobaldo J. Schuch, em Torres.

Em seus anúncios, os hotéis procuram informar as reformas efetuadas na infraestrutura do espaço, assim como a melhoria da higiene, a inexistência de mosquitos, água potável, luz elétrica, gramado, sombra e ótimos cômodos. Alguns, inclusive, realizaram parcerias com as empresas de transportes *Exprinter* e *Nordeste*, estimulando o turismo para o litoral. Ao longo da formação hoteleira no litoral do Rio Grande do Sul, muitos estabelecimentos consolidaram décadas de existência, garantindo uma clientela assídua a cada veraneio. Assim, alguns destes hotéis, como o *Balneário Picoral* e *Parque Balnear*, intitulavam-se como os hotéis da "elite portoalegrense".

No intuito de produzir um interesse multiplicador pelos estabelecimentos, os hotéis publicavam listas com os nomes dos hóspedes, ressaltando profissionais liberais, empresários, políticos e jornalistas. As listas com o nome dos hóspedes também confirmam o indicativo de que no período inicial da vilegiatura marítima predominavam

⁵⁷⁵ **A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1931. IHGRS.

⁵⁷⁶ PRIMO, R. di. Impaludismo e anofelinas do Rio Grande do Sul. In: **Arquivos Rio Grandenses de Medicina**, ano XVII, número 5, 1938, PP. 201-242. Disponível em: http://www.muham.org.br/admin/files_db/ati_232.pdf, consultado em 12 de maio de 2010.

conhecimento da estrutura de outros balneários, pois os equipamentos para Cidreira seriam adquiridos na Itália.⁵⁸¹ Outro fator que preocupava a sociedade era o aumento anual de banhistas a Cidreira; por isso, eles pretendiam melhorar o policiamento na cidade, pois pela “simplicidade nos trajes e fácil acesso ao banho”, “a afluência de forasteiros” tornava-se cada vez maior.⁵⁸²

Ao longo da década de 1930, principalmente após sua metade, a maioria das praias passou a contar com “sociedades de veranistas”, que eram compostas, em sua maioria, por antigos veranistas, hoteleiros e pessoas com influência política. Essas entidades desempenharam um papel importante no desenvolvimento do litoral, pois elas acabaram, de certa forma, substituindo a fase pioneira dos hotéis, mas também representando os interesses da comunidade de veranistas junto aos órgãos públicos, que passaram a atuar com maior rigor no litoral.

Em 1939 as atuações pelos órgãos públicos do estado já mostravam resultados relativos às medidas sanitárias no litoral. Em janeiro do referido ano, a visita do diretor de higiene José Bonifácio Paranhos da Costa estabeleceu a obrigatoriedade da instalação do serviço de esgoto em toda a construção considerada habitável. Nesta visita, o diretor ainda formulou um relatório ao Cel. Cordeiro de Faria apontando a “situação das praias e as obras imprescindíveis, abordando, também, o estabelecimento de um balneário padrão no intuito dessa zona ser melhorada e dos veranistas poderem desfrutar de higiene e conforto”.⁵⁸³ Ainda no mesmo ano, na praia de Torres, o departamento de obras públicas, representado por Walter Jobim, inaugurou um poço, destinado ao abastecimento de água para a população.⁵⁸⁴

A década de 1940 representou um novo marco na história do litoral do Rio Grande Sul. Os balneários, que foram criados numa necessidade terapêutica, passaram a encher durante os finais de semana. A melhoria das estradas e dos transportes aproximou os veranistas da orla marítima: “Tramandaí passou a arrabalde de Porto Alegre. Passa-se o domingo lá, do mesmo modo que se vai a Belém Novo ou a Espírito Santo”.⁵⁸⁵

Para comportar o número populacional de veranistas e habitantes nas praias, a prefeitura de Osório estabeleceu um decreto de regularização para instalação de praias

⁵⁸¹ **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1929. IHGRS.

⁵⁸² Idem, Ibidem.

⁵⁸³ **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1939. BN.

⁵⁸⁴ Idem, Ibidem.

⁵⁸⁵ **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1940. IHGRS.

balneárias, que, posteriormente, contribuiu para a municipalização das cidades litorâneas. A ordem determinava que para erigir novo balneário era preciso loteamento provido de água e luz, capaz de abrigar 5.000 pessoas; parque com 5 hectares, hotel de material com máximo de conforto, demarcação da zona urbana e rural com terrenos de superfície diferente.⁵⁸⁶ Dentro das novas ordens, o projeto sobre a cidade balneária de *Atlântida*, apresentado pelos engenheiros Ubatuba de Farias e Gabriel Pedro Moacir, foi aprovado pelo prefeito de Osório e pelo Governo Estadual, em 1940.⁵⁸⁷

Segundo o anteprojeto publicado em 1939, nos *Boletins da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul*, a ideia de criar um balneário para servir à população era antiga, e nasceu com os hábitos da civilização moderna e das teorias em torno da natureza, que fomentaram “a criação de uma mentalidade, quase universal, de adeptos, da vida ao ar livre, de amor ao sol, ao ar puro, aos exercícios físicos”.⁵⁸⁸ O projeto ainda era fundamentado nas teorias do urbanista francês Pierre Lauga, que dizia que “no tempo de descanso cada um deve ser livre para fazer o que lhe agrada”, e que o papel do urbanista era o de prever lugares especiais para todas as atividades de recreação.⁵⁸⁹

Para justificar a intervenção do governo na urbanização dos balneários, os engenheiros fizeram uma crítica desleal à iniciativa privada dos hoteleiros, esquecendo que por décadas eles foram os únicos a empreender melhorias nos balneários. Segundo os especialistas, os proprietários destas zonas visavam apenas ao lucro, fazendo poucos investimentos em melhoramentos, que transformaram as estações de banhos em “inestéticos e antihigiênicos aglomerados de casinhas”.⁵⁹⁰ Por outro lado, os mesmos reconheciam que “exigir esses gastos das atuais vilas para remediar condições sanitárias tão desfavoráveis”, seria um enorme esforço, com resultados pouco práticos.⁵⁹¹

A organização de um balneário estruturado, próximo a Porto Alegre, também era para os engenheiros uma questão social, na qual ricos e pobres poderiam gozar de férias alegres e saudáveis.⁵⁹²

Em 1942, o Dr. Ubatuba de Farias, que ocupava o cargo de engenheiro-chefe no departamento de Balneários Marítimos do Estado, foi enviado para Montevideu, com o propósito de estudar a organização das praias balneárias do Uruguai, pois estas eram

⁵⁸⁶ Idem, *Ibidem*.

⁵⁸⁷ **Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1940. IHGRS.

⁵⁸⁸ FARIA, L.A Ubatuba de; MOACYR, op. cit., pp.271- 301.

⁵⁸⁹ Idem, p. 281.

⁵⁹⁰ Idem, p. 271.

⁵⁹¹ Idem, p. 272.

⁵⁹² Idem, p. 273.

conhecidas como as melhores da América, em termos de conforto e beleza arquitetônica.⁵⁹³ No ano seguinte, o engenheiro entregou ao governo um amplo relatório sugerindo medidas aconselháveis ao funcionamento dos balneários do Rio Grande do Sul⁵⁹⁴, e ainda proferiu uma conferência na *Sociedade de Engenharia*, apresentando na ocasião o projeto de urbanização dos núcleos balneares já existentes, mostrando a necessidade de dotá-los de elementos capazes de proporcionar meio social com colônias de férias para entidades de classe, bairros populares e parques.⁵⁹⁵

As colônias de férias já haviam sido mencionadas pelo Dr. Ubatuba em seu anteprojeto sobre *Atlântida*. Elas visavam a igualdade social entre veranistas, permitindo que trabalhadores também pudessem usufruir dos mesmos benefícios que a elite. Conforme Dr. Ubatuba, a construção de colônias de férias seria um benefício para a classe trabalhadora que, sem recursos para pagar diárias em hotéis, poderia usufruir da beira-mar revitalizando suas energias.⁵⁹⁶

A partir de 1942, o esboço dos projetos de urbanização das praias de Atlântida, Capão da Canoa e Imbé podiam ser visualizados na revista *A Gaiivota*. O projeto de Imbé previa reservatório de água, rede elétrica, um hotel para 1.000 pessoas e a construção de um luxuoso cassino, nos moldes dos existentes nas praias do Rio de Janeiro.⁵⁹⁷

Mesmo com a atuação do poder público para o progresso do litoral, muitas praias ainda contavam com o incentivo de antigos veranistas, assim como das associações de amigos da praia. Em Capão da Canoa, por exemplo, a sociedade criou um posto de salvamento, delimitou a zona onde os banhistas deveriam tomar seus banhos, construiu abrigos à beira-mar, para que os banhistas pudessem descansar e pendurar suas roupas; disponibilizou assistência médica e orientação sobre os banhos de sol, e criou um serviço de coleta de lixo para as casas particulares, feito com uma carrocinha puxada por um cavalo.⁵⁹⁸

Nos anos seguintes, foram realizadas outras melhorias nas praias, como calçamento em Tramandaí, água potável em Cidreira e eletricidade em Capão da Canoa,

⁵⁹³ *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1942. IHGRS.

⁵⁹⁴ *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1942.

⁵⁹⁵ *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1943/2. Acervo Particular.

⁵⁹⁶ FARIA, L.A Ubatuba de, MOACYR, Pedro Gabriel, op. cit., p. 296.

⁵⁹⁷ *A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941. IHGRS.

⁵⁹⁸ Idem, *Ibidem*.

através do serviço de cooperativa de energia.⁵⁹⁹ Ao longo dessas décadas, também apareceram outros estabelecimentos comerciais que incrementaram a variedade de serviços no litoral. Destes, destacam-se o mercado de utilidades em Tramandaí, mais conhecido como *A Economia*, que pertencia a Ego Hoffmeister, e possuía, inclusive, uma bomba de gasolina. O conhecido Antonio Árabe, que iniciou suas atividades conduzindo banhistas de Porto Alegre a Cidreira, instalou uma casa de negócios em Cidreira, a que deu o nome de *Armazém Beira-Mar*. Com os anos, o estabelecimento de Uady José Chiden prosperou, sendo que em 1948 o mesmo substituiu seu primeiro empreendimento por um prédio de material.⁶⁰⁰

Ao final da década de 1940, os traços de nanquim e as cores das aquarelas que esboçavam os prédios, jardins, lagos e canais dos projetos do engenheiro Ubatuba de Farias eram realidade. O álbum não datado do fotógrafo Rubem Kroeff ilustra, em preto e branco, o desenho real de uma Atlântida moderna, de uma cidade que respirava civilização e expirava bem-estar.⁶⁰¹

Desde os primórdios da vilegiatura marítima até sua popularização, os investimentos de capital privado ou de recursos públicos eram para aproximar os veranistas da orla marítima. Ao longo das décadas, o sonho de ir às praias e de permanecer nelas tornou-se um ideal possível. Mesmo que inacessível para muitos, alguns poucos já podiam idealizar o plano de suas residências de verão ou comprar chalés e apartamentos projetados pelas empresas do ramo.⁶⁰²

A urbanização das praias e o aumento populacional modificaram a paisagem marítima do “território do vazio”. O domínio do homem pelo mar causou um impacto ambiental, que vem sofrendo consequências até os dias atuais. A orla marítima, frequentada pelos pescadores e curistas, foi invadida por corpos em busca do bronzeado perfeito, do divertimento, das atividades físicas e dos prazeres de gozar a beira-mar. Mas, antes de tudo, as areias das praias gaúchas foram palco para as sociabilidades.

⁵⁹⁹ Informações provenientes das revistas **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1940, 1941 e 1948. IHGRS.

⁶⁰⁰ **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1948.

⁶⁰¹ O álbum não datado com 28 fotografias de Atlântida foi encontrado no CEDOC/UNISC.

⁶⁰² **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1948.

IV. BEIRA-MAR: ESPAÇO DE SOCIABILIDADES

Para dar sentido ao tempo de cura e descanso, os empreendimentos hoteleiros ao longo da costa litorânea precisaram desenvolver atividades que quebrassem com o rotineiro quadro contemplativo da natureza e o vai-e-vem das ondas, que tornavam a estação calma um verdadeiro tédio.

Deste modo, os hotéis foram os responsáveis por gerenciar o tempo dos hóspedes, proporcionando a eles atividades que deixavam a vida à beira-mar suavemente animada. Além disso, houve a invenção social de um espaço para novas sociabilidades. Assim, o deslocamento do hotel ao lugar de banhos, os passeios, jogos, jantares e bailes favoreciam a exibição de si, mas também o conhecimento do outro.⁶⁰³

Em seus vastos salões, os hotéis ofereciam refeições de acordo com os horários dos banhos realizados no início da manhã e no final da tarde. No *Hotel Picoral*, o café da manhã era servido até 8 horas e 30 minutos, o almoço das 11 às 12 e o jantar das 17 às 18 horas.⁶⁰⁴ Essa delimitação temporal reunia os hóspedes em um mesmo ambiente, possibilitando o relacionamento e a sociabilidade entre desconhecidos.

Os banhos de mar e as refeições em conjunto proporcionavam aos banhistas a contemplação dos rostos, corpos, manifestações miméticas, gestos, comportamentos, palavras ou gritos. Estes elementos, depois de assimilados, decifravam os signos do prazer que eles comunicavam.⁶⁰⁵ Portanto, os banhistas também foram protagonistas para diversificação dos entretenimentos, pois eles deslocaram para as areias os hábitos do mundanismo urbano, estabelecendo durante o veraneio relações efêmeras, porém não menos “elegantes”.

Durante as principais refeições, os hoteleiros também proporcionavam aos vilegiaturistas apresentações musicais com “excelente orquestra” composta por músicos trazidos de Porto Alegre. O *Hotel Sperb*, por exemplo, disponibilizava para as horas de recreio dos hóspedes um piano *Schiedmayer*.⁶⁰⁶ No *Hotel Picoral*, saraus realizados pelos veranistas no “salão nobre” contavam com apresentações de trechos da ópera de

⁶⁰³ RAUCH, André. Las vacances et la nature revisitée (1830-1939). In: CORBIN, Alain. **L`avènement des loirs (1850-1960)**. Paris: Flammarion, 1995, p. 83. Tradução nossa.

⁶⁰⁴ RUSCHEL, op. cit., p. 142-143.

⁶⁰⁵ URBAIN, op. cit., p. 155.

⁶⁰⁶ **Correio do Povo**, 4/1/1925.

Reine de Sôba [sic] ou *Um certo non so che*, composições de Beethoven e Chopin, monólogos em francês e poesias de Olavo Bilac.⁶⁰⁷



Imagem 25: Refeição no “salão nobre” do Balneário Picoral. Sem data. Acervo: Casa de Cultura de Torres.
Imagem 26: Cartão-Postal da “Edição do Balneário Picoral, Torres”, pintados por Cervasio. Sem data. Acervo: Casa de Cultura de Torres.

Os hotéis também ofereciam serviços de traslado para a realização dos banhos. Efetuadas primeiramente com carretas de bois e posteriormente com veículos especiais, tipo ônibus ou trenzinhos, estas conduções facilitavam a chegada até a orla, que era tomada pelos cômodos de areia.⁶⁰⁸ Com o avançar das décadas, o traslado em algumas praias foi terceirizado. Em Tramandaí, a empresa *Carris* incluía na passagem a ida até “a mais alegre e saudável praia do nosso Estado”, assim como, o transporte de bonde para o banho.⁶⁰⁹

Nos primórdios dos balneários marítimos, os corpos brancos dos banhistas eram transportados até o local dos banhos, onde biombos eram montados para a troca das vestimentas. Neste período, em que as formas do corpo eram escondidas por largas e longas vestes, os hotéis em Tramandaí, mesmo com rusticidade, providenciaram a construção de biombos de palha para a troca de roupas dos banhistas.⁶¹⁰ O *Balneário Picoral* comunicava em seus anúncios a disposição de novos e sortidos gorros para banhos.⁶¹¹

Os registros fotográficos das décadas de 1910 e 1920 demonstram os banhistas em poses dentro e fora da água. Durante o banho, grupos com mãos dadas acusam a prevenção de afogamentos, assim como o emergente prazer desfrutado com os banhos

⁶⁰⁷ RUSCHEL, op. cit., p. 518-519.

⁶⁰⁸ SOARES, op. cit., p. 128.

⁶⁰⁹ *Correio do Povo*, 16/1/1934.

⁶¹⁰ SOARES, op. cit., 2000, p. 128.

⁶¹¹ *Correio do Povo*, 8/1/1925.

de mar. Em grandes grupos heterogêneos ou em núcleos familiares, é possível perceber aspectos das sociabilidades na orla marítima. Nesta época, em que os banhos já não eram tomados tão cedo, o repórter do *Correio do Povo* narra a cena.

Entre as nove e as onze da manhã, vai-se ao banho, no bonde, no auto-linha. Gente de “maiô”, de roupão, de pijama, gente de ambos os sexos, feia e bonita, cavalheiros adiposos e não adiposos, guris quietos e manhosos – tudo se mistura e ruma, sacudido, [sic] coqueteilizado, em direção do rancho de parada, que, de longe, mal apontando por traz de um cômodo, faz a gente pensar que ele é a arca de Noé enalhada, abandonada ali. Chaga-se. O bonde pára. E todos descem, uns rumo ao mar, que ronca ali perto, outros rumo aos biombos, mudar de roupa, outros tomar um trago ali no chalé, cujo dono, apesar de fazer o relógio conservar o horário antigo, sabe mil e um modos de ganhar dinheiro. Até pastéis de siri estão à venda.⁶¹²

Na areia, os trajes de banho que de alguma forma igualavam os banhistas, também os distinguiam socialmente através de seus incrementos. Os homens utilizavam bermudas e camisetas escuras, ou trajes do gênero por inteiro. As crianças vestiam macacões ou vestidos, normalmente lisos ou listrados. Já as mulheres usavam vestidos escuros e largos, com diferentes cortes que não aderiam ao corpo, ocultando suas formas. Seus cabelos ficavam presos e protegidos por toucas. Neste figurino à beira-mar, os banhistas experimentavam a volúpia, as sensações de pisar na areia, de colocar os pés nus na água, de sentir o vento, de acompanhar a subida da maré, de viver emoções que excitam a sexualidade.⁶¹³ Para Roque Callage, redator da revista *Kodak*, à hora do banho era o momento que quebrava com a monotonia marítima, pois ele permitia a promiscuidade e o flerte.

O quadro é belo: a visão é tentadora. Propositalmente desviados das linhas espadaúdas e fortes dos Tritões, o olhar foge para mais longe, de devassa em devassa, lá onde as formas ideais de tímidas sereias vaporosas aparecem enfeitadas pela alva rendilha das espumas. Então, toda a extensão da costa é um mostruário febril de corpos seminus, acariciados pela volúpia mordente das ondas.⁶¹⁴

A moda balnear foi evoluindo com o passar das décadas. Já em meados dos anos 1920, algumas banhistas aparecem com sapatilhas de borrachas para proteger os pés da areia. Outros artigos como toucas e cintos de borracha também foram incrementando os acessórios para beira-mar. As lojas de vestuário da capital publicavam anúncios no *Correio do Povo*, na *A Gaivota* e na *Revista do Globo* oferecendo sortidos e modernos

⁶¹² *Correio do Povo*, 26/2/1932.

⁶¹³ CORBIN, op. cit., 187-191.

⁶¹⁴ *Kodak*, 14/2/1920.

artigos para o banho, que variavam desde bóias salva-vidas de bichos, bolas de borrachas e roupas nacionais e importadas.⁶¹⁵

A brancura das areias está bordada de todas as cores: as malhas dos banhistas, verdes azuis, amarelas, desenham arabescos caprichosos na tela clara... As sereias de cabelos verdes e olhos madrepérola fugiram para longe, para os recifes. A praia é agora propriedade das ondinhas civilizadas, que vestem maiô Yantsen, toucas Pirelli e sapatos de Aarkron.⁶¹⁶

Além do vestuário para o banho de mar, os vilegiaturistas precisavam de roupas apropriadas para os passeios na orla marítima e para as atividades nos hotéis. A partir dos anos 1930, na *Revista do Globo*, matérias mostram as tendências dos “trajes de praia”, ilustrando chapéus, vestidos, calças, shorts, blusas e calçados que a mulher moderna e elegante deveria vestir nas praias de mar.⁶¹⁷ Algumas matérias também apresentavam ilustres famosos nacionais e internacionais para divulgar trajes de homens e de mulheres para a temporada de banhos.⁶¹⁸ As roupas de banho ficaram registradas não somente em fotografias como na memória visual dos banhistas. Segundo recordações dos veraneios de Olga Schlatter:

Havia também o ritual das roupas. Era moda os homens usarem “pijama”, não só para dormir, mas também durante o dia, quando ficavam, sentados no avarandado do chalé a conversar com os amigos e a tomar chimarrão. Meu pai tinha vários pijamas especiais para essas ocasiões. Mas, à noite, para a ocasião do jantar, todos se arrumavam para os encontros “footing”! Muitos namoros e casamentos iniciaram nesses veraneios!

Ah, quase ia me esquecendo da roupa que usávamos à beira-mar. Segundo a Doralice, “Tínhamos que usar maiô recomendado pela Ação Católica (associação de jovens católicos). Já era época de maiô duas-peças, mas tínhamos de usar maiô fechado e com saíote!”⁶¹⁹

Na medida em que o corpo foi se desvelando, a sociabilidade entre gêneros foi se renovando. Pois, se inicialmente as longas vestes e a troca de roupas nos biombos impediam os olhares, os novos trajes, mais justos ao corpo, atraíam os olhares e favoreciam os jogos eróticos, renovando as sociabilidades que traduzem os hábitos de estadia sazonal no litoral marítimo.⁶²⁰

As sensibilidades adaptam-se a esta nudez codificada ao sabor da moda do vestuário. As divisórias continham os olhares, o maiô atraí-os. Graças a estética, a interiorização da norma moral contém as pulsões. Não se trata simplesmente de uma progressão do pudor, mas, sobretudo, de uma nova

⁶¹⁵ **A Gaiyota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1929. IHGRS.

⁶¹⁶ **Correio do Povo**, 5/2/1931.

⁶¹⁷ **Revista do Globo**, n° 8, 6/9/1934, p. 8.

⁶¹⁸ **Revista do Globo**, n° 17, 1/11/1933, p. s/p.; **Revista do Globo**, n° 25, 8/8/1936, p. 22.

⁶¹⁹ SCHLATTER, op. cit., p. 55.

⁶²⁰ RAUCH, op. cit., p. 90. Tradução nossa.

formalização das pessoas consigo mesmas. Com a permanência no litoral marítimo, a cura perde a rigidez. O flerte vulgariza-se nestes lugares privilegiados das estâncias balneares e cassinos. Aí se conciliam pudores e imperativos do desejo. (...).

Simultaneamente, o corpo torna-se o lugar visível de uma identidade. Mais que a situação social, as máscaras e os papéis de empréstimo, mais até do que as ideias ou as convicções, frágeis e influenciáveis, o corpo torna-se a realidade da pessoa privada; atrai ou repele o desejo do outro. (...). Aceitar à imagem pessoal aviva o sentimento de ser importante e difunde o desejo do conto social. Nos jornais ou nas revistas, cujo número aumenta, jornalistas e fotógrafos massageiam o ego, valorizam a expansão individual, teatralizam as atitudes, os gestos, as expressões do corpo e as mímicas do rosto.⁶²¹

Este fator torna-se evidente nas publicidades de roupas para a praia, pois homens e mulheres compartilham do mesmo cenário na orla marítima com seus “trajes elegantes”.⁶²² No entanto, o público feminino continuava a ser o alvo principal das lojas de vestuário, pois eram elas que permitiam as “sereias” adquirirem o seu desejado maiô importado de Paris ou da Argentina.⁶²³

A partir dos anos 1940, a moda das roupas de borracha prevalecia. Os largos e pesados roupões de lã, que inibiam e protegiam o corpo, foram substituídos por maiôs inteiros ou de duas peças. Porém, polêmicas internacionais em torno dos maiôs de borracha, que inibiam a circulação e aumentavam a temperatura do corpo provocando desmaios, incrementou o mercado da moda balneária, que investiu em novos tecidos, cores e modelos.⁶²⁴

Nos anos seguintes, para aquelas que não acreditavam em veraneio sem “os elegantes maiôs de borracha”⁶²⁵, a *Revista do Globo* mostrou novas tendências de maiôs, que seguiam os parâmetros de uma moda que agregava saúde, bem-estar, jovialidade e elegância.⁶²⁶

Além dos trajes para beira-mar, outros acessórios para proteger a pele alva do sol foram utilizados pelas banhistas. No período entre guerras, sombrinhas chinesas fizeram moda na vilegiatura marítima. Essa “chinoiserie” também aparece em fotografias das décadas de 1920 e 1930 nos balneários marítimos da França e da Argentina, o que acusa que a moda internacional da vilegiatura marítima era assimilada nos balneários do Brasil e Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, houve, inclusive, um

⁶²¹ Idem, *Ididem*.

⁶²² *Correio do Povo*, 4/1/1932.

⁶²³ *Revista do Globo*, n° 241, 3/12/1938, p. 63; *Correio do Povo* 10/1/1946.

⁶²⁴ *Revista do Globo*, n° 288, 25/1/1941, p. 38.

⁶²⁵ *Revista do Globo*, 25/9/1943, s/p.

⁶²⁶ *Revista do Globo*, n° 372, 7/10/1944, p. 40.

concurso para premiar as mais belas sombrinhas.⁶²⁷ Em Blumenau, Santa Catarina, o acessório também aparece entre banhistas da comunidade germânica.⁶²⁸ Mas, o chapéu de palha confeccionado pelos nativos, é sem dúvida o acessório que ultrapassou todas as tendências, sendo usual até os dias atuais.⁶²⁹



Imagem 27: “Nas praias de Tramandahy”. Revista **Kodak**, 14 de fevereiro de 1920. Acervo: MCSHJC.

Imagem 28: Torres, 12 de janeiro de 1929. Postal da Família Mentz com inscrição ilegível. Acervo: DELFOS/PUCRS.

Sobre as fotografias, cabe ressaltar que neste período, possuir um registro como lembrança da temporada realizada, significava pertencer a um grupo social privilegiado, pois poucas eram as pessoas que possuíam suas próprias máquinas fotográficas, o que permitia aos fotógrafos a realização de seu trabalho. Neste sentido, os fotógrafos tiveram papel representativo na vida dos veranistas que frequentavam o litoral gaúcho. Foram eles os responsáveis por boa parte das recordações visuais, além da criatividade e produção artística para realização das imagens.

A fotografia turística nos permite a posse imaginária de um passado irreal. Pela primeira vez na história, pessoas viajam regularmente, em grande número, para fora de seu ambiente habitual, durante breves períodos. Parece

⁶²⁷ **Revista Careta**, dezembro/1928. BN.

⁶²⁸ Fotografia da Família Weege, 16/12/1928, Fundo Privado.

⁶²⁹ **THERRA**, op. cit., p. 57.

decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera. As fotos oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão.⁶³⁰

A indústria fotográfica também utilizava o desejo da beira-mar para comercializar seus produtos. A *Kodak Brasileira*, ao divulgar sua *Cine-Kodak*, apresenta em seu pequeno anúncio a imagem de banhistas sendo filmadas enquanto desfrutam da estação de veraneio.⁶³¹ A *Casa Masson*, que vendia filmes, câmeras fotográficas e revelava fotografias, também usava o veraneio como chamariz para vender seus instantâneos estampados por uma bela banhista.⁶³² Assim, conforme Kosoy, “a fotografia é resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia em cada época”.⁶³³

Desde o final do século XIX, a presença de vários fotógrafos na capital gaúcha acusa uma concorrência num mercado incipiente, onde a inovação das técnicas fotográficas foi uma constante. Entre alguns fotógrafos estrangeiros mencionados por Athos Damasceno, destacam-se o nome de alguns alemães, como Balduíno Röehrig, Mme. Reeckell, Luiz Guilherme Willisich e Frederico Hunfleisch, este último inovou o mercado apresentando ao público “postais, avulsos, propriamente ditos, semelhantes aos postais confeccionados na Europa”.⁶³⁴

Do litoral gaúcho, os cartões-postais enviados ao longo do primeiro quartel do século XX contem a rubrica dos imigrantes Leopoldo Geyer, Idio Feltes, F. Becker e Otto Schönwald. Sobre estes fotógrafos, pode-se inferir que possivelmente eles transferiam temporariamente seus estúdios fotográficos para as praias, o que lhes garantia fonte de renda extra e certa inspiração fotográfica, que poderia ser compartilhada em cartões-postais e revistas da época.

Entre esses imigrantes, é interessante notar que o alemão Otto Schönwald, que possuía seu estúdio fotográfico em Porto Alegre, era um profissional de renome e comercializava materiais fotográficos para amadores e profissionais. O nome de Otto Schönwald parecia ser comum entre a comunidade teuto-riograndense, pois além do

⁶³⁰ SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 19-20.

⁶³¹ **Correio do Povo**, 15/12/1928. NPH/UFRGS.

⁶³² **Correio do Povo**, 10/1/1937.

⁶³³ KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 23.

⁶³⁴ DAMASCENO, Athos. **Colóquios com a minha cidade**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1974, p. 39.

mesmo publicar anúncios em alemão na *Koseritz' Deutsche Zeitung*⁶³⁵, seu nome também aparece nas fotografias da *Badeanstalt* da SOGIPA, assim como na imagem de um grupo de banhistas em um balneário de Tramandaí.⁶³⁶

Já o fotógrafo Idio Feltes estabeleceu-se em Torres no final da década de 1930. Na cidade, o fotógrafo exercia atividades comerciais em seu empório, que vendia diversos artigos, inclusive, munições para armas.⁶³⁷ O mesmo ainda possuía na cidade um estúdio fotográfico, que em conjunto com sua equipe produzia séries de cartões-postais ressaltando os atrativos “naturais” daquela paisagem litorânea.⁶³⁸

Outras lentes que captaram aspectos da paisagem e das sociabilidades à beira-mar foram as imagens da denominada *Casa do Amador*. De propriedade de Ulpiano Etchart, as imagens de antigos veranistas ilustres, dos passeios, banhos de mar, das banhistas e da paisagem do litoral gaúcho eram publicadas na *Revista do Globo* e na *A Gaivota* com a legenda da “Casa do Amador”.⁶³⁹

A circulação de cartões-postais provavelmente aguçou o desejo de beira-mar em muitos destinatários. Em uma matéria da revista *A Gaivota*, o aumento do envio de cartões-postais foi, inclusive, motivo de piada.⁶⁴⁰ Em 1941, a empresa *Jaeger e Irmão*, que realizava o transporte de malas postais entre Torres e Porto Alegre duas vezes por semana, passou a efetuar o serviço diariamente, durante o veraneio.⁶⁴¹

Conforme Shapochinik, a imagem incita o destinatário a ver a paisagem pelos olhos do remetente, apelando para o uso da imaginação ou daquela faculdade que Mário de Andrade cunhou de “conhecimento sensível”.⁶⁴² Para Patrícia Franco, “o emissor detém as características culturais básicas que serão expostas na mensagem. Os criadores de cartões-postais assumem o papel de emissor da mensagem. A eles cabe transmitir a realidade cultural e social do grupo que retratam”.⁶⁴³

A dupla comunicação expressa nos cartões-postais, uma mais objetiva (verso) e outra mais subjetiva (anverso), permitem o receptor compartilhar através da escrita e da

⁶³⁵ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 22/5/1889. Acervo: MCSHJC.

⁶³⁶ Cartão- Postal verso e reverso. Acervo: CEDOC/UNISC.

⁶³⁷ *O Torrense*, 26/2/1949.

⁶³⁸ SCHOSSLER, Joana. **Do pitoresco ao atrativo nos cartões-postais de um balneário marítimo no Rio Grande do Sul**. In: XXV Simpósio Nacional de História: História e ética. Fortaleza, 2009.

⁶³⁹ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941. IHGRS.

⁶⁴⁰ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1934. IHGRS.

⁶⁴¹ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941.

⁶⁴² SHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: **História da vida privada no Brasil, 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 457.

⁶⁴³ FILHO, op.cit., p. 52.

imagem o prazer vivenciado na beira-mar. Deste modo, este desejo despertado pela circulação de imagens e dos relatos orais do cotidiano e da paisagem marítima, evidenciam-se entre os postais da família Mentz, que frequentava as praias de Tramandaí e Torres, desde o início da década de 1920. Assim, em seu veraneio de 1924, F. Trein escreveu de Torres a seu sobrinho Benno Mentz declarando que, “aqui de fato é muito bonito”.⁶⁴⁴ Portanto, a afirmação de Trein, em seu postal fotográfico, comprova o fato de que o mesmo passou a frequentar aquela praia por “osmose familiar”.

Após longas viagens, banhos de mar e refeições, os banhistas precisavam de entretenimentos. Os vastos salões de refeições dos hotéis também serviram para animados bailes, inclusive, no mês que agregava veraneio e carnaval.

No *Grande Hotel Atlântico*, em Cidreira, no “baile dos tamancos os pares esquecem os paradigmas”, comenta a matéria. Em uma folia de carnaval, os banhistas usavam pijamas de banho no lugar dos *smokings*, “os mais ousados bailavam com tamancos improvisados do jazz-man” e outros “deixavam-se ficar no meio-termo das sapatilhas americanas”.⁶⁴⁵

O *Balneário Picoral* também promovia bailes carnavalescos, que atraíam veranistas de Torres e de outros balneários. O hotel ainda preparava os festejos com uma semana de antecedência dos clubes da capital, atraindo um público para a festa que proporcionava comemorações ao deus da folia, “banho a fantasia” e escolha da rainha do carnaval.⁶⁴⁶

A maioria dos bailes carnavalescos no litoral era organizada pelos veranistas. Fotografias de pessoas, como os membros da família Pilla vestidos com fantasias para os festejos carnavalescos, eram publicadas na revista *A Gaivota*.⁶⁴⁷ No carnaval do hotel *Parque Balnear*, em Tramandaí, uma comissão composta pelas veranistas Maria Santos, Nemora Lubisco, Carmen Santos e seus respectivos maridos, promoveu uma “formidável e entusiasmada” festa para o avolumado número de veranistas que se faziam presentes na estação balnear.⁶⁴⁸

Assim como nas fontes de águas termais, nos balneários marítimos a roleta também foi uma grande febre da época de banhos. Dirigidas por empresas autônomas ou pelos hoteleiros do litoral, os cassinos foram um entretenimento social que atraíram

⁶⁴⁴ Cartão-Postal verso e reverso. Torres, 29/1/1924. Acervo: Banno Mentz/DELFOF/PUCRS.

⁶⁴⁵ *Correio do Povo*, 13/2/1931.

⁶⁴⁶ *Correio do Povo*, 1/2/1934.

⁶⁴⁷ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1930. IHGRS.

⁶⁴⁸ *Correio do Povo*, 9/2/1936.

muitos banhistas. Talvez, assim como para *Um Jogador* de Dostoiévski, não existia na temporada outro remédio senão jogar na roleta.⁶⁴⁹

Em Torres, “o cheiro bom do mar, que se quebra em franjas de espuma nas areias”, se imiscuía ao cair da noite, nos bailes e nos jogos. “No salão grande do hotel soam as primeiras notas da orquestra e esboçam-se os primeiros passos de dança. E na casinha branca, de duas janelas corre a roleta vertiginosa e tinem as fichas sobre o pano cheio de números”.⁶⁵⁰

Durante o período estival, eram frequentes os anúncios da abertura de temporada balneária e dos cassinos na orla marítima. Em Tramandaí, o *Casino Tramandahy*, que funcionava junto ao *Hotel Sperb*, comunica sua inauguração, em 1939, com “frios, doces e líquidos”. A empresa do cassino também informa que, a partir da temporada de 1940, o funcionamento seria diário, e que a disposição de um ônibus gratuito a serviço da empresa sairia de Porto Alegre todos os sábados.⁶⁵¹ Em vários outros anúncios, o *Casino Tramandaí* convida os veranistas para que após o almoço ou o jantar os mesmos visitem os salões de jogos.⁶⁵²

No ano seguinte de sua inauguração, o cassino mudou-se para outro edifício, deixando de atuar junto ao *Hotel Sperb*. Porém, o mesmo continuava a oferecer condução gratuita e víspora com 120 coleções.⁶⁵³

Um “week-end” verdadeiramente encantador vai proporcionar o Casino Tramandaí aos seus “habitués”, hoje e amanhã em prosseguimento à série de festas sociais-artísticas que tiveram início com a magnífica “soirée” dançante em homenagem à senhorita Elen Nedel, “a mais bella porto-alegrense”.

Tanto a soirée de sábado, como a “matinée dansante” de domingo, serão cadenciados pelo conhecido Jazz Imperial.

Como brinde especial à sociedade porto-alegrense, intervalando as danças, nos dois dias haverá dois espetáculos de “mysis-hall” do qual participarão o famoso conjunto vocal feminino “Singing Babies”, que, atuando, sábado e domingo, com exclusividade no Casino Tramandaí, despede-se de Porto Alegre, de vez que embarcarão segunda-feira para Buenos-Aires, onde vão actual na Radio Belgrano.

Participarão ainda da “hora de arte”, Stella Norma, sambista gaúcha, Jacqueline Roland, cançonetista e contorcionista francesa, além de vários outros elementos do “cast” de P R C-2, a simpática emissora da rua 7 de setembro, sob a direção pessoal do locutor Oduvaldo Cozzi. (...).⁶⁵⁴

⁶⁴⁹ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Um jogador*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 35.

⁶⁵⁰ *Correio do Povo*, 5/2/1931.

⁶⁵¹ *Correio do Povo*, 15/12/1939.

⁶⁵² *Correio do Povo*, 25/12/1939.

⁶⁵³ *Correio do Povo*, 24/1/1940.

⁶⁵⁴ *Correio do Povo*, 7/12/1940.

No mesmo período, o *Casino Cidreira* também noticia o convite para visita de “um cassino elegante, numa praia confortável”.⁶⁵⁵ Já em seus anúncios seguintes, o cassino propunha em seu chamariz a aliança do prazer à beira-mar com o divertimento dos jogos, sugerindo, assim, aos veranistas: “Saiba distrair-se, enquanto goza do veraneio”.⁶⁵⁶

Em sua crônica “Praia Atlântica de Cidreira”, Ernesto W. Albrecht menciona as sociabilidades nos espaços comuns como um momento propício para o flerte. O mesmo também se refere aos jogos de azar, que apareciam sobre a denominação de “jogos de sociedade”.

É também áquela hora que o elemento feminino, que aqui abundante e altamente graciosos, faz o seu “footing” pela tradicional rua, quase inteiramente gramada, encantando pela beleza, porte e gosto em se vestir e “pintar”. Finalmente chegou a hora para escolherem o “programa” para a noite, como ir a um anunciado baile, ir jogar cartas, ping-pong, jogos de sociedade, “assaltando” para tal preferência os salões dos hotéis.⁶⁵⁷

Com a urbanização dos balneários marítimos, em novas praias, como de Imbé, também se edificaram cassinos. Segundo *A Gaivota*, a localidade contava, em 1941, com o apoio do governo estadual para a construção de um luxuoso cassino, nos moldes das casas do gênero existentes nas grandes praias cariocas.⁶⁵⁸ Neste mesmo período, em que o governo disponibilizava verbas para a construção de um cassino em Imbé, ele também abria concorrência para a abertura de um cassino-hotel em Torres. Os interessados deveriam apresentar um anteprojeto com a planta da distribuição dos pavimentos, uma perspectiva do edifício e um memorial justificativo. O edital ainda ressalta que a arquitetura do edifício deveria harmonizar-se com o ambiente, aproveitando todos os recursos naturais para o efeito do conjunto.⁶⁵⁹

Curiosamente, no início da década de 1940, o filho de José Picoral construiu, em parceria com um sócio, um cassino em Imbé.⁶⁶⁰ Pode-se supor que, provavelmente, Picoral Filho intencionava estabelecer uma filial do empreendimento de seu progenitor em Imbé, pois o *Casino Imbé*, como se apresentava, descrevia-se logo abaixo, em parênteses, como *Hotel Casino Picoral Imbé*.⁶⁶¹

⁶⁵⁵ *Correio do Povo*, 12/1/1940.

⁶⁵⁶ *Correio do Povo*, 11/1/1941.

⁶⁵⁷ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941. IHGRS.

⁶⁵⁸ Idem.

⁶⁵⁹ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941.

⁶⁶⁰ RUSCHEL, op. cit., p. 657.

⁶⁶¹ *Correio do Povo*, 28/2/1942.

No entanto, apesar do encampamento do *Balneário Picoral* em Torres- por razões ainda não esclarecidas, o empreendimento em Imbé continuou exercendo atividades até o período da medida imposta pelo presidente Gaspar Dutra, em 1946.

Sobre a relação do incentivo governamental e a construção do empreendimento de Picoral Filho, no mesmo período, cabe ainda uma investigação mais minuciosa, pois nos anúncios do cassino encontram-se, justamente, programações análogas às quais o governo se propunha em oferecer aos veranistas. Assim, o cassino proporcionava diariamente “Soires [sic] dançantes e Hora de Arte”, mas também apresentações com a cantora de tangos Ivone de Cordoba e matinês aos domingos.⁶⁶² Ainda em 1942, o cassino promoveu um jantar dançante com uma encantadora “hora de arte” em benefício da *Cruz Vermelha* e da *Casa da Criança Inválida*.⁶⁶³ Outras atrações, como recital de músicas brasileiras com “o conhecido tenor cego Higinio Martins” ou com a dançarina espanhola Manon Bianchi, eram anunciados aos leitores do jornal *Correio do Povo*.⁶⁶⁴

O aumento de anúncios das casas de jogos e o incremento de atividades festivas nos cassinos e hotéis acusam um crescimento de banhistas que usufruíam destas atividades. Conforme o relato do ficheiro Darcy Fagundes, homens amanheciam jogando e perdiam fortunas.⁶⁶⁵ Para Dostoiévski, “os jogadores sabem como uma pessoa pode passar quase vinte e quatro horas sentada com um baralho, sem desviar os olhos das cartas”.⁶⁶⁶

A considerável procura pelos cassinos durante a estação de veraneio está atrelada à modernização e urbanização dos balneários, mas também aos benefícios trabalhistas conquistados ao longo da década de 1930. As férias remuneradas, que foram constituídas na legislação brasileira somente em 1934, tornaram-se um benefício comum aos trabalhadores, a partir da década 1940. Porém, ao longo das alterações constitucionais, elas já mexiam com o imaginário social dos trabalhadores, que sonhavam com a possibilidade de gozar férias nas praias do Atlântico.

Cabe lembrar que balneários marítimos ou termais e cassinos eram cenários aristocráticos e burgueses. Dostoiévski descreve muito bem como os ricos jogavam por jogar, mostrando total indiferença ao dinheiro que se perde ou se ganha. Porém, a classe trabalhadora “sonhava” com balneários e cassinos, que se tornaram realidade com a

⁶⁶² *Correio do Povo*, 5/2/1942.

⁶⁶³ *Correio do Povo*, 7/2/1942.

⁶⁶⁴ *Correio do Povo*, 28/2/1942.

⁶⁶⁵ SOARES, op. cit., p. 125.

⁶⁶⁶ DOSTOIÉVSKI, op. cit., p. 152.

conquista das férias remuneradas. Trata-se de uma mimese social, que primeiramente foi desejada, para, depois, ser realizada. Evidentemente, os trabalhadores ao terem acesso aos balneários e cassinos, acabam modificando, ou seja, popularizando estes espaços.

O balbuciar em torno das férias foi tema da revista *A Gaivota*, no seu primeiro ano de circulação. A matéria elaborada pelo médico Ulysses Nonohay tece considerações que justificam o descanso pelo imperativo terapêutico que o ar, o sol e os exercícios físicos proporcionam ao trabalhador. Nonohay ainda lamenta o fato de poucos usufruírem de férias nas praias ou na serra, permanecendo resignados pelas doenças dos ares urbanos ou da rotina de obrigações. Já para os que entendiam as férias como um sinônimo de agito, o médico alertava que os bailes, os banhos de sol e as atividades encontradas nos próprios locais de veraneio prejudicavam o descanso.⁶⁶⁷

Os exercícios físicos também passaram a fazer parte da recomendação para a temporada de veraneio. Segundo os especialistas, que se baseavam nas teorias européias do fisiculturismo, a praia não deveria apenas ser encarada como um ambiente elegante ou um lugar de fuga do verão insuportável nas cidades. Para o cronista, era necessário seguir o exemplo da Alemanha, que durante a época balnear transformava a orla em um “magnífico estádio de cultura física”. Seguindo, a matéria destaca que o desporto ofereceria “aspectos de um encanto inigualável, pois são comuns os grupos de moças que, junto ao mar, às vezes sob a direção de professores de cultura física, se entregam a toda a espécie de exercícios de ginástica, formando frequentemente grupos plásticos admiráveis”.⁶⁶⁸

Em 1934, o desporto em Torres era atração do veraneio. A competição natatória realizada pelo *Balneário Picoral* reunia grande número de concorrentes que atravessam o rio Mampituba em direção a Santa Catarina. Naquele ano, somente a prova feminina não pode ser realizada, pois a única inscrição efetivada havia sido a de Aura Gassen, vencedora do concurso no ano anterior.⁶⁶⁹ Apesar disso, a verdadeira atração daquele veraneio era a praça de ginástica construída por Picoral à beira-mar.

Graças a uma feliz iniciativa do Balneário Picoral, a prática de desportos neste lugar de veraneio está tendo um incremento extraordinário. Diariamente, sob direção do competente profissional Ricardo Schmiedel, professor da ginástica física é praticada em horas diferentes pelos veranistas de ambos os sexos.

⁶⁶⁷ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1929. IHGRS.

⁶⁶⁸ *A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1941. IHGRS.

⁶⁶⁹ *Correio do Povo*, 1/2/1934.

Para tornar ainda mais atraente e concorrida a prática da ginástica a direção do Balneário Picoral fez construir, na praia, uma verdadeira praça de desportos, com paralelas, barras, trapézio e argolas.⁶⁷⁰

O fisiculturismo na orla marítima também foi motivo de matérias na *Revista do Globo*, que além de mostrar várias imagens do método “moderno de emagrecimento, que melhora as linhas do corpo”, também criou uma série de artigos sugerindo jogos de várias espécies ao ar livre. Em seu primeiro artigo, a bola foi o objeto de demonstração de seis exercícios a serem praticados na praia.⁶⁷¹ Além disso, fotografias mostrando os exercícios da plástica física das banhistas também foi destaque nas publicações no periódico, assim como no filme *As praias do município de Torres*, que mostram as “bailarinas” dobrando seus corpos.⁶⁷²

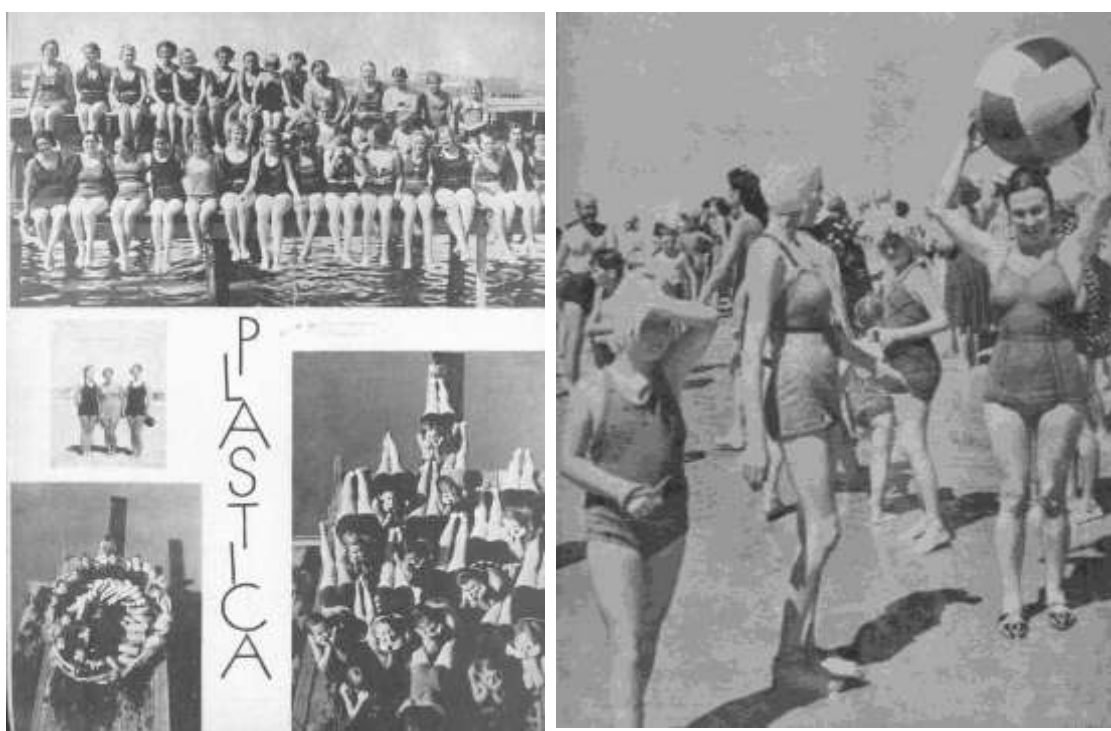


Imagem 29: “Plástica”. *Revista do Globo* 23/3/1935. Acervo: CEDOC/UNISC

Imagem 30: Capa da *Revista do Globo*, 7/2/1942. Acervo: MCSHJC.

Como é possível perceber, a partir dos anos 1930, as sociabilidades deixam de acontecer somente em torno dos estabelecimentos hoteleiros e passam a ganhar mais espaço na orla marítima. Isso significa que, ao mesmo tempo em que o hoteleiro continua a proporcionar recreações e delimitar os horários para as refeições e outras

⁶⁷⁰ Idem, *Ibidem*.

⁶⁷¹ *Revista do Globo*, 21/12/1938.

⁶⁷² *As praias do município de Torres*. Gênero: documentário, PB, 35 mm, 300m, 24 q. Produção: Tomazoni Filmes, 1957. O documentário foi censurado em 1957. Acervo: MCSHJC.

atividades, os banhistas também passam a gerir com mais autonomia o tempo e o espaço de suas atividades.

Este fenômeno interno também foi favorecido por aspectos externos. Nesse caso, ao mesmo tempo em que o banhista rompe com os códigos de pudor e assimila a relação temporária com o outro, a melhoria de estradas, as férias, o carro próprio e os incrementos urbanos nos balneários também foram fatores que possibilitaram a emancipação dos banhistas em relação aos códigos estabelecidos. Portanto, é possível afirmar que no início da década de 1940 o veraneio tomou maiores proporções, pois com a urbanização e a abertura de loteamentos no litoral, muitos gaúchos além de desfrutarem férias na orla marítima, também puderam sonhar ou concretizar o desejo de possuir uma casa na praia.

A acessibilidade e a popularização do veraneio alteraram a dinâmica social na orla marítima. Ou seja, a sociabilidade que antes era circunscrita em torno dos hotéis, passou a ser possível fora deles. Esta transição não foi abrupta, ela começou a se estabelecer na medida em que os veranistas criaram vínculos com o local onde veraneavam. Como exemplo deste aspecto, pode-se mencionar o fator religioso atrelado aos benefícios do banho de mar, pois apesar dos banhistas seguirem os rigores científicos do curismo, o resultado positivo do tratamento não deixou de ser percebido, às vezes, como um “milagre”.

Assim sendo, em fevereiro de 1924 os banhistas de Cidreira inauguraram com festejos a Capela da praia de Cidreira, elegendo como padroeira Nossa Senhora da Saúde.⁶⁷³ Nos anos vindouros, a festa em homenagem a santa reunia na comunidade de Cidreira milhares de veranistas e nativos das praias vizinhas. Cabe ainda salientar que, para cada ano eram eleitos novos responsáveis, normalmente veranistas porto-alegrenses, para a organização da *Festa de Nossa Senhora da Saúde*, que em 1930 registrou o número de 5.000 participantes na procissão.⁶⁷⁴

As mesmas devoções cabem para a praia de Torres, que teve em 1930 um festival organizado pelos veranistas em benefício da igreja.⁶⁷⁵ Do mesmo modo, em Tramandaí, a tradicional festa em louvor de Nossa Senhora dos Navegantes reunia anualmente grande número de fiéis para a procissão e os festejos que lançavam a santa ao mar.⁶⁷⁶

⁶⁷³ THERRA, op. cit., p. 69.

⁶⁷⁴ **A Gaiivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1930. IHGRS.

⁶⁷⁵ Idem, *Ibidem*.

⁶⁷⁶ **Correio do Povo**, 18/2/1936.

Portanto, é possível deduzir que muitos banhistas veraneavam anualmente no mesmo balneário ou estabeleceram residências secundárias nelas, pelos vínculos comunitários que formaram ao longo da prática da vilegiatura marítima. Sobre este aspecto, é igualmente importante levar em consideração a mímica social, pois provavelmente muitos veranistas se orientavam na escolha do balneário por sua popularidade, pela presença de personagens ilustres ou pela identificação com a comunidade urbana, da qual eram originários. Este fator evidencia-se entre todos os grupos de imigrantes, pois desde os primórdios da vilegiatura marítima, as comunidades tinham seus locais de veraneio preferenciais, como os alemães em Tramandaí ou Torres no Hotel Picoral ou Sperb, os italianos, em Capão da Canoa, no Hotel Bassini, e nesta mesma praia os judeus.⁶⁷⁷

Assim, na medida em que o veraneio se popularizou, a dinâmica hoteleira foi substituída pela dinâmica comunitária. Nela, os banhistas passaram a gerir sua temporada de veraneio escolhendo praticar a vilegiatura nos finais de semana ou em períodos prolongados, ficar à beira-mar o dia inteiro ou algumas horas, fazer refeições comunitárias ou individuais, tomar banho de mar pela manhã ou no final da tarde. Enfim, o banhista dominou os códigos e rituais do prazer de gozar das praias de mar. E como num ritual sagrado, o veraneio tornou-se uma necessidade anual.

Na verdade, a ida e permanência na praia tem para muitos o cunho de obrigação a que não se deve faltar. É este problema, isto é, suas motivações e modos de realização, as táticas de ubicação no espaço, a conduta durante a estada, os relacionamentos com o ambiente e com os demais humanos, os sentimentos experimentados de prazer, de repouso, de integração no conjunto dos presentes costumeiros ou adventícios, os riscos ou inconvenientes sofridos, toda essa variegada gama de fenômenos, que este esboço de sócio-história visa apontar (...).⁶⁷⁸

Conforme Urbain, a emergência do prazer se assemelha a um baile popular, um lugar instituído de aproximação dos corpos - um espaço de contatos, de sensações, de excitações, do gozo das livres expressões largamente autorizadas.⁶⁷⁹ Nas areias das praias gaúchas, este ao menos era o retrato registrado nas páginas de fotorreportagem da *Revista do Globo* e d'*A Gaiivota*. As imagens, além de mostrarem numerosos banhistas “sob as carícias das ondas”, também demonstram a “alegria das praias” no litoral norte do Rio Grande do Sul. Porém, os corpos das “sereias” eram o principal alvo das lentes

⁶⁷⁷ SOARES, op. cit., p. 152.

⁶⁷⁸ AZEVEDO, op. cit., p. 105.

⁶⁷⁹ URBAIN, op. cit., p. 155.

fotográficas, como revela o fotógrafo Ulpiano Etchart, para os leitores da *Revista do Globo*.

Minha retina e minha objetiva fixaram uma legião de corpos encantadores gozando as delícias do ar aberto à beira do velho Atlântico. Mais de mil negativos forneceram-me estas esplêndidas praias de mar. Mais seria impossível mostrar aos leitores, todos os aspectos, todos os lindos corpos e sorrisos que aqui vão. Ao acaso, sim, porque escolher com critério de seleção seria enormemente embaraçoso e talvez mesmo impossível.⁶⁸⁰

As colunas de fotorreportagem, além de demonstrarem aspectos de sociabilidade na orla, também possibilitam observar aspectos sobre comportamento e moda banear. Desempenhando algumas vezes o papel de coluna social, as imagens nas revistas ganharam, na maioria das vezes, um cuidado gráfico especializado, sendo montadas para serem olhadas como em álbuns fotográficos.

Na maioria das páginas de fotorreportagem, a assinatura de fotógrafos era desconhecida. Segundo Machado Júnior, a autoria vinha assinalada na própria fotografia, provavelmente grafada no seu original, mas não no objeto transposto à diagramação no periódico.⁶⁸¹ Além deste fator, muitas fotografias publicadas nas páginas da *Revista do Globo* também eram contribuições dos próprios veranistas, que enviavam suas imagens a fim de testemunharem para a sociedade suas férias.

Por outro lado, o surgimento do editor de fotografia deu outro sentido à imagem, “articulando adequadamente palavras e imagens, por meio do título, da legenda e de breves textos que acompanhavam as fotografias”.⁶⁸² Essas considerações são visíveis nas fotorreportagens publicadas na *Revista do Globo*, onde o editor enfatizava o título *Ecos das praias*, colocando logo a baixo um subtítulo que servia como uma espécie de legenda, de onde vem o “eco” fotografado. Algumas páginas também traziam junto com a disposição das imagens uma pequena descrição do veraneio e o local. Já o acabamento gráfico e artístico era decorado com espécies de ondas na borda ou entre as imagens.

Apesar das imagens publicadas no periódico não possuírem, na maioria das vezes, legendas com o nome dos veranistas ou demais detalhes, pode-se inferir sobre determinados aspectos do passado, como vestuário/moda, lugares, pessoas e condições de vida. Estes elementos caracterizados como índices da imagem permitem analisar as

⁶⁸⁰ *Revista do Globo*, n° 289, 8/2/1941, p. 28.

⁶⁸¹ MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Imagens da Sociedade Porto-Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)**. São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 132.

⁶⁸² MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: ensaio sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008, p. 178.

características dos banhistas, como as mulheres que acompanhavam a moda de veraneio anunciadas em propagandas de produtos para a estação.

Analisando e utilizando o conceito de Jacques Le Goff, de documento/monumento, a fotografia também é um símbolo, que no passado ficou estabelecido como uma imagem registrada para o “futuro”. Levando em consideração estes conceitos, pode-se observar o papel do fotógrafo em registrar determinado momento, de narrar imagetivamente o evento que ficará registrado na memória coletiva, pois o portador da câmera fotográfica é quem organizou o grupo para fotografia, montou o cenário e por fim registrou o momento.



Imagem 31: **Revista do Globo**, nº 289, 8/2/1941, p. 31. Acervo: MCSHJC.

Imagem 32: **A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul**, 1943/2. Acervo: Particular.

As numerosas imagens em revistas sobre a vida sob o sol, à beira-mar e cujo palco de sociabilidades era a areia das praias gaúchas demonstram como o veraneio foi incorporado ao imaginário social como forma de cultura, lazer e entretenimento. Assim, o veraneio tornou-se o momento de renovar as energias, de libertar-se das obrigações cotidianas, de deixar os adornos, de praticar exercícios físicos, de respirar o ar

revigorante do oceano, de esquecer os problemas e curar os males, inclusive, do coração. Esta representação da vida à beira-mar, ao menos, era convidativa.

Minha amiga portoalegrense:

Venha o quanto antes. O mar é camarada. Se ele passa a noite toda resmungando, acalma-se de dia e brinca de balanço com a gente que o procura. A sinfonia bizarra das ondas verdes orladas de prata faz coro com a policromia dos sorrisos. Sim! Aqui você rirá sem motivo, o animal bom que vive em você despertará em toda sua inocência. A praia é tolerante, acolhedora, democrática ... E ouço dizer também que a hora em que as portas do dia começam a se fechar e as cortinas da noite vêm descendo, a praia fica pontilhada de vultos silenciosos. São os que acreditam no sortilégio que o mar sabe fazer. Dizem que ele recebe e transmuda em alegria as pessoas que lhe atiram. E assim, cada ente que sofre, no instante em que o dia perfila e despede-se no horizonte, joga as ondas o saco de coisas amargas que o destino encheu. Veja, pois, como há encantamento por aqui.

Pois minha boa amiga, se você estiver asfixiada sob esta máscara social que oprime sua face, venha! Longe da cidade, do relógio do ponto, da sinaleira que lhe barra a passagem quando você tem pressa de atravessar a rua, da multidão que a comprime nas estreitas calçadas da Rua da Praia, longe de tudo isto, você espantará o “eu” fictício que lhe rouba o sossego, enchendo-a de complicações elegantes, às vezes tão caretas. Venha, minha amiga, mas simplesmente, sem vícios, sem manias... Deixe o *cock-tail*, o cigarro, o “maquiagem”, deixe até mesmo o coração, se possível for.

Venha sem nada: traga apenas seu saco de amarguras. De regresso, levará uma gota de sol brilhando nas pupilas: na face renovada, o viço tropical; e um grito de vitalidade em cada pulsação.⁶⁸³

A partir da década de 1930, as matérias de jornais, revistas e as fotorreportagens permitem perceber uma mudança de valores e crenças em relação aos benefícios da exposição do corpo aos raios solares. Neste sentido, o corpo bronzeado passa a ser exaltado como um corpo saudável.

A tez morena, a pele macia e firme tornam-se um traje. As pessoas deliciam-se a deixar ver o corpo: cada etapa deste desnudamento progressivo começa causando um escândalo, mas depois se vulgariza.⁶⁸⁴

Os corpos enfermos e brancos saem de cena, e as areias molhadas refletem a imagem de corpos ociosos expostos ao sol. As fotografias nas páginas da *Revista do Globo* mostram as garotas esticadas na areia. Uma das imagens, intituladas como “ilustração da receita”, justifica em sua legenda o banho de sol como uma “prática saudável devido à absorção da vitamina D na epiderme”.⁶⁸⁵

A importância salutar da ação solar foi ressaltada em inúmeras matérias publicadas em revistas, especialmente na *A Gaiivota*. Sob o título “O sol fonte de saúde”, o artigo informava aos leitores que:

⁶⁸³ *Revista do Globo*, n° 357, 19/2/1944, p. 41.

⁶⁸⁴ RAUCH, op.cit., p. 89. Tradução nossa.

⁶⁸⁵ *Revista do Globo*, n°357, 19/2/1944, p. 42.

O sol estimula e fortalece o indivíduo e aumenta as defesas orgânicas contra as doenças. Atuando sobre a pele, provoca a formação de vitamina D, cuja influência sobre a fixação, no organismo, do cálcio e do fósforo é conhecida dos que acompanham de perto os preceitos da educação da saúde.

Por outro lado, o sol destrói os germens que a ele estão diretamente expostos. É o que acontece, por exemplo, com o bacilo da tuberculose; e é o que ocorre com outros micróbios nocivos ao homem. Onde entre o sol, impera a saúde. E não é outra razão pela qual se diz que “casa em que entra o sol, não entre o médico.”⁶⁸⁶

Em uma nota, no mesmo número da revista, afirmava-se ainda que:

O banho de sol é particularmente benéfico; estimula a nutrição geral, porque ativa a circulação superficial do sangue e excita o sistema nervoso, transforma o ergosterol da pele em vitamina D, cuja função é fixar o cálcio no organismo, assim melhorando as condições dos ossos, dentes, sangue e nervos; e pelo robustecimento físico, dá ao indivíduo alegria e sensação de bem-estar.

Incorpore aos seus hábitos o banho de sol diário, mas evite excessos que transformem o benefício em prejuízo.⁶⁸⁷

Em breve nota de puericultura também se tratou dos cuidados com a exposição aos raios solares. Em matéria intitulada “Crianças na praia”, no mesmo número da revista *A Gaivota*, foram dados conselhos para evitar casos de insolação. A partir das advertências, percebe-se que o bronzeamento era responsável por essa nova mania de ficar ao sol em horários desaconselháveis.

Controle o horário de seus filhos, portanto, Mamaezinha Leitora. Lembre-se que, depois de 10 horas da manhã, diminuem os raios ultravioletas – que são justamente os que deixam a pele bem escura, tão ao gosto de tanta gente – aumentando os infra-vermelhos, de ação muito menos útil ao nosso organismo.⁶⁸⁸

Em matéria da *Revista do Globo*, intitulada “Para depois do Veraneio”, os danos à pele causados pela exposição exagerada aos raios solares são apontados e, conselhos são emitidos às leitoras para restaurar suas epidermes. Sobre o envelhecimento da pele, afirma ainda o articulista Fernando de Barros que “se observarmos alguns rostos submetidos, durante o veraneio, à ação combinada do vento, da água e do sol, das praias marinhas, veremos que muitas ficaram ressentidas dessa falta de cuidado”.⁶⁸⁹ O mesmo, ainda informa que “as sardas aumentam grandemente depois do veraneio, quando se

⁶⁸⁶ *A Gaivota, revistas das praias balneárias do Rio Grande do Sul*, 1955. MCSHJC.

⁶⁸⁷ *Idem*, *Ibidem*.

⁶⁸⁸ *Idem*, *Ibidem*.

⁶⁸⁹ *Revista do Globo*, n° 358, 11/3/1944, p. 40.

esteve muito tempo exposto ao sol”.⁶⁹⁰

As inúmeras matérias sobre os cuidados com a pele exposta aos raios solares denotam uma procura obsessiva pelo bronzeamento. A helioterapia, a hidroterapia, o naturismo e a vilegiatura marítima foram componentes decisivos para a mudança de valor em relação ao corpo bronzeado.⁶⁹¹ O tempo para se bronzear acusa uma nova relação com o corpo pautado em noções modernas de beleza e dos cuidados de si.

Neste sentido, a revolução cultural que se operou em relação à exposição ao sol contribuiu para o desenvolvimento da indústria cosmetológica. Pois, se os banhistas procuravam o “sol que cura”, os médicos alertavam para certos cuidados, aconselhando o uso de sombrinhas e precaução às longas horas de exposição do corpo ao sol.

Em meados dos anos 1930 surgiram os cremes aptos a “amorenar a pele”. Os anúncios, como da marca alemã Nívea, invocam a tríade água, ar e sol, referindo-se aos fortes raios do sol tropical. A *Nívea* ainda ressalta o uso da substância *Eucerit*, que se assimilava à pele.⁶⁹² Suas propagandas, também estimulavam os banhos de sol, salientando que este artifício de beleza deveria ser complementado com os cuidados que o *Crema Nívea* oferece à saúde da pele.⁶⁹³

O bronzeado passou a ser visto como algo chique. Segundo a matéria sobre o veraneio no jornal *Correio do Povo*: “a praia é dos morenos. Não há mais corpos claros. A luz ardente dourou a brancura das epidermes. E todas ficaram mais lindas assim beijadas de sol. Linda praia das morenas”.⁶⁹⁴ Conforme, Georges Vigarello:

Essa “escalada da melanina à superfície do corpo social” está longe de ser uma simples moda. Ela é antes de mais nada receita de descontração, vasta revisão pedagógica em que cada um se melhoraria, se “embelezaria”, buscando indolência e prazer. (...) “entregar-se aos raios” para melhor proporcionar uma “nova sedução”. Primeira grande afirmação do indivíduo moderno extensiva à escala de uma população, esse abandono privilegia a posse de si, o tempo para si. E é acompanhado pelas férias pagas, tornadas, para alguns, o “ano nº 1 da felicidade”.⁶⁹⁵

O bronzeado nem sempre foi um benefício para todos. Muitos banhistas, ao exporem com exageros a pele ao sol acabavam sofrendo fortes queimaduras. As

⁶⁹⁰ Idem, *Ibidem*.

⁶⁹¹ ORY, Pascal. *L'invention du bronzage*. Paris: Editions Complexe, 2008, p. 66- 73.

⁶⁹² A fórmula da Eucerit foi criada pelo doutor Isaac Lifschüts que logrou isolar derivados da lanolina por um processo novo de decantação. A fórmula da Eucerit ficou sob a propriedade do Dr. Oskar Troplowitz, líder do grupo Nívea desde 1890. ANDRIEU, Bernard. *Bronzage. Une petite histoire du soleil et de la peau*. Paris: CNRS Éditions, 2008, p.87.

⁶⁹³ *Revista do Globo*, nº 10, 30/05/1934, p. 35.

⁶⁹⁴ *Correio do Povo*, 13/2/1931.

⁶⁹⁵ VIGARELLO, Georges. *História da Beleza*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006, p. 149.

imagens na *Revista do Globo*, não deixaram de registrar as formas de precaução adotadas pelos veranistas. Em uma imagem com três banhistas vestindo roupas de passeio, óculos de sol e lenços na cabeça, a legenda detalhava que o sol nem sempre era um aliado, sendo necessário resguardar o corpo das queimaduras inevitáveis.⁶⁹⁶ Em outra imagem, muitos banhistas aparecem na orla marítima sob proteção de guarda-sóis. De acordo com a legenda da imagem, nem todos acreditavam na eficácia dos cremes e óleos protetores, evitando a incidência solar com os “modernos e coloridos” guarda-sóis, que ficavam desordenados pela areia.⁶⁹⁷

Ao mesmo tempo em que as praias de mar se popularizaram, os setores da economia moderna assimilaram o desejo de beira-mar, criando necessidades de consumo aos veranistas. Portanto, apesar dos banhistas migrarem temporariamente para o litoral, reproduzindo inconscientemente os imperativos terapêuticos como justificativa para se libertar dos vícios citadinos, o mercado de consumo se apoderou do veraneio, aproximando cada vez mais a vida balneária ao cotidiano urbano das cidades.

A mudança em relação ao corpo e à sua cor não poderia ser possível sem a experiência social dos balneários marítimos. Embora tal exposição ao sol tenha sido criticada por médicos preocupados com os riscos à saúde, a situação fugia ao controle desses especialistas.

Bem como a talassoterapia, a helioterapia também deu margem a um prazer desmedido e de consequências inusitadas. Os curistas se tornaram turistas, e o ar, a água marinha e o sol passaram a representar mais que uma tríade benfazeja em termos de saúde, pois um prazer passou a imperar.

Esse duplo prazer em bronzear o corpo e exibi-lo bronzeado, acusa uma mudança cultural em relação ao corpo que se situa num tempo e num espaço moderno, no qual o balneário marítimo é sua melhor tradução. A escultura em bronze do artista plástico Antonio Caringi (1905–1981), intitulada “Banhista” (1960) é o emblema dessa nova percepção do corpo. Além de esportivo em suas formas, o corpo feminino assume uma nova tonalidade. Sua beleza não é mais traduzida pela brancura do mármore, mas sim pela cor do bronze.

⁶⁹⁶ *Revista do Globo*, n° 289, 8/2/1941, p. 31.

⁶⁹⁷ *Revista do Globo*, n° 381, 10/3/1945, p. 39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os verões, muitos gaúchos deixam suas cidades para praticar a vilegiatura marítima no litoral norte do Rio Grande do Sul. No entanto, muitos veranistas, ao se depararem com o infinito oceano e a longa costa arenosa, desejam que as águas frias das praias gaúchas se tornem quentes e límpidas.

Essa visão paradisíaca de águas claras, “quentes”, coqueiros e céu azul, que muitos possuem em seu imaginário, foi um ideal criado pela indústria turística que, após descobrir as belezas das praias mediterrânicas, passou a vender o litoral com estes sinônimos.

Porém, muito antes das águas claras e quentes tonarem-se desejo social, foram as praias frias de Dieppe, Trouville, Ostende e Scheveningen que atraíam curistas e banhistas para a prática dos banhos terapêuticos

As águas frias do litoral gaúcho, que muito se assemelham com algumas praias européias, também tiveram nos primórdios da vilegiatura marítima finalidades terapêuticas. No entanto, ao longo das décadas, a percepção sobre as praia de mar passou por modificações, que atualmente são estudadas por diversas áreas.

Assim, os estudos relacionados ao litoral do Rio Grande do Sul podem explicar aos gaúchos que as águas oceânicas do estado possuem baixas temperaturas, devido ao encontro das correntes marítimas provenientes das Malvinas. E que, a água do mar nunca será “transparente”, porque a formação geológica, os ventos fortes e as algas influenciam na sua coloração.

Este estudo procurou mostrar que historicamente, ao longo de cinquenta anos, a orla marítima sofreu mudanças em relação ao seu uso, apreciação, urbanização, paisagem e comportamento. Deste modo, entre os estudos nacionais realizados sobre a vilegiatura marítima, foi possível constatar particularidades em relação à vilegiatura marítima do Rio Grande do Sul, já que este estado possui um litoral muito diferente das demais regiões do Brasil.

Também buscou-se demonstrar o pioneirismo de imigrantes europeus e seus descendentes, desde os primórdios da prática dos banhos de mar, até o empreendedorismo de estabelecimentos hoteleiros e comerciais. A contribuição destes

imigrantes foi significativa nessas primeiras décadas da vilegiatura marítima, pois esta dinâmica hoteleira foi responsável por gerar tempo e espaço ao cotidiano dos banhistas.

Após o desenvolvimento de órgãos públicos, responsáveis pela urbanização do litoral, a dinâmica hoteleira foi aos poucos substituída pela dinâmica comunitária, constituída pelos próprios veranistas. Estes, por sua vez, passaram a gerir o seu tempo e espaço, comprando residências próprias no litoral, permanecendo o tempo desejado na praia, fato que proporcionava momentos de lazer e entretenimento. Cabe ainda destacar que este momento foi acompanhado pela emergência do prazer dos banhos de mar e pelo rompimento dos preceitos terapêuticos e dos códigos de pudor anteriormente estabelecidos.

O direito às férias trabalhistas também contribuiu para que um número maior de gaúchos passasse o verão em folga. Normalmente, em concomitância com as férias escolares, muitos veranistas migram às praias para restabelecer suas energias, mas também para a prática de lazer e entretenimento. Além disso, a vida de veraneio permite sociabilidades efêmeras, como a temporada de verão, ou permanentes, já que muitos estabelecem novos laços com a comunidade de veranistas que habita o litoral durante a estação estival.

A distância entre cidade urbana e cidade litorânea ficou, ao longo das décadas, cada vez menor. Vilegiaturar nas praias gaúchas tornou-se, para muitos, uma prática possível a cada final de semana. No entanto, as praias gaúchas, que normalmente tornam-se foco de atenção dos veranistas, dos poderes públicos e da imprensa somente nos meses de verão, possuem uma história, que, infelizmente, em muitos municípios ainda está jogada às traças ou empilhada em caixas de papelão. O litoral não é mais um “território do vazio”, que pode ser esquecido a cada final de veraneio.

O processo de urbanização e o aumento populacional nas praias balneárias implicaram em várias mudanças na paisagem litorânea. No entanto, os melhoramentos que atendiam o desejo de beira-mar causavam certo “desencantamento” em relação à utopia inicial que os balneários representavam.

Para Max Weber, a racionalização é responsável pelo desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*), principalmente em sua dimensão religiosa.⁶⁹⁸ Mas a

⁶⁹⁸ LÖWITH, Karl. “Max Weber e Karl Marx“, In: GERTZ, René (org.) **Max Weber e Karl Marx**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p.17-31. O “desencantamento do mundo” já foi abordado também por vários historiadores e cientistas sociais brasileiros. Entre eles, destaca-se Antonio Flávio Pierucci que tem tratado, em livros e artigos, da relação e da distinção entre racionalização, secularização e desencantamento. PIERUCCI, Antônio Flavio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do**

racionalidade atinge outras esferas da vida humana e pode redundar na perda de outros encantos. Como a urbanização dos balneários marítimos foi um efeito da modernização que, por sua vez, prescindiu da racionalização, seja do tempo (de lazer) e do espaço (da praia de mar), pode-se deduzir que a história da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul se inscreve numa história de (des)ilusão em relação ao litoral. De lugar perigoso e cujas forças da natureza (correntezas, ventos, entre outros) pareciam indomáveis, o litoral se tornou uma paisagem utópica para a formação de sociedades futuras pautadas no discurso científico.

Além do discurso médico, o urbanismo das décadas de 1930 e 1940 também vislumbrou o litoral em seus projetos utópicos. Após vários investimentos e incrementos, o litoral se tornou habitável dentro dos padrões de modernidade e isso significou também fazê-lo um lugar de descanso e de descontração. Para isso, operou-se uma série de mudanças até que fosse possível oferecer aos veranistas aquilo que pode ser considerado o supra-sumo da condição moderna, ou seja, viver em conforto. Mas o conforto, por mais efêmero que seja – dependendo do tempo do veranista: de um final de semana, feriado ou até o veraneio inteiro – foi possível por um processo de homogeneização, que tornou tudo, mesmo as vivendas e o cotidiano nas praias de mar, como algo familiar. Enfim, o estranhamento que se tinha ao rumar para as praias, e do qual deriva, em grande parte, o sentimento de encantamento, foi sendo anulado pela modernização.

O “encanto” daqueles primórdios da vilegiatura marítima encontrou refúgio nas reminiscências das primeiras gerações de veranistas. Com base nesses registros de uma época é que se pode escrever uma história da vilegiatura marítima; contudo, sem querer com isso re-encantar aquele mundo do litoral.

Mais do que no campo religioso, o desencantamento dos balneários marítimos se situa no campo político. De utopias marítimas, os balneários se tornaram quase “destopias”, pois essas cidades costeiras apresentam sérios problemas urbanos.

Ao longo de décadas, a paisagem do litoral perdeu sua magia, desencantou-se. Os sons das rodas das carretas de bois foram sendo substituídos pelos motores dos automóveis que acusavam a chegada dos veranistas. O cheiro dos colchões e demais artefatos de palha, que faziam parte do cotidiano dos veranistas, se dissipou para sempre na brisa marítima. As dunas móveis de areias foram sendo removidas ou fixadas para

dar lugar às quadras dos loteamentos e de arruamento geométrico. As árvores exóticas, como os eucaliptos e as acácias se proliferaram nos balneários. As pequenas aldeias de pescadores foram suprimidas pelo novo desenho urbano dos balneários marítimos, nos quais os hotéis e cassinos surgiam como novas referências à paisagem praieira. A eletrificação das casas, o arruamento dos balneários, os belvederes e avenidas à beira-mar “domesticaram” a paisagem das praias de mar.

O pitoresco da viagem demorada sobre cômoros de areias, contornando as lagoas, a hospitalidade das pousadas ao longo do caminho, a melodia das músicas que preenchiam as noites sob o céu estrelado, a contemplação da natureza e outros aspectos dos primórdios da vilegiatura marítima foram deixando de fazer parte das novas gerações de veranistas.

Atualmente, a vilegiatura marítima tem sido reinventada pelos novos atores dos balneários do litoral norte do Rio Grande do Sul. Inclusive os condomínios fechados na orla atlântica, com jardins de plantas exóticas, lagos artificiais, centros comerciais e áreas esportivas, não deixam de sugerir um simulacro pós-moderno dos balneários marítimos de outrora. Mas isso é outra história...

FONTES

Bibliografia

ANDRIEU, Bernard. **Bronzage. Une petite histoire du soleil et de la peau.** Paris: CNRS Éditions, 2008.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república.** Dissertação de Mestrado defendida na PUC-SP, 1989.

ASSIS, Machado de. **A chave.** Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn083.pdf>, consultado em 22 de julho de 2009.

AZEVEDO, Thales. **Italianos na Bahia e outros temas.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989.

BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. do. **Debret e o Brasil: Obra Completa,** 2008.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das Viagens e do Turismo.** São Paulo: Aleph, 2002, p. 50. (Coleção ABC do Turismo). Apud: MÜLLER, Dalila; HALLAL, Dalila. **Viagens de Recreio: as excursões em Pelotas no século XIX,** 2008, p. 5. In: V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, Universidade de Caxias do Sul-UCS: Caxias do Sul, 2008.

BOYER, Marc. **Les Villegiatures du XVIe au XXI siècle.** França: Édition EMS, 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular. História e imagem.** Bauru: EDUSC, 2004.

CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **O corsário: romance rio-grandense.** Porto Alegre: Movimento, 1979.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma pré-história do turismo no Brasil: Recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850).** São Paulo: Editora Aleph, 2007.

CAMPOS, Maria do Carmo Alvez de. **Protasio Alvez e seu tempo.** Porto Alegre: Já Editores, 2005.

CARDOSO, Eduardo Mattos. **A invenção de Torres: do balneário Picoral à criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres- SAPT (1910- 1950)**. Dissertação de Mestrado, UNISINOS, 2008.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CESAR, Guilhermino. **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2ª. Edição, 1981.

COARACY, Vivaldo. **Encontros com a vida (memórias)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.

CORBIN, Alain. **Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

_____. **L`avènement des loirs (1850-1960)**. Paris: Flammarion, 1995.

CORREA, Sílvio M.S. **Germanismo e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul**. XVIII Simpósio de História da Imigração e Colonização - “Saúde: Corporeidade – Educação”. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. **Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre**. Porto Alegre: Erus Editora, 2ª edição, 1983.

CRUZ, Jairo. **Cidreira: da carreta ao carro a álcool**. Porto Alegre: Gráficaplub, 1980?.

DAMASCENO, Athos. **Colóquios com a minha cidade**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1974.

DÉSERT, Gabriel. Banhos de mar por receita médica. In: GOFF, Jaques Le. **As doenças têm história**. Portugal: Terramar editora. 1997.

DIEGUES, Antonio Carlos. **A Sócio-Antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. Etnográfica, Vol. III (2), 1999, pp. 361-375, disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf, consultado em 13 de janeiro de 2010.

DREHER, Martin N. São Leopoldo e Três Forquilhas – relações humanas. In: ELY, Nilza Hoyer; BARROSO, Véra Lucia Maciel (Orgs.). **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: EST, 1999.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Um jogador**. São Paulo: Editora 34, 2004.

ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História), UNISINOS, 2005.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora das Águas, 1998.

FESTUGATO, Eduardo. **Torres de Antigamente: crônicas e memórias**. Caxias do Sul, 1994.

FILHO, Noal; FRANCO, Sérgio da Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890**. Santa Maria: Anatterra, 2004.

FREITAS, Joana Gaspar de. **O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado**. Revista da Gestão Costeira Integrada 7 (2): 105- 115 (2007), p.109-110. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/>. Acessado em: 28 junho 2009.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2000.

FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

FORTINI, Archymedes. **Revivendo o passado**. Porto Alegre: Sulina, 1953.

FÚGIER, Anne- Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FÚSER, Luis Fernández. **História general del turismo de massas**. Madrid: Alianza, 1991.

GANS, Magda Roswita. **Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

GERTZ, René (org.) **Max Weber e Karl Marx**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. **Carlos von Koseritz: seleção de textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GUIMARÃES, M. R. C.: **Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio - ago. 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. São Paulo: Editora 34, 2004.

JACQUES, Alfredo. **Mar Perdido e outras histórias**. Porto Alegre: Editora Globo, 1959.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Do espaço colonial ao espaço da modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro**. Script Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona, n° 45(7), 1 de agosto de 1999, p. 5. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-45-7.htm>, consultado em 07 de dezembro de 2009.

JÉRONIMO, Rita. **Banhistas e banheiros: reconfiguração identitária na praia da Ericeira**. Revista Etnográfica, Vol. VII (1), 2003, pp. 159-169, p. 166. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_159-170.pdf. Acessado em: 13 julho de 2009.

JOURDIN, Michel Mollat Du. **A Europa e o mar**. Lisboa: Editora Presença, 1995.

LANGSDORFF, E. de. **Diário da Baronesa E. de Langsdorff relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S. A. R. o Príncipe de Joinville (1842-1843)**. Santa Cruz do Sul: Edunisc/Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

LAVENIR, Catherine Bertho. **La roue et le stylo: comment nous sommes devenus touristes**. Paris: Editions Odile Jacob, 1999, p. 9. In: MATOS, Ana Cardoso de; SANTOS, Maria Luísa F. N. dos. **Os guias de turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal (dos finais de século XIX às primeiras décadas do século XX)**. Scripta nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales universidad de barcelona. issn: 1138-9788. depósito legal: b. 21.741-98

vol. VIII, núm. 167, 15 de junio de 2004. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-167.htm>, pesquisado em: 15 de novembro de 2009.

LIMA, Aline M. **“Ofereço minha foto como recordação”. Representações negras em álbuns familiares (Pelotas 1930-1960)**. Porto Alegre: PPGH/PUCRS - Dissertação de Mestrado, 2009.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Imagens da Sociedade Porto-Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)**. São Leopoldo: Oikos, 2009.

MARRAS, Stélio. **A propósito das águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1978.

MARTINS, Luís Paulo Saldanha. **Banhistas de mar no século XIX: um olhar sobre uma época**. Revista da Faculdade de Letras- Geografia, I Série, Vol. V, Porto, 1989, p. 55. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1560.pdf>. Acessado em: 28 de junho de 2009.

MATOS, Ana Cardoso de; SANTOS, Maria Luísa F. N. dos. **Os guias de turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal (dos finais de século XIX às primeiras décadas do século XX)**. Scripta nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociales universidad de barcelona. issn: 1138-9788. depósito legal: b. 21.741-98 vol. VIII, núm. 167, 15 de junio de 2004.

MAUAD, Ana M. Sob o signo da imagem: sociabilidade e cultura urbana nas Ilustradas Cariocas. In: **Cidades: história, mutações, desafios**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

_____. **Poses e Flagrantes: ensaio sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MEYER, Maximiliano. O pioneirismo teuto-brasileiro no turismo local gaúcho. in: WITT, Marcos A. *et al.* **Imigração: do particular ao geral**. Porto Alegre: CORAG, 2009.

MÜLLER, Dalila; HALLAL, Dalila. **Viagens de Recreio: as excursões em Pelotas no século XIX**, 2008, p. 5. In: V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, Universidade de Caxias do Sul-UCS: Caxias do Sul, 2008.

NUNES, Francisco Oneto. **O trabalho faz-se espetáculo: a pesca, os banhos e as modalidades do olhar**. Etnográfica, Vol. VII(1), 2003, PP: 131-157, p. 137. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_131-158.pdf, consultado em 7 de outubro de 2009.

ORTIGÃO, Ramalho. **As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante**. Série: Obras Completas. Lisboa/ Portugal. Editora Livraria Clássica, 1966.

ORY, Pascal. **L'invention du bronzage**. Paris: Editions Complexe, 2008.

PESAVENTO, Sandra. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

_____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Secularização segundo Max Weber". In: Souza, Jessé (org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília: UNB, 2000.

_____. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo : Editora 34, 2003.

PINHEIRO, Maria Terezinha Gama. **A fundação do balneário Cassino ao final do século XIX e sua expansão e transformação no decorrer do século XX**. Dissertação de Mestrado (Departamento de Geociências, Mestrado em Geografia), UFSC, Florianópolis, 1999.

PORTO ALEGRE, Aquiles. Queda e redenção. In: Moreira, Maria Eunice (Org.). **Narradores do Partenon literário**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002.

PÓVOAS, Glênio. Encantamento do filme Vento Norte atravessa meio século. In: **Sessões do Imaginário**, FAMACOS/ PUCRS. Porto Alegre número 6, julho 2001.

QUINTELA, Maria Manuel. **Turismo e reumatismo: etnografia de uma prática terapêutica nas termas de S. Pedro do Sul**. Etnográfica, Vol. V (2), 2001, PP. 359 - 374.

_____. **Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)**. História, Ciências, Saúde- Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1): 239- 60, 2004.

RAUCH, André. *Las vacances et la nature revisitée (1830-1939)*. In: CORBIN, Alain. **L`avènement des loirs (1850-1960)**. Paris: Flammarion, 1995.

RILKE, Rainer Maria. **A princesa Branca: cena à beira-mar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

RIO, João do. **A correspondência de uma estação de cura**. São Paulo: Scipione, 1992.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

ROSSINI, Sirlei. **Cassino Guarani: histórias, memórias e personagens- Iraí (1940-1994)**. Passo Fundo: UPF, 2004.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Relatório da excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 1962.

RUSCHEL, Ruy Ruben. **Torres tem história**. Porto Alegre: EST, 2004.

SAINT- HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Erus, 1987.

SANMARTIN, Olynto. **Um ciclo de cultura social**. Porto Alegre: Sulina, 1969.

SEIDLER, Carl. **Dez anos no Brasil**. São Paulo: Martins Editora, 1951.

SILVA, Ana Lúcia Golçalves da; BARREIRA, Cristiane Antunes. **Turismo de saúde**. São Paulo: SENAC São Paulo, Série Linhas de Pesquisa, 1994.

SILVA, Haike R. K. da. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**. A história de uma liderança étnica (1868-1950). São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, Marina Raymundo. **Navegação Lacustre Osório-Torres**. Porto Alegre: Luzzatto Editores, 1985.

SILVEIRA, Heitor. **A estância de águas minerais de Irahya (fontes do mel) e suas indicações e contra-indicações terapêuticas**. Tese de Doutorado: UFRGS, 1927.

SCHLATTER, Olga Nedel; MENDONÇA, Renato. **Rua Garibaldi, 1085: vivências de Olga Nedel Schlatter**. Porto Alegre: Renato Mendonça Edição, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SCHNIZTLER, Arthur. **Doutor Gräsler: médico das termas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

SCHOSSLER, Joana C. "O outro dos outros": olhares cruzados numa praia gaúcha durante o veraneio em tempos de guerra (1942- 1945). In: **Anais VII Congresso Internacional de Estudos Ibero- Americanos**, 2008, Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

_____. **Do pitoresco ao atrativo nos cartões-postais de um balneário marítimo no Rio Grande do Sul**. In: XXV Simpósio Nacional de História: História e ética. Fortaleza, 2009.

SCHOSSLER, Joana; CORREA, Sílvio M.S. Representações do feminino na Revista do Globo nas décadas de 1930 e 1940. **Revista de história comparada** (UFRJ), v. 6, p. 7-184, 2009. Disponível em: http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume006_artigo003.pdf, acessado em 25 de maio de 2010.

SHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: **História da vida privada no Brasil, 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Leda Saraiva. **A saga das praias gaúchas: de Quintão a Torres**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

_____. **Imbé: histórico/turístico**. Porto Alegre: Editora da Autora, 2002.

SOHN, Anne-Marie. O corpo ordinário. In: COURTINE, Jean- Jacques (dir.). **História do corpo: as mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOHN, Anne-Marie. O corpo ordinário. In: COURTINE, Jean- Jacques (dir.). **História do corpo: as mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

TAUNAY, Visconde de. **Paisagens Brasileiras**. Brasília: Editora do Senado Federal, volume 89, 2009.

THERRA, Ivan. **Cidreira, história, cotidiano, cultura e sentimento**. Cidreira: Casa de Cultura do Litoral, 2007.

TCHÉKHOV, Anton. **A dama do cachorrinho e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

TOLSTÓI, Leão. **Ana Karenina**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

URBAIN, Jean-Didier. **Sur la Plage : mœurs et coutumes balnéaires (XIX–XX siècles)**. Petite Bibliothèque Payot: Paris, 2007.

VER HUELL, Q. M. R. **Minha primeira viagem marítima (1807-1810)**. Salvador: EDUFBA, 2007.

VIGARELLO, Georges. **Limpo e o Sujo: Uma história da higiene corporal**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **História da Beleza**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádia Maria Weber. **O Doutor Jacintho Godoy e a história da psiquiatria no Rio Grande do Sul /Brasil**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, *Debates*, 2006, [Online], posto online em 31 Janeiro 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1556>. Consultado em 14 Abril 2010.

WEBER, Eugen. **Fraça fin-de- siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – Século XIX)**. Porto Alegre, 2008. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly. **Letras Rio-Grandenses**. Porto Alegre: Edições da Livraria do Globo, 1935.

Jornais

A Federação, 26 de novembro de 1920.

Almach Kalender, 1915.

Almanach de Pelotas. Off. Typ. do Diário Popular - Pelotas, 1915.

Deutsche Zeitung, 23 de setembro de 1887.

Deutsches Volksblatt, 3 de dezembro de 1939.

Ilustriertes Unterhaltungs Blatt, Beilage zur Kolonie-Zeitung, 21 de maio de 1914.

Koseritz's Deutsche Zeitung, 31 de janeiro de 1885.

Koseritz' Deutsche Zeitung, 23 de fevereiro de 1889.

Koseritz' Deutsche Zeitung, 22 de maio de 1889.

O Mercantil, 8 de janeiro de 1884.

O Vernanista, orgam do clube veranista Jocotó, 24 de fevereiro 1923.

O Torrense, 26 de fevereiro de 1949.

5 de Abril, 7 de agosto de 1935.

5 de Abril, 29 de março de 1935.

Correio do Povo, 29/11/1921

Correio do Povo, 15/12/1928

Correio do Povo, 15/12/1933

Correio do Povo, 26/12/1933

Correio do Povo, 16/12/1933

Correio do Povo, 01/12/1934

Correio do Povo, 02/12/1934

Correio do Povo, 16/12/1934

Correio do Povo, 23/12/1934

Correio do Povo, 15/12/1939

Correio do Povo, 25/12/1939

Correio do Povo, 30/12/1939

Correio do Povo, 7/12/1940

Correio do Povo, 15/12/1942

Correio do Povo, 23/12/1942

Correio do Povo, 24/12/1942

Correio do Povo, 2/12/1942

Correio do Povo, 7/12/1944

Correio do Povo, 7/1/1923

Correio do Povo, 8/1/1925

Correio do Povo, 9/1/1934

Correio do Povo, 8/1/1933

Correio do Povo, 16/1/1934

Correio do Povo, 10/1/1936

Correio do Povo, 03/1/1937

Correio do Povo, 22/1/1939

Correio do Povo, 24/2/1939

Correio do Povo, 25/1/1939

Correio do Povo, 5/2/1931

Correio do Povo, 13/2/1931

Correio do Povo, 9/2/1936

Correio do Povo, 25/2/1939

Correio do Povo, 12/2/1940

Correio do Povo, 9/2/1940

Correio do Povo, 6/2/1941

Correio do Povo, 5/2/1942

Revistas

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1929. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1930. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1934. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1940. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1941. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1942. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1943. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1943/ 2. Particular.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1948. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1949. IHGRS.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, 1955. MCSHJC.

Revista Careta, dezembro/1928

Revista Kodak, 14 de fevereiro de 1920

Revista Máscara, Junho de 1918; Fevereiro e Junho de 1919.

Revista do Globo, n° 19, s/d.
Revista do Globo, n° 20, s/d.
Revista do Globo, s/n, s/d.
Revista do Globo, n° 24, s/d.
Revista do Globo, n° 2, s/d.
Revista do Globo, n° 7/8, 1929.
Revista do Globo, n° 14, 1931.
Revista do Globo, n° 21, 1933.
Revista do Globo, n° 17, 1/11/1933.
Revista do Globo, n°471, 7/11/1934.
Revista do Globo, n° 22, 11/8/1934.
Revista do Globo, n° 10, 30/05/1934.
Revista do Globo, n° 3, 11/4/1934.
Revista do Globo, n° 8, 6/9/1934.
Revista do Globo, s/n, 6/4/1935.
Revista do Globo, n° 16, 5/1/1935.
Revista do Globo, n°209, 28/9/1935.
Revista do Globo, n° 47, 9/6/1936.
Revista do Globo, n° 225, 31/3/1938.
Revista do Globo, n° 231, 26/6/1938.
Revista do Globo, n° 241, 3/12/1938.
Revista do Globo, n° 10, 28/1/1939.
Revista do Globo, n° 245, 11/2/1939.
Revista do Globo, n°285, 30/11/1940.
Revista do Globo, n° 206, 20/11/1940.
Revista do Globo, n° 285, 30/11/1940.
Revista do Globo, n° 267,13/1/1940.
Revista do Globo, n° 243, 14/1/1941.
Revista do Globo, n° 289, 8/2/1941.
Revista do Globo, n° 288, 25/1/1941.
Revista do Globo, n° 317, 18/4/1942.
Revista do Globo, n° 372, 7/10/1944.
Revista do Globo, n° 367, 22/7/1944.
Revista do Globo, n°355, 22/1/1944.

Revista do Globo, nº357, 19/2/1944.

Revista do Globo, nº357, 19/2/1944.

Revista do Globo, nº 358, 11/3/1944.

Revista do Globo, nº 381, 10/3/1945.

Revista do Globo, nº379, 27/1/1945.

Revista do Globo, nº379, 27/1/1945.

Filmes

As praias do município de Torres. Tomazoni Films. Acervo: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre/RS.

Eletrônicas

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Netherlands-Scheveningen-beach-1900.jpg>

<http://www.loc.gov/pictures/resource/ppmsc.05855/>

http://art.mygalerie.com/lesmaitres/boudin/eb_80010.jpg

<http://www.monetalia.com/paintings/large/monet-camille-on-the-beach-at-trouville.jpg>

http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_159-170.pdf.

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1560.pdf>

<http://www.loc.gov/pictures/resource/ggbain.13393>

<http://www.loc.gov/pictures/resource/ggbain.13394>

http://www.crl.edu/brazil/provincial/santa_catarina

<http://www.ub.es/geocrit/sn-45-7.htm>

<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn083.pdf>

<http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/glendasnm.htm>

<http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/>

http://www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_wrapper&Itemid=176

http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf

http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_131-158.pdf

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0rjwXViIPxAJ:quasetudo2000.blogspot.com/2009/01/historico-do-municipio-de-santos-dumont.html+Sanat%C3%B3rio+de+Palmyra&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:z2p-mowDFcgJ:www.sdnnet.com.br/~piox/escola.php+Sanat%C3%B3rio+de+Palmyra&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume006_artigo003.pdf

<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-167.htm>

www.eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1210858392_ARQUIVO_textoanpuh2008MarcosWitt.pdf

<http://www.youtube.com/watch?v=wZOEZFyJiUw>